

VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS E TRABALHOS APOSTÓLICOS

Padre Antônio Sepp S.J.



VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS E TRABALHOS APOSTÓLICOS

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL (Nova Série)

Dirigida por Mário Guimarães Ferri

Capa: Cláudio Martins

Nota: Rubens Borba De Moraes

Introdução: Wolfgang Hoffmann Harnisch

Tradução: A. Reymundo Schneider

VOL. 21



Obra publicada
com a colaboração de
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Editor: Prof. Dr. Waldyr Muniz Otta

EDITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri

Conselho Editorial

Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri Instituto
de Biociências - Presidente: Prof. Dr. Antonio Brito da
Costa Instituto de Biociências - Prof. Dr. Carlos da
Silva Lacerda Faculdade de Medicina - Prof. Dr. Paulo
de Souza Santos Escola Politécnica e Prof. Dr. Roque
Spencer Maciel de Barros Faculdade de Educação



Coletânea de livros clássicos missionários

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missionária numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guarani, celebrados em 2026.

A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL



editorariodasletras@gmail.com

Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010 041

Impresso no Brasil, 2026

Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

Padre Antônio Sepp S. J.

**VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS
E TRABALHOS APOSTÓLICOS**

EDITORA ITATIAIA LIMITADA
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

VOL. 21



CAPA: CLÁUDIO MARTINS

NOTA: RUBENS BORBA DE MORAIS

INTRODUÇÃO: WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH

TRADUÇÃO: A. REYMUNDO SCHNEIDER

1. DOCUMENTÁRIO ARQUITETÔNICO - José Wasth Rodrigues
2. VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL - João Maurício Rugendas
3. PROVÍNCIA DE SÃO PAULO - 1º vol. M. E. Azevedo Marques
4. PROVÍNCIA DE SÃO PAULO - 2º vol. - M. E. Azevedo Marques
5. NOBILIARQUIA PAULISTANA HISTÓRICA E GENEALÓGICA, 1º vol. Pedro Taques de Almeida Paes Leme
6. NOBILIARQUIA PAULISTANA HISTÓRICA E GENEALÓGICA, 2º vol. Pedro Taques de Almeida Paes Leme
7. NOBILIARQUIA PAULISTANA HISTÓRICA E GENEALÓGICA, 3º vol. Pedro Taques de Almeida Paes Leme
8. VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE - Alcântara Machado
9. ARRAIAL DO TIJUCO CIDADE DIAMANTINA - Aires da Mata Machado Filho
10. VIAGEM À TERRA DO BRASIL - Jean de Léry
11. MEMÓRIAS DE UM COLONO NO BRASIL - Thomas Davatz
12. TRATADO DA TERRA DO BRASIL - HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ - Pero de Magalhães Gandavo.
13. TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL - Padre Fernão Cardim
14. VIAGEM ÀS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO - J. J. Tschudi
15. REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIAS NAS PROVÍNCIAS DO SUL DO BRASIL - Daniel P. Kidder
16. REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIAS NAS PROVÍNCIAS DO NORTE DO BRASIL - Daniel P. Kidder
17. VIAGEM PELA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL (1858) - Robert Avé-Lallemant
18. VIAGENS PELAS PROVÍNCIAS DE SANTA CATARINA. PARANÁ E SÃO PAULO (1858) - Robert Avé-Lallemant
19. VIAGENS PELAS PROVÍNCIAS DA BAHIA, PERNAMBUCO, ALAGOAS E SERGIPE - Robert Avé-Lallemant
20. NO RIO AMAZONAS — Robert Avé-Lallemant
21. VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS E TRABALHOS APOSTÓLICOS - Pe. Antônio Sepp, S. J.
22. IMAGENS DO BRASIL - Carl von Koseritz
23. VIAGEM AO BRASIL - Hermann Burmeister
24. DEZ ANOS NO BRASIL - Carl Seidler
25. SÃO PAULO DE OUTRORA - Paulo Corsino de Moura

Próximos Volumes

MEMÓRIAS PARA SERVIR À HISTÓRIA DO BRASIL 2 vols. - Luís Gonçalves dos Santos (Padre Perereca)

BRASIL PITORESCO - Charles Ribeyrolles - 2 vols.

GALERIA DOS BRASILEIROS ILUSTRES - S. A. Sisson - 2 vols.

SUMÁRIO

Nota por Rubens Borba de Moraes	9
Introdução por Wolfgang Hoffmann Harnisch	11

PRIMEIRA PARTE - VIAGENS ÀS MISSÕES JESUÍTICAS

Cap. I: Carta datada de Buenos Aires (Páscoa de 1691)	65
---	----

Partida de Cádiz e chegada a Buenos Aires -As condições econômicas ali reinantes - A vida a bordo durante a travessia — A chegada — O rio da Prata - Aspectos de Buenos Aires — Matas de árvores frutíferas - Rebanhos enormes — Cães bravios - Perdizes - Pão de trigo — Alimentação e voracidade dos indígenas - Suas doenças e relações com os padres - Tendências musicais, e as missões do Paraguai.

Cap. II: Diário de viagem - Ampla descrição de viagem, extraída de uma carta do R. Pe. Antônio Sepp., S. J., escrita na redução de Japeyu, sob a proteção dos Três Santos Reis, aos 24 de Junho de 1692	71
---	----

Novos dados sobre a travessia - Os companheiros de viagem - Ameaça dos Yaros ao padre Bôhm - Os três navios - Os viajantes leigos - A situação, mau cheiro e o desconforto a bordo - Fome, água apodrecida, piolhos e outros parasitas -A partida de Cádiz -A primeira missa a bordo - Tempestades - O sino milagroso do México - Usos e costumes dos tripulantes - As ilhas Canárias — Inácio de Azevedo.

Cap. III: Continuação do diário de viagem - Mês de Fevereiro	78
--	----

Música e mar agitado - Peixes voadores — Ilhas do Cabo Verde — Boatos sobre essas ilhas — Peixes singulares — Cães aticados sobre bois-marinheiros - Peixes encontrados no ventre de outro - São Francisco Xavier - Agua pluvial - Curioso fenômeno sobre o mar - O equador - Fome - São Teimo - Agulha magnética - A América “mundo invertido” - Sermão em espanhol do padre Sepp - Enjoo dos missionários espanhóis - Morte.

Cap. IV: Continuação do diário de viagem - Mês de Março	86
---	----

Antônio Vieira - Curioso pássaro indígena sobre o mastro - Céus do Sul - Negro enfermo - O conteúdo do estômago dos peixes - Palestra do padre Sepp com os negros - Gosto dos negros pelas cores pretas das imagens - Filho de pescador mordido por peixe - Morte de um marinheiro - Melhora o negro doente - Cartas aos Irmãos de Ordem que ficaram na Europa - Cópias de imagens de Nossa Senhora - O Padre Bôhm entre os Yaros — Ilha de São Tomaz - Vinhedos de moscatel - Saudações aos irmãos - Sermão em alto mar e notícias dos mosteiros alemães - Peixe de noventa libras - Sondagens do mar - Céus do Hemisfério Sul - Largura do rio da Prata - Cabo Santa Maria e Ilha dos Lobos - Focas - Exploração da Ilha de Maldonado - Ilha das Flores.

Cap. V: Continuação do diário de viagem - Mês de Abril	97
--	----

Água doce - Bancos de areia - Sondagens - Pássaros - Notícias da chegada - Limpeza do navio - O mau estado das vestes dos missionários - Os emissários de Buenos Aires - Presentes - Descida e recepção.

Cap. VI: Novo diário contendo a descrição da viagem de navio que o Padre Antônio Sepp encetou de Buenos Aires, a 1º de Maio de 1691, para alcançar as reduções dos índios, duzentas milhas além sobre outro rio, chamado Uruguai 101

Descanso em Buenos Aires - O colégio - Os pampas - Descrições de Buenos Aires: governo, pobreza, casas de barro, os primeiros tijolos, os arquitetos jesuítas, a casa do governador, fortificações, quartel, soldados, preço do ferro e da carne, pêssegos e figos - Perguntas sobre a situação na Europa - Distribuição de presentes - Causas da quase inexistência de alemães nas reduções - Astúcia do padre Bôhm - Popularidade do padre Bôhm e dos padres alemães - Descrição das balsas para navegação fluvial - Partida de Buenos Aires - Os índios e os espanhóis — Ilhas do Prata - O rio Uruguai - Localização das reduções - Utensílios dos índios - Compra de cavalos - Descrição e costumes dos Yaros - Tentativas do padre Sepp para batizar uma criança - Chur-rasco - Recepção - Cana-de-açúcar.

Cap. VII: De como os reverendos, Padres Antônio Sepp e Antônio Bôhm S. J., chegam à primeira redução de Japeyu ou dos Três Santos Reis e qual o trabalho que os missionários realizam 120

Enfeites das balsas - Situação e aspecto do Japeyu - Alegria dos índios - As mulheres nas igrejas - os guerreiros americanos - Arcos-de-triunfo e missa festiva - Saudação de uma indígena — Danças à luz de tochas — A língua guarani — Distribuição dos padres pelas reduções - Número de habitantes — Missão espiritual dos padres — Questões econômicas - Cozinha, hortaliças, ervas, frutas e vinhedos - O padre como médico - Doenças dos indígenas.

Cap. VIII: De como estão organizadas as aldeias dos índios convertidos ... 131

Número de habitantes - Praças e ruas - O interior das casas - Paciência e pobreza dos índios - Matrimônio e costumes matrimoniais - Música - Custo das viagens dos missionários - Pedido de remessa de músicas - Descrição do rio Uruguai - Rebanhos de gado bravo - Caças e aves - A superabundância de reses - Exportação de couro - Preço das mercadorias importadas - O talento imitativo dos índios - Mulas, ovelhas e milho - Castigos corporais: Voracidade dos índios - O exemplo dos missionários.

Cap. IX: Ordem do dia dos missionários 154

SEGUNDA PARTE - TRABALHOS APOSTÓLICOS

Cap. I: Narra-se brevemente a piedosa morte do R. Pe. Antônio Bôhm; e como sua missão, chamada de Los Yaros, foi impedida e dispersa por um feiticeiro sexagenário 165

Cap. II: Prodigiosa conversão de Moreyra, aquele mágico, tirano e regulo sexagenário 168

Cap. III: Como o Padre Antônio Sepp trouxe a fé católica a idosa mulher de Moreyra 172

Cap. IV: Outra conversão de uma índia. Exemplo raro de como ela, para abraçar a fé, se esconde num charco	174
Cap. V: O Padre Sepp batiza o neto do afamado feiticeiro e régulo Moreyra; lhe dá o nome de Inácio	177
Cap. VI: O Padre Antônio Sepp é mandado da redução dos Três Santos Reis, para a redução chamada de Nossa Senhora da Fé e recebe ordem do R. Pc. Provincial para fazer um órgão de tipo europeu	179
Cap. VII: Grassa uma peste terrível no Paraguai. O Padre Antônio se dedica aos empestados da redução de Nossa Senhora da Fé	181
Cap. VIII: Estranho método de sangria usado pelos índios no tempo da peste	184
Cap. IX: Edificam-se hospitais para acolher os contaminados de ambos os sexos	186
Cap. X: O Padre Antônio aplica aos enfermos remédios tirados não dos aforismos de Galeno, mas inventados pela indústria religiosa	188
Cap. XI: Nossa Senhora de Oettingen atravessa mares imensos, chega ao Paraguai e concede seus favores aos pobres índios	190
Cap. XII: O Padre Antônio trata os empestados da redução de Santo Inácio	193
Cap. XIII: Adoece o Padre Antônio Sepp; para mudar de ar, é enviado do Rio Paraná ao Rio Uruguai, onde, reconvalescendo em breve, recupera a antiga saúde	195
Cap. XIV: Como o Pe. Antônio Sepp foi enviado para dividir o numeroso povo de São Miguel e para fundar a nova redução de São João Batista	197
Cap. XV: Vinte e um caciques se agregam ao Padre Antônio	199
Cap. XVI: Parte-se para explorar a terra, a fim de fundar uma nova colônia	200
Cap. XVII: No lugar onde se devia fundar a nova colônia é erguido o estandarte da Cruz, no próprio dia da exaltação dela; a qual todos os índios adoram de joelhos. Canta-se o " <i>Te Deum Laudamus</i> "	201
Cap. XVIII: O Padre Antônio Sepp instrui os índios para o cultivo de novas terras e a derrubada das matas	202

Cap. XIX: Para não se originarem rixas entre os índios, o Padre Antônio lhes distribui matas e terras, as quais benze com a costumada bênção litúrgica dos campos	205
Cap. XX: Os índios começam a lavrar e semear suas terras e plantam algodão	208
Cap. XXI: Entretanto constrói-se às pressas a moradia do Padre Missionário, a capela e as palhoças dos índios	211
Cap. XXII: Celebra-se o dia do Natal do Senhor e monta-se um presépio. Os índios são admiravelmente afeiçoados ao menino Jesus	212
Cap. XXIII: Surgem algumas novas dificuldades, mas com auxílio da graça divina são superadas	213
Cap. XXIV: Outras reduções contribuem à fundação da nova colônia	216
Cap. XXV: Icnografia ou planta da futura povoação	217
Cap. XXVI: Constrói-se o templo de São João Batista	220
Cap. XXVII: O Padre Antônio é posto à testa das duas reduções	221
Cap. XXVIII: O Padre Antônio descobre minérios de ferro e aço e os funde para a construção da nova aldeia	223
Cap. XXIX: Por que quis Deus fazer o Padre Antônio descobrir minas de ferro e aço, e não de ouro e prata?	226
Cap. XXX: De que modo se apagou um grande incêndio, caindo de repente chuva do céu sereno	228
Cap. XXXI: Transmigração das mulheres e crianças da antiga colônia de São Miguel para a nova de São João Batista	231
Cap. XXXII: O Padre Antônio aperfeiçoa de vários modos a colônia, embeleza a igreja, constrói fornos de olaria, coze telhas e tijolos para o templo e casa dos padres missionários	234
Cap. XXXIII: Como o Padre Antônio aumentou as sagradas alfaias do templo	237
Cap. XXXIV: Na celebração das festas, introduzem-se danças que muito divertem aos indígenas	239
Cap. XXXV: Situação feliz da nova colônia. Habilidade dos indígenas para quaisquer trabalhos mecânicos e seu prodigioso talento musical	241

O nome do padre Sepp é pouco conhecido do nosso público amador de história. Nossos historiadores consideram-no mais como um autor regional, que interessa apenas aos rio-grandenses. Isso talvez provenha do fato de ter o nosso autor escrito sobre as Missões Jesuíticas, cujo território foi incorporado, e em parte somente, muito tarde, ao Brasil.

Entretanto, esse fato em nada diminui o valor da obra do famoso missionário. Ninguém poderá negar que, embora as reduções só tenham prosperado numa parte mínima do nosso país, representam elas um dos fenômenos histórico-sociais mais importantes da história brasileira americana.

Por esse motivo, talvez, têm os nossos historiadores considerado as reduções jesuíticas mais sobre o ponto de vista da história política que sob o ângulo econômico-social, para nós mais importante, dada a influência considerável que tiveram na vida dos estados do Sul, especialmente de São Paulo, que utilizou essas reservas de mão de obra, e Rio Grande do Sul, cuja vida está cheia de traços culturais, traços esses que têm sua origem nas Missões.

A vida econômico-social gaúcha pareceu a muitos historiadores brasileiros como sem grande interesse, dada a sua peculiaridade. Poucos os que procuram estudá-la como uma cultura baseada na pecuária, reunindo-a às culturas de outras zonas de gado do Brasil, confrontando-as e mostrando suas diferenças e semelhanças, dentro do conjunto da história do Brasil.

Capistrano de Abreu, tão luminoso às vezes, mas que não gostava de paulistas e gaúchos, chegou a ter uma “boutade” pitoresca, comentando a separação da Província Cisplatina: “Separada a província cisplatina, que ficava significando o Rio Grande do Sul? Que se lucrava, derrubadas as muralhas de Ilion, guardar o cavalo de Tróia?”¹

1. in ed. do Lyceo Litterario Portuguez, Rio, 1900, da “Historia Topográfica e Bellica da Nova Colonia do Sacramento...” p. XXXIV.

Entretanto, essa civilização do gado, tão bem estudada no Norte pelo próprio Capistrano, é que nos serve de ponte para unir duas civilizações brasileiras típicas e nos ligar aos Estados Platinos, cuja história social está muito mais ligada à nossa que parece à primeira vista.

A obra do padre Sepp, porém, não nos fornece somente informações sobre a vida rio-grandense, contém dados importados para a história da Argentina, Paraguai e Uruguai. As suas descrições dos sofrimentos a que estavam sujeitos os viajantes, que faziam longas travessias, as anedotas, que nos conta, sobre as dificuldades que sentiam os índios em se adaptar à cultura europeia, são documentos do mais alto interesse. O que nos relata sobre a maneira de proceder dos jesuítas, para fundar e administrar uma redução, como agiam para com os índios a fim de integrá-los dentro de um determinado regime, e o que conta sobre a vida quotidiana na “República Jesuítica” são, certamente, elementos do maior valor para o sociólogo e o historiador.

Cremos não termos errado, pois, incluindo o padre Sepp entre os autores reeditados nesta coleção, cujo fim principal é colocar obras raras ou pouco conhecidas ao alcance de todos os que interessam pelo nosso passado.

Coube ao sr. Wolfgang Hoffmann Harnisch, que tão bem estudou o Rio Grande do Sul e o soube ver com “olhos novos”, preparar a presente edição, para a qual seu filho tirou uma série de fotografias de rara beleza, que dão uma ideia do esplendor passado daquela região brasileira.

R. B. de M.

INTRODUÇÃO

Durante mais de 150 anos, de 1609 a 1768, existiu em nosso continente uma obra singular e admirável, bem diversa de qualquer outra registrada pela história política e sociológica. Foi o chamado “Estado Jesuítico do Paraguai”, ou melhor, o “Reino teocrático jesuítico- indígena junto ao Paraná e ao Uruguai”, uma das mais raras vitórias do espírito humanitário, manifestação de surpreendente beleza no mundo moral.

Formará sempre este juízo quem se aprofundar em suas fontes.

De fato. Todos os grandes cérebros afirmam, unanimemente, o alto conceito que dele merecem os serviços prestados pelos jesuítas à sociedade, nas suas missões em terras sul-americanas. Os poetas alemães Wieland e Herder, ambos protestantes, o maçã Lessing (autor de “Natan, o sábio”, e o mais esclarecido dos espíritos alemães), os enciclopedistas franceses Diderot e D’Alambert, e até o escarneckedor-mor Voltaire, estes e inúmeros outros usaram palavras de suprema admiração para as reduções jesuíticas. Mas ninguém louvou com tamanho entusiasmo o trabalho missionário dos discípulos de Loyola como Gottfried Wilhelm Leibniz, o pensador mais universal dentre os filósofos modernos.

★ ★ ★

Quando a raça branca entrou em contato com os povos primitivos da América, viu-se diante, segundo as circunstâncias então existentes, das duas proposições de um dilema.

O primeiro termo era este: chacina em massa!

E o outro: cristianização!

É inegável que o elemento indígena da América se conservou, nas regiões conquistadas por homens de raça romana e de confissão católica, isto é, nos países latinos, de língua ibérica, multiplicando-se mesmo vigorosamente e desenvolvendo-se bem. No entanto, nos lugares em que foram exterminados, com radicalismo inominável, por

meio de armas, varíola, cachaça, os conquistadores eram germânicos e de outra confissão. No Canadá e nos Estados Unidos, o indígena tornou-se peça de museu, como os últimos búfalos, os ursos cinzentos, os castores e alguns exemplares de hickory. Igualmente na América Central e na América do Sul se verificaram terríveis violências. Mas é um fato incontestável que ainda vivem milhões de índios entre o México e a Terra do Fogo, tendo subido, em muitos estados, às camadas superiores, assumindo postos de responsabilidade na administração e no exército. O Paraguai é país inteiramente indígena, sendo o guarani sua segunda língua oficial.

Também inegavelmente se conservaram, no Rio Grande do Sul, sangue e vestígios aborígenes, revelando o perfil do gaúcho diversos traços indígenas inequívocos. Nesta zona é costume chamar-se guarani ao indivíduo de determinada atitude de caráter. E aquele que viajar pelas terras gaúchas, pode travar conhecimento, entre estancieiros e peões, com homens que a linguagem popular designa por guaranis.

Depois de muitas tentativas, de maior ou menor êxito, para cristianizar os indígenas americanos, perceberam os missionários que apenas pregação e doutrina não bastariam para atingir o alvo. Precisava ser encontrada outra maneira de adaptar os chamados bugres à chamada civilização.

As autoridades temporais do império colonial haviam contribuído, com seu quinhão, para que as palavras saídas da boca do homem branco não mais tivessem força aos ouvidos dos homens de pele bronzeada. Se se quisesse que pregação e doutrina germinassem, era necessário primeiro encontrar nova base para toda a relação que o elemento branco mantinha com o indígena.

Reconhecer as correlações foi o grande mérito dos reis espanhóis, investidos pelo Papa com o mandato de “Vigário de Cristo para os países recém-descobertos”. Reconhecer as correlações — e, delas tirar a única educação possível: a de entregar as missões aos jesuítas, facultando-lhes a separação e o isolamento, dos homens e das regiões a cristianizar, da rotina colonial ordinária.

★ ★ ★

Dentro das condições daquela época, eram de fato os jesuítas os únicos a quem se podia confiar semelhante tentativa, com esperança de êxito.

Ouçamos o que diz a respeito do nosso tema o escritor inglês H. G. Wells, um dos livres-pensadores mais liberais, e verdadeiramente insuspeito de parcialidade para com os jesuítas. Escreve ele, na sua “História do nosso mundo”: *“Os membros da Companhia de Jesus ser contados entre os maiores professores e missionários que o mundo conheceu. Impediram a ruína da Igreja Romana. Em todo o mundo católico soergueram a educação para um nível mais alto; por toda parte alevantaram a inteligência, aguçaram a consciência dos católicos; e estimularam a Europa protestante a que com eles competisse nas medidas educacionais. A Igreja Romana-católica vigorosa e lutadora, que hoje conhecemos, é, em grande parte, fruto da atividade jesuítica”*.

Sabe-se que a característica da Ordem dos jesuítas consiste em sua organização cristã-militar, originária das ideias particulares de seu fundador, Inácio de Loyola, que havia sido oficial. Quem quisesse entrar na Ordem, deveria possuir saúde física, talento, firmeza de caráter, pureza de costumes, inteiro desprendimento interior de todos os desejos terrenos, domínio das paixões baixas e dedicação inflamada ao Filho de Deus feito homem. O fundador tinha em mente criar uma espécie de milícia seleta, milícia de Cristo, que, sempre, e por toda a parte, estivesse às ordens do Papa, o representante de Cristo na terra.

Na pessoa de Inácio de Loyola surgiu o homem moderno, o homem dinâmico, como diríamos hoje. Foi ele o primeiro a compreender que vida e atitude cristã de modo algum estavam identificadas com isolamento e afastamento incondicional do mundo, com desprendimento e mortificações, com passividade e contemplação ilimitadas. E que o combate pelo domínio de Cristo no mundo e a luta pelo estabelecimento de seu reinado na terra exigiam, ao contrário, atividade plena. Assim, resolveu investir contra todos os males pelo ataque direto, iniciando a reforma intensiva da sociedade humana e a solução do problema social. Criando uma tática especial de luta e de trabalho, de ação e de obras, com ela estabeleceu as premissas que permitiram obter um efeito, mediante o processo estritamente espiritual da doutrina e pregação.

Para essa prática, exigia um sistema singular de preparo dos religiosos, um treinamento bem determinado: os “Exercícios”.

Deviam eles purificar o coração e o espírito em provações e renúncias ininterruptas, em permanente auto-humilhação, em obediência continuamente exercitada. Tinham de praticar, sistematicamente, o desprendimento de todo o egoísmo e de todas as paixões, libertando, deste modo, todas as energias da inteligência e da vontade, para a grande missão. Até o cultivo e revigoramento físico (diríamos hoje educação física) lhes era imposto como dever, experiência sem dúvida exorbitantemente nova e arrojada para aqueles tempos.

Assim armados, física, intelectual e moralmente, podiam avançar para o mundo e iniciar a luta contra ele. Nem o terror os atemorizaria, nem as seduções os desviariam, nem os vícios e a imundície os arrastariam.

Estavam assim capacitados para a missão no Velho Mundo. Estavam também capacitados para fundar, no Novo Mundo, o Reino Teocrático dos Indígenas.

Nos sertões brutos e nas selvas intransitáveis foram eles os pioneiros da ética e da fé cristã, erigindo, sobre essa base tão simples e apesar disso tão séria, uma superestrutura inteiramente derivada das verdadeiras condições, perfeitamente adaptável à mutabilidade das necessidades locais, e onde o Além e o Aquém forçosamente estavam entrelaçados de maneira mais complicada.

O preço resultado visível dessas experiências adquiridas a alto preço, dessas pesquisas incansáveis, desses conhecimentos ininterruptamente examinados e reestudados, apareceu, finalmente, no sistema das reduções.



Que galeria luminosa de figuras imponentes surge diante de nós! Ao grande Marcial de Lorenzana, ao vigoroso Roque Gonzalez de Santa Cruz, ao batalhador Antonio Ruiz de Montoya seguem-se inúmeros outros missionários devotados, sábios e artistas de fama. Com eles vem o exército dos heróis anônimos, cujos nomes nem mesmo se sabe, para os campos do Paraná e do Uruguai. Muitas vezes trajando farrapos, roídos de pragas, devorados por privações sem conta. Mas, iluminados pela fé e munidos das armas do espírito, venciam sempre, graças ao conhecimento de todas as ciências da época e de habilidade

simplesmente incrível em todas as artes e ofícios. Além disso lutavam incansavelmente, continuamente, ano por ano, hora por hora, contra a ignorância e a irreflexão dos legisladores de Madri, contra a cobiça e a brutalidade dos governadores e comandantes militares de Assunção e Buenos Aires, contra os bandeirantes paulistas, contra os exércitos portugueses, contra as feras de zonas inexploradas de imensa extensão e contra os próprios indígenas — por quem tudo faziam, suportavam e sofriam. E lutavam também contra eles mesmos, contra as próprias falhas e imperfeições, na mais forte e na mais dura de todas as lutas: a autoeducação.

Todos esses combates se dão, primeiro e acima de tudo, no setor do espírito, com as armas do argumento. Depois nos planos da terra, com a picareta e o machado. Conta-se que o Padre Roque foi hábil agricultor e artífice, tendo sido a colonização de Santo Inácio Guassu, com todas as casas, a igreja e o batistério, obra exclusiva de suas mãos. Era marceneiro, arquiteto e pedreiro, ao mesmo tempo. Ele próprio manejava o machado, aparando os barrotes, e ele próprio os transportava, em carreta de boi, para o local da construção.



Quando os reis da Espanha Fernando e Isabel foram designados pelo Papa *Vicarius Christi* para, os países americanos recém-descobertos (bula de Alexandre VI, de 4 de maio de 1493), declararam eles — e, desde aí, todos os seus sucessores — constituir a conversão dos indígenas o alvo principal que deveriam ter, no Novo Mundo. De 1558 em diante se exige, nas Leyes, a “Conquista Espiritual”. Os jesuítas foram os primeiros a se lançar, em grande escala, nessa conquista, iniciando-a no Paraguai.

Em 1586 chegaram a Salta os primeiros missionários. Logo em seguida, cinco irmãos, vindos do Brasil, acorreram para auxiliá-los. Pouco depois, o jesuíta português Manuel de Ortega e o jesuíta irlandês Thomas Field se fixaram em Guaíra.

Nesse tempo, trabalhavam eles pelo sistema de “missões ambulantes”, isto é, os padres acompanhavam os índios nômades. O resultado desse trabalho era relativamente diminuto. “Pareciam-se essas missões com nuvens fugazes, que fertilizam por algum tempo as cam-

pinas ressequidas, deixando-as depois na mesma aridez anterior”, diz, com muito acerto, P. F. de Charlevoix, historiador do Paraguai.

Pelo ano de 1607, adotou-se o sistema de redução. As aldeias cristãs indígenas eram chamadas “reduções” porque *“ad ecclesiam et vitam civilem esset reducti”*.

Naquele tempo o governador do Paraguai, Hernando Árias Saavedra, comunicou ao rei da Espanha serem as suas forças débeis demais para subjugar 150.000 indígenas. E recebeu em resposta: mesmo que houvesse forças suficientes, os indígenas só deviam ser subjugados pela doutrina e pregação do Santo Evangelho, precisando o governador, para isso, utilizar-se dos religiosos que ali haviam ido, com esse fim.

As primeiras e mais antigas reduções desapareceram, sem deixar vestígio algum. Apenas lhes conhecemos os nomes e a localização, através dos relatórios manuscritos dos fundadores. Das que se mantiveram, tendo mais tarde feito parte do conjunto dos “Trinta Povos”, a mais antiga era a de Santo Inácio Guassu, fundada pelo Pe. Marciel Lorenzana, em 1609. Sucedeu-o o Pe. Roque González de Santa Cruz (nascido em Assunção, em 1576, filho de antiga família nobre espanhola). Fundou ele, entre 1615 e 1628, uma série de reduções, todas situadas à margem direita do rio Uruguai.

Em maio de 1626, o Pe. Roque transpôs o Uruguai, vindo para o atual território rio-grandense, talvez como primeiro branco. Aí converteu e batizou cerca de 10.000 índios, fundando entre eles diversos aldeamentos. Os relatórios sobre as explorações feitas, mandados por ele e seus companheiros de Ordem a Assunção e Buenos Aires, encerram a mais antiga descrição a respeito da zona ocidental do Estado do Rio Grande do Sul. Após dois anos de trabalho incansável, o Pe. Roque, por instigação do feroz cacique Nhessu, foi abatido com itaiçá (clava de pedra), pelos índios enfurecidos. A Igreja Católica proclamou-o mártir, beatificando-o, em 1934. Os aldeamentos fundados pelo Pe. Roque foram parcialmente destruídos e o seu rebanho dispersado.

Por esse tempo, bem como no decurso dos cem anos seguintes, outros jesuítas fundaram novas reduções. Era portanto pequeno o perigo representado por esses indígenas bárbaros. Mas avolumava-se um outro perigo, muito mais grave, na figura do paulista.

Com as armas do espírito haviam os jesuítas conquistado territórios imensos para a coroa espanhola. Era com a espada que esses territórios tinham de ser defendidos.

Já no ano de 1628, começam os mamelucos as caças sistemáticas de indígenas. Às horas caladas da noite, e no momento da celebração do ofício, os paulistas, que os arcabuzes tornam invencíveis, assaltam os aldeamentos, põem fogo nas casas e igrejas, recolhem o gado e transformam os moradores — homens, mulheres e crianças — em escravos. Numa só dessas incursões, foram caçados 30.000 indígenas de toda a zona do Paraná, recolhidos em campos de concentração e levados para São Paulo. Entre 1628 e 1630, as levadas de índios somaram a cifra impressionante de 60.000.

Em Guaíra, onde o espírito impetuoso de Montoya fundara reduções de expressivo florescimento, os jesuítas se viram forçados a uma retirada. Os Padres Montoya e Mendonza marcharam dali, em 1631, com um contingente de 12.000 homens, seguindo através das selvas, por lugares ainda hoje impenetráveis, rumo às reduções do Paraná e Alto-Uruguai, sendo aí os recém-vindos carinhosamente acolhidos. Constitui essa marcha, como organização, um empreendimento estratégico, físico e intelectual de primeira ordem, um título de glórias na história sul-americana, aliás tão rica em anabases, desde os tempos de Pizarro, desde as grandes realizações dos paulistas até o presente, quando Luiz Carlos Prestes executa a marcha que chega às raias do incrível. Como diz Ihering, cheio de razão, a marcha dos padres jesuítas é apenas comparável, não com a Retirada dos Dez Mil, de Xenofonte, porque o grego conduzia soldados disciplinados, mas com a marcha que Moisés realizou, levando todo o povo israelita através do mar e do deserto.

Finalmente, em 1639, a administração colonial espanhola permite aos jesuítas dar aos índios armas de fogo. Por conseguinte, compram espingardas e espadas, que mais tarde eles mesmos fabricam. Também fabricavam canhões, de um modo que é curioso lembrar: tomavam troncos de bambu, dos mais grossos e sólidos, enrolando-os em diversas camadas de couro de boi. Assim protegidos, esses canos resistiam a explosões de pólvora. E quando, em 1641, uma frota de paulistas bem armados descia pelo rio Uruguai, os índios, dirigidos pelo irmão leigo Antônio Bernal, lhes saíram ao encontro, navegando

em balsas e lançaram sobre o adversário tão copiosa chuva de balas de pedra que toda a expedição dos paulistas, até então invencíveis, pereceu nas águas. Os poucos que conseguiram alcançar as margens foram abatidos ao fugir pelas selvas. Esta é a vitória de Mbororé. Com ela começa o período de desenvolvimento imperturbado e feliz das reduções.



Durante a fase principal — de 1690 a 1750, aproximadamente — pertenciam ao território das reduções jesuíticas as seguintes zonas: todo o sul da atual República do Paraguai, as atuais províncias de Corrientes e Misiones e toda a parte oeste, sul e norte do atual Rio Grande do Sul, sendo o centro deste Estado constituído pelos Sete Povos, chamados Missões.

Do total de 30 reduções, 8 em território do atual Paraguai, 15 no território da atual Argentina e 7 no atual Rio Grande do Sul.

A respeito da data de fundação e da atual situação dá ideia a tabela seguinte:

SÃO NICOLAU, 1687 — Atualmente vila sem maior importância, uma das sedes distritais do município de São Luiz Gonzaga.

SÃO MIGUEL, 1687 — Atualmente vila sem maior importância, sede distrital no município de Santo Ângelo, célebre pelas ruínas da grande catedral, onde há pouco foi erigido um museu missioneiro.

SÃO LUIZ GONZAGA, 1687 — Pequena cidade, sede municipal.

SÃO BORJA, 1690 — Atualmente importante sede municipal.

SÃO LOURENÇO, 1691 — Atualmente pequena localidade no município de São Luiz Gonzaga.

SÃO JOÃO BATISTA, 1698 — Desaparecida com exceção de alguns alicerces e os últimos vestígios de uma muralha (vide gravura 48). Junto a essas ruínas encontra-se atualmente uma casa de estância. Além disto encontramos, à beira da estrada que conduz de São Lourenço a Santo Ângelo, atravessando o antigo território da redução, uma venda, ponto de parada de ônibus. Esse grupo insignificante de habitações é conhecido sob o nome de São João Velho, fazendo parte do município de Santo Ângelo.

SANTO ÂNGELO, 1706 — Atualmente importante sede municipal, com pecuária, agricultura e indústria.

Além destas sete reduções, todas situadas na bacia do Iquamaquã e do Ijuí, dois afluentes da margem esquerda do rio Uruguai, pertenciam às Missões grandes partes dos municípios vizinhos e mais distantes do atual Rio Grande do-Sul, sendo essas zonas integrantes administradas pelas sete reduções, assim como as suas estâncias de gado ou fazendas de algodão, mate e cereais. (Veja-se o mapa “Limites de todo o território das Missões”).



O “Estado Teocrático dos Jesuítas” era tudo, segundo o direito público, menos uma organização política autônoma, como assevera Pombal. As reduções, ao contrário, faziam parte integrante do domínio colonial espanhol, dependiam da coroa e dos que a representavam, viam-se obrigados ao serviço de guerra e aos impostos, sendo visitadas regularmente pelos governadores. Faltava-lhes, portanto, aquela qualidade que representa a noção de Estado: o poder do domínio primitivo, não dependendo de ninguém e de nada, e baseando-se em direitos autodeterminados. Nas reduções o poder de domínio deriva do Império Espanhol, dele dependia, e os jesuítas as administravam “em concordância com as leis e sob o controle do Estado”. É verdade que *infra legem*, possuíam ampla autonomia. Mas isto significava, unicamente, que eram organismos de autoadministração, e não um Estado.

Tornaram-se as reduções, comprovadamente, um “baluarte das províncias espanholas” e “prestaram à coroa serviços como ninguém mais o fez alhures”. Durante mais de cem anos, os índios dos Trinta Povos combateram, pela coroa espanhola, em mais de cinquenta batalhas. E o rei lhes deve algumas vitórias importantes e decisivas. Foram eles que construíram as trincheiras de Buenos Aires e Montevideu e arrasaram o forte Colônia do Sacramento. Os seus exércitos contavam com milhares de homens, sempre levavam as armas, os cavalos e os mantimentos, e prescindiam sempre do solo que lhes cabia, segundo as leis espanholas. Nenhum outro, a não ser o próprio homem que os venceu, o comandante dos exércitos portugueses Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, tanto soube louvá-los como adversários valentes e honrados.



Eram as reduções organismos que proporcionavam proteção aos habitantes, atendiam-lhes às necessidades físicas, coordenavam-lhes a vida social, fazendo despertar e desenvolvendo aos poucos, na massa dos filhos animalizados das selvas, uma sociedade regular e ordenada de cristãos. Da qual, por fim, alguns indivíduos se destacam, por uma vida própria e independente.

Representam elas o caso único de uma organização que se mostrou capaz de garantir a subsistência dos indígenas americanos. São o modelo de como teria sido possível salvar essa raça suscetível e vulnerável. A experiência pode ser confirmada durante 150 anos sucessivas. Foi tão grande no conceito quanto na execução.

A política interna era totalmente democrática. Os homens de cada aldeia escolhiam o prefeito, o chefe de polícia, o comandante militar, o escrivão e o conselho. Estes órgãos trabalhavam sob as vistas de dois padres, o Cura e um companheiro ou coadjutor, que supervisionavam os negócios administrativos e incentivavam todos os negócios de ordem secundária, como escolas, indústrias, artesanatos, agricultura, pecuária, exército e justiça.

Realizou-se nessas reduções um trabalho econômico imenso. Para alimentar os indígenas, os jesuítas estabeleceram estâncias (as primeiras, em terras sul-americanas), onde era mantido, ao todo, cerca de um milhão de cabeças de gado. Acrescem ainda as enormes plantações de frutos do campo, especialmente milho e trigo, batatas e mandioca. Havia, além disso, áreas extensas cultivadas com árvores frutíferas e algodão. Sabemos que uma única das reduções fornecia nada menos de 2.000 toneladas de algodão. Conseguiram também os jesuítas cultivar a *ilex paraguayensis*. Ano por ano, cargas enormes de erva-mate preparada desciam pelo Uruguai, rumo a Buenos Aires.

A ordem econômica tem sido classificada de comunista. E o sistema das reduções já foi citado para demonstrar que o comunismo é executável. Toda a produção, inclusive a dos campos, pertencia à comunidade. As riquezas de consumo eram distribuídas cristã e fraternalmente. Não havia nada para roubar, nem para ser fechado a chave. O organismo coletivo preservava o indivíduo da fome, cuidava dos velhos, doentes, viúvas e órfãos, e educava os filhos.

Mas na realidade, a economia sem dinheiro desse Estado templário não possui nenhuma relação com o verdadeiro comunismo. Os que serviam de objeto a este sistema não eram, em geral, homens de individualidade formada, e sim meras crianças. Haver observado isso a tempo e daí haver deduzido as medidas mais nobres e convenientes é um dos grandes méritos dos jesuítas.

Se todo o império colonial da Espanha estava hermeticamente fechado para o resto do mundo, pela muralha chinesa de uma quantidade enorme de disposições de toda ordem, as reduções tinham novo cerco especial, dentro desse fortim, com a lei que vedava a entrada de qualquer branco, sem licença prévia. Assim, viviam os índios nas reduções como em uma redoma de vidro.

O povo de cada redução constituía um todo, formava um só organismo, e cada indivíduo figurava apenas como partícula, como parte em referência ao todo. Era simples fração integrante da coletividade, e sem esta nada valia.

Seria possível comparar as reduções a formigueiros. Somente, em vez de orientadas pelo instinto animal de coletividade e comunidade, tinham no padre a célula diretriz intelectual e moral.

Não que faltassem, entre os indígenas, personalidades de evidência. Mesmo no tempo da vida em plena natureza, os Charruas e Minuanos possuíram figuras de caciques do mais indiscutível valor físico e intelectual supramédio, como Dom Miguel de Caraí, “chefe de todos os caciques, o cacique geral ou rei”. Este chefe tornou-se proparente de algumas das mais ilustres famílias rio-grandenses pelo casamento de uma de suas netas com Rafael Pinto Bandeira. E dentre os corregedores, burgomestres e comandantes indígenas das reduções saiu Sepé Tiaraju, o chamado São Sepé, de que falaremos em seguida, e Nicolau Languiru, talvez o modelo do Tatu Guassu, da epopeia “O Uruguai”, de Basilio da Gama.



Depois que o “Reino Teocrático” assim surgiu, durante os primeiros 75 anos, e assim se formou, começa o período em que se desenvolve e embeleza, alcançando o tempo áureo entre 1735 e 1750.

Este chamado período de florescimento produziu todas aquelas obras-primas de arquitetura, escultura e artesanato artísticos, tão admiráveis, e fez germinar aquela vida cultural tão rica e tão colorida, que empresta asas à nossa

Quantos grandes espíritos passaram, no decurso dos decênios, pelas cidadezinhas rurais, sitas às margens da Paraná e do Uruguai! Geógrafos e cartógrafos, etnólogos, botânicos, zoólogos, matemáticos, astrônomos, filólogos, médicos, músicos, arquitetos, escultores e pintores, engenheiros e tipógrafos, armeiros e relojoeiros — homens que pertenciam à mais pura intelectualidade europeia, homens de fama universal!

Se uma das reduções precisasse de algum representante desta ciência, desta arte ou daquele ofício, bastava dirigir um pedido ao Pe. Provincial, o superior da província do Paraguai. Depois, quando um emissário se dirigia à Europa, o que se dava regularmente todos os três anos, procurava aí obter o mestre da matéria respectiva. E, de fato dispunha a Ordem de mestres em todos os ramos de conhecimento e ciências.

Segundo a legislação colonial espanhola, a entrada para os territórios americanos só era permitida a jesuítas de determinada nacionalidade. E entre os não espanhóis esta permissão se estendia especialmente aos súditos habsburgueses. De cada vez, cabiam 25% das levadas saídas dos portos espanhóis a súditos da Áustria e de Flandres. Era também dada certa percentagem aos filhos das possessões italianas, sendo Nápoles a mais importante. Por este motivo nos é facultado admirar, na região missioneira rio-grandense, a obra de um exímio arquiteto italiano, a célebre catedral do Irmão Giovanni Baptista Primoli, em São Miguel. E por isto possuímos, em São Borja, na estátua de São Francisco de Borja, uma obra do famoso escultor italiano Giovanni Brasanelli. Assim como temos, no Rio Grande do Sul, aquele número considerável das mais admiráveis esculturas de madeira: umas revelando influência da Áustria, como o arcanjo, acima do tamanho natural, outrora no interior da Igreja de Santo Ângelo e atualmente no Seminário Central de São Leopoldo; outras, influência flamenga, como aquele magnífico Santo Isidoro, que hoje se encontra no museu federal de São Miguel. Estas obras fariam honra a qualquer dos

grandes e célebres museus de Paris ou Roma, Berlim ou Petersburgo, Londres ou Madri.

Entre os padres entrados por conta da quota austríaca figura Antônio Sepp.

★ ★ ★

Antônio Sepp von Rechegg nasceu a 22 de novembro de 1655, em Kaltern, perto de Brixen (Caldaro), no vale do Etsch, no Tirol.

Parece certo que tenha ido, muito moço ainda, para Viena, porque aí figura como menino-cantor, na corte imperial. Mais tarde recebeu, por parte do mestre-capela do príncipe-bispo de Augsburg, segura e sólida formação em música vocal e instrumental.

Em 1674, aos 19 anos de idade portanto, entra para a Companhia de Jesus. Lemos, na presente “Viagem”, que em 1691, aos 36 anos, parte de Cádiz, com 44 missionários, havendo entre eles espanhóis, italianos e flamengos. Para estes construtores de um mundo novo não existem cogitações de nacionalidade. Estão retinidos por um alvo superior: levar o cristianismo aos pagãos.

Como iremos saber adiante, começa o Pe. Antônio Sepp seu trabalho missionário na redução de Yapeyu (ou Japeju).

Esta localidade havia sido fundada em 1626, pelo Pe. Roque. Estava situada à margem direita do Uruguai, em frente à foz do Ibicuí, por conseguinte em atual território argentino. Mas os campos que lhe pertenciam ficavam à margem esquerda do rio, compreendendo os atuais municípios de Alegrete, Livramento, Quaraí, Uruguaiana e mais um pedaço da atual república uruguaia.

Era Yapeyu a redução situada mais ao sul, distando 100 milhas de Buenos Aires e constituindo o portal e a posição-chave das outras 29 reduções. Em 1690, já contava 5.500 habitantes, sendo pois o aldeamento mais denso de toda a região, ao tempo da chegada do Pe. Sepp.

As circunvizinhanças de Yapeyu, ricas em matas, eram povoadas pelos índios Charruas e Yaros, bugres bárbaros, caçadores e pescadores nômades, que diversas vezes atacaram as reduções e lhes infligiram pesadas perdas materiais e humanas.

Foi de Yapeyu que, em 1703, partiu aquele exército indígena constituído de 3.000 cavaleiros e 200 carabineiros, para a guerra contra Portugal, aquele exército que sitiou e conquistou a Colônia do Sacramento.

Era natural que os portugueses, de sua parte, procurassem ganhar os Charruas para o lado deles. E assim se davam as investidas contra Yapeyu. Num desses ataques, pereceram 140 índios cristãos, sendo a igreja saqueada e incendiada, e roubado todo o gado da estância. De maneira que, logo depois, aí reinou a fome.

Pelo sexto decênio do século passado, portanto um século após à expulsão dos jesuítas, o célebre autor da “História da República Jesuítica”, o Reverendo Cônego João Pedro Gay, visitou a redução de Yapeyu, ou melhor, andou a procurá-la. A mata havia tomado conta do lugar e o Cônego Pedro Gay teve de abrir caminho a foice, para alcançar uns restos de muros.

Deixou-nos ele a seguinte descrição a respeito das ruínas:

“As fileiras de casas em torno da praça estavam resguardadas por uma varanda dupla, apoiada sobre vigas de madeira, que por sua vez assentavam em cubos de pedra, confeccionados de arenito vermelho talhado. Algumas dessas vigas-suportes se encontravam pelo chão, meio carbonizadas ao passo que outras continuavam em seus primitivos lugares, mais ou menos bem conservadas. Acontecia é que essa gente queimava, de vez em quando, um trecho de mata e plantava milho. Infelizmente, porém, não sabiam poupar as magníficas matas de palmeiras e as plantações de algodão que os padres haviam cultivado na “Praça dos Torneios. Nos arredores de Yapeyu encontravam-se também alguns laranjais, produzindo frutos de extraordinária qualidade. Uma légua mais adiante começava, então, o campo completamente nu”.

Yapeyu é o lugar de nascimento do célebre general San Martin, que conquistou renome imortal como libertador das colônias espanholas do Prata.

Foi também em Yapeyu que, pelos meados do século XVIII, um padre flamengo passou por uma dolorosa decepção, cuja causa vamos relatar. O fato ilustra, com rara clareza, as dificuldades com que os padres tinham de lutar e a mentalidade dos indígenas que desejavam converter.

O referido padre erigira, mais ao sul, com esforços inauditos, uma redução para os Yaros. Precisamente quando ia ser festivamente inaugurada, parecendo todos cheios da mais natural e justa alegria, alguns índios vieram ter com o padre e lhe declararam que haviam resolvido voltar à vida primitiva. Com razão, alegavam que os jesuí-

tas pregavam um Deus onipresente, um Deus que podia ver tudo que acontece; eles, porém, não queriam divindade tão molesta. E se foram, abandonando o padre a chorar a perda do rebanho, e obrigando-o a voltar para Yapeyu. Esta continuou a ser, portanto, a redução mais meridional.

Depois de haver o Pe. Sepp exercido, por algum tempo, sua atividade em Yapeyu, seguiu para São Miguel. São Miguel era, nessa época, a segunda redução em tamanho, devendo em breve tornar-se a primeira. Por esse tempo, ainda não existia a catedral de Primoli, cujas ruínas hoje nos despertam tanta admiração, porque o irmão arquiteto só veio em 1735, dois anos após a morte do Pe. Sepp, tendo levado nove anos (até 1744) para construir a célebre casa de Deus.

Como se lê no segundo livro do Pe. Sepp, nos seus “Trabalhos”, fundou ele, em 1698, com parte dos moradores de São Miguel, a nova redução de São João Batista.

A narrativa desse êxodo constitui a fonte principal para conhecermos os métodos usados pelos padres na fundação das reduções.

A igreja de São João foi construída pelo Pe. Sepp de uma pedra muito semelhante ao tufo, segundo afirma o Pe. Teschauer, ilustre historiador rio-grandense que examinou os últimos restos das muralhas. Para uma prova de que o Pe. Teschauer se equivocou, de que não se trata duma pedra parecida com tufo, mas de cupim, queira o leitor examinar o seguinte:

Essa pedra “cupim” desempenhou papel saliente na vida dos brasileiros antigos. Segundo o Padre Sepp, os índios cognominaram a pedra de itacuru; o povo gaúcho a chama de “pedra-formiga”, o que é sinônimo de cupim, nome da formiga branca, a pequena termita brasileira. Bem que merece esse nome, pois os blocos porosos desse minério muito se assemelham a torrões do formigueiro. Vemo-lo na região das Missões a cada passo, emergindo da relva em torrões amarelos, castanhos, roxos e pretos, exatamente como os pequenos formigueiros, e por sinal junto aos mesmos. Esta pedra — “itacuru, cupim, pedra-formiga” — chama-se em São Paulo pedra-ferro, nome esse que se justifica plenamente, pois se trata de um minério de ferro argiloso nativo, contendo ferro de 35 a 40%. Assim sendo, tanto os primeiros paulistas, quanto o Padre Sepp, se utilizaram da mesma para extração de ferro, mas disto trataremos mais tarde. Atualmente interessa-nos unicamente o fato de ter sido essa pedra utilizada pelos primeiros bra-

sileiros brancos, para a construção das suas casas, o que nos permite dizer, num sentido poético, que cons-truíram suas moradias de ferro.

Em sua obra célebre “A cultura e opulência do Brasil”, escrita em 1711, o Padre ANTONIL (Pe. João Antônio Andréoni), reitor do colégio da Bahia, o primeiro biógrafo do Pe. Antônio Vieira, nos relata o seguinte:

“Na vila de São Paulo há muita pedra usual para fazer paredes e cercas; a qual, com a cor, com o peso, e com as veias que tem em si, mostra manifestamente, que não desmerece o nome, que lhe deram, de pedra-ferro; e que donde ela se tira, o há. O que também confirma a tradição, de que já se tirou quantidade dele, e se achou ser muito bom para as obras ordinárias, que se encomendam aos ferreiros...”

Enquanto que José Brasanelli construiu a matriz de São Borja, e Giovanni Primoli a de São Miguel de pedra lioz (cantaria), que tiveram que buscar de longe, (o grés para a catedral de São Miguel veio, em sua maioria, das regiões sulinas do Rio Grande do Sul), o Padre Sepp precisava apenas escavar o cupim da terra, no lugar onde fazia suas construções.

Também a catedral de Santo Ângelo foi construída com esse material. No ano de 1860, Gomes Pinheiro Machado, pai de famoso político, mandou limpar as ruínas, em sua qualidade de vereador. Seis anos mais tarde, construiu-se com esse material histórico a igreja que até há pouco serviu como matriz e que, neste mesmo ano de 1942, está em vias de ser demolida. Ali podemos examinar os blocos amarelos e roxos, os menos ferruginosos, e os blocos pretos, os mais ferruginosos, e podemos observar que todas as partes proeminentes da construção, caixilhos de portas e janelas, sempre eram talhados em material mais precioso; assim por exemplo, essas partes eram constituídas em Santo Ângelo e São João Batista de pedra lioz e em São Borja provavelmente de gneisse. Em verdade. o cupim ferruginoso, mais poroso e amorfo, resistiu melhor às intempéries do que a pedra lioz, pois as imponentes muralhas de grés da matriz de São Borja são idênticas às partes da construção da catedral jesuítica, e a obra maravilhosa de São Miguel constitui até hoje o encanto de todos os visitantes.

O Padre Sepp descreve-nos o seu templo no capítulo XXI dos “Trabalhos”. Convertendo as medidas por ele indicadas em sistema métrico, chegamos à conclusão de que o comprimento interior do templo era de 64 metros. A isto corresponde o resto da muralha ainda

existente, com as 5 portas, cujos vestígios encontramos na gravura n. 48. O telhado repousava sobre 24 colunas de cedro fincadas na terra numa profundidade de 2 metros e meio, elevando-se a uma altura de 16 metros.

Sabemos por pessoas que visitaram São João Batista, em épocas mais recentes, que a obra-prima da redução foi o relógio da torre da igreja, que “*todos os meio-dias faziam passar os 12 apóstolos perante o mostrador, tal qual como em Munique*”. Este relógio era construção do próprio Padre Sepp, mas algum tempo depois de ter escrito as suas duas obras.

Assim que tudo ficou pronto, o Pe. Sepp providenciou para que as palhoças dos índios fossem substituídas por casas. Apareceram, deste modo, quarenta quadras consideráveis. Fizeram também fosso e muralha, para proteger a redução contra eventuais ataques.

O território que integrava a redução de São João Batista, explorado aos poucos e usado para fins agrícolas ou pecuários, abrangia extensão muito vasta, indo, ao norte, até a vertente do Uruguai, e, ao sul, até a Serra de Soledade. A oeste, limitava-se com a redução de Santo Ângelo, fundada em 1706, dez anos depois de São João Batista, dela distando 24 quilômetros. A Santo Ângelo pertenciam os campos e as matas entre o rio Ijuí e as nascentes ocidentais do Uruguai.

Foi ainda o Pe. Sepp o primeiro a iniciar, nas terras rio-grandenses, o cultivo do algodão em grande escala. Como procedeu e que quantidades extraordinárias plantava e colhia, ele nos relata, no capítulo XX.

Na zona que hoje abrange o município de Tupanciretã, o Pe. Sepp plantou vergéis enormes de pessegueiros, ameixeiras e outras árvores frutíferas. Deste particular, e de outras indicações existentes, podemos deduzir que o lindo nome de Tupanciretã foi formado pelo Pe. Sepp.

Tupanciretã significa Terra da Mãe de Deus.

Na sua monografia sobre o município de Tupanciretã, publicada em 1934, em São Paulo, Manoelito de Ornelas emite a opinião de que parte desse nome está ligada à memória da figura do venerável Anchieta. Dos versos escritos pelo grande jesuíta cultivador do Brasil, “e que foram sendo repetidos e ensinados, por todas as tribos”, encontraram-se alguns que Dom Pedro II copiou em Roma. Um deles é o seguinte:

*“Ó Virgem Maria
Tupan-ci-etê
Aba pe ara pora
Oicó endê iabê.”*

A tradução destas palavras é a seguinte: “Ó Virgem Maria, Mãe de Deus verdadeira; os homens deste mundo estão muito bem convosco”.

Neste versinho figuram, portanto, as três primeiras sílabas do nome de que tratamos. Tupan significa Deus; ci quer dizer Mãe. As duas últimas sílabas do nome — retan, significam Terra. A frase inteira, em nosso idioma, exprime a ideia: Terra da Mãe de Deus.

Ora, lemos que o Pe. Sepp cultuou, sobretudo, a veneração pela Virgem Maria. Assim, logo depois de haver chegado às Missões, distribuiu entre os indígenas centenas de imagens da chamada “Virgem Negra”, de Alt-Oettingen, imagem antiquíssima de Nossa Senhora, muito venerada, especialmente na Baviera. Sabemos, além disso, que o Pe. Sepp não só dominava perfeitamente o idioma guarani, mas que dele se servia, única e exclusivamente, nas atividades profanas. De maneira que bem lhe pode ser atribuída a formação daquele nome. Pelo reconhecimento de sua autoria, entretanto, fala expressivamente o seguinte fato: o chamado Mariengsertchen (tradução literal: vergel mariano) é uma denominação corrente, na Alemanha meridional e no Tirol, de belos jardins floridos, principalmente de pomares frutíferos que, em seu ornato admirável de florezinhas brancas e cor-de-rosa, simbolizam, com tanta propriedade, o amor mariano. É bem possível que a vista do arvoredor em flor de nossa terra suscitasse no Pe. Sepp a lembrança dos vergéis e pomares de seu Tirol natal. Sim, é preciso mesmo garantir que o nome Tupanciretã só pode ter surgido do esforço de gravar, em nome indígena, a palavra Mariengsertchen ou vergel mariano, de tão cara lembrança para o Pe. Sepp.

Já sob a data do ano seguinte temos um relatório sobre o desenvolvimento da recém-fundada redução de São João Batista. A Seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro conserva inserto na célebre *“Colección de Obras Impresas y Manuscritas que tratam principalmente del RIO DE LA PLATA”*, formada por Pedro Argelis, sob o n. I 29.7.68, o documento *“Anua de las Doctrinas del Uruguay del ano 1698”*, na qual encontramos o seguinte:

El ano pasado se dividio la Doctrina del S. Miguel Archangel e dos partes por su gran multiplico, quedando en el pueblo antiguo el pedaço menor que tiene el titulo y nombre antiguo y dando al otro el de S. Juan Baptista, que consta de dos mil, ochocientos, trienta i dos almas, em que ay setescientos sesenta i cinco familias. Los casamientos son veynte y quatro. Los bautismos de parentes cinquenta i seis. Los niños muertos diez y siete, y los adultos nueve. Ay un viudo, i viudas setenta y seis, comunõnes se an dado dos mil trecentas, i veynte y una, i pocas las confesiones.

An trabajado mucho assi en fundar el pueblo casa del Consejo i Iglessia como en las sementeras, aunque no ha correspondido el fruto al trabajo por la falta de las aguas, que no acudieron a tiempo; no obstante el pueblo va teniendo ya los medios suficientes para adelantarse cada dia mas.



O mérito principal do Pe. Sepp consiste no incentivo que deu à música. A este respeito é narrada alguma coisa nos dois livros presentes. De nossa parte, quiséramos acrescentar mais o seguinte:

As vozes dos guaranis eram pouco adequadas para o canto e muito fracos os pulmões, para certos instrumentos. No entanto, por intermédio de boa seleção e de exercícios constantes, obtinham os jesuítas excelentes resultados. Os indígenas também aprenderam a leitura das notas, de modo que tocavam, com admirável exatidão, as peças mais difíceis dos mais célebres compositores europeus. Num coro de mil vozes, segundo refere um visitante, não se percebia uma nota em falso.

Como os índios gostassem muito de música e as apresentações musicais no serviço divino fossem para eles uma forte atração, é fácil imaginar-se que o mestre-capela Pe. Sepp era a figura mais popular e benquista de toda a redondeza. Todos estavam entusiasmados com ele, todos faziam por ele o que pediam e eram ordens os seus mínimos desejos.

Não obstante, o Pe. Furlong celebra nosso Padre austríaco como construtor de instrumentos musicais, dizendo:

“La gloria de haber dado un gran e poderoso impulso a la fabricación de tales instrumentos corresponde muy particularmente a un eximio Jesuita alemán, el P. Antonio Sepp. Como escribia un contemporáneo: “Esto le dará un mérito immortal”, y así es por más que nuestros historiadores de musica ni recuerdem su nombre mucho menos sus glorias musicales en el Rio de la Plata”.

Noutro lugar o Pe. Furlong escreve:

“... Antonio Sepp, tan habilidoso en la música, en la pintura, en la escultura y en la arquitectura que era el asombro de sus contemporáneos”.

O próprio Pe. Sepp nos confessa em seus escritos, e o repete amiúde, que encontrava o gozo supremo e a mais profunda satisfação na execução de obras musicais e no estudo das mesmas.



No decurso dos anos, o padre idoso e venerando tornou-se, afinal, quase outro guarani. Há uma referência dizendo que, encontrando-se em viagem com um irmão de Ordem, e “querendo este lhe falar na língua materna alemã”, o Pe. Sepp não mais a dominava, porque desaprendera completamente o alemão, durante os quarenta anos que vivera entre os indígenas.

Em 1725 era enviada a seguinte comunicação, de parte do padre Carlos Rechberg S. J., de Buenos Aires: “O venerando ancião Pe. Antônio Sepp, que há tantos anos dirige a comunidade de “Santa Cruz”, ainda se mostra bastante jovial e está passando bem”.

E, em 1730, escrevia o padre alemão Francisco Magg, S. J.: “Coube a mim a grande graça de vir para a paróquia de “À Santa Cruz”, no Paraguai, e aí, sob orientação do zeloso, idoso e piedoso missionário Pe. Sepp. adquirir os verdadeiros princípios da vida apostólica. Mal acreditariam, se relatasse tudo o que esse grande homem fez pela glória de Deus e pela salvação dos indígenas. Construiu uma linda igreja em seu aldeamento, igreja que nada fica devendo em beleza a quaisquer outras de nossa província bávara, com exceção da igreja de Munique. Para prevenir-se contra assaltos e ataques dos indígenas bárbaros, rodeou toda a aldeia com muro e fosso. Desapareceram os casebres de barro e palha e em seu lugar surgiram casas de pedra. Acostumou os

índios ao trabalho, aplicação e economia e fez florescer a agricultura, por seus conselhos e suas disposições. Os índios bárbaros foram por ele amansados e transformados em bons cristãos”.

O Pe. Sepp morreu em 1733, aos 78 anos de idade, tendo trabalhado 41 anos nas reduções missioneiras.

Seus biógrafos europeus dão São José como local do passamento. Conforme se deduz do nosso mapa, está São José situada no território entre o Paraná e o Uruguai. Talvez os irmãos de Ordem tivessem levado para lá o Pe. Sepp, vendo-se muito velho e fraco, a fim de lhe prestar melhor assistência. Em todo caso, provoca certa estranheza que submetesse um ancião moribundo a viagem tão longa e penosa. Tanto mais que o Uruguai, no lugar em que devia ser transposto, entre São Nicolau e São Tomé, conta seus 600 a 800 metros de largura.

Portanto me parece admissível que os historiadores europeus tivessem confundido São José com São João. Casualmente fui encontrar a confirmação de minhas suspeitas na obra “Viagem pelo Brasil meridional”, do Dr. Avé-Lallement. Este médico, ao visitar as Missões, em 1850, verificou que a localidade de São João-Mirim (referia-se à estância da redução São João Batista) era, muitas vezes, chamada erroneamente de São José, quer pelos próprios habitantes, quer nos mapas existentes. Talvez os biógrafos europeus, valendo-se dos mapas, caíssem no mesmo erro. Devemos, pois, ter como provável que o Pe. Sepp tenha morrido em São João, ou na própria sede ou na estância próxima. Em qualquer hipótese, porém, entre os “indiozinhos” que tanto amava e sobre a terra que para eles havia preparado.



Depois da conquista das Missões, em 1801, São João Batista começou a decair rapidamente.

Em 1824, colonos alemães foram enviados, por ordem do governo de Dom Pedro I, para colonizar as ruínas. Mas dispersaram-se logo.

O território da antiga redução do Pe. Sepp tomou mais tarde o nome de “Comarca Cruz-Alta”. É a chamada “Província do Alto-Uruguai”, território onde foram erigidas posteriormente, por volta de 1820, as freguesias de Cruz-Alta, Passo Fundo e Soledade. Destas, fo-

ram depois desanexados diversos municípios florescentes, entre eles: Palmeiras, Irai, Ijuí, Tupanciretã e Júlio de Castilhos.

Visitando-se o lugar, onde esteve localizado o estabelecimento da fundação do Pe. Sepp, verifica-se, como já dissemos, que da redução quase nada sobrou. O resto do muro, outrora uma parede lateral da igreja, é visível hoje ainda, formado por enormes blocos de cupim. Dos antigos parapeitos de pedra de cantaria nada mais existe. A única peça, onde se podia reconhecer a mão formadora do homem, era um cubo de pedra de um metro aproximadamente sobre a qual, em alto relevo, se vê um coração flamejante, trespassado por uma flecha. Esta peça foi recentemente removida para o local onde o Pe. Aloísio Jäger, J. S., descobriu, em 1933, o local de martírio do Beato Roque Gonzales. Aí, na Capela de Caaró, esta testemunha da atividade de Pe. Antônio Sepp encontrou seu lugar. De resto só as anotações por ele mesmo feitas contam da vida e da atividade desse homem.

Do mesmo modo como em São Miguel também em São João Batista os mortos sobreviveram dos vivos: Os antigos cemitérios dos jesuítas e indígenas são as únicas instituições ainda hoje em uso. Nesses cemitérios existiram inúmeras tábuas de louça queimada onde estava escrito, em língua guarani, o nome do homem, da mulher ou da criança ali enterrada. Na estância São João Velho ainda hoje se conserva um destes tijolos onde se lê perfeitamente a palavra “falecido” em guarani.

Enterrado sob montões de entulho, roído pelas raízes do capoeiro eis o que se encontraria neste campo de ruínas:

O altar-mor e o tabernáculo em cedro puro, ricamente dourado e encrustado com madrepérola, os altares laterais e a efígie do Santo Antônio de Lisboa, mandada fazer pelo Pe. Sepp pelo enorme preço de mil pesos na redução de São Nicolau, o rico púlpito com as quatro estátuas dos Santos Evangelistas da igreja católica, também estas douradas e encrustadas com madrepérola, o grande candelabro de prata com os trinta e dois braços, o órgão, o relógio, os doze apóstolos, os quais durante 60 anos marcharam em redor do mostrador - tudo isto desapareceu! Foi-se a tijolaria, o forno de fundição, as plantações de algodão e vinho, o “jardim de Maria”, foram-se os milhares de pres-tativos indígenas, cujos braços tornaram possível todos estes milagres, foi-se o valente padre tirolês desde há muito tempo transformado em legítimo guarani...

O capoeiro venceu a tentativa de transplantar um pedaço do mundo europeu para o território americano.

★ ★ ★

De ambos os escritos do Pe. Sepp, ficamos sabendo muito a respeito dos passos iniciais na produção de certos produtos que foram típicos para a economia de nossa terra, ainda o sendo em parte, presentemente. O autor descreve a quantidade enorme de rebanhos de gado vacuum, o aspecto e a qualidade dos animais e dá testemunho do saque que se fez e se continuou fazendo por mais de um século, consistindo em aproveitar apenas o couro e a língua da rês, abandonando tudo o mais aos corvos. Salienta a importância extraordinária da produção de couros para a colônia e a terra-mãe espanhola, citando-nos até os preços usuais. Dá informações sobre a queima dos campos, o comércio da erva-mate, o cultivo do trigo, frutas, algodão, vinhas, consignado, também, interessantes indicações sobre abelhas e mel. Fornece, ainda, alguns dados precisos relativos aos costumes, à mentalidade, ao caráter e ao nível rural dos habitantes primitivos. Muito do que anotou continua conservando plena atualidade, quer se refira à terra quer à economia quer aos gentios. Outras cousas mudaram, nesse tempo. Mas o Pe. Sepp deixou vários esclarecimentos que nos permitem conhecer o decurso dessa evolução, tornando compreensível muitos fenômenos atuais.

Para a história econômica brasileira, tem ainda o Pe. Sepp especial importância, de certo modo atual, por ser, não o mais antigo e o primeiro precursor da siderurgia brasileira, como indica o Pe. Teschauer, mas, sim, da siderurgia sul brasileira e portanto, um dos primeiros e mais antigos precursores da execução deste ofício em nosso país.

Eis a correlação dos fatos:

Foi o Pe. Anchieta quem nos deu as primeiras notícias sobre a existência de jazidas de minério de ferro no Brasil, anunciando no ano 1554, literalmente:

“Agora, finalmente, se descobriu uma grande cópia de ouro, prata, ferro e outros metais, até aqui inteiramente desconhecido (como afirmam todos)”.

Esta afirmação do Pe. Anchieta provavelmente se refere àquelas jazidas nas vizinhanças de São Paulo e Santo Amaro, cujos minérios - porém somente 200 anos depois (1760) - foram fundidos. São eles compostos de um minério de ferro argiloso, quer dizer, do nosso cupim.

Já nos fins do século XVI, fundia-se minérios no Brasil, na região do novo engenho de Santo-Amaro, chamado por ele uma cópia de Afonso Sardinha (o pai) descobriu, no ano de 1590, as jazidas de Biraçoyaba, formadas por duas terças partes de granito e uma terça parte de magnesita de alto valor. Como Calógeras prova no seu admirável livro “As Minas no Brasil e sua Legislação”, Rio de Janeiro, 1905, Afonso Sardinha já em 1597 - isto é, exatamente 101 anos antes do Pe. Sepp - manteve em Biraçoyaba a primeira fábrica de ferro em território brasileiro. Estas fábricas trabalharam até 1629, isto é, durante 30 anos. Portanto, cabe a este ilustre paulista a glória de ser o fundador da siderurgia brasileira.

Desde então foram empregados no Brasil exclusivamente minérios de ferro de alto valor - excetuando-se apenas os curtos intervalos de São João Batista e Santo Amaro. Na velha Europa teriam ficado satisfeitos em possuir o cupim, considerado aqui sem valor. Prova disto é que a grande indústria de ferro alemão e belga se baseou sobre um parente próximo do nosso cupim, a hematita parda, chamada, naqueles países, Rasen-Eisen-Stein. Já os antigos gauleses e germanos se utilizaram desta hematita parda para obter o ferro das suas armas. E ainda, no ano de 1882, oitenta e dois por cento do ferro produzido na Alemanha originou-se deste minério, o qual é apenas um irmão mais resistente do nosso itacuru ou cupim, mais amorfo.

Lendo a descrição do forno, construído pelo Pe. Sepp, e os métodos por ele usados na fusão do minério, temos o relato completo dum *Rennfeuer* (fogo fluído ou fogo de refinação) como o haviam inventado os Galos e havia sido usado ao tempo de César (e, de certo, já há muitos séculos antes), e como, então, o passaram a usar os germanos. Em escavações feitas na Renânia, foram descobertos desses “fogos fluídos”, estando hoje expostos nos museus do Reno e do Ruhr. Deve-se comparar a descrição feita pelo Pe. Sepp dos seus fornos com a de Calógeras, do novo engenho de Santo-Amaro, chamado por ele uma cópia de Biraçoyaba:

“Ambas as fábricas eram, seguramente, fogos catalães, únicos conhecidos por esses minérios ibéricos, ou portugueses, ensinados por estes. Moviam-se a braços uns foles de couro que separavam ar úmido na forja; faziam-se as reações e formava-se a bola de metal, recoberta e entremeada de escórias. A golpes violentos de malho purificava-se e estirava-se o ferro, assim transformado em barras. A um canto da tenda amontoavam-se as escórias ricas de ferro sempre, mais ricas aqui, como em Ipanema, pela natureza refrataria do minério tratado”.

De importância maior e especial é o fato de haver o Pe. Sepp, a esse tempo, fabricado aço, mediante determinado processo, e de já fazer, naquele tempo, distinção entre ferro e aço, muito antes que essa classificação fosse usual pelo mundo, como salienta o Pe. Teschauer.

Quando, em 1756, irrompeu a chamada Guerra dos Sete Povos, os armazéns de São João forneceram o ferro para as pontas das lanças e flechas com que o exército de Sepé lutou, na batalha de Caibaté. Naquele tempo, até as mulheres eram armadas em São João. A propósito escreveu o vigário do aldeamento: “Já vi, na igreja, índios com lanças e temembés, e vi como preparavam pedras para as atiradeiras, e como jovens mulheres se exercitavam no manejo dessas atiradeiras, e até com arco e bolas, e mesmo com lanças, e diziam que desejavam morrer com os maridos.”

Em 1760, um emissário do governador de Buenos Aires inspecionou a redução de São João, encontrando ainda a ferraria com as bigornas, os foles, os martelos e os malhos.



Também para a história política do Rio Grande do Sul, as anotações do padre tirolês têm alguma importância. A descrição das condições existentes nas Missões, da atmosfera psicológica e do meio social projetam luz característica sobre os acontecimentos de 1750 e 1756; sobre a Guerra dos Sete Povos, portanto. A relação dos fatos é a seguinte:

Como se sabe, as coroas de Portugal e Espanha combinaram, em 1750, um Tratado de Limites, segundo o qual a Colônia de Sacramento deveria ser trocada pelos Sete Povos.

Este tratado constitui, indiscutivelmente, uma honra para ambos os reis. Nele fizeram, ambas, sacrifícios para restituir a paz à região do Prata e pôr termo à velha guerra limítrofe, que se tinha arrastado através de gerações. Do ponto de vista das mudanças territoriais, o tratado se justifica, pois reunia o que tinha de ficar reunido e separava o que tinha de ficar separado. Embora cinquenta anos mais tarde, e por iniciativa particular, pelo golpe ousado de dois gaúchos, os Sete Povos fossem incorporados ao território brasileiro.

Quanto ao lado econômico, os espanhóis o criticaram acerbamente, achando que o convênio fora “realizado num acesso de loucura”, porque os reis de Castela trocaram um forte sem valor algum por um território de extraordinária capacidade produtiva.

Os escritos de Sepp deixam entrever até que ponto eram justificadas as críticas, isto é, até que ponto o valor econômico dessa região parecia de fato importante. As sete reduções rio-grandenses eram as mais ricas e lindas de todas as trinta. Os rebanhos de gado e os bosques de erva-mate, os maiores. E em parte alguma de toda a América a arte, os ofícios e a manufatura floresciam, como nas Missões, entre 1690 e 1750.

Sumamente irracional e injusta foi a determinação do tratado, na parte em que obrigava os 30 mil habitantes dos Sete Povos a recolher todos os seus bens móveis e transpor o Uruguai, abandonando assim a terra natal. Em consequência desta determinação nasceu a “Guerra das Sete Reduções”.

Ora, os autores brasileiros - especialmente o poeta Basílio da Gama e o historiador Visconde de São Leopoldo - tiveram palavras duríssimas, cheias de graves incriminações, feitas de maneira odiosa, contra os jesuítas e os aldeamentos.

A inimizade entre paulistas e portugueses de um lado, e jesuítas e indígenas de outro era tão velha quanto a vinda do homem branco para as terras do Novo Mundo. Tinha causas muito fortes, inevitáveis, derivadas da própria natureza das condições ambientes. E tinha duas raízes: uma econômica, outra política.

A econômica refere-se à escravidão dos índios por parte dos paulistas. Embora não subsistisse mais, no século XVIII, ainda continuava, no entanto, uma espécie de ação psicológica. Até a batalha de Mbororé os paulistas haviam caçado índios, porque deles precisavam para as suas plantações. Eram os jesuítas os protetores e tutelares des-

ses índios, tornando ineficientes as caçadas dos paulistas. Particularmente com a adoção do sistema de reduções, causaram prejuízos apreciáveis aos caçadores e mantenedores de escravos. Na própria cidade de São Paulo havia tempos em que o antagonismo entre os futuros brasileiros e os jesuítas não era menor do que nas regiões distantes - em Guaíra e nas margens do Uruguai.

No século XVIII continuava agindo, porém, a raiz política do ódio, aliás com intenso vigor e muita vivacidade. Eram as reduções um círculo fortificado, impedindo os paulistas (e consequentemente o império brasileiro em formação) de expandir-se e de estender seu domínio até o rio Paraguai - que deveria ser o limite geográfico natural do Brasil. Por conseguinte, os patriotas portugueses e os brasileiros já existentes passaram a considerar os jesuítas e os indígenas das missões seus adversários na política exterior e seus inimigos, na acepção comum da palavra.

Entretanto, esses inimigos eram religiosos, expoentes desse catolicismo universal, a que pertenciam os próprios brasileiros. Era preciso, porém, tratá-los como se fossem leigos! Os paulistas sabiam perfeitamente de que maneira lidar com oficiais, exércitos e funcionários de um país estrangeiro. Viam-se agora em face de religiosos, clero de sua própria religião, e esses religiosos mantinham exércitos permanentes, por eles mesmos organizados. Sem dúvida, do ponto de vista político, as reduções faziam parte do império colonial espanhol. Mas essa mescla tão curiosa de uma atividade espiritual - a missionária, com uma atividade profana e terrena - a política e militar, tornava seus portadores, os jesuítas, figuras incompreensíveis, impenetráveis, enigmáticas até. Que fizessem tudo o que estavam fazendo em concordância com o mandato missionário de Cristo, quando disse: "Ide e ensinai a todos os povos e batizai-os em nome...", que o isolamento da região, a fundação de cidades, o desenvolvimento de uma economia rica e vigorosa, a construção de igrejas admiráveis, enfim que toda a grandiosa obra das reduções fosse apenas decorrência direta do mandato pentecostal, os filhos do século da luz não queriam nem podiam compreender. E que os jesuítas, em última análise, nada quisessem para eles próprios, tudo fazendo unicamente para alcançar a finalidade religiosa da Ordem, tornava-os duplamente suspeitos, duplamente odiados. Afinal, nesse mundo tudo se acredita de um homem, menos que faça alguma coisa sem visar proveito próprio. Era este o caso dos jesuítas e

das reduções. Por que um homem como Prímoli abandona as cidades italianas, os “ateliers” e o ambiente cultural e artístico, por que ingressa como simples Irmão na Companhia de Jesus, vindo internar-se nestas selvas inóspitas e desconhecidas? Por que fizeram o mesmo centenas de cientistas e artistas como ele? Em casa, na terra natal, tinham à mão auxiliares capazes e um vasto público de admiradores e conhecedores vinha enaltecer-lhes os trabalhos concluídos. Aqui, nesta solidão, precisavam primeiro fazer do indígena um aprendiz, e o público eram os filhos ignorantes das selvas. Por que fizeram esses homens tudo isso? Na verdade, apenas movidos pela Fé, razão que a poucos é dado compreender. Mas os que não compreendem procuram motivos que lhes sejam compreensíveis. É assim que surgem as falsas interpretações e os equívocos. É assim que, aos vizinhos luso-brasileiros, as reduções pareciam — falando-se com Basílio da Gama — “um império tirânico, injusto, oculto”, uma “república infame”, um organismo profundamente perverso.

Nas páginas da história, bem como na atualidade, podemos observar que quando se chocam dois inimigos da mesma espécie, da mesma cultura e mentalidade, os atos guerreiros são cavalheirescos e nobres de ambas as partes, enaltecem o progresso da civilização. Logo, porém que entram em conflito duas potências de espécie, mentalidade e cultura diversas, logo que surge o sentimento de que o adversário é diferente pela fé e pelo espírito, passa a tornar-se justificável a prática de quaisquer brutalidades e baixezas, de qualquer mentira e calúnia, e na inocência mais objetiva se perpetram as mais negras ações.

É esta a atmosfera em que germina, exuberantemente, a propaganda da mentira política, sobretudo quando se trata de inventar e fabricar histórias horripilantes. Há um ponto em que chegam a ficar esquecidos os antagonismos reais dos interesses reais, e o pedregulho dos fatos é recoberto pelo cipoal intrincado e intrigante das sugestões.

Neste sentido é que devem ser consideradas muitas manifestações de ódio e de inimizade dos brasileiros para com os Sete Povos e seus fundadores e dirigentes. No sentido de atividade política e bélica, constituindo parte integrante do panorama dos duzentos anos de lutas que os luso-brasileiros feriram, nas terras meridionais do Brasil.

O poema “O Uruguai”, de Basílio da Gama, escrito em versos bonitos e nobres, é lido, hoje ainda, com verdadeiro prazer, constituindo legítima joia artística. As tão conhecidas palavras de grande

admiração, que Garrett proferiu sobre o poema, conservaram seu pleno valor. Basílio da Gama é, indiscutivelmente, um poeta admirável. E devemos nos lembrar que “O Uruguai” é uma das produções mais antigas da literatura brasileira. Ao mesmo tempo, no entanto, é o mineiro um homem daquela propaganda bélica, propaganda que desde a época de Homero, faz parte de todas as guerras.

O ódio e os ataques de que Basílio da Gama quis alimentar no seu poema são o produto da atitude geral dos brasileiros, daquele tempo, para com as reduções. Quando nos conta, e acentua em anotações ao poema, terem os jesuítas insinuado aos indígenas que os paulistas cortavam as cabeças dos prisioneiros, e quando, adiante, narra como os índios aprisionados se mostram surpresos e reconhecidos pelo tratamento inesperado que lhes concedem os portugueses, faz simplesmente propaganda bélica. Tal qual hoje em dia...

Por outro lado, os índios tinham os paulistas e portugueses na conta de demônios humanizados. Ou, então, teriam os filhos das selvas esquecido que seus pais tinham sido, durante um século, caçados como feras por Antônio Raposo Tavares, o Leão dos Pampas, e seus predecessores e sucessores, algemados e levados a São Paulo? Há um documento sumamente interessante a respeito da opinião que os índios das reduções tinham dos caçadores de escravos.

Conserva-se ainda, na velha Igreja do Bonfim, em São Gabriel, hoje raras vezes utilizada, uma escultura de madeira, indubitavelmente talhada por mão indígena. Representa ela um São Miguel, de inequívocos traços fisionômicos índios, que usa um cocar de penas e couraça de algodão, vestimenta bandeirante usada para as lutas em mata virgem. Este São Miguel em vez de pousar sobre um dragão, se mantém sobre um demônio alado, que, também inequivocamente, apresenta a fisionomia, o corte do cabelo, a barba, os bigodes e a vestimenta de um bandeirante!

Além disso, hoje como nos tempos de Homero, a questão de responsabilidade das cousas de guerra representa um papel importante na luta dos Sete Povos.

1. Os jesuítas nos acusaram a nós, portugueses, de havermos escravizado os índios. Entretanto, eles mesmos constituíram um império próprio, pela escravização do indígena.

2. Os jesuítas incitaram os indígenas à resistência armada contra a cláusula do contrato que determinava a evacuação do território, provendo-os de armas modernas e lhes ensinando estratégia e tática modernas

O Testemunho do padre Sepp em face dessas recriminações é muito importante.

Trataremos, mais tarde, da credibilidade desse testemunho. É necessário, entretanto, dizer desde já que ele não foi, quer graças à nacionalidade, quer graças à época em que viveu, pessoalmente atingido pelos antagonismos hispano-portugueses.

Estava isento de quaisquer ódios. Era tirolês, dedicando todo o amor e todos os brios nacionalistas à “Província alemã” da ordem jesuítica. Exerceu suas atividades exatamente entre as batalhas de Mbororé e Caibaté. Critica diversas vezes os espanhóis, mas mal se refere aos portugueses, provavelmente porque entravam muito pouco na órbita de suas cogitações. Já trabalhara vinte anos em São Miguel, quando Cristóvão Pereira e João de Magalhães dão os primeiros passos sobre terras rio-grandenses. E o túmulo já o cobria quando surge Silva Pais.

Seus livros respondem, inequivocamente, à primeira recriminação: nem o mais leve traço de império existia nessas reduções. Eram os padres missionários homens de vasta cultura, representando mesmo toda a cultura e toda a ciência da época. Em face dos pobres silvícolas ignorantes, tornavam-se infinitamente superiores, sendo, por conseguinte, as autoridades absolutas e as personalidades principais. No entanto, nada estava tão fora das cogitações que pudessem ter como escravizar os índios em benefício da Ordem, ou para ela construir um império. E se reuniram alguns tesouros, constavam estes de objetos de culto, de valor material por certo bem menor do que as douraões nas igrejas do Rio de Janeiro ou da Bahia. Visavam apenas a evolução econômica da terra, porque apenas uma farta produção de víveres e riquezas de consumo lhes possibilitava uma catequese eficaz. Este particular já fora reconhecido pelos primeiros missionários, pois na terceira década do século XVII o Pe. Mendonça recomendava aos irmãos de Ordem: “cuidem das minhas vaquinhas como das meninas dos vossos olhos, porque índio sem carne volta para o mato!” A catequese baseava-se na alimentação dos selvícolas — essa era a verdade irrefutável. E o Pe. Sepp nos dá testemunho de quanto as preocupa-

ções dos padres giravam em torno dos problemas: moradia, vestuário e alimentação dos indígenas, com a finalidade de poder cristianizá-los.

Quanto à questão da responsabilidade pela declaração da guerra, sabemos por outras fontes haver o Padre Superior da Província dos Jesuítas no Paraguai recomendado aos sacerdotes das Sete Reduções para fazerem valer toda a sua influência, a fim de que a transmigração se desse, sem o menor atrito. Sabemos, também, terem os padres insitado muito, junto aos índios, quanto ao abandono da terra natal.

Com referência a este caso, o Pe. Sepp, mais uma vez nos dá testemunho valioso.

No capítulo XXIII dos “Trabalhos” descreve ele como os índios se apegavam à terra. Reagiam, sempre que era preciso mudar, mesmo quando se tratava de uma simples transferência como a de São Miguel para São João, por exemplo. O Pe. Sepp e os caciques haviam precedido o povo, construindo as casas necessárias, e deixando-as prontas para as famílias se instalarem. Não obstante, abraçavam-se às colunas das igrejas, atiravam-se sobre os túmulos, gritavam, choravam, opondo-se a abandonar a querência. Lendo-se este pormenor, é fácil imaginar-se como deve ter sido profundo o sofrimento e violenta a revolta dos infelizes indígenas, quando quiseram enxotá-los completamente do torrão natal, e mandá-los para a outra margem do rio, para uma zona já superpovoada, onde para eles não havia alimentação nem moradias.

É sabido que, dos mais íntimos recantos da alma popular, surgem sentimentos que derrubam todas as considerações razoáveis. Ainda há pouco pudemos verificar esse fato na invasão da Abissínia, pelos italianos. Contra toda e qualquer lógica, os abissínios passaram da defensiva ao ataque e isso porque a paixão ardente do povo forçou o estado-maior, contra a vontade, a ferir batalhas em campo aberto. A história demonstra, sempre, que os homens não são governados pela razão. São seres de carne e osso e repetidas vezes, contrariamente a todas as justificativas, se veem arrastados à prática de ações que os levam à ruína.

Foi o que se deu com os Sete Povos das reduções, entre 1750 e 1756. Quando se viram obrigados a abandonar as terras a que tão apaixonadamente se apegavam, a revolta, e o desejo de recorrer às armas venceram a influência dos padres.

Sepé Tiaraju sintetizou a opinião de seus compatriotas nas palavras célebres pronunciadas do alto do forte de Santa Tecla (junto a Bagé), quando disse à Comissão de Demarcações: “Estas terras são nossas e as recebemos de Deus e São Miguel”.

Daí a batalha de Caibaté (nas proximidades da atual São Gabriel) em que Sepé tombou, mas para continuar vivendo no nome de uma cidade e dois rios. E continua vivendo nas lendas e canções dos gaúchos em cuja fantasia se tornou São Sepé, que cavalga pelos Pampas como um turbilhão. Cantam-lhes as glórias os tropeiros gaúchos, cujos cantos Simões Lopes coligiu, o que constituem um dos mais lindos monumentos folclore sul-americano.

Os relatos do Padre Sepp são um complemento e um substrato da literatura brasileira sobre a “Guerra dos Sete Povos” juntamente com os “Anais” do Visconde de São Leopoldo, o poema “O Uruguai” de Basílio da Gama e os “Contos Gauchescos” de Simões Lopes.

É altamente interessante e instrutivo comparar as descrições do Pe. Sepp com o que nos deixou o poeta mineiro. A epopeia “O Uruguai” é de fonte legítima, porque o poeta mantinha relações de amizade com Bobadela, conheceu pessoalmente muitos oficiais e entrevistou, no Rio de Janeiro, muitos índios aprisionados em São Paulo. Apesar de parcial e tendencioso na crítica dirigida aos jesuítas e às reduções, descreve com fidelidade os uniformes, o armamento e a maneira de lutar, fornecendo um quadro, evidentemente exato, da paisagem, do estilo e das atitudes dos homens da região, naquela época. Todos os seus dados coincidem com o que o Pe. Sepp nos relata sobre os soldados, os exércitos o armamento, as representações teatrais dos indígenas.

Aliás, se aguçarmos bem a vista, notaremos que o próprio Basílio da Gama presta um testemunho de reconhecimento pela obra dos padres embora inconscientemente e contra a vontade. Glorifica a atividade educativa dos padres, ao descrever a Sepé Tiaraju, alferes de São Miguel e Gomes Freire de Andrade, como um guerreiro altivo e inabalável, sabendo falar impressionantemente e defender habilmente seus pontos de vista. Se a atividade educadora dos jesuítas conseguiu formar caracteres e personalidades dessa têmpera, personalidades que a nação dos gaúchos olha com orgulho, a epopeia do clássico brasileiro projeta uma luz admirável sobre o trabalho jesuítico.

Finalizando esta parte de nossas considerações, desejaríamos acentuar, ainda, que todo o capítulo XXIII constitui valiosa colaboração para um fenômeno psicológico familiar aos que conhecem os gaúchos do Rio Grande do Sul. No vocabulário singularíssimo do homem pastoril da fronteira, existe a palavra querência. E o lugar do nascimento e da infância exerce um papel preponderante na vida psíquica desses homens. Mesmo quando em posição de destaque social, cheios de dignidades e honrarias, tendo passado decênios em Porto Alegre, revelam, imprevisivelmente, um sentimento espontâneo de forte amor e de grande saudade, ao ouvir referências à terra em que nasceram. Certa vez, um dos mais exímios e célebres médicos gaúchos exclamou, espontaneamente, quando proferi, por acaso, o nome de sua cidadezinha natal: “Oh, podia esquecer todo o mundo, mas este lugar o terei sempre no meu coração!”

Confrontemos o que o Pe. Sepp diz dos seus índios com os dados que Roque Callage consignou, no “Vocabulário Gaúcho”, sob o verbete querência:

“QUERÊNCIA, subs., o mesmo que pago ou lar; lugar onde alguém nasceu ou se criou; aplica-se também ao ponto onde estão acostumados os animais quer vacuns quer cavaleares: e tão instintivo é o sentimento de querência entre eles, que não raro o cavalo foge de onde está para o lugar (invernada ou campo) onde nasceu, onde se acostumou a viver, vencendo muitas vezes distâncias enormes que se contam por dezenas de léguas. Manoel do Carmo, o Pereira Fortes dos “Cantares de minha terra...” foi, ao nosso ver, quem melhor definiu a querência, como s vê: “Querência — lugar onde se cria e vive um animal e ao qual e sempre aspira onde quer que esteja e pelo qual relincha de saudade; mais expressivo ainda do que pagos (lares) ; tão expressivo para designar o rincão que se aspira e pelo qual se chora, como a saudade o é para exprimir a lembrança triste que faz bem. O vocábulo querência deve ser introduzido na língua como já vai sendo pago, pois não tem outro que o substitua.” (Cantares da minha terra..., p. 50).”



Em 1762 foi tornado sem efeito o Tratado de Limites, de maneira que os índios dos Sete Povos, violentamente enxotados, pude-

ram regressar aos seus lares. Houve uma breve restauração. Em 1768, os jesuítas terminaram por ser completamente expulsos. Os Sete Povos passaram para a administração colonial espanhola e decaíram rapidamente. Onde antes florescera vida econômica, e cultural de extraordinária riqueza, perambulam agora, degenerando, aos poucos, em semi-estupidez, os descendentes abastardados dos antigos aborígenes. Enquanto lhes puderam tirar alguma coisa, tiraram. E quando nada mais restava para ser tomado, abandonaram-nos a eles mesmos.

Nesse meio tempo, no entanto, continua viva, entre o povo dos gaúchos, aquela aversão pelos restos do homem indígena dos Sete Povos. Também pelos jesuítas já distantes, e por tudo, em geral, que cheirasse a igreja. Durante muitos anos os pastores dos Pampas tiveram fama de serem decididamente antirreligiosos.

Quando, em 1801, Manoel dos Santos Pedroso e Borges do Canto se levantaram, com um punhado de 40 homens, para atacar o exército de ocupação espanhol, que possuía mais de 2.000 homens, verificou-se contarem eles com a anuência entusiasmada dos poderes públicos, do exército e do povo. O milagre de terem podido esses dois aventureiros, com seu punhado de centauros, limpar, em poucos dias, todo o vasto território, de tropas e funcionários espanhóis, esse milagre se explica pelo entusiasmo generalizado que os apoiava e que eles mesmos incarnavam. Representa, ainda e à distância, o último rebento da propaganda bélica artificiosa de Basílio da Gama.

Durante breves meses ficou sendo São Miguel sede das autoridades portuguesas. Não demorou a administração e o comando das tropas fronteiriças foram transferidas para São Borja. Em consequência desse fato, São João decaiu inteiramente. São Nicolau, São Lourenço e São Miguel tornaram-se aldeias sem a menor importância. São Luiz conservou-se cidade pequena. Mas São Borja e Santo Ângelo desenvolveram-se muitíssimo, sendo hoje pontos terminais de viação férrea, e as portas, sul e norte, para se penetrar na região missioneira.



A “Viagem” do Pe. Sepp baseia-se em cartas dirigidas, na maioria, a seu irmão Gabriel von und zu Rechegg. Escritas em 1691, Gabriel inundou publicar, de início, cinco dessas cartas. O original

de que disponho traz a data de 1698, como pode ser verificado pela reprodução da capa, anexa ao seguinte trabalho. Ao todo, supõe-se que a “Viagem” teve quatro edições. Entretanto, o livro se tornou verdadeira raridade. Além do meu exemplar, sei apenas da existência de mais quatro. Sem dúvida deve haver outros mais.

A “Viagem” é o mais antigo documento escrito sobre as reduções do Uruguai e, conseqüentemente, sobre parte do Rio Grande do Sul.

Segue-se “Trabalhos”, como segundo livro mais antigo. Conforme se pode verificar no capítulo XI, as cartas que serviram para a composição de “Trabalhos” foram escritas pelo Pe. Sepp em 1700. Além disso, segundo se infere do título (veja-se o fac-símile e a tradução da capa original), o relato abrange o período de 1693 a 1701. Só foi editado em 1710.

Na obra *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus, Nouvelle Édition, par Carlos Sommervogel, S. J., 1846*, encontramos no tomo VII, à página 1129:

Sepp von Reinegg (sic!), Antonie, né a Kalterno (Tyrol) le 21 novembre 1655, entré de 28 septembre 1674. Il fonda un grand nombre de réductions sur les borde de l'Uruguay, et y travailla jusqu'à un âge avancé, avec un dévouement et un succès qui ont rendu son nonh célèbre dans l'histoire de ces missions. Il mourut chez les Guaranis, dans la mission de S. José, le 13 janvier 1733. — Nos Archives disent: “le 16”.

Em primeiro lugar são mencionadas duas cartas, uma de 24 de junho de 1692, publicada no “*Neuer Weltbott*”, uma segunda publicada nas “*Lettres Édifiantes*”. Também é mencionada a publicação de uma carta de 1701, chegada, porém, somente no ano 1706 às mãos do destinatário, o irmão Pe. Alfonso, a qual foi anexada a uma das edições da “*Reiszbeschreibung*” como suplemento.

A “*Reiszbeschreibung*” é mencionada por Sommervogel como existente em quatro edições diferentes, sempre com título igual, porém com os seguintes anos de aparecimento: Brixen 1696, Nürnberg 1697, Passau 1698, Ingolstadt 1712. Neste relatório ou falta a enumeração da nossa edição de Nürnberg do ano 1698, cujo título aqui reproduzimos, ou a data que, com o lugar de aparecimento, respectivamente, foram mencionados erroneamente por Sommervogel.

A “*Continuatio*” é mencionada duas vezes, sempre concordante em título, lugar de aparecimento e editor, a primeira vez no ano

1709, a segunda vez em “1710 ou (sic!) 11” — de onde se pode deduzir que o bibliógrafo não teve em mãos este livro raríssimo, mas que se baseou na confecção destes dados em notícias de colaboradores.

Na sua “*Bibliographie Historique de la Compagnie de Jésus*”, Paris 1864, o Pe. Auguste Carayon, S. J. cita o nosso autor sob três números:

No 1335 reproduz o teor da “Minha Viagem” tal qual como pode ser lido no nosso fac-símile, menciona porém, - do mesmo modo como Sommervogel! - com o lugar de aparecimento, Nürnberg, o ano 1697.

Segue-se, depois de um parágrafo, o teor seguinte:

“*P. Antonii Sepp Continuation oder Beschreibung der denkwürdigsten Paraguayischen Sachen. Ingolstadt, 1710*”.

Também o Pe. Teschauer menciona no volume I, à página XXI da sua “História do Rio-Grande-do-Sul”, este título.

Não me foi possível verificar - impedido pelas atuais situações irrequietas da Europa - se realmente já no ano 1697 foi publicada uma edição da “Minha Viagem”. Tanto eu como meus correspondentes na Alemanha e França somente conseguiram ter em mãos exemplares editados no ano 1698. Como, porém, encontramos sempre mencionado o ano 1697 deve-se supor que realmente existira uma tal edição, ou desapareceu completamente ou o ano 1697 fora introduzido erroneamente por Sommervogel e Carayon.

A “*Continuation oder Beschreibung der denk-würdigsten paraguayischen Sachen. Ingolstadt, 1710*”, mencionada sob o n.º 1335 por Carayon, no segundo parágrafo, baseia-se provavelmente sobre a carta, acima mencionada, do ano de 1701. Não foi possível descobrir algo desta carta. Quer me parecer que por engano do Pe. Sommervogel entrou um pedaço de papel, com a tradução do título do livro da “Continuatio” no seu manuscrito, e que o Pe. Carayon aceitou esta versão. A data é a mesma da “Continuatio” conforme o nosso fac-símile e não podemos compreender como possa um livro, publicado no ano 1697, ter um suplemento de 1710.

No 1340 menciona o título da “Continuado”, igual ao nosso fac-símile. dando 1709, porém, como ano de aparecimento.

No 1341 menciona mais uma vez o título da “Continuatio” figurando outra vez, como o ano de aparecimento, “1710 ou (sic!) 1711.

Ambos os bibliógrafos estão conformes em relação às duas edições.

Parece existir ainda um outro livro da autoria do Pe. Sepp, cujo título, porém, não é mencionado nem por Carayon, nem por Sommervogel. Dizem que se chama:

Beschreibung der Reise R. P. Antonii Sepp, S. J., aus Tyrol an der Etsch nach Paraguay, Nürnberg 1768.

Talvez seja este livro, editado 30 anos depois da morte de Sepp, um resumo tardio dos dois livros originais.

Somente depois da guerra será possível fixar definitivamente a bibliografia.

Tratando-se dos manuscritos originais, consegui constatar dois fatos:

Na Biblioteca da Universidade de Munique, existe sob o n.º 1275 um manuscrito que começa com as palavras: “o início desta quinta e última carta”, dando a entender que é continuação das cartas descritivas que foram impressas com os títulos de “Descrição de Viagem” e “Continatio”. (Citado pelo Pe. Teschauer, volume II, página 68.)

Na coleção de Angelis na sessão de manuscritos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, encontra-se o manuscrito, com o signo I 29.4.105., intitulado

*Carta
del PADRE ANTONIO SEPP,
Misionero dela Compañia de Jesus
al PADRE GUILLERMO STINGELHAIM,
Provincia dela misma Compañia en la Provincia della Alta Alemania.*

Este manuscrito tem, no final, a anotação seguinte: (*fué publicada en el VII tomo de las Cartas Edificantes de la edicion de Madrid de 1755*).

Esta carta não traz nada no seu conteúdo que não fora mencionado nos dois livros. Trata-se de uma tradução de um original alemão, pois seria de estranhar que o Pe. Sepp tenha escrito, ao seu provincial alemão, em língua espanhola. Trata-se de uma cópia daquela carta, escrita em 1701 e recebida em 1706, mencionada por Sommervogel logo no início da sua bibliografia.

Um catálogo completo dos manuscritos ainda existentes do Pe. Sepp também será somente possível depois da guerra.



Como prova interessante da animada vida literária nas reduções e do fato de que nas reduções foram impressos até livros, juntamos, nas nossas reproduções, uma, que mostra um fac-símile de uma publicação do Pe. Nieremberg S. J., redigida em guarani e impressa em Loretto ou, mesmo, São Miguel, escrita após a “Continuatio”, mas publicada antes da mesma.

Acha-se ela mencionada no livro de J. T. Medina, “Historia y Bibliografia de la Imprensa en el Paraguai (1705-1727), La Plata, 1892”, sob n.º 1, sendo dedicadas onze páginas de texto e 27 chapas à descrição desse trabalho extraordinariamente importante. As gravuras da obra foram “realmente gravadas no Paraguai e o livro impresso em tipos guaranis, verdadeiramente cortados e fundidos pelos próprios índios, sob a vigilância de seus mestres jesuítas”. Os preparativos para a impressão foram começados pelo fim do século XVII, no Paraguai, mas levou-se anos a gravar as matrizes, fundir os tipos e fazer o papel a ser empregado. Em virtude da guerra não foi possível obter-se, do British Museum, uma cópia do exemplar ali existente. O segundo exemplar, único outro conhecido, foi há alguns anos vendido por Maggs Bross., de Londres, pela importância de 750 £-ouro.



Meu amigo A. Reymundo Schneider traduziu para o português a “Viagem”, depois da modernização, por mim feita, do texto original, em alemão barroco e latim litúrgico já antiquado e em parte de difícil compreensão. Os “Trabalhos” foram traduzidos do latim para o português pelos estudantes da Companhia de Jesus em Pareci (Rio Grande do Sul).

Pela elucidação de muitas passagens obscuras, o que só foi possível graças a um conhecimento profundo das condições e situações eclesiásticas daquele tempo, bem como por valiosas indicações e conselhos, expresso aqui meu sincero reconhecimento ao Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., Porto Alegre.

Constituem ambos os livros fontes de primeira ordem. As descrições do Pe. Sepp distinguem-se por uma extrema fidelidade, e foram narradas em tal tom e tal estilo, que sua credibilidade subjetiva e objetiva salta logo aos olhos. Pela maneira de serem dispostas, deduz-se claramente que o autor de modo algum pretendia organizar documentos, antes só desejava contar aos seus, aos irmãos carnisais, aos irmãos de Ordem, tudo o que vira e por que passara. Assim como relatamos as nossas viagens aos entes que nos são caros, sem a mínima intenção de que as nossas linhas possam, algum dia, ser tidas como documentos valiosos. Essa espontaneidade, que se revela em repetições ocasionais, comprova mais uma vez a honestidade de seus escritos.

Não há nada que testemunhe tão bem o estilo, a feição de um homem, de que sua maneira de manejar a língua. A linguagem do Pe. Sepp é admirável, colorida, rica, substanciosa. Revela o homem viril, reto, o homem cheio de humor, o homem de fibra, de caráter íntegro, o homem que tem coração e boca no lugar devido. Testemunha-lhe ainda a veracidade, sua alegria imperturbável, tantas vezes louvada pelo grande fundador de sua ordem, diante do seguinte apontamento de seu caderno de notas: “Quem se dedicou ao serviço de Deus não tem motivos de estar triste, mas todos os motivos de estar alegre.”

Os historiadores espanhóis e os de língua portuguesa consultaram muito pouco o trabalho do Pe. Sepp, quando escreveram sobre o “Estado jesuíta”. Mas valeram-se dele o Pe. Carlos Teschauer, na sua famosa História do Rio Grande do Sul nos dois primeiros séculos”, e o Pe. Guilherme Furlong S. J., em seu trabalho “Los Jesuítas e la Cultura Rio-Platense”.

Para o historiador do Rio Grande do Sul, essas descrições têm, ainda o encanto especial de haverem sido escritas só alguns anos antes das diversas “cartas” e “memórias” dos primeiros lagunistas. Os mesmos conhecimentos que Cristóvão Pereira revela sobre o leste, região litorânea rio-grandense, o Pe. Sepp evidencia sobre a região ocidental, a nona uruguaia. O célebre aventureiro e vaqueano-mor foi observador arguto e admirável escritor. E o brigadeiro José da Silva Pais provavelmente se orientou pelas suas observações, determinando a que fundasse a cidade de São Pedro do Rio Grande. Portanto, ambas as testemunhas se completam, em grande proveito dos nossos conhecimentos sobre a história primitiva do Brasil meridional.

Nesta altura, precisamos também mencionar outro trabalho de autoria do Pe. Sepp. Trata-se do manuscrito de um “regulamento”, atualmente em poder do Arquivo do sr. Alberto Lamego, em Campos, Estado do Rio de Janeiro. Sem dúvida será esse documento publicado e comentado por historiadores brasileiros, num trabalho especial, como o assunto o exige. Aqui, basta citarmos, do 4.º volume da mencionada revista, o excelente estudo “Os Sete Povos das Missões”, de Alberto Lamego, que, às páginas 75-76, comunica o seguinte:

“Temos em nosso Arquivo o original do regulamento feito em 1732 pelo padre Antônio Sepp. Intitula-se: Algunas advertências tocantes al gobierno temporal de los Pueblos en sus fabricas, sementeirias, estâncias y outras faenas...”

O primeiro capítulo refere-se às madeiras que deviam ser empregadas nas construções dos edificios e à época em que deviam ser tiradas das matas.

“Los palos que se usan para las soleras que llaman sararás que se han de cortar siempre en las menguantes de invierno son las siguientes: Apiterebi, Aquí, Anguay, Iruquipintangi, Querandi (es palo amarillo) Isangy, tambien amarillo.

Para las cumbreras de las Iglesias o casa del padre, el Tuxifo, Peropa. Para las cumbreras de las casas de los indios estan bien fuerte Iruquipitangi. Para los postes, Yrundaly, llamado quiebrahachas y tuxifo. Los palos que usan para los sararás tambien se usan para los tixapiritas.

Los Cedros se usan para todas las cosas que han de tener oro y plata y para todo genero de tablas y canoas.”

Trata em seguida do fabrico das telhas. O barro seria amassado como o pão e conservado no barreiro 3 dias, para ser pisado pelos bois, pela manhã e à tarde. Assim as telhas não se quebravam no forno.

Indicava como devia ser feito o telhado, por causa da ventania, recomendando que as telhas colocadas sobre as cumieiras ou ogapirita seriam sempre maiores, bem como as dos canais, por causa da correnteza das águas da chuva.

Por ser muito longo o regulamento a que estavam sujeitos os índios das Missões, apenas mencionaremos aqui os capítulos, por onde se vê como eram providentes os missionários. “*Indece. Faluca. Algodonares. Sementeras. Mays. Herbales. Estancia. Abexas. Trasquila. Bufes. Toros. Repartion dellos. Faenas y repartion de los indios en cuadrillas. Adobes, Barretilas. Palos, como se han tier sobre las ruelas. Texas quemar, Vina, Padaria. Vindemia. Cocimento. Trasegar el vino. Sandias y melones, Modo de sembrar. Cumandas chays. Junas. Taaco. Buyes atar. Hilar para hazer bueno pan en tempo de frio.*”

As terras de cada povo eram divididas em 3 partes e cada uma delas conhecida por um nome guarani.

A primeira, *Tabambae*, pertencia à comunidade; a segunda, *Abambae*, aos chefes de família, e a última, *Tupambae*, propriedade de Deus.

Na primeira, os índios trabalhavam durante 3 dias e as colheitas eram depositadas nos armazéns públicos. Na segunda, trabalhavam os chefes de família e o fruto do seu trabalho era para eles. No *Tupambaé*, o terreno era cultivado, sob a direção de índios laboriosos, pelos rapazes até a idade de 15 anos. Pela manhã, depois de recitar as suas orações, todos eles, com exceção dos que ficavam nas escolas ou nas oficinas, iam para *Tupambaé*, onde trabalhavam até duas horas antes de se pôr o sol, quando regressavam aos seus Povos, para o catecismo.

Tudo o que produzia o *Tupambaé* era recolhido aos armazéns públicos, para ser distribuído durante o ano pelos enfermos, órfãos, artistas, ou pelos que saíam a serviço dos povos.

Todo o algodão produzido nas Missões era, igualmente, depositado nos armazéns públicos e entregue, nos primeiros dias da semana, às mulheres e raparigas que o traziam já fiado e destinado às vestimentas dos neófitos. Os homens usavam o poncho, e as mulheres uma túnica chamada *tipói*.

O que sobrava das colheitas os missionários enviavam para Buenos Aires, recebendo, em troca, máquinas agrícolas, roupas finas, remédios e ornamentos para as suas magníficas igrejas.



De toda a admirável suntuosidade das reduções em território paraguaio e argentino, apenas existem uns restos sem importância - com exceção de algumas obras de arte, conservadas em museus. Em território brasileiro, porém, a ruína da catedral de São Miguel e as esculturas e objetos de arte do museu da própria localidade representam uma sobra de grande valor.

Fala-se atualmente muito em pan-americanismo. Se existe alguma coisa que deve ser enfileirada na galeria da cultura e da história pan-americanas, são os monumentos de São Miguel. A São Miguel deveriam ir os homens do Brasil Setentrional e Central, dos Estados Unidos e dos países do Prata, a fim de conhecer o recanto em que floresceu uma cultura, o lugar que pertence ao painel artístico de toda a humanidade, mas sobretudo ao do mundo americano.

Duas vezes por semana, os aparelhos da Varig, a viação aérea do Rio Grande do Sul, voam de Porto Alegre para a região missioneira.

Logo depois de levantar voo, o avião passa pela foz de quatro grandes rios que se reúnem formando um delta rico de ilhas, para constituir o rio Guaíba, um dos maiores do continente. Depois de quarenta minutos faz-se escala na pequena cidade de Santa Cruz. Após breve demora prossegue o voo, rumo ao oeste, por sobre cadeias de serras variando de 400 a 700 metros de altitude. Estas serranias estão povoadas de colonos que cultivam milho ou fumo e criam porcos. À direita, fica a poderosa queda do Jacuí, ainda inexplorada. Minutos mais tarde se veem extensas campinas, onde pasta o gado. É o planalto de Cruz Alta. Na cidade do mesmo nome faz o aparelho uma segunda escala. Em seguida, são apenas mais 25 minutos, ao longe, aparece a mata virgem do alto Uruguai. Chega-se à localidade de Itaí, o aeródromo mais ocidental do Estado. Este percurso, de 365 quilômetros, leva ao todo, incluindo as escalas, duas horas e meia.

Em mais duas horas de trem, alcança-se Santo Ângelo, a mais setentrional das antigas reduções indígenas.

Em Santo Ângelo, o visitante trava relações com a pequena cidade rural rio-grandense típica. Encontra um movimento relativamente intenso. Das construções imponentes, erigidas pelos jesuítas e indígenas neste local, nada mais resta.

De Santo Ângelo a São Miguel, lugar em que se acham as ruínas e o célebre museu, ainda se percorrem 52 quilômetros.

Aí chegando o visitante vê um esplêndido panorama.

Sobre um outeiro, a ruína da catedral, um castelo rosado de arenito vermelho, brilhando sob os raios do sol da tarde. E a ampla escarpa do outeiro se perde ao longe, coberta de grama verde e manchada de arbustos floridos de todas as cores.

Conserva-se ainda, na fachada principal, uma quantidade imponente de ornatos arquitetônicos. A fatura de meias-colunas e pilastras, de bases e capitéis, de volutas e caracóis deixa perceber como essa construção maravilhosa deve ter encantado, em seu tempo, aos homens brancos e aos indígenas.

À esquerda, ergue-se a torre fendida. Em suas janelas superiores antigamente balançavam os sinos. E no frontispício estava colocado um relógio engenhoso. Da torre direita só se conservam uns restos insignificantes. A fachada entre as torres acaba por uma cumieira, recoberta de duas enormes volutas. Estas vão dar a um tímpano, que antes levava à cruz dourada.

Diante dessa fachada havia um átrio limitado na frente por uma fileira de colunas. Desapareceu a fileira de colunas. Alguns bastidores a circundavam à direita e à esquerda, sendo hoje a parte arquitetônica mais apreciável do templo. Ostentam várias meias-colunas com uma porção de capitéis, compósitos ornados de volutas e folhas de acanto, fechando, em cima, pelos restos da arquitrave ricamente perfilada.

A singularidade arquitetônica dessa construção consiste em não possuir nenhuma coluna livre nem dentro nem fora, mas em estar colocada sobre pilares ricamente ornamentados com meias-colunas e pilastras.

Segundo os seus elementos estilísticos, a catedral corresponde, sem dúvida, aos fins da renascença italiana. Mas de acordo com sua impressão global poderia ser tida, antes, mais na conta de um castelo religioso que de uma catedral.

O material empregado é o arenito vermelho, ligado por silicato. A superfície do arenito brilha, refletindo pequenas placas de quartzo. Os blocos são superpostos, em vez de ligados com cal, porque na época da fundação das reduções ainda não se havia encontrado jazidas daquela substância.

Giovanni Prímoli, o construtor desta catedral, era milanês. Já era célebre arquiteto quando entrou, em 1718, como irmão leigo, para a Companhia de Jesus. Só mais tarde veio a América do Sul. Trabalhou

algum tempo na catedral de Córdoba, construindo depois a igreja dos jesuítas, o colégio e outras dependências que lhe testemunham o gênio. Veio, em seguida, para Buenos Aires, onde construiu o velho Cabildo histórico, do qual ainda se conservam alguns arcos, bem como a igreja de São Francisco, admirada, durante muitos decênios, por suas colunas barrocas.

Chegou em São Miguel em 1735. Era a época do florescimento máximo de todas as reduções. Ali passou nove anos construindo a catedral, sem contar com outros auxiliares, a não ser carpinteiros e pedreiros indígenas.



Depois de 1801, muita construção artística das reduções foi destruída. Mais tarde os colonizadores brancos levaram inúmeras partes do velho material, aproveitando-o para fazer casa e estrebarias. E o mato foi tomando conta do grande templo de São Miguel, durante a segunda metade do século passado. Uma enorme figueira branca apareceu pela torre, a capoeira encheu as naves e os capitéis, os muros se cobriram de flores e arbustos, e as portas se fecharam.

Em março de 1940, o governo federal determinou que se erigisse o Museu das Missões, na velha São Miguel, com o fim de “reunir as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões orientais.

Os muros da catedral foram então libertados de todos os intrusos, vegetais e animais. As pedras foram numeradas uma a uma, desmontadas, limpas e novamente recolocadas, na posição original. O alto dos muros foi recoberto de cimento, para que neles não mais penetrasse a umidade, nem se fixassem outras vegetações. Deste modo, fica seguramente conservada a impressionante construção.

As gravuras anexas mostram o desenho esquemático do pintor J. Judicis de Mirandole, feito em 1881, com o auxílio do Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, hoje propriedade do Seminário Central de São Leopoldo. Outra gravura mostra a situação da catedral em 1846, segundo um desenho que o viajante francês Demersay publicou no atlas de seu livro *“Histoire physique, économique e politique du Paraguay et des établissements des Jésuites”*.



O museu imita as ruas das velhas reduções. Um telhado de pouca inclinação vem caindo sobre os muros simples, de maneira que todo o prédio está cercado por uma varanda aberta. É de notar-se que todos os moradores das reduções podiam percorrer suas cidades através de ruas cobertas, sempre resguardados contra sol e chuva. Como na antiga São Miguel, o telhado do museu está apoiado, na parte anterior, sobre colunas. Os capitéis de madeira destas colunas, espécie de viga transversal talhada, foram copiados dos originais da velha igreja de São Lourenço. As salas se apresentam abertas para ambos os lados de fora, quer dizer: as paredes e as portas do museu são de vidro, de modo que se fica sob o alpendre como diante de vitrines, pelas quais a luz penetra, vindo de trás e da frente. Cada parede transversal, que divide o espaço comprido em várias peças, é rebocada rusticamente, dando, assim, às obras de arte e utensílios aí expostos (estátuas, batis-térios, móveis, sinos) um fundo adequado.

Uma das paredes laterais é anexa à residência do guarda, e também representa cópia fiel de um pedaço de rua duma redução antiga. Ainda aqui, o terraço avança bastante por sobre o muro. De maneira que as portas das diversas peças vêm dar a um alpendre coberto.

Em suma, todo o conjunto de edificações, projetadas pelo arquiteto Lúcio Costa, do Rio de Janeiro, constitui uma solução extraordinariamente feliz.



Restam apenas umas 200 ou 300 estátuas de pedra e de madeira, com que estavam ornadas as igrejas, colégios, praças e ruas das reduções. E deste patrimônio todo, só pequena parte pode ser reunido no museu. Tivemos ensejo de encontrar, em suma, 200 estátuas, ao longo do percurso de Uruguiana a Passo Fundo, fotografando uma por uma. Há entre elas algumas de alto valor artístico. Mostram-se realmente dignas de serem reunidas e transportadas para o Rio, e aí, expostas em museus, se tornarem conhecidas do mundo.

Todo esse patrimônio escultural pode ser dividido em quatro grupos, segundo o ponto de vista cultural-histórico.

Em primeiro plano estão as obras-primas dos grandes mestres. Estas esculturas, apesar de feitas na América do Sul, com pedra ou madeira daqui, constituem, na realidade, produção europeia. Revelam as particularidades nacionais e individuais de seus autores.

Devem ser mencionadas, sobretudo, as duas estátuas de José Brasanelli: um “São Borja” maior que o natural, que até há pouco esteve na igreja da redução do mesmo nome. Esta imagem foi logo reconhecida como obra artística de incontestável valor.

José Brasanelli construiu, como já mencionamos, a catedral de São Borja sobre a qual possuímos várias descrições bastante entusiásticas, seja falando do seu exterior, seja do interior. Também foi ele o artista que criou a enorme estátua do Santo, talhada dum só bloco de cedro e colocada no altar-mor.

Brasanelli foi discípulo dos maiores arquitetos e escultores Romanos da sua época, tendo depois entrado para a Companhia de Jesus e vindo para a América do Sul. Provavelmente também é o autor daquele “São Luiz Gonzaga”, o qual domina ainda hoje o altar-mor de São Luiz (gravura 16). O modo pelo qual foram esculpidas as mãos finíssimas, o manejo do roquete e muitas outras minúcias permitem a conclusão de que Brasanelli seja o autor também desta estátua.

Infelizmente, porém, mais tarde, a fim de torná-las transportáveis, alguém serrou as pernas das estátuas. Ambas conservam ainda o revestimento primitivo, aquela camada finíssima de estuque sobre a qual eram aplicadas as tintas. As tintas foram, provavelmente, retocadas posteriormente, com pouco proveito para as imagens.

Encontramos para estas duas mutilações bárbaras uma desculpa:

Durante o tempo em que milhares de guaranis estavam à disposição, os padres estavam acostumados a lidar com pesos que mais tarde não poderiam ser mais utilizados, devido à falta de população, até que a técnica da nossa época resolveu definitivamente este problema. Assim sabemos que, para ser transportado o quadro de São Miguel para São Lourenço, em virtude de seu enorme peso, fora necessário construir um carro especial. Dos móveis usados nos colégios contou um padre que eram tão maciços que *“dois homens precisavam ser chamados para levantar uma cadeira e quatro para que uma mesa fosse levada de um lugar para outro”*.

Falando da pintura, os artistas da redução sofreram muito pela falta de cores realmente boas. Um autor disse: *“Raras são as tintas que chegam sem ser adulteradas; por isso saem desbotadas as pinturas ou breve perdem a viveza da cor...”*

Se nos lembrarmos de que já nos museus da Europa a pintura das antigas estátuas de madeira apresenta o grande problema da conservação e restauração, como deve ter sido muito mais difícil este problema nas Missões! Onde ainda encontramos hoje restos da pintura primitiva (como por exemplo a douração das vestes do São Xavier no Museu Júlio de Castilhos em Porto Alegre), cremos ter justa razão em sustentar que estas cores, enquanto se conservaram, deve ter produzido uma impressão enorme de riqueza e magnificência.

A este “grupo de obras-primas de mestres europeus” pertencem duas estátuas atribuídas, conforme a tradição oral, ao Pe. Sepp. Estas duas figuras revelam efetivamente a mão de um artista da Alemanha meridional. São o “São João Batista” de n.º 17 e o “São José” de n.º 18. Ambas são obras de uma beleza extraordinária, pérolas legítimas da escultura. Aparecem até dúvidas sobre a autoria destas estátuas, em vista do seu elevado grau de perfeição, que nos aponta tratar-se de um grande artista formado na escola dos grandes mestres da sua época, como Brasanelli, e numa como o Pe. Sepp. De outro lado, porém, seja lícito mencionar, mais uma vez, as palavras do Pe. Furlong, baseadas certamente em fontes verídicas: “Antonio Sepp tan habilidoso en la musica, en la pintura, en la escultura y en la arquitectura, que era el asombro de sus contemporâneos”. Como Pe. Sepp era realmente um gênio universal, escritor, músico, construtor de instrumentos musicais, médico, arquiteto, deveremos nós, também, incluí-lo entre os grandes escultores?

No mesmo número deve ser contado um “Santo Isidoro”. Havia sempre, em todos os campos das reduções, alguma imagem deste Santo, venerado como padroeiro da agricultura. A de que estamos falando indica um mestre neerlandês.

Vem, depois, o grupo das obras de segunda mão. A ele pertence toda a grande massa de obras de qualidade média, confeccionadas segundo esquemas e desenhos de artistas europeus, sob cujas indicações e controle trabalhavam os indígenas. Para estas obras vale o princípio: quanto melhor o índio pudesse imitar, tanto mais nitidamente se exprimiria o caráter do mestre, inclusive todas as particularidades

nacionais. Dedicção, renúncia e capacidade de penetração nos desejos do mestre eram as premissas para o aparecimento dessas obras de arte austríacas, italianas, espanholas e holandesas, formadas por mãos indígenas.

O terceiro grupo abrange as obras em que a técnica e o modelo europeu se reúnem ao espírito aborígene. Ora formas europeias cheias de espírito indígena, ora forma indígena trabalhada com técnica europeia. Foi assim que apareceram numerosas obras sumamente encantadoras, de impressão fantástica, figuras barrocas, no sentido mais legítimo. Para este grupo servem de exemplos: a “N.S. da Conceição”, versão indígena de modelo europeu, carecendo de proporções, mas impressionante em sua monumentalidade, o “Menino Deus” com um cocar e, como trabalho de manufaturas artísticas de primeira ordem, uma poltrona imitando avestruz. Também se contam o já mencionado “São Miguel” tão característico de pura obra indígena, e um “Senhor Morto” muito primitivo, mas de expressividade extraordinária, que encontrei na igreja de São Nicolau, perto de Rio Pardo, e reproduzimos no nosso livro “Rio-Grande-do-Sul - a terra e o homem”. Em primeiro lugar, no entanto, deve ser lembrado um outro “Senhor Morto”, gigantesco, de 2m14, atualmente no museu de São Miguel. É sem dúvida a obra mais importante e de maior valor artístico, entre todas as que testemunham o alto nível daquela cultura missionária.

Chegamos, finalmente, às esculturas relacionadas com o setor da chamada “arte primitiva”. Os selvícolas, antes da entrada dos jesuítas, já possuíam técnica própria de talhar pedra. Temos hoje as “pedras de bugre”, machadinhas feitas de pedra, em que admiramos não só o bom acabamento e aproveitamento do material de origem, mas também a inteligente escolha deste utensílio para a confecção de objetos de utilidade. Estas “esculturas primitivas” revelam espantosa força de expressão, como, aliás, as dos moradores das cavernas da Europa, dos africanos e dos malaio. Sirva de exemplo um “São José com o Menino”. Este trabalho indígena primitivo, de tempos bastante remotos, parece feito por Barlach, por sua monumentalidade e acabamento. Preservado de todas as influências europeias e das variações dos gostos da moda, o antigo talhador de pedra indígena conseguiu um estilo acima de todos os estilos. Atingiu aquele monumentalismo primitivo que pertence à grande pátria única, humana, comum e artística, provenha este ou aquele trabalho de um morador de caverna ou

de um índio, de um cubista italiano ou de um expressionista francês, de um russo ou de um Barlach, o último dos grandes mestres alemães.

Até o presente, só poucas pessoas entraram em contato direto com a arte dos jesuítas e indígenas. E só se explica o fato de ter a historiografia oficial europeia chegado a afirmar que as obras de arte das reduções não passavam de trabalhos de valor mediano, pela despreocupação dos historiadores europeus diante das questões americanas. Porque só mesmo a ignorância justifica a afirmação de que esta arte apenas imitava os modelos europeus, não se podendo nela verificar o desenvolvimento de alguma particularidade. Entretanto, as estátuas por nós classificadas no segundo grupo merecem mais o título de obra de arte do que as estátuas de santos exportadas para as colônias, mercantilmente, pela Europa daquele tempo, traindo o estigma das fabricações em massa, pela simples estampa sobre matrizes.

Mencionaremos, em anotações especiais, os fatos necessários às diferentes esculturas publicadas neste livro.

Como educadores e transformadores de almas, os jesuítas formaram o espírito do índio. Como artistas, tendo alguns saído das mais famosas oficinas do Ocidente, instruíram e vivificaram o senso artístico e as rudes mãos do aborígene. Mas como foi grande a capacidade de imitação, ou, se quiserem, o talento imitativo desses filhos das selvas para poderem competir com os “astros” da arte, como diríamos hoje! Capacidade de adaptação em grau tamanho só podia haver com a existência simultânea de um forte e rudimentar instinto recreativo. E o instinto recreativo gera a fagulha criadora. Quem, diante dos poucos restos daquele patrimônio, antigamente pelo menos dez vezes maior, ousa afirmar que os índios não passavam de mãos concretizando a fantasia criadora dos artistas europeus, não sabe que sentimento e habilidade colaboram juntos, em qualquer processo de criação artística, não podendo ser separados. Eugène Delacroix o formulou com muito acerto, nas seguintes palavras: “*Le métier! Comme on pouvait le séparer, dans tout espèce d’art, de la partie intellectuelle! Comme si, pour arriver à l’esprit, on pouvait se passer de l’habilité, de l’exécution!*”

★ ★ ★

A gravura n.º 47 representa, esquematicamente, a redução de São João Batista, ilustrando como se organizava uma redução e, por conseguinte, o sistema a que obedeciam as demais. Parece ter sido esta redução a que mais tempo se conservou como um todo, podendo, por isso, ser reconstituída pelo testemunho ocular, aos menos no papel. Encontram-se os originais no Seminário Central de São Leopoldo, perto de Porto Alegre. Na vinha se lê: “Vue de Sta. Jean des Missions / Dessiné par / J. Judicis de Mirandole / d’après les informations du Docteur Hemeterio / José Velloso da Silveira / Porto Alegre 1884 / (Assinatura) : J. Judicis de Mirandole.

Em sua obra volumosa “As Missões Orientais e seus antigos Domínios”, (Porto Alegre, 1910), trabalho muito esmerado, o Dr. Veloso, que examinou e estudou detidamente São João Batista, com olhos severos de historiador, artista e patriota, relata:

“Passamos detidamente e por vezes pela praça e pelas ruas quase todas desertas...

“Seguimos contornando a extensa muralha d’a antiga quinta dos padres e tornamos a entrar na praça pelo lado oposto, fazendo nesse circuito mais de dois quilômetros a pé.

Não tomamos apontamentos, mas tudo retivemos na memória, tão fielmente que, ao fim de quase vinte anos, esboçamos uma planta. Com esta, com nossos esclarecimentos verbais, o hábil pintor Judicis de Mirandole desenhou o panorama, que graciosamente no-lo ofereceu...

“... Aí estivemos em 1857 e 1860 e de cada vez desapareciam demolidas várias casas. Nossa última visita foi em 1886, quando nada restava”.

Esta reconstrução, junto com os desenhos de Demersay e as descrições literárias, nos oferece uma visão perfeita do aspecto da antiga redução, de tal modo que podemos reconstruir o cenário diante do qual se desenrolava a vida do Pe. Sepp.

Queremos finalizar a nossa introdução com a descrição minuciosa de uma redução. Nossa narração se baseia nos estudos de dois historiadores (M. Bach e Pfotenhauer) e resume o essencial:

A entrada principal para o colégio encontra-se do lado da praça da igreja, e, às vezes, se acha colocada sob a torre da igreja; atravessando-a entra-se num pátio enorme. Ao redor deste primeiro pátio encontram-se passagens, todas guardadas por corrimãos; de um lado

deste pátio vemos os quartos e salas que serviam de residência para os padres; de outro lado está a igreja; a construção é feita de tal modo que, na época das chuvas, os padres podiam dirigir-se dos seus quartos para a igreja sem molhar-se. Todas as passagens bem como os quartos são cobertas de tijolos. Os telhados são também de tijolos, tudo construído dum modo durador e simétrico, para servir eternamente.

Os quartos são altos, muitos são furados; as portas e janelas são esculpidas e encrustadas artisticamente, conforme costumes antiquíssimos. Atravessando uma pequena passagem coberta, passa-se do primeiro pátio ao segundo, ainda maior do que esse e também cercado por edificios e passagens. Estes pátios são enormes, de maneira a caber, durante as grandes festividades, a povoação de uma aldeia.

O interior contém várias salas enormes, ornamentadas com quadros; entre elas se destaca o quarto do Padre Reitor, onde governa uma meia-escuridão mágica. O quarto é mobiliado com cadeiras, armários, mesas de escrever, etc., e uma porta especial leva, passando por uma segunda galeria, ao pomar. Este quarto do Padre Reitor se encontra na mais importante das quatro alas que formam o colégio. Porém, os outros quartos também nada deixam a desejar em comunidade de espaço.

Abandonando o pomar e atravessando o colégio, entramos no segundo pátio grande, situado ao lado da igreja, o coração da redução. Uma pequena passagem coberta nos leva até aqui, corrimãos e construções o rodeiam em toda a sua circunferência. Por toda parte vemos os vestígios de uma vida animada; aqui está a usina de açúcar, e perto da mesma vemos várias salas, onde se desenrola a fabricação desta dádiva de Deus; nos quatro ou cinco caldeirões vemos inúmeras pessoas ocupadas na refinação; mais além encontramos os ferreiros e joalheiros; ainda em salas especiais trabalham os carpinteiros, marceneiros, os confeccionadores de rosários, veleiros, serralheiros, curtidores, etc.; mais além encontramos trabalhando tecelões ocupados em quarenta e às vezes cinquenta teares; os sapateiros e alfaiates também não são esquecidos: parece um formigueiro legítimo! Em seguida carros e oficinas de carruagem chamam a nossa atenção, bem como os chapeleiros, cardadores e latoeiros. Cada oficina está cheia de ferramentas, tudo o que um operário precisa aí encontra. Algumas oficinas especiais fabri-

cam todas essas ferramentas de ferro, aço, cobre, zinco, pois as ferramentas importadas são inacessíveis devido ao seu alto preço. Também os escultores, talhadores, mecânicos, gravadores e pintores encontram lugar para seus trabalhos nestes edifícios gigantescos.

Casas enormes, construídas ainda do mesmo lado daquela que serve de residência aos Padres, chamam agora a nossa atenção. São os armazéns, onde ficam guardadas as sementes, bem como as colheitas coletivas, são os arsenais das armas e aí também encontramos salas especiais destinadas para a armazenagem da roupa, de joias sem grande valor e de outros artigos de consumo diário. Daí sai e para aqui entra toda a vida da redução; para aqui se escoam os frutos da diligência dos operários e dos lavradores; para aqui são enviados os múltiplos artigos de uma troca magnífica de mercadorias; daqui os Padres distribuem roupa e alimentam aos seus cristãos, cuidando dos mesmos, tanto na paz como na guerra, tanto nos dias de trabalho como nos domingos e dias santos.

WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH

PARTE I

Viagem às Missões Jesuíticas

Tradução de A. REYMUNDO SCHNEIDER

REVS. PES. ANTÔNIO SEPP

E

ANTÔNIO BÔHM

Da Companhia de Jesus, Sacerdotes
de Nação Alemã, sendo o primeiro
nascido no Tirol junto ao Etech,
e o outro da Baviera

Descrição de Viagem

Como os mesmos vão da Espanha
para o Paraguai

e

Breve relato das coisas mais
memoráveis daquela paisagem
Dos povos e trabalhos dos Pes.
missionários que lá se encontram
extraído

Das cartas que o Rev. Pe. Sepp. Soc. Jes.
escreveu de próprio punho

Para proveito diverso

Mandado imprimir por Gabriel Sepp, von und zu Rechegg,
seu irmão carnal

Com licença dos Superiores
Nürnberg

Editado por Johann Hoffmanns / 1698

Tradução da página de rosto da “Viagem”

Capítulo I

PRIMEIRA CARTA

**DATADA DO PARAGUAI, DA CIDADE DE BUENOS AIRES,
NO RIO PARANÁ, NA AMÉRICA, EM 15 DE ABRIL, FESTA DA
SANTA PÁSCOA, O ANO DE 1691.**

AO SUPREMO DEUS, à sua diletíssima Mãe e aos mui amados Santos Anjos, eterno louvor, honra e graças!

Depois que nós fizemos ao mar em Cádiz, no dia 17 de janeiro, dia da Santo Antônio, entramos a toda vela em Buenos Aires, no dia 6 de abril, numa sexta-feira santa.

É impossível exprimir com que júbilo e alegria nos recebeu esse lugar.

Já andava pelo terceiro ano que esperavam pela chegada desses três navios. Os bons moradores desta cidade (ela não é maior do que uma aldeia) e das granjas convizinhas haviam caído em extrema pobreza e mal tinham ainda uma camisa com que vestir-se. Tinham de pagar quatro até cinco Reichstaler por um côvado de linho. Nossos navios estavam carregados com, pelo menos, doze milhões de toda espécie de mercadorias, como ferro, cobre, linho e, até, madeira.

O que tivemos de suportar nesta travessia eu o descreverei mais amplamente na minha descrição de viagem. Porém, só uma coisa devo dizer desde já: Não nos tivesse o Deus misericordioso protegido com sua graça especial e sua bênção, teríamos perdido certamente a metade dos nossos missionários, em número de quarenta.

Que dirá o bondoso leitor do seguinte:

O pão, chamado biscoito, era duro como pedra, sem sal e, o que era pior, cheio de vermes. É que já fora cozido havia dois anos, porque naquela ocasião já deviam ter partido os navios, e o capitão espanhol o havia guardado a título de economia. A água nos era distribuída em mensura, e cada um tinha de satisfazer-se com meia medida por dia, o que era extremamente pouco; por cúmulo, ainda era meio pútrida e de mau cheiro. A carne, do mesmo modo, estava cheia de vermes, de sorte que um pobre religioso por certo não a podia tragar, não o forçasse a tanto a sua fome extrema. No quarto, onde dormia, e que era o melhor, pois era quase o mais idoso de todos, media três pés

de largura e quatro de comprimento. Outros dos meus diletos Padres e Irmãos tinham, até de dormir ao relento, ao vento e à chuva, sobre o castelo (parte superior do navio), onde se achavam em grande perigo, porque, pelos movimentos do navio, facilmente poderia alguém, durante o sono, cair no mar profundo e irado. E o que era pior ainda, eram esses Padres horivelmente molestados e desasseados pelos piolhos de galinhas, porque eram obrigados a deitar-se sobre o poleiro daquelas aves. Aproveu a Deus, portanto, provar duramente os seus fiéis servos na escola da paciência. Não quero falar aqui de como minha rica roupeta de Cádiz estava toda rota, e que me apresentava como um mendigo esfarrapado, nem de como muitas vezes deitei minha cabeça cansada sobre as duras amarras do navio, dormindo, não obstante, bem e docemente, nem de como com as próprias mãos lavei minha roupa e a limpei das pragas, o que diariamente era tarefa indispensável. Tudo isto o bom Deus enviou sobre mim por causa dos meus muitos e graves pecados. Depois, porém, e agora, ele tudo me substituiu e restituiu mil vezes, e não só me assistiu com conforto celeste, mas verdadeiramente com ele me cumulou. Quando vi a terra americana, não pude conter-me de chorar de alegria. Quando desci de bordo e pisei em terra, caí de joelhos e, com os olhos marejados de lágrimas, beijei o solo, e exprimi ao amantíssimo Deus, de todo o coração, as graças devidas, pois ele havia criado esta terra e me conduzira, paternalmente, de países tão distantes, até aqui, são e salvo, através de inúmeros perigos.

Vamos, agora, deter-nos um pouco na tantas vezes citada e por mim tão almejada terra do Paraguai. Antes, porém, ainda algo sobre Buenos Aires:

Este lugar de Buenos Aires, que não é grande, está situado na margem do rio de la Plata. Ali, onde desemboca no mar, mede mais de sessenta milhas de largura, e é mais parecido a um mar do que a um rio. Tomamos de sua água à mesa, sendo ela muito saudável e contribui poderosamente para a digestão. Também pode alguém comer frutas, tantas quantas queira e tomar depois desta água, que não lhe fará mal algum. As casas são todas de um só andar, e não são de tábuas, nem de pedras, mas construídas de determinados torrões de terra e duras vigas de barro. Por isso mal duram sete anos, ruem facilmente e caem por terra. Os telhados são de junco. Há cinco anos, os nossos Padres descobriram cal, bem como a maneira de queimar

tijolos e telhas. Eis por que o telhado do Colégio não é feito de palha, mas de telhas, como na Alemanha. Da pedra referida estamos construindo agora uma torre. É o começo duma igreja e finalmente se porá também mãos ao Colégio. Aqui não há, como em casa, matos e capões de árvores silvestres ou infrutíferas, como carvalho, pinheiro, bétula, faia, abeto ou outra lenha comum. Em contraste, porém, encontrarás matas inteiras de pessegueiros, amendoeiras, figueiras, ameixeiras e outras árvores, semelhantes. E esta, madeira frutífera a gente queima na cozinha. Quando alguém quer possuir um capão, nada mais precisa do que semear as pevides das referidas árvores frutíferas, assim como lá em casa se semeia o grão. Crescem logo e dão fruto já no primeiro ano¹, o que realmente é de admirar-se. Eu mesmo colhi hoje figos duma árvore, cujo tronco era tão grosso que não podia abraçá-lo. As maçãs, os pêssegos e as ameixas já terminaram. A terra, nota bene, é tão fértil, que por toda parte encontrarás uns doze a quinze mil bois e vacas, dos maiores e mais bonitos, deitados no capim ou pastando. São livres e não fazem parte de nenhum rebanho. Se te aprouver carnear uma rês, basta ires ao campo, atirar-lhe uma corda pelos chifres, trazê-la para casa; pertence-te. Nosso Colégio, recentemente, mandou reunir 20.000 cabeças de gado e o vendeu por 12.000 Talers. Portanto, a cabeça sai mal por um *Gulden*. Não seria isto um alto negócio para os mercadores de gado e corretores da Europa! Nestes bois e touros, que são extraordinariamente crescidos e todo brancos, a gente só considera o couro e quiçá também a língua. A carne, que sobrepuja a das reses húngaras², deixa-se abandonada no campo, como pasto para as aves de rapina e os cães selvagens. Poderás encontrar, por vezes, três a quatro mil desses cães selvagens juntos, esperando pela carniça. Não a encontrando, devoram os terneirinhos das vacas e causam grande dano. Os terneiros são tão grandes como os nossos touros de três e, quatro anos, tendo a carne gorda e macia. Há tantas perdizes³, que, quando viajares pelo campo, não precisas levar provisão, a não ser pão e sal. Podes abater as perdizes com um pequeno porrete, como lá em

1. O Pe. Sepp foi, naturalmente, vítima de alguma lenda.

2. A carne de boi húngaro é ainda hoje considerada na Áustria, e particularmente em Viena, das mais finas e delicadas

3. Quando fiz, de automóvel, o percurso de São Miguel para Santo Ângelo, bandos cerrados de perdizes erguiam voo, junto à estrada. Meu chauffeur, mesmo sentado ao guidão, atirava de revólver no meio do bando. Posso confirmar, portanto, o que disse o Pe. Sepp. À noite, chegados ao hotel de Santo Ângelo, mandamos que nos assassem a caça. As perdizes eram de sabor delicadíssimo. É verdade que mal tinham metade do tamanho de uma galinha.

casa, em Fueszen,⁴ se faz com as galinhas. Têm o tamanho das nossas galinhas. O amado pão diário é do melhor trigo, bem branquinho, e é comido sem sal, parte porque é este o costume dos índios, parte por ser o sal muito caro. *Nota bene*: há aqui índios e negros (ambos bons católicos) e espanhóis. Os índios só comem carne de rês, sem pão e sem sal, e quase crua. No campo aberto, atiram o laço⁵ em direção dum boi, com uma faca grande cortam-lhe um nervo na pata traseira, de modo que o animal tem que cair. Depois, cravam a faca referida na cabeça do animal, atrás, na nuca. Após o terceiro golpe, a rês deixa de viver. Cortam-lhe, então, o pescoço, atiram-lhe a cabeça fora e a estripam.

Isto tudo é feito rapidamente, numa metade de quarto de hora. Nesse meio tempo, outros índios fazem um fogo de arbustos de cardos, e enquanto aqueles estripam o animal, estes já cortam, com suas facas compridas, pedaços de carne daqui e dali, espetam-na em varas de pau, mantêm-na um pouco sobre a fumaça e o fogo, mal deixam que ela esquente e já a enfiam na bocarra voraz, devorando-a de tal modo que o sangue escorre por toda parte. E tão voraz é este povo

4. Cidadezinha da Baviera, às margens do Lech.

5. Pertencendo à fronteira rio-grandense e, do ponto de vista geográfico, à região platina, e sendo esta zona pecuária por excelência, todos os dados desta nossa testemunha clássica sobre o assunto possuem valor enorme. O Pe. Sepp caracteriza o gado vacum da zona platina como “excepcionalmente grande”, e frisa que excetuando o couro, em nada mais pode ser aproveitado. Mais tarde fala nos chifres extraordinariamente grandes das reses e corrige sua primeira opinião sobre a qualidade da carne, contando que os índios só consumiam vacas e terneiros, porque lhes parecia muito dura a carne de boi. Nestes dados a “raça franqueira”, que naquele tempo povoava os pampas, está descrita com bastante exatidão. Durante dois séculos se fora constituindo e formando de gado vacum importado. Este tronco deve provir do gado da Podólia, que por sua vez procede de Ur. Por causa dos incessantes cruzamentos, desapareceu a raça franquera. Às vezes algum exemplar daquele tipo é encontrado no Rio Grande do Sul, diante das carretas de boi. E consta haver, em certas zonas de Minas Gerais, vários espécimes puros, com todas as características da raça.

O método de pegar o gado com laço continua, ainda hoje, sendo o habitual. Mas abandonou-se, há muito, o sistema de derrubá-lo, “cortando-lhe com uma faca comprida o tendão da pata traseira”. Era um processo usado pelos gaúchos argentinos, esse de operar a cavalo, munidos de um instrumento em forma de lança, terminando por um gume de meia-lua. A matança pela cutelada na nuca do animal é a que se faz, até agora, em todas as charqueadas. E, correspondendo ao método clássico dos índios, abre-se o pescoço e decepta-se a cabeça. Conservou-se mesmo aquela rapidez no processo, que despertou a admiração do Pe. Sepp. Lendo-se também as palavras cortam a carne, com suas facas compridas, e a enfiam em espetos de pau”, quem não se lembra do churrasco dos gaúchos preparado, nos campos rio-grandenses, exatamente como o descreve o jesuíta? Como informação complementar, seja mencionado que a salmoura bem forte e o assar cuidadoso da carne constituem hoje condição essencial no preparo do churrasco. A respeito dos primeiros passos no comércio de couro, para o qual a terra gaúcha contribui com o chamado “couro rio-grandense, comparem-se os dados posteriores com as respectivas anotações.

selvagem indígena, que, enquanto um quarto de boi vai assando dum lado, vão cortando pedaços do outro. Assim, o assado já é devorado enquanto se assa. Dois índios devoram com facilidade um boi todo, em uma ou duas horas. Naturalmente só a carne, porque jogam fora cabeça, intestino, patas e todo o resto. Isto a ninguém parecerá inacreditável, quando ler que tipo de glutões eram, há tempos, um Calígula, um Máximo, um Avício Milo, e o último abateu um grande boi com o punho e o devorou, só e sozinho naquele mesmo dia. Depois desta sua refeição bestial, os índios se atiram nus na água fria, para que o estômago possa digerir melhor, para que o frio exterior não deixe escapar o calor interior do estômago. Outros, ao contrário, deitam-se de barriga na areia quente e dormem, até que tenham digerido e cozido a carne. Então tornam a voltar ao campo, pegam outra rês, abatem-na e a comem como a anterior. Esta voracidade faz com que sua idade mui raramente ultrapasse os cinquenta anos. Porque todos eles morrem de vermes, que se lhes formam na barriga, provenientes da carne crua e insossa, de modo que o estômago não pode digerir suficientemente.

De resto, são estes paraguaios cristãos muito bons e piedosos, a ninguém submissos a não ser aos nossos Padres, amando-nos assim como o filho ama ao pai. Somos nós que os vestimos, instruímos e educamos. São muito aplicados e imitam tudo que veem. Vi o manuscrito dum índio e pensei tratar-se de impressão de Colônia ou Antuérpia. Fazem relógios de bater, clarinetes e trombetas tão bem como se faz na Alemanha. Não há que eles mais apreciem do que a música. Quando lhes mostrei meus instrumentos e composições da Europa e quando lhes toquei um pouco (porque muito não sei) em gratidão a Deus por todos os benefícios, não puderam conter-se e quase me adoraram como a um deus. Sessenta músicos, com toda espécie de cornos, pífaros e charamelas americanos, vieram ao nosso encontro para receber-nos, e cantaram nada mal o "*Te Deum Laudamus*". A mensura ou o compasso, um deles marcava com uma bandeirola, o que era muito engraçado de ver-se. Regalei todos esses músicos com diversos presentes, como espelhos, anzóis, brincos de vidro, imagens e estátuas de *Agnus Dei*. Consideram isto muito mais do que ouro e prata. E, resumindo:

Eu, com outros vinte Padres, vamos ser enviados, post dominicam in albis, de Buenos Aires para mais de 200 milhas para o interior do Paraguai. Ali se acham as nossas reduções, aldeamentos ou

povos, de que há vinte e quatro. Em cada uma dessas aldeias, os nossos Padres têm que cuidar de cinco a quinze mil almas. Por certo, nenhum vigário com todos os seus coadjutores precisa, na Alemanha, pastorear tão grande número de almas. E sem falar que ainda temos de cuidar do corporal. Cada família recebe diariamente tanto e tanto de carne, pão e farinha, porque, se se lhes deixasse toda provisão, terminariam devorando tudo no mesmo dia. Bem, mas a este ponto tornarei em outra oportunidade.

Capítulo II

AMPLA DESCRIÇÃO DE VIAGEM, EXTRAÍDA DUMA CARTA DO R. Pe. ANTÔNIO SEPP, S. J., ESCRITA NA REDUÇÃO DE JAPEYU, SOB A PROTEÇÃO DOS TRÊS SANTOS REIS, AOS 24 DE JUNHO DE 1692.

DIÁRIO DE VIAGEM

Se aprouve à infinita misericórdia de Deus enviar-me a mim, criatura ingrata e grande pecador, da Europa, para o quarto continente, a América, também quis Ele continuar manifestando em mim, fraca criatura, o seu braço poderoso. Assim pois Ele me guiou através de penosas e longas viagens, numerosos perigos do corpo e da vida, através do mar por naufrágio ameaçador, através da terra por ciladas mortíferas, e me trouxe, são e salvo, a 6 de abril de 1691, ao Paraguai, tão longamente ansiado.

Vindo de Trieste, cheguei a 9 de julho de 1689 a Gênova, depois de haver escapado de dois grandes perigos, a saber do saque das coisas do meu uso e dum atentado assassino contra a minha vida. De Gênova viajei pelo Mar Mediterrâneo através de naufrágio iminente e entrei felizmente em Cádiz, a 11 de setembro, após passar as colunas de Hércules. Em Sevilha, então, esperei por um ano inteiro pela partida dos navios. Finalmente, no dia 17 de janeiro de 1691, na festa de Santo Antônio Abade, largamos velas e de Cádiz nos fizemos ao grande Oceano.

Éramos quarenta e quatro missionários de diversas nações, espanhóis, italianos, neerlandeses, sicilianos, sardos, genoveses, milaneses, romanos, boêmios, austríacos. Entre eles, eu, um tirolês e meu fiel companheiro Padre Antônio Adão Bôhm. Deste noticiarei mais tarde, de seu zelo insaciável de almas, como foi enviado pelos superiores a começar uma nova missão entre o povo selvagem dos Yáros⁶; como ele se esforça e vive entre esses bárbaros na maior necessidade e pobreza, sim, como se já estivesse pronto a conseguir uma gloriosa coroa do martírio pelo derramamento do seu sangue. Pois quis um cruel bárbaro roubar-lhe a vida, e isto ter-se-ia realmente verificado, não tivesse o

6. Com referência ao nome Yáros, veja-se o Capítulo I de “Trabalhos”, onde Sepp conta aos leitores alemães que, na língua indígena, o Y equivale a tch. Quer ele salientar que a letra Y deve ser pronunciada como, no francês, o g diante de e e i. Em português, portanto, o nome deveria ser grafado Jaros.

Deus providente reservado o seu fiel servo para a conversão de muitas almas ainda. Assim, porém, um índio obstou ao cruel autor e impediu a mão ávida de sangue. Era um índio batizado e de grande estima minha, natural do meu povo, de cujo meio estou agora escrevendo esta carta. Do Padre Antônio mesmo, como disse, escreverei mais tarde, para consolo e estímulo dos mais jovens, cujos corações estão cheios do zelo para irem à índia, bem como para consolo da digna senhora mãe e toda a nobre família do referido Padre Antônio.

Eram três grandes navios e bem providos de toda espécie de munição de guerra. Todos levavam 50 a 60, sim, até mais peças de guerra, O navio maior “Capitânea”, era comandado pelo Senhor Dom Antônio de Retána, o “Almiranta” pelo senhor Dom Antônio Gonzalez. O “Pinque”, assim se chamava o terceiro navio, era também comandado por um espanhol. Todos os três capitães eram originários da Biscaia, a pátria de Santo Inácio. O “Capitânea” levava o cognome “*de Sanctissima Trinitate*”, enquanto o “Almirante” era cognominado segundo a Mãe Dolorosa “*de Christo Nazareno et matre dolorosa*”.

Embarcamos neste “Almiranta”, e conosco os senhores governadores de Buenos Aires, Assunção e Chile, além da senhora governadora com seus filhos. Vinham conosco ainda diversos negociantes, caixeiros, barbeiros, escravos pretos ou negros, negras, duzentos soldados, cem marinheiros e toda espécie de gente vil, trapalhões e gentilha.

É de anotar-se aqui que a Providência Divina havia destinado a nós Padres o navio das Sete Dores. Pois foi a Mãe Dolorosa que nos guiou, após incontáveis dificuldades e sofrimentos, são e salvos, ao rio de prata de Buenos Aires. O que tivemos de sofrer sobre este navio, só o Deus Onisciente o sabe. Quero apenas descrevê-lo indicativamente:

O lugar que o capitão indicou para um padre era tão pequeno, que aí não se podia nem ficar parado, nem caminhar, sim, mal dava para se deitar. Media dois e meio pés de largura e cinco pés de comprimento. Sim, o meu caríssimo Padre Antônio Bôhm e um Padre da Áustria não tinham lugar suficiente, para que, de noite, pudessem estender as pernas. Embora outros padres, que não eram de tão grande estatura, quisessem trocar com o Padre Bôhm, o santo homem não pode ser convencido a que o fizesse. A janelinha, pequena como janela de cozinha, mal nos proporcionava os queridos raios do sol, porque tinha que ser mantida fechada o maior tempo, para que juntamente

com a luz do dia, não penetrassem as ondas revoltas do mar e nos preparassem uma triste hora de morte.

Mau cheiro insuportável e mau odor reinavam sobre o navio. Provinha da sentina, onde se junta toda imundície. E o cheiro que deixam camundongos e ratos, dos quais havia várias centenas sobre o navio, alguns do tamanho de gatos - o cheiro que eles deixam, quando fizeram as suas ninhadas, pois bem, todos o conhecem. Nossas rosas e violetas - eram as cebolas e o alho da marujada voraz; nosso incenso - eram os cachimbos dos soldados; perfume de almíscar e âmbar de nossa farmácia - era o poleiro com suas 600 galinhas e o redil das 280 ovelhas, sem esquecer outro redil, onde havia 150 a saber: porcos. Tudo isto estava previsto como provisão só para o nosso navio, e com isto - tivemos que passar fome! Em lugar desta carne fresca tínhamos que consumir carne podre e fedorenta, posta em conserva no ano anterior, quando o navio devia fazer-se a vela. O mesmo se deu quanto ao caro pão, pois era duro como cascalho, sem sal, cheio de vermes, pois era também do ano anterior; era um pão duas vezes cozido e por isso chamado de biscoito. E a causa? A poupança do capitão! A este, o Deus justo castigou no próprio navio, pois lhe morreram diariamente seis a oito galinhas, bem como ovelhas, e irrompeu uma peste entre os porcos, de sorte que tudo tinha que ser lançado ao mar para pasto dos peixes, o que se havia pago com muito dinheiro para servir de alimento aos homens.

Não quero falar muito aqui da água potável, que muitas vezes fedia como se fosse dum lodaçal. Como rendíamos graças ao céu benevolente, quando chovia e podíamos recolher a água de chuva em chapéus, baixela e outras vasilhas! Também não quero falar de outras dificuldades, que nos impunham as moscas, os percevejos e as pulgas. É mesmo de admirar-se como tais bichinhos tão pequenos e fracos possam encetar viagem tão longa e possam navegar, quais negociantes ávidos de dinheiro, pelo alto mar afora, partindo do velho para o novo mundo.

Quantas vezes não me serviu uma amarra enrolada de duro recosto para minha cabeça! Quantas vezes não remendei minha batinha, que mal ainda sustinha os fios! Quantas vezes não lavei eu mesmo minha roupa de linho! Mas ao Supremo Deus seja dado eterno louvor e graça! Pois Ele sempre fortaleceu o espírito em todas essas e outras contrariedades semelhantes. Doce consolo celeste fez Ele chover abundantemente na afana. Durante a maior parte do tempo fez Ele

soprar uma fresca brisa em nossas velas, tocou o navio para a frente como uma flecha, não permitindo que fosse bater num recife ou em bancos de areia.

A 18 de janeiro estávamos ainda com Cádiz à vista. Vieram então os Rev. Padres e Frades do Colégio ter conosco em pequenos navios, abraçaram-nos e deram-nos carinhosamente o último adeus. Era bonito de ver-se em alto esses pequenos navios, em número incontável, que se aproximavam dos nossos navios grandes, que pareciam castelos e burgos. Estavam todos carregados com mercadorias, uns com frutas, outros com pão; As tripulações faziam cortesmente aos senhores capitães, governadores e padres missionários a costumeira celeuma espanhola: *“Adiós Cavalleros! Buen viage! Buen Passage! Adeus, Cavalheiros! Boa viagem! Vento in popa! Vento na popa! Mar bonanza! Mar bonançoso!”*

Respondíamos a esse vozeiro alegre com o rufar e os assobio dos soldados, com o agitar das bandeiras, com o som marcial das clarinetas, com o troar dos mosquetões e dos canhões. Cada navio deu uns vinte ou trinta tiros. Ocasionou isto alegre estrondo e faceiro ribombar em alto mar. Pusemo-nos então a barlavento e perdemos Cádiz e a Europa de vista, sem, entretanto, desaparecermos do coração e da memória dos nossos Rev. Padres e Frades, dos nossos amigos e conhecidos. Em vez do *“Provehimur portu, montesque urpesque recedunt”* rezamos o Itinerarium costumeiro. Encomendamos-nos a Deus, a mãe amada, aos santos Anjos dos navios e dos mares, e rezamos pelas pobres almas, dos que naufragaram e pereceram afogados neste Oceano. É esta uma devoção e praxe muito útil entre todos os que atravessam os mares.

No dia 19, ao sol-pôr, observei, pela primeira vez, como o grande luzeiro do Universo, chamado Phoebus nos trabalhos dos poetas, mergulha no mar com seu carro e cavalo, escondendo-se, então, por detrás das argenteas montanhas líquidas. É como o cantam os cantores das fábulas. Na realidade, porém, pareceu-me o globo solar, como aliás em outro tempo também a luta, muito maior como costumamos ver os corpos celestes na Alemanha.

No dia 20 fizemos um bom trecho, e nesta noite fizemos 60 milhas.

De 21 a 24 de janeiro perdurou o vento norte, que soprou lentamente todas as velas e nos tocou em linha reta mais de 30 milhas para as Ilhas Canárias, que distam 500 milhas de Cádiz.

No dia 25, dia da Conversão de Paulo, irrompeu inopinadamente, pela manhã, violenta tempestade: Pela meia-noite começou o céu a grunhir e rosnar, grossas nuvens escuras cobriram a estrela polar, os ventos zuniam e bramiam terrivelmente, o mar começou a crescer e as ondas a espumar. O navio entrou a estalar, sendo ora guindado sobre o alto duma montanha líquida, ora jogado no fundo dum vale de ondas. O oficial do leme não podia mais governar o navio, o patrão gritava, mas ninguém o ouvia. O capitão andava como louco, os marujos empalideciam, todos tremiam, mas ninguém podia ajudar. “*Misericórdia! Misericórdia!*” gritavam todos. Estávamos em grande perigo, até que, finalmente, a Mãe de Misericórdia, a verdadeira Estrela do mar, nos luziu novamente e transformou o relâmpago na amada luz do dia, a fúria dos ventos em calmaria, as ondas bramantes, iracundas e espumantes num espelho liso. Só um dos navios sofrerá avarias: A tempestade cruel lhe quebrara o mastro pelo meio, embora fosse tão grosso, que eu não pudesse abraçá-lo com os dois braços. Nosso navio ficou incólume, porque nosso nauta, com sábia providência, havia feito recolher imediatamente as velas de vogar, quando o céu começou a descarregar a sua ira em raios. Porque no mar são as velas os maiores inimigos dos ventos, e o elemento mudo lhes tem ódio porque são só elas que lhe opõem resistência e se não querem submeter ao seu regime. Por isto, em perigos semelhantes, o melhor, ao primeiro risco, é recolher imediatamente todas as velas, amarrá-las e descê-las pelo mastro, humilhando-se, portanto, na profundidade até que tenha passado o orgulho dos ventos e tenha cessado a fúria. Porque, quando esta fúria chega a pegar as velas, então acabou-se, meu negociante ou marujo, por cem e outros tantos anos! Porque, então, o navio sossobra e se despedaça!

Nosso Procurador levava consigo uma pequena sineta de Sanctus, chamada de *Kaloko*. Uma sineta destas pode muito contra o tempo borrascoso, porque até aonde for audível seu som não cai o diacho do trovão. Por isso, tocamos a sineta logo que começa a relampejar, estando, então, seguros contra todo perigo.

Vem daí o seu poder: Há muito tempo, ouviu-se no México, por debaixo da terra, um sino extremamente grande, que se tangia a si mesmo. Não se sabe se os santos Anjos trouxeram esse sino do céu, em todo caso começava sempre a tocar, logo que o céu iracundo ameaçava a cidade ou os seus habitantes com um terremoto. E até aonde era ouvido o som desse sino, até agora ainda não caiu pedra.

Fizeram-se, depois, diversos sininhos do mesmo metal⁷. Estes sininhos, para que fosse espalhada a sua utilidade, eram, por vezes, doados a pessoas de elevada posição. Um deles era o nosso, como aliás todos os Procuradores, que vinham das índias para Roma atravessando os mares, costumavam trazer um consigo.

No dia 26 alinhamos novamente os navios. O *Capitânea* saiu voando a toda vela; seguia-se o nosso *Almiranta* com a mesma velocidade. O *Pinque*, a partir deste dia, atrasou-se em seis a oito milhas, porque estava muito avariado e desigualmente carregado. Não se afastou, porém, nunca de nossa vista. Portanto, nos dias 27, 28 e 29 prosseguimos galhardamente na viagem.

No dia 30, pela aurora, o vigia costumeiro gritou alegremente da ameia do navio: “*Cavalleros, Tierra! Tierra!* — Terra! Terra!” Convém saber-se que na ponta do mais alto dos mastros um vigia guarda dia e noite. Este precisa observar com os olhos e com o óculo de alcance todo o mar e descobrir se no horizonte surgem velas ou navios, quer sejam piratas, amigos ou inimigos, ou descobrir terra, ou montanhas ou rochedos. Se observar navios, içar uma bandeira vermelha, e segundo o número deles faz-se fogo com o mesmo número de peças. Seguem-se-lhe imediatamente os outros navios com o içar das bandeiras e o fogo dos canhões. Atrasando nisto um dos navios por descaso, precisa o capitão desse navio pagar grandes multas. Porque é preciso evitar todo o perigo.

Como disse, vimos terra a 30 de janeiro. Era o tão célebre monte e rochedo chamado “Pico”, do qual dizem ser o mais alto. Estava no meio do mar, todo sem árvores ou arbustos verdes, completamente calvo e nu e ininterruptamente coberto com uma touca nebulosa, horrível de ver-se. Este Pico já é conhecido dos nossos matemáticos como ponto de observação da latitude polar.

No dia 31, o último de janeiro, já estávamos a sete graus de Cádiz, quando chegamos felizmente nas ilhas conhecidas em todo o mundo como as “Fortunatas”, as “ilhas afortunadas”, chamadas também de Canárias. À esquerda, passamos pela Ilha Tenerife, à direita, pela Las Palmas. Contamos 7 ilhas, todas localizadas sobre a 28ª altitude polar. Tenerife e Las Palmas são povoadas. Os padres do Pai Seráfico São Francisco têm ali um lindo convento. Dizem os espanhóis superar o suco das uvas canárias todos os outros vinhos, sendo uma

7. Ou o Pe. Sepp se esqueceu de falar desse metal, ou a parte correspondente se extraviou, no momento da impressão.

bebida dos deuses. Os pequenos músicos da Ilha Canária, vestidos de plumagem pardo-amarela e nívea, cantam eles próprios os louvores de sua terra natal. Posso, por isso, passar em silêncio sobre o assunto. Só que a Ilha Palma não posso deixar sem referência. Da minha pena, todavia, devia antes jorrar sangue fresco e vermelho, em vez de tinta, porque sob estas palmeiras o combativo Padre Inácio de Azevedo colheu, com uns trinta heroicos companheiros, a palma gloriosa de sua morte pelo martírio⁸.

A nós Padres Missionários, infelizmente, só foi dado poder reverenciar à distância, com o mais íntimo e carinhoso acato de nossa mente, o sangue rubro nas ondas verdes do mar. O consolo, que com isso tive, só podem senti-lo aqueles reverendíssimos Padres e caríssimos Irmãos, a quem chamamos de “Candidatos para as índias”⁹ *Eja, Fratres, animemus nos et non degeneremus a prae excelsis cogitationibus maiorum nostrorum; adhuc Palmae virent sanguine nostro irrigandae, ne arescant.* (Ó irmãos, animemo-nos e não nos desviemos das cogitações excelsas dos nossos maiores; ainda verdejam as Palmas, que deviam ser irrigadas com o nosso sangue, para que não feneçam).

8. O padre se refere aos conhecidos “Quarenta mártires do Brasil”, aos quarenta jesuítas que, em 1570, foram cruelmente sacrificados na Ilha de Las Palmas, pelo pirata Jacó Soria. Mais tarde foram beatificados. Vinham sob a direção do jesuíta português Inácio de Azevedo. A respeito do número dos martirizados conta a história que, entre os quarenta jesuítas, os piratas pouparam um só: o cozinheiro. Provavelmente não tinham quem lhes soubesse preparar boa comida, e queriam ter o Irmão cozinheiro trabalhando para eles. Ora, com os missionários embarcara um jovem sobrinho do almirante. Tinha o moço a intenção de ingressar na Companhia de Jesus. Quando viu os padres assassinados, banhados em sangue, despiu rapidamente a roupeta de um dos cadáveres, e a vestiu. Sofreu assim, também ele, a morte pelo martírio, ficando completo o número dos quarenta.

9. O missivista quer dizer que só podem sentir com ele e como ele os membros da Companhia de Jesus destinados às Missões indígenas, os que seguem o caminho Inácio de Azevedo, caminho que o próprio Pe. Sepp está iniciando. E dirigindo-se diretamente a esses irmãos da Ordem, estimula-os, em comoventes palavras escrita em latim, a que prossigam nas tradições gloriosas da Companhia de Loyola.

Capítulo III

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM

MÊS DE FEVEREIRO

A 1º de fevereiro tivemos vento fresco pela popa. No dia 2, festa de Nossa Senhora da Candelária, alterou-se o tempo. Um Padre neerlandês fez os últimos votos. Queríamos fazer música para essa cerimônia. Não conseguia manejar minha tiorba¹⁰, porque o mar tempestuoso estava muito inquieto, permitindo apenas que se tocassem as clarinetas e as trombetas e que troassem os canhões, que fizeram fogo. Para abrilhantar a festividade, um negro e escravo do senhor governador Dom Augustin de Robles foi lavado na água do Santo Batismo.

No dia 3 chegamos ao Círculo do Câncer, portanto na zona tropical e quente, onde o maior calor costuma arder sobre a cabeça. Desta vez, por especial disposição de DEUS, soprava um vento fresco dó norte, que tudo refrescava, de modo que era como na Europa no tempo agradável da primavera.

No dia 4 vimos uma porção de peixes voadores, que nos seguiram toda uma milha, até que finalmente desapareceram nas águas. Para nos preparar uma refeição, refrigerante, manejam os marinheiros anzóis na ponta de varas compridas. Nestes, em vez da isca, prendiam pequenas peninhas brancas. Erguiam então as varas ao ar. Quando os peixes vinham voando, abocanhavam logo as peninhas brancas, imaginando fossem alburnetes pequenos, que são seu alimento. Logo ficavam presos nos anzóis e se tornavam presas dos pescadores. Pagavam assim com o próprio couro a rapinagem que pretendiam cometer.

A 5 de fevereiro, festa dos Santos Mártires Japoneses, um noviço fez os seus votos ao DEUS onipotente, sendo assim incorporado na companhia. Os Padres comungaram, porque noutros dias só dois podiam celebrar diariamente o santo sacrifício da Missa.

10. Tiorba, teorba ou diorbey — instrumento de música (baixo), de cordas, semelhante ao alaúde, porém maior.

Hoje, dia 6, passamos felizmente ao largo das Ilhas do Cabo Verde. Têm esse nome em razão da linda relva verde, que cobre a terra como um tapete verde e isto durante o ano todo, não obstante estar essa relva, nesta zona tórrida, exposta continuamente aos raios solares.

Este lugar é muito insalubre, por causa da grande umidade e dos vapores nauseantes que sobem dos charcos e lodaçais. Há poucos anos, oito missionários, com alguns soldados e marinheiros, desceram à terra, e comeram os frutos das palmeiras, melancias e laranjas, porque não havia outra coisa. Foram frutas caríssimas, que nada deram aos homens mas lhes tiraram a vida¹¹! Todos tiveram que beijar a terra e deixar a vida em Cabo Verde, com prejuízo das províncias paraguaias. Por isso, levávamos ordem severíssima de não pôr pé na terra; demos, portanto, as gambias e saímos daí feito flecha. Achavam-se no navio alguns negros, naturais das ilhas. Dois deles eram meus *discipuli* na trombeta. São completamente pretos, só os dentes são brancos como neve. Ambos me contaram algo de sua pátria, que tinham um bispo, tão preto quanto eles, e que os cônegos e os padres, que liam a missa, também eram pretos. Só os padres da Sociedade - o Colégio faz parte de Portugal - eram brancos. A gente branca era desprezada e só os pretos tinham consideração, e quanto mais preto fores, tanto mais bonito és. Hoje floresceu um narciso particularmente lindo em nosso pequeno jardim, que trouxemos da Espanha, para criar no Paraguai diversas espécies das flores. Nossa videira moscatel¹², pela qual tínhamos grandes receios também começou a brotar. O jardim ainda carrega algumas flores.

Do dia 7 a 12 fizemos um bom trecho. Estávamos só a seis graus da linha equinocial ou equatorial. Mal ainda podíamos ver a Estrela Polar e a Ursa-Maior ou a Barca-do-Norte.

Nos dias 13, 14 e 15 vimos diversos monstros marinhos. Um peixe muito grande voou como águia por cima dos nossos navios. Um outro os pescadores pegaram na água. Parecia um lobo quanto ao pelo, cabeça e orelhas, o corpo restante era o dum peixe. Depois do almoço, os marinheiros fizeram uma brincadeira. Atiraram no mar

11. Neste ponto, o Pe. Sepp foi novamente vítima das inúmeras lendas que por ali corriam naquela época, e correm hoje ainda, em relação ao consumo de frutas subtropicais e tropicais.

12. É sabido que o Rio Grande do Sul se tornou, nesse meio tempo, a terra vinífera por excelência no Brasil. Atualmente ainda é cultivada, em grande escala, a uva Isabel, de origem americana. De alguns anos para cá a uva moscatel passou, no entanto, a ser cultivada com bom êxito, particularmente no município de Caxias. O estado gaúcho está, pois, retomando a tradição dos antigos jesuítas.

grossas correntes de ferro com um anzol de seis libras e gritavam e berravam como se quisessem arrebentar. Todos os senhores governadores, as damas, todos os negociantes e padres acorreram para ver o que significava esse júbilo. E eis que oito robustos pescadores estavam puxando o que podiam para trazer ao navio um peixe enorme de grande. Esse peixe parecia-se com um boi.

Com este peixe o senhor governador de Buenos Aires apresentou aos missionários um espetáculo singular, fazendo da pesca também uma raça. Assobiou aos cães ingleses, de que o capitão tinha três amarrados à corrente, soltou-os e atçou-os sobre o boi-marinho. A princípio, os cães não queriam, mas quando estiveram suficientemente açulados, ousaram o ataque. O boi-marinho abriu um boqueirão indescritível de grande, bateu com a cauda em torno de si e mordeu com os dentes os seus inimigos, de sorte que os cães estavam por fim exaustos, antes que lhe conseguissem tirar a vida. Como não pudessem dar-lhe cabo, vieram os bodegueiros e pescadores com suas armas e deram ao boi-marinho o golpe de misericórdia. A carne foi cozida como caça e distribuída a todos os passageiros. Também provei dela, e pareceu-me a mim e ao Pe. Antônio Bôhm muito boa.

Nesse animal marinho era ainda de notar-se pequenos peixinhos, feito carrapatos, que grudavam nele, por toda parte. Não que fossem filhotes ou cria, mas eram os peixinhos que o bichano perseguia para devorar. Para defender-se do perseguidor, os peixinhos se lhe grudam no corpo¹³, de modo que não consegue pegá-los de maneira alguma; porém precisa até carregá-los, feito besta de carga. Quer destarte a providência da natureza defender esses animaizinhos perspicazes contra os seus inimigos e dar-nos a entender por esse meio que não devemos odiar nossos inimigos e fugir deles, mas apegar-nos a eles, abraçá-los, como o fazem esses peixinhos com o seu inimigo.

Hoje, dia 16, começamos com a novena em louvor do grande apóstolo das índias, São Francisco Xavier¹⁴. Pedimos-lhe que, como

13. Também aqui há um equívoco, por parte do Pe. Sepp. Aliás, bastante natural, porque os conhecimentos das ciências naturais e biológicas eram relativamente pequenos, na época em que viveu.

14. São Francisco Xavier, nascido em Navarra, seguiu em 1541 para as índias Orientais, onde converteu um milhão de gentios. Em 1549 foi para o Japão. Quis entrar na China, três anos mais tarde, morrendo, entretanto, em 1552, vítima de febre maligna. Era particularmente venerado pelos nossos missionários jesuítas que, um ano após sua beatificação, lhe dedicaram uma das reduções, à margem direita do Uruguai. No museu Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, existe magnífica escultura de madeira do santo, maior que o tamanho natural, revelando ainda traços da grossa douração com que estava revestida a batina.

tivéssemos chegado sãos e salvos e com bom vento até o equador, nos continuasse a confortar, para o futuro, com o seu santo auxílio em nossa viagem.

Nos dias 17, 18 e 19 concedeu-nos o céu benevolente algumas dádivas: Despejou chuvas copiosas sobre nós, para dar que beber aos sedentos, porque nossa água começava a ter gosto muito ruim e, o que era pior, tinha até que ser racionada, sendo-nos dada duas vezes ao dia, em tigelinhas minúsculas. Por isso, recolhemos a água da chuva em panos de mesa, vasilhas e chapéus. Os pobres dos soldados e marinheiros recolhiam-na até em sapatos. As poucas galinhas, que haviam sobrado das quatrocentas, - a maioria já havia morrido - espichavam o pescoço para o alto, abriam as goelas sedentas e abicavam as gotas de chuva.

No dia 20, à noite, foram, por diversas vezes, vistos pequenos fogos, que voavam sobre o mar, parecendo-se com pirilampos, que luzem no escuro. Perscrutar a causa desse fenômeno em alto mar não é tão fácil como em terra firme.

No dia 21 chegamos perto do equador. Faltava-nos somente um grau ainda que fizemos no dia 22.

No dia 22, quinta-feira gorda¹⁵, passamos de manhã cedo a linha equatorial, onde dia e noite são sempre iguais. Muito nos admiramos da atmosfera amena, bem temperada, que apreciamos como uma primavera risonha. Mal sentíamos a presença do sol, que em outras ocasiões costuma arder com violência sobre o equador. Quase todas as viagens marítimas sofrem aqui uma *malaciam* ou calmaria, de sorte que os navios parecem como que pregados e não se mexem por sessenta e até mais dias. Além disso, costuma-se mudar tudo sobre o equador. A água apodrece, a carne fica fedorenta, morrem percevejos, pulgas e outra bicharia. O aroma das especiarias e bálsamos se desvanece. Certas pessoas pegam um verme, que, quando não é atacado logo, dá cabo do paciente. Esse verme dá *salva venia in posterioribus* (*data venia* na parte posterior) e não há outro meio para atacá-lo e matá-lo, senão com o sumo acidulado do limão. É de fato uma espécie curiosa de verme. Talvez ainda o desconheçam os senhores médicos da Europa. O mal queria também atacar alguns missionários, mas graças a Deus adiantaram-se logo. Meu caríssimo e fiel companheiro, o Pe. Antônio Bôhm, que como eu tem sempre passado muito bem até

15. Quinta-feira gorda é a quinta-feira antes do carnaval. Na França é chamada "jeudi gras" e, na Alemanha, "Schmutziger Donnerstag" — quinta-feira suja.

aí, queixou-se hoje de um pouco de dor de dentes, que entanto cessou, quando havíamos passado a linha equatorial. Gozei todo o tempo da melhor saúde. Por isso, a Deus eterno louvor e as graças devidas às devidas à milagrosa Mãe de Alt-Oettingen. A dor de estômago, *nausea stomachi*, (enjoo, mal do mar), de que sofri miseravelmente durante a passagem pelo Mar Mediterrâneo, passou completamente. Daquela vez, o estômago vomitava tudo. Agora, poderia comer e beber de tudo, se o tivesse.

Não é possível descrever a fome que dá em viagens marítimas. Bem como o velho adágio: “Podia comer sozinho um boi inteiro”: Essa fome voraz dizem que provém do ar marítimo salgado, que apressa a digestão da comida.

E justamente hoje era a quinta-feira gorda para nós Padres e Irmãos, bom como para os outros companheiros de viagem e amigos. Nós, porém, nesta altura da África, nada vimos desse dia de recreio e comezaina: as travessas ficaram admiravelmente limpas e as panelas vazias. Em Cádiz, o Pe. Antônio e eu havíamos convidado a jantar conosco diversos negociantes, nossos conhecidos, naturais dos Países Baixos e de Hamburgo, os quais, embora fossem luteranos, nos fizeram muito bem. O senhor burgomestre de Hamburgo nos havia proporcionado honra particular: Quando nos despedimos dele entregou-nos dois presuntos moscovitas de porco. Achou que bem poderíamos aproveitá-los. Como teve razão! Havíamos guardado esses presuntos até aí para casos imprevistos de necessidade. E como já estivéssemos realmente passando por necessidade e também como quiséssemos festejar de qualquer maneira a quinta-feira gorda, convidamos os padres dos Países Baixos, da Boêmia, Áustria e Itália e com eles consumimos *in domino* (no Senhor) aqueles presuntos, infelizmente sem pão, água ou vinho. Mas, mesmo seco assim, apeteceu-nos muito bem. Agradecemos ao bom Deus, que no-los havia proporcionado. Para que os pobres missionários se pudessem alegrar no Senhor, toquei, à mesa, com minha tiorba. Mas tarde, o Pe. Antônio e eu tocamos na flauta algumas cançonetinhas pastorais e cantamos também aquele cântico consolador de São Paulo: *Quis nos separabit a caritate Christi? Neque fames, neque nuditas, neque tribulatio, etc. nos separabit.* (Que nos poderá separar da caridade do Cristo? Nem fome, nem nudez, nem tribulação etc. separarnos-á Romanos 8,35 e ss.). Deste modo, celebramos hoje a quinta-feira gorda sobre o equador, onde dia e noite são iguais.

No dia 23 e 24 continuou soprando bom vento de popa. Já nos havíamos afastado um grau do equador. Hoje, festa de São Mateus, comungaram novamente todos os Padres, frades e Noviços. Nos dias comuns de semana só comungam os Padres, porque nem todos podem celebrar a santa Missa.

Nesta manhã houve grande algazarra entre a maruja. Perguntados pela causa, disseram ter visto São Telmo por cima das ameias do navio. Louvavam-no agora com altos gritos e exclamações. Este Santo da Ordem Dominicana é o padroeiro dos navegadores e é invocado todas as manhãs e noites. Ora, sucede frequentemente surgirem no mar, assim como na terra também, fenômenos singulares, como homens fogosos, cavalos ígneos, etc. etc. Quando então os navegadores veem um fenômeno semelhante, gritam logo: São Telmo! São Telmo! caem de joelhos, rezam e cantam suas canções de pescadores. A gente simples do mar acredita na iminência de tormentas e perigos, quando este Santo lhes aparece. E como creem estar particularmente próxima a morte de um dos navegadores, pedem ao Santo queira, clemente, evitar esse mal.

Reverendíssimos Padres e leitores benevolentes, a partir de hoje não tivemos mais que passar por perigo algum, e ninguém teve que sofrer a morte. À grande misericórdia divina aprouve que assim sucedesse, porquanto de uma frota, que há pouco seguiu para as Filipinas, tiveram que jogar quinhentos mortos ao mar. Quando alguém morre, não se lhe preparam cerimônias fúnebres. Amarram-lhe uma bala de canhão ao pescoço, atiram-no ao mar e soltam depois uma descarga de canhão. Deixo ao critério de cabeças mais inteligentes em que conta se há de ter-se a opinião dos pescadores ingênuos. Volto à descrição da minha viagem.

Nos dias 25 e 26 o tempo esteve muito instável. Ora bramiam os ventos, ora caíam chuvas torrenciais, embora fizesse sol, ora trovejava e relampejava, ora caía granizo com grande fragor, até que, por fim, o sol se mostrou novamente. Nos trópicos, dois graus acima e dois graus abaixo do equador, o tempo costuma ser tempestuoso e inconstante o ano todo. Fora da zona tropical, céu e mar são calmos e pacíficos, e Êolo, o deus dos ventos, faz silenciar as tempestades. Por isso, é o mar aqui chamado de *mar de las damas*, mar das damas, porque uma mocinha até poderia aqui governar um navio, tão quietas são as águas, que antes bramiam com tanta ferocidade.

Quero, aqui, relatar o que em Sevilha, faz algum tempo, havia prometido numa carta latina aos reverendíssimos Padres; é a respeito do magnete e da agulha magnética. Queriam eles saber se a agulha magnética, no instante em que o navio passasse o equador, se desviava do seu polo norte, para apontar o outro, o polo antártico, do qual então se aproximando. Relato, pois, o que o Padre Antônio Bôhm, outros padres e eu observamos minuciosamente: é que a lingueta da bússola não se desloca ou altera no mínimo que seja. Também aqui no Paraguai ela aponta fiel e exatamente para a Estrela Polar, que não mais tomarei a ver. A diferença está toda em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito. Quando é meio-dia na Europa, é meia-noite aqui entre nós. O vento sul, lá morno, é aqui fresco e frio. O vento norte gélido ia Europa é aqui bem morno. Tudo às avessas. Enquanto estou escrevendo, pela passagem da festa de São João, estamos no meio do inverno, mas sem frio, sem geada e sem neve. Os meus índios nem sabem o que seja a neve, se é branca ou preta, quente ou fria. Em dezembro e janeiro, quando na Europa tudo gela, comemos figos e colhemos lírios. Numa palavra, tudo aqui é diferente, e está a calhar a expressão, chamando a América de “mundo às avessas”. O mesmo sucede com o breviário, impresso em quatro partes: Quantas vezes já me enganei, rezando na parte do inverno, quando deveria ter tomado a parte do verão, já que parte de verão e de inverno precisam ser trocadas.

No dia 27 de fevereiro começamos com o Carnaval. Não como na quinta-feira passada, com um presunto russo, mas com carne de rês podre. Graças a Deus, que, apesar disso, nos alegramos. Visitei os doentes, que estavam na parte baixa do navio, confortei-os e lhes dei amêndoas e açúcar de anis, que havia comprado para mim em Cádiz, caso viesse a adoecer. Depois de lhes fazer uma ligeira prática sobre a paciência, pregada em espanhol, dei-lhes para beijar minha imagem de Nossa Senhora, de Alt-Oettingen¹⁶.

16. Alt-Oettingen é pequena localidade na fronteira bávaro-austriaca, onde se encontra uma imagem de Nossa Senhora, de 1300, toda denegrida pelo tempo. Não quiseram restaurá-la nem tocá-la, tornando-se por isso, a chamada “Virgem Negra de Alt-Oettingen”. A vila constitui lugar de peregrinação, motivo por que é chamada “Loreto alemã”. Como leremos mais adiante, o Pe. Sepp tinha particular veneração por esta imagem. Dela trouxera muitas cópias para os “negros”, talvez esperando que uma “Nossa Senhora Negra” lhes despertasse maior confiança.

No dia 28 de fevereiro entramos para o jejum quaresmal, aliás de acordo com o calendário, e não com a realidade, porque, segundo esta, o jejum já havia começado há muito tempo antes. Todos nós e nossos companheiros recebemos as cinzas e seguimos alegres a nossa viagem.

O Padre Superior, Padre Antônio Para, um espanhol, que muito se assemelhava a São (Francisco) Xavier em aspecto e também na apresentação, e quase todos os outros Padres espanhóis, bem como Irmãos e Noviços, que haviam sofrido, desde logo depois da partida de Cádiz, de *nausea stomachi*, enjoo do estômago que se “entrega” e tudo rejeita, sentiam-se piores dia a dia. A causa era que esses Padres haviam viajado em navio pela primeira vez e não estavam acostumados a viagens marítimas. Nós, padres alemães, neerlandeses e italianos, já havíamos, por ensejo da travessia do Mediterrâneo, pago nossa taxa aduaneira, que precisam pagar todos os que desejam atravessar o mar. Quem tiver lido a descrição de minha viagem de Gênova para Sevilha, ainda poderá lembrar-se de como foram pesados os direitos que couberam a mim.

Muito sentimos não poder ajudar os bons Padres. As quatrocentas galinhas já haviam morrido todas e, como disse, tornadas pasto das baleias. Algumas ovelhas continuavam morrendo diariamente. Dos porcos só restava metade, magros como espetos e duros como couro. Entretanto, como se sabe, é a carne de porco prejudicial para pessoas de estômago doente. O pão-biscoito duas vezes cozido, embora fosse branco, era duro que nem pedra e, além disso, cheio de vermes e sem sal. Os marinheiros recebiam outro pão, igual ao que nas galeras se dá aos sentenciados e aos cães. É um pão preto como carvão, misturado com farelo, duro como pedra e sem sal. Mas sem vermes. Padre Antônio Bôhm e eu comemo-lo todos os dias, graças a Deus, apeteciá-nos melhor do que maçapão e o bolo mais tenro. Ó benditas migalhas de pão, que os frades recolheram de cima e de baixo da mesa! Onde estais? Com que cuidado não vos buscaríamos e recolheríamos, para dá-los aos nossos doentes, ao Padre Superior e aos outros irmãos.

Capítulo IV

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM

MÊS DE MARÇO

A 1º de março começou a modificar-se o tempo borrascoso, que, como disse, costuma reinar a dois ou três graus acima e abaixo do equador em certos dias, e até horas. Esta noite tínhamos, pois, tempo ameno. Sim, apareceu um grande e lindo arco-íris, que se estendia de um a outro horizonte do mar e muito prazer nos proporcionou. Tinha o arco-íris o mesmo tamanho e a mesma escala de cores como o que se vê em terra, só que sobre o mar azul o azul-ultra-marinho estava mais acentuado.

Hoje, 2 de março, já estamos navegando ao longo da costa do Brasil, ali onde está Pernambuco. Aí, no nosso Colégio, vive o orador de fama mundial Padre Antônio Vieira, um português, que em Roma, uma vez, pregou na presença de sua majestade real sueca Cristina. Apesar de sua idade avançada dedica-se, até hoje, a escrever livros e a converter os indígenas antropófagos e bárbaros do Brasil. Deus lhe conceda ainda muitos anos de vigor e membros fortes, necessários para essa sua difícil missão.

Nosso capitão, Don Antônio Gonzales, sofreu esta noite de grandes dores e soltou, por fim, uma pedra do tamanho dum ovo de pomba.

No dia 3, ao sol-pôr, um pássaro indígena muito curioso veio sentar-se sobre o nosso mastro, o que tomamos como sinal certo de que não podíamos estar a mais de 30 milhas da costa brasileira. Porque essas aves fracas não podem avançar muito pelo mar, onde lhes faltam as árvores onde possam descansar, inda mais tratando-se dum pássaro tão grande e pesado como este. A cauda era o rabo dum dragão, as asas não eram maiores do que asas de galo, o bico como de galinha, a cabeça parecendo a dum jacu. O governador de Buenos Aires deu-lhe um tiro. Mas, em virtude da grossa plumagem, o chumbo não lhe fez mal nenhum e o pássaro voltou à terra.

No dia 4, o primeiro Santo Domingo da Quaresma, começamos com uma missão, que durou oito dias, de acordo com a novena antes de São (Francisco) Xavier. Todos os dias havia sermão, e, antes

dele, explicáramos aos marinheiros, soldados, caixeiros e aprendizes a doutrina cristã. Os senhores governadores com as respectivas damas compareciam todos os dias com muita assiduidade.

No dia 5 estávamos a oito graus do equador, em direção ao círculo do Capricórnio, seguindo em linha reta debaixo do sol, que estava verticalmente no zênite, acima de nossas cabeças. Não fazia a mínima sombra, como pude observar mesmo no meu corpo. Isto já é um fato conhecido dos senhores matemáticos. Só que me parecia digno de reflexão de como é que sentíamos especialmente calor, apesar de o sol estar diretamente sobre nós, entre o equador e o círculo do Capricórnio tropical.

Nos dias 6, 7 e 8 não houve nada de novo, a não ser uma chuva leve, que nos fez muito bem.

No dia 9, o Capricórnio nos mostrou os seus chifres, mas por bem, e parecia que não queria espetar-nos, mas deixar-nos passar em paz, como o seu irmão, o Câncer, o havia feito e o qual também não nos molestara com as pinças dos seus elementos.

No dia 10 tivemos uma noite extraordinariamente linda e amena. Lúcifer acendeu-nos ao lado dos luzeiros celestes já conhecidos alguns bem novos, que vimos fulgir no horizonte bem como no alto. Entre outras estrelas, reconhecemos o Cruzeiro, o Pavão, a Abelha-índica (*Apis Indica*), o Camaleão e a *Nubícula Maior e Menor*. O Cruzeiro é a estrela polar antártica, sendo sua constelação bastante parecida com a Ursa-Menor, que não pode ser vista mais no Paraguai, como já referi. Além disso, há aqui ainda uma porção de novas estrelas, cujo nome desconheço, pois não estão consignadas nos globos e são ignoradas dos astrônomos europeus. O mesmo vale quanto aos mapas, sobre os quais não estão registrados muitos rios e localidades, que há na América e no Paraguai.

No dia 12, data em que Santo Inácio e São (Francisco) Xavier foram inseridos no número dos Santos, comungamos todos, como era devido. Visitei meus doentes, levei-lhes consolo e dei-lhes mais uma vez alívio.

No dia 13, a uma hora da tarde, passamos finalmente pelo Círculo do Capricórnio, que dista 23 1/2 graus do equador, e entramos para a zona temperada, no rio La Plata, ou rio da Prata, porque prata quer dizer prata em espanhol. Agora só tínhamos ainda que perfazer o 13° grau.

Da zona temperada pode-se dizer, como o nome já o diz claramente, que aí reina um ar extraordinariamente saudável e ameno, bem temperado, nem frio nem quente, nem pesado nem úmido, nem tão pouco seco demais. Por isso, os doentes, começaram a sentir-se melhor, levantaram-se e convalesceram. Só o negro recém-batizado deitou-se a morrer. Recebeu, pois, os santos Sacramentos, levei-lhe minha imagem de Nossa Senhora de Alt-Oettingen, que lhe deu extraordinário ânimo e que ele estreitou contra o peito e beijou. Aconselhei-o a que tivesse grande confiança nessa imagem sagrada da Mãe, que a ela se recomendasse que não abandona a ninguém quem a invoca. Quando então o pobre negro contemplou a imagem e notou que o rosto da Mãe de Deus e do Menino era preto e igual ao dele, oh, é indescritível a alegria e o consolo que lhe inundaram o rosto! Estava, pois, cheio da máxima confiança que, ainda nos últimos instantes de sua vida, obteria a intercessão misericordiosa da Santa Mãe de Deus, como depois também se verificou.

Hoje, dia 14, houve calma. Como o mar estivesse liso como um espelho, começamos a pescar, e colhemos diversos peixes, de espécies desconhecidas. Num dos peixes encontraram os pescadores um gibão inteiro, noutro, a perna dum homem, que talvez houvesse perecido em naufrágio. Estes peixes os pescadores não costumam comer. Hoje dei lição de música aos meus quatro trombetas negros. Já que não conheciam as notas, tive que tocar e cantar primeiro as peças, até que entrassem nas cabeças duras, o que requeria muita paciência. Finalmente, aprenderam seis ou sete pecinhas, com grande satisfação dos senhores governadores, aos quais pertenciam esses escravos. Mais tarde, em Buenos Aires, esses senhores me agradeceram muito gentilmente.

No dia 15, o capitão-mor Dom Antônio de Retana veio ter conosco, com alguns negociantes, fazendo uma visita a nosso navio, a qual nosso capitão respondeu mais tarde. Essas visitas a bordo realizaram-se por diversas vezes no decurso da viagem. Os hóspedes eram saudados com oito salvas e com forte celeuma. Depois da ceia, dei instrução às mulheres dos negros, que também eram pretas, ensinando-lhes a doutrina cristã, contei-lhes exemplos e lhes mostrei Nossa Senhora de Alt-Oettingen, para a qual tomaram particular devoção. Beijavam e veneravam a imagem, como aquele negro doente acima citado. Cada uma dessas mulheres, pretas como carvão, queria uma

imagem para si. Para satisfazê-las, dei-lhes outras, pequenas reproduções, que o Pe. Bôhm e eu havíamos feito de argila, às centenas, quando estávamos em Sevilha e Cádiz. As mulheres veneravam essas imagens mais do que ouro e prata, porque até aí nunca haviam visto uma imagem de Nossa Senhora negra e semelhante a elas. Contudo, é preciso saber-se que a esses negros, pretos como uma caldeira fuliginosa e repelentes no aspecto, lhes agrada muito mais a sua própria cor do que a nossa fisionomia branca de europeu. Por isso também muito dificilmente um preto contrai matrimônio com uma europeia branca.

Nos dias 16 e 17, um vento leste mais fraco enfunou as velas, de modo que tínhamos tempo para dedicar-nos à pesca. Nessa ocasião, um pescador, inadvertidamente, não segurou, como devia, um peixe pelas barbatanas, de sorte que o animal se lhe escapou, mordendo-o de tal modo, que o rapaz não mais conseguiu desprender a mão das guelras, com seus dentes aguçados e pontudos, só conseguindo livrar-se quando um outro pescador cortou a cabeça do animal monstruoso. Assim, o rapaz, sofrendo esse dano, aprendeu a ser mais atento em seu ofício.

No dia 18, terceiro domingo da Santa Quaresma, à alta madrugada, ouvimos um tiro de canhão. Demos a mesma resposta. É desta maneira que os navios costumam falar entre si em alto mar. Em seguida, deitamos à água um bote rápido, que foi ter imediatamente ao navio Capitânea e saber da causa daquele tiro: Se haviam talvez visto alguns navios ou descoberto terra? Mas nada disso! Era um marinheiro, o qual em Cádiz já não passara bem, que havia falecido. Havia-m-lhe feito o funeral devido, isto é, amarraram-lhe uma bala de canhão ao pescoço, lançaram-no ao mar e dispararam um tiro. Este morto pagou por todos os outros o *naulum*¹⁷ devido ao mar, porque nenhum outro mais faleceu durante essa travessia.

Meu negro batizado, do qual falei há pouco, está passando melhor de dia a dia. À misericordiosa Mãe de Alt-Oettingen, eterno louvor e gratidão por isso. Solicito aos Rev. Padres, queiram, em honra da caríssima Mãe de Deus, enviar oportunamente esta carta a dois padres, que são especiais veneradores da sagrada imagem de Alt-Oettingen. São eles os Rev. Padres Felipe Leuprechtling e José Adelman. O Rev. Padre *Instructor Tertianorum*¹⁸ por certo lhes concederá a licença

17. Naulum, grego: dinheiro de passagem.

18. Os *tertiani* dos jesuítas são os sacerdotes que se acham no terceiro ano de prova.

de lerem ao menos este trecho. Estou certo que será para todos grande consolo, especialmente para o Rev. Pe. J. Adelman, que aliás é missionário indígena. Recomendando-me com uma ave-maria aos Rev. Pes. Tertiani, daquela casa sagrada, donde em fevereiro de 1687 parti para as índias. “Recomendo-me, outrossim, mui respeitosamente, aos Rev. DD. Padres Canonici, particularmente ao senhor Primo, Padre Felix Lueger. Em reconhecimento por esse ou aquele sermão, que fiz antes mal do que bem, deu-me ele algumas relíquias da santa estátua e considerou-me digno de levá-las para junto dos indígenas. Peço ainda., respeitosamente, que lhe comuniquem em meu nome que a cara Mãe de Alt-Oettingen está começando a distribuir seu leite maternal, dons e graças, não só na Europa, mas também na América, entre os pobres índios. Não relato aqui todos os benefícios que dela recebi durante a viagem perigosa.

Se a Deus aprouver conceder-me a vida, espero, daqui a anos, ter tempo para reunir num livrinho todos os benefícios que a cara Mãe fez aos meus índios, para, então, enviá-lo aos veneradores de Oettingen. Minha imagem da Nossa Senhora de Oettingen já está sendo procurada e venerada na igreja pelos índios batizados. Cheguei até a mandar fazer, por um pintor indígena, duas cópias da imagem, que saíram bastante bem. Entreguei as imagens ao Padre Antônio Bôhm, para que as levasse em suas missões. Com elas alcançou tanto entre os seus bárbaros povos pagãos, chamados os Yaros, que expuseram publicamente uma das imagens, numa capelinha construída de palha e barro. Agora, dobram os joelhos diante dela, fazem o sinal da cruz, rezam o rosário com aquele homem zeloso, ouvem atentamente diante dela a doutrina cristã, e até as criancinhas não batizadas se achegam a ela para beijá-la.

Farei mais tarde um relato a respeito dos esforços e trabalhos do Padre Antônio Bôhm. Ele e eu temos a fé inabalável que o Deus misericordioso, pela intercessão de cara Mãe de Alt-Oettingen, converterá, para muito breve, todo este país para a fé cristã. Aos Reverendíssimos Padres e aos Caríssimos Irmãos peço, pelo precioso sangue de Jesus Cristo, que para esses povos bárbaros foi derramado tanto quanto para nós, que queiram diariamente, durante o santo Sacrifício da Missa e suas orações, lembrar-se desses inúmeros povos sem fé,

que ainda permanecem nas trevas da morte eterna. Assim, também eles serão na Europa verdadeiros missionários, fazendo com que suas santas orações atuem por sobre o Oceano até aqui. Mas, voltemos ao navio.

No dia 19, festa do pai nutrício São José, era a minha vez de celebrar a Santa Missa e de dar a sagrada Comunhão a todos os Padres, Irmãos e Noviços. Quando o sol entrava para o ocaso, todos os cães ingleses, inopinadamente, começaram, alegres, a latir. Disse o capitão ser isso um sinal certo de que mais uma vez estávamos na proximidade de terra. Os animais, que não passam muito bem sobre o mar, sentem de longe o cheiro da terra e alegram-se em suas cabeças caninas em chegar finalmente à terra almejada. Realmente, não demorou que passássemos por terra, pela ilha de São Tomé, que não dista muito do Brasil.

No dia 20, as vides de moscatel do nosso jardim começaram a perder suas folhas verdes, porque aqui estava principiando o outono.

No dia 21, festa do Santo Patriarca Bento, o Padre, cuja vez ocorria para celebrar a Santa Missa, deixou que eu a celebrasse em seu lugar, e eu a ofereci na intenção do Rev. Padre Afonso e a venerável senhora Irmã Maria Benedita e para os mui louváveis conventos de ambos. Deus lhes pague a honra e o amor e todos os benefícios que a mim indigno fizeram. Desde que lhe disse a Dio e me licenciiei, não celebrei, até a presente data, nenhuma Santa Missa em que não recorresse a todos, todas as vezes que bebia do sagrado Cálice.

À noite, fiz um sermão para os criados da cozinha, os marheiros e pescadores, os soldados, aprendizes, escravos e negros. O púlpito era uma rústica amarra enrolada. Os ouvintes estavam sentados no chão, em torno de mim, alguns treparam sobre os mastros, outros estavam sentados sobre as âncoras. Contei-lhes a vida do Santo Patriarca Bento e terminei com uma lição moral, tirada da sua vida. Terminado o sermão, palestrei amigavelmente com eles sobre os mui louváveis conventos de Maria Berg e da Santa Cruz de Soben. Descrevi como haviam surgido aqueles conventos, como foram construídos, lindos e nobres, sobre alto rochedo; e como em ambos Deus Onipotente é servido pela observância exata da disciplina monástica, por severas mortificações físicas, por extrema piedade e inocência. Tudo isso muito lhes agradou. Particular alegria lhes proporcionou quando souberam que no primeiro convento eu tinha um senhor irmão Reli-

gioso e no outro uma venerável senhora Irmã, que rezava diariamente por todos nós. Falei em espanhol e seguiam de bom grado as minhas palavras, embora muito erro eu fizesse. Essa gente, como agora também meus índios, nada apreciam tanto como se se lhes conta a respeito do Império Romano e de coisas da Alemanha. Isto os prende e excita tanto como se a gente contasse histórias indígenas ao europeu.

No dia 22, os pescadores pegaram um lindo e grande peixe, de noventa libras, como nunca havia visto igual em minha vida. Era todo verde, salpicado com pintinhas douradas como frutas douradas. Tinha a carne muito tenra e gostosa.

No dia 24, dia de São Gabriel, ofereci a Santa Confissão e Comunhão, bem como minhas orações sacerdotais quotidianas, na intenção do senhor irmão Gabriel e de sua amada esposa. Queira Deus abençoar-lhes o temporal, para que, depois, possam alcançar a eterna bem-aventurança.

No dia 25, festejamos a festa da Anunciação da bendita Mãe de Deus com quatro Santas Missas, troar de canhões e bandeiras desfradadas: e junte-se ainda um pouco de minha péssima música, com flautas, tiorbas, trombetas, tambores e pífanos. Pela tarde, a maruja realizou uma dança, muito jocosa de ver-se: um marinheiro batia o tambor com uma mão e tocava ao mesmo tempo um pífano com três aberturas. Durante a dança, abutres e aves de rapina evoluíam em torno do navio. Constituem mais uma vez sinal favorável de que não podíamos estar muito longe de terra, pela qual ansiávamos como o peixe pela água e um pássaro pelo ar. É que o elemento do homem não é a água, mas a terra, de que foi feito. À noite, dei nova instrução na doutrina cristã às mães negras e seus filhos. Os pais destas crianças, que estão entre os meus trombetas, aprendem dia a dia melhor a tocar seus instrumentos; sim, aos poucos até o trilo lhes entrou nas cabeças duras e encarapinhadas, que ostentam beijos vermelhos e dentes brancos no meio do rosto fuliginoso.

Hoje, bem cedo, o navio principal disparou um tiro de canhão, em sinal de que já havia tocado a terra, não com o navio, mas só com a sonda no fundo do mar. Mandaram um bote para o nosso navio, para no-lo anunciar. Aqui é preciso saber que em todas as travessias há peritos, que de ambos os lados do navio sondam ininterruptamente a profundidade do mar. Faz-se isto com uma espia de cinquenta e oitenta braças, em cuja ponta há um grande cepo de chumbo, recoberto de cera branca, da espessura dum dedo. Rochedos que se achem

debaixo d'água e que constituem o máximo perigo para os navios são revelados pela sonda, bem como a conformação do solo submarino. É que, quando a sonda toca no fundo, sempre se prende um pouco de lama, areia ou cenosidade na cera, de sorte que se verifica prestar o fundo para lançar âncoras. Só se lançam âncoras sobre fundo arenoso, porque em fundo escorregadio e lamacento as âncoras não prendem.

Hoje, festa da bendita Mãe de Deus, descobrimos, portanto, pela primeira vez, o fundo do mar, que aqui mede 70 braças. O mar também não tinha mais aquela cor azulada profunda, como no meio, de que se deduz que o fundo não é insondável e que a terra não deve estar longe.

No dia 26, o tempo era favorável, o mar calmo e o vento enchia inteiramente as velas. O nauta, que dia e noite sentava junto ao leme, estava bem disposto, o povo todo alegre, e os Padres Missionários estavam satisfeitos no Senhor. Numa palavra: todos revelavam ânimo alegre e não havia quem não estivesse contente.

No dia 27, tornamos a ouvir um tiro de canhão e vimos como o navio Capitânea hasteou uma bandeira branca para anunciar que haviam visto terra. Logo foram também embandeirados nosso Almirante e o terceiro navio, o *Pinque*. Nosso observador na gávea já podia ver as margens brasileiras a olhos desarmados. Era a hora do nascer do sol. Ora, cada qual queria ser o primeiro a descobrir a terra. Nós, que nos achávamos cá em baixo sobre o navio, ainda nada podíamos ver. Alguns subiam pelas escadas, outros sobre as velas; uns trepavam sobre os mastros, e outros mais saíram a buscar luneta, que esfregavam e limpavam sofregamente. Também eu fui buscar minha luneta manual e a limpei. Reinava excitação indescritível. Todos queriam ser inteiramente olhos. Cada olhar inquiria vivamente a distância. Pelo meio-dia, o Padre Antônio Bôhm, que tem verdadeiros olhos de lince, avistou a margem e exclamou cheio de alegria: *Patres, terra! terra!* Pouco depois, também os meus olhos avistaram a América, e, comigo, todos os demais. É-me impossível verter para o papel a extensão da alegria e do consolo de coração, que sentíamos. Rezamos logo o *Te Deum Laudamus*. Ajoelhei-me diante da misericordiosa Mãe de Alt-Oettingen, beijei a santa imagem e, em alegria e gratidão, chorando, dei largas ao meu coração.

Agora, amados Rev. Padres, prezados amigos, queridos conhecidos e tu, benévolo leitor, demos as costas aos abismos aquáticos, descobrimos esta terra prometida e já nos encontramos na América.

Só há mais meio grau até a foz do grande rio da Prata. Hoje vimos na direção sul duas nuvenzinhas bem lá no alto do céu, as mesmas que vínhamos vendo pouco acima do horizonte já antes de passarmos o equador. Estas duas nuvenzinhas iam, claramente visíveis, noite por noite, à frente dos nossos navios como aquelas nuvens que mostravam o caminho aos israelitas. Dizem os capitães e os marinheiros serem orientador seguro para todos os navios, que navegam por estas águas. Por isso, os capitães, quando viram as nuvens pela primeira vez na passagem do equador, muito se alegraram e disseram-nos: “Agora, graças a Deus, encontramos nosso orientador e não mais nos perderemos, porque aquelas nuvenzinhas sempre irão à nossa frente e só vão parar quando estivermos no Paraguai.” E foi o que de fato se deu. Embora não nos acompanhassem, nem seguissem à nossa frente, porque no Paraguai elas estão bem no zênite, nossos navios precisavam navegar em linha reta em sua direção. No sul, tornamos a ver numerosas novas estrelas e constelações, o *Dorado Xiphias*, chamado o Peixe-Dourado, as Pombas-de-Noé com as estrelas correspondentes, as Andorinhas-Marinhas, a Ave-do-Paraíso, o Fênix, a Pega-Brasileira (*Pica brasilica*), o Sagitário-Indiano (*indus sagittiferus*) e outras estrelas mais.

No dia 28 de março, percorremos o último grau e entramos na foz do rio, que tem setenta milhas de largura. Parece incrível, que isto seja um rio! Corressem todos os poços, arroios, lagos e rios da Europa para um só lugar, por certo não alcançaria a largura deste rio. Mas dizem ser o Amazonas no Brasil ainda muito mais largo.

Aliás, o homem do leme teve muita dificuldade para encontrar a entrada. Por isso, nosso navio não navegou a toda vela, mas foi muito cortesmente e bem devagarinho conduzido por entre os perigos que ameaçam aos navios nesta foz.

A água não é doce, mas amarga e salgada. Quando de manhã lavei o rosto, boca e mãos, senti-o em meu prejuízo, porque julgava já poder engolir um bom gole, mas tive que pagar por minha precipitação. A cor da água já é bem diferente, não é mais azul e verde-mar, mas branca, e bem turbada e lamacenta, como a água dos nossos arroios, quando chove.

À direita, passamos pelo Cabo Santa Maria, que pudemos reconhecer bem claramente. Consta terem os espanhóis erigido ali, após a descoberta do Paraguai, o primeiro torreão junto à margem, como vigia. Depois passamos pelas ilhas de *los Lobos*, que têm seu nome dos

lobos marinhos, que ali se ajuntam em grande quantidade e ameaçam a navegação. Vimos bandos inteiros nadando na água. Tinham cabeça de cão, e no dorso pelos em vez de escamas, mas uivavam como verdadeiros lobos.

Passamos pelo Cabo de Santo Antônio sem avistá-lo.

No dia 29, tínhamos que percorrer ao todo ainda 60 milhas até Buenos Aires, que fica situado sobre a 35ª latitude polar do polo antártico, como Cádiz, que fica sobre a 35ª latitude polar do polo ártico. Embora já tivéssemos alcançado o 35º grau, tínhamos ainda um bom trecho à nossa frente.

Hoje, diversas espécies de aves vieram ao nosso encontro, e nos receberam em vez dos americanos. Eram brancas como neve, parecendo com as nossas pombas brancas e executavam lindos círculos sobre nosso navio.

Ao meio-dia alcançamos a ilha Maldonado. O governador, que havia sido enviado a Buenos Aires por Sua Majestade Real, tinha ordem de fazer o reconhecimento da ilha, porque se suspeitava que os portugueses aí se tivessem instalado e entrincheirado. O governador desceu à terra com diversos cavaleiros e uma escolta de soldados. Devassaram a ilha, mas não encontraram homem algum, nem tão pouco fortificações, nem resistências, nem o mínimo rasto humano. Encontraram, porém, enormes quantidades de lindos bois, vacas, terneiros e cavalos. O capim - disseram - era tão alto, que mal se podia ver o gado e que constituía o melhor campo para engorda. Em sinal da uberdade da terra, trouxeram consigo diversas coisas, entre outras um touro, que haviam alvejado com doze tiros e que, assim mesmo, mal puderam dominar. Era tão enorme, que teve de ser retalhado em quatro partes para poder ser trazido a bordo.

Colheram também uma porção das flores mais lindas. Alguns se fizeram coroas, outros as amarraram ao chapéu em forma, de ramallete, outros por fim ornamentaram o bote com guirlandas verdes, e outros mais traziam, sorridentes, ramalhetes inteiros nas mãos. Vieram assim navegando, impelidos por doze remos, e os senhores governadores se trasladaram da embarcação verde para bordo do nosso navio. Contaram também terem visto uma pequena cruz de madeira na margem, sobre um pequeno rochedo. Os espanhóis a haviam erigido, quando, pela primeira vez, puseram o pé nesta terra.

Embora essas flores sejam semelhantes às nossas, duvido que os botânicos europeus as tivessem reconhecido. Uma se parecia com

o nosso craveiro (Sepp diz: Steinnelke = *Tunica prolifera*), outra tinha a forma da flor da madressilva. Esta, de sua vez, parecia ser açafão de Viena, ao passo que aqueloutra lembrava a carvalhinha (Sepp diz: wilde Salvie — salva brava, referindo-se, provavelmente, ao *Teucrium scorodonia*. N. do T.). De todas, a mais linda, porém, era uma flor-da-paixão, de formas admiráveis. Clara e distintamente podia-se ver nela os instrumentos da Paixão, os açoites, a coroa de espinhos, a lança e os três cravos. Foi a primeira flor que minha mão tocou em terras da América. Queira Deus me seja esta flor um sinal de minha morte gloriosa e do martírio, segundo o exemplo do meu amado Salvador Cristo Nazareno, de todas as flores a mais linda. Infelizmente, porém, impedem-no os meus pecados! De outro lado era essa flor, como logo veremos, um sinal de que o Deus Misericordioso faria bem breve aportar no Paraguai esta Missão e seus fiéis servos. Na Semana da Paixão, na sexta-feira da Mãe Dolorosa, nos foi dado, pela infinita bondade de Deus, podermos pisar o Novo Mundo.

A partir de hoje não mais podíamos velejar à noite, mas tínhamos que lançar as âncoras todas as noites, como o não havíamos feito em alto mar, onde navegamos dia e noite. Aqui, porém, o piloto precisa dirigir o navio sempre no meio do curso do rio, o que na escuridão não seria possível. Se abandonasse o meio, o chamado canal, correríamos o grande perigo de dar num baixio. Assim, pois, pela primeira vez, lançamos âncoras em frente dessa ilha e dormimos, também pela primeira vez nesta viagem, com toda calma e segurança e sem perigo de naufrágio diante do qual nunca estávamos seguros sobre o mar. Por isso também sempre íamos dormir de coração temeroso e contrito e gozávamos do descanso com receios e temores. Ninguém estava seguro que, pela manhã, fosse encontrar sua caminha no fundo do mar e precisasse navegar rumo ao outro mundo, em vez do Paraguai.

Depois, portanto, que todos descansamos muito bem nesta noite, foram levantadas as âncoras ao romper do dia 30 e içadas as velas. que o vento pegou imediatamente, enfunando-as, e tocando o navio para frente.

Tornamos a passar por uma ilha, cognominada *De las Flores*, de acordo com as flores que a ornava. Ainda dei instrução a um pequeno menino negro, que mais tarde foi batizado em Buenos Aires.

Capítulo V

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM

MÊS DE ABRIL

Quando a esta madrugada, dia 1º de abril, lavei meu rosto, senti que a água só continha ainda bem pouco sal. Alimentava, pois, a esperança de que, quando o vento amainasse, pudesse tomar um bom gole pelo meio-dia. E foi assim mesmo. E todos nós bebemos valorosamente, como se fora o melhor “malvásia” ou o mais capitoso vinho cretense. É difícil dizer como nos apeteceu o tão amado e almejado elemento, embora fosse bem turvo. A profundidade do rio media neste lugar vinte braças.

O rio tem aqui muitas enseadas e bancos de areia, lugares perigosos, onde facilmente se pode encalhar. Os espanhóis chamam-nos de bancos. Aqui os navios costumam encalhar e ficar presos na areia e na lama, até que a maré enchente os levante e liberte novamente. Frequentes vezes sucede que navios muito carregados encalham tão profundamente na areia, que não podem ser libertados nem por maré enchente, nem por vento, nem por força humana, de sorte que os pobres navegadores, em plena robustez e saúde e sem naufrágio propriamente dito sofrido no alto mar, encontram o perecimento. Para nos desviarmos desses bancos de areia, quatro homens sondaram hoje incessantemente o fundo de ambos os lados do navio e observaram a correnteza, ocasião em que a camada de cera da sonda revelava a conformação do fundo. Os resultados de suas medições eram gritados em alta voz aos outros marinheiros, e soavam da seguinte maneira: “Vinte e uma e meia braças, lama!” — Dezoito braças, areia! — Vinte e uma braças — chão duro! — Dezenove braças — cenosidade!” — Os capitães tinham o máximo cuidado para que os navios também velejassem em linha reta contra a correnteza e não se desviassem, o que num rio de setenta milhas facilmente se podia dar. Não obstante todas as dificuldades, passamos felizmente. Graças a Deus, encontramos logo a entrada e a foz do rio, e, são e salvos, enveredamos por entre os bancos de areia sob o vozerio alegre da maruja.

No dia 3, um hóspede estranho veio da terra americana ter a nosso bordo e sentou-se sobre o mastro. O senhor governador recebeu-o com um tiro de espingarda e deu-lhe para experimentar chumbo que ele não podia digerir. Era um abutre gigantesco, que sem dificuldade poderia, com suas garras, roubar do campo todo um terneiro e levá-lo para os ares. Veio depois outro hóspede, muito mais agradável, que se deixou pegar com as mãos, talvez em virtude de cansaço, porque não podia mais alcançar a margem. Era um passarinho, bem pequeno, curioso, muito lindo, de plumagem azul-celeste. Na cabecinha levava uma poupa vermelha como o *Wiedehopf* (= Upupo epops. N. do T.). Não nos deu a ouvir a sua voz, talvez com receio diante dos europeus estranhos. Deram-no de presente ao filhinho do senhor governador, que muito prazer tiveram nisso.

Hoje, os senhores capitães enviaram a Dom Pietro de Castro num bote para Buenos Aires, a fim de anunciar a chegada feliz dos navios da Espanha e da nova Missão.

No dia 4, só distávamos ainda 4 milhas de Buenos Aires, mas ainda não podíamos ver a cidade, tão pouco podíamos ser vistos pelos seus moradores. Entrementes fazíamos a limpeza dos navios, içávamos todas as bandeiras, cobríamos a parte superior, a galeria, em todo redor, com panos vermelhos, abríamos as portinholas e fazíamos sair os canhões, para que pudessem ser vistos. Os senhores governadores, capitães, negociantes, caixeiros, moços de recado, soldados, marinheiros, pescadores, e até os cozinheiros e serventes de cozinha — todos vestiam trajes novos, atiravam seus trapos rotos num canto, e se limpavam e asseavam. Numa palavra: tudo resplandecia de alegria, todos se punham em gala; ninguém queria apresentar-se pior do que o outro, ninguém queria valer menos do que o vizinho. Particularmente lindo de ver-se era o vestuário do novo governador de Buenos Aires e o de suas damas. O navio armado, com suas numerosas bandeiras e bandeirolas, apresentava-se num lindo aspecto. De longe, poder-se-ia tê-lo na conta dum castelo bem armado ou dum burgo de guerra, tão imponente e terrificante era de se o ver, quando assim ornado, rumava a toda vela em direção da costa de Buenos Aires. Só os Padres Missionários traziam a vestimenta e a libré da cor do seu pobre redentor e capitão Jesus Cristo, de cuja companhia eles eram. Trajavam sua roupeta curtinha, velha, toda gasta e rota, como se vestissem trajes novos do melhor pano espanhol, como se nunca tivessem levado melhor em seu

corpo. Minha roupeta de verão e a de muitos outros, como a do Padre Antônio Bôhm, que fora confeccionada um ano antes, estavam de tal modo esfarrapadas e gastas, que não era mais possível remendá-las, porque o tecido não segurava mais nem agulha nem fio. Portanto, não me era possível apresentar-me nela diante de gente honesta e tive que cobri-la com a roupeta caseira. Mas tudo isto e muito mais sucede pelo amor de nosso Salvador Jesus Cristo, que morreu descoberto e nu sobre a cruz. Não é o servo mais do que seu senhor.

No dia 5, pouco depois do sol nascer, vimos finalmente — eterna gratidão, devida honra e louvor a Deus no alto dos Céus, à misericordiosa Mãe de Alt-Oettingen, aos santos Anjos e às pobres almas do Purgatório — vimos, pois, finalmente o porto almejado de Buenos Aires, que significa tanto como “bons ares”.

Os primeiros descobridores assim chamaram o lugar, porque aqui costuma, o ano todo, soprar o ar mais salutar e temperado.

Perto da noite, avistamos dois pequenos navios saindo do porto, cada qual com quatro marinheiros aos remos, e vir em nossa direção com toda velocidade. Num dos botes achava-se o filho do então governador, com três alcaides ou jurados, no outro o Padre Procurator Collegii. Vinha o primeiro como emissário da comunidade, para recepcionar o novo governador, o Padre Procurador vinha em nome da Sociedade Paraguaia para receber a nós missionários. Ambos os botes estavam carregados com diversas qualidades de víveres, frutas americanas, provisões e refrigerios, para alimentar os famintos. O Padre trazia quatro grandes carneiros e dois lindos terneiros, caso quiséssemos comer carne, os quais nós, porém, demos aos soldados famintos. Além disso, trouxe ele as mais variadas espécies de frutas, como sejam maçãs, melões, melancias, que os espanhóis chamam de sandias, bem como cebolas e alho, vinte pães branquinhos, recém-cozidos, que também aqui eram servidos sem sal, mas ao que eu já me acostumara. Além disso, uma barriquinha de mel artificial, uma caixinha de confeites e doces, confeccionados de limão e rodela de limas açucaradas. Tudo isso nos era oferecido com o máximo carinho. Como bem apeteceu a nós famintos, bem o podem imaginar nossos leitores religiosos da Europa.

O segundo navio trouxe os mesmos dons preciosos aos senhores governadores, capitães e negociantes, bem como às suas damas, que haviam todos jejuado valentemente conosco. Foram estes os

primeiros frutos que experimentamos na América e da América. São todos sobremodo gostosos e saudáveis, e não fazem mal a ninguém, embora depois beba água, tanto quanto queira.

O dia 6 de abril eu quisera antes consignar com ouro, em vez de tinta, pois era a sexta-feira almejada da Paixão do Senhor e dedicado à dolorosa Mãe de Deus, além disso o dia natalício de nosso navio Almirante, dia em que finalmente, após tão longa e penosa viagem, chegamos a Buenos Aires e pusemos o pé no solo da América.

Esta manhã não se ouvia sobre o Rio da Prata outra coisa. senão o trovejar alegre dos canhões metálicos, o som marcial das trombetas, o murmurar dos tambores e pífanos, o vozerio faceiro dos marinheiros - pescadores. Não se via outra coisa senão o oscilar de pendões de guerra, estandartes e bandeiras. Na margem, via-se algumas companhias de guardas espanholas a cavalo e a pé, bem como incontáveis americanos¹⁹, com os seus instrumentos musicais. As indígenas com seus filhos menores, duas em uma mão, dois sobre o braço, os negros com as suas negras, jovens e velhos, grandes e pequenos, pretos e trancos, nus e vestidos, batizados e não batizados, todos vinham ao nosso encontro, cumprimentavam-nos alegremente e nos beijavam a mão sagrada. Quem é que teria contido as lágrimas? Eu, Reverendíssimos Padres e benévolos leitores, eu não o consegui. Ajoelhei-me e com grande devoção beijei a terra, à qual havia vindo da Europa, para saturá-la com meu suor e sangue, na qual pretendo agir e trabalhar e sobre a qual, pela misericórdia divina, pretendo alcançar a bem-aventurança de minha alma. Abracei, depois, meus graciosos indiozinhos e lhes estendi a mão para beijar.

Acompanhados da multidão dos nativos, bem como do reverendíssimo Padre Provincial Gregório de Orosco e de todos os Padres do Colégio, saímos do porto em direção reta à nossa igreja. Aí rendemos as devidas graças ao Deus todo-poderoso e à sua Dolorosa Mãe e assistimos ao *Te Deum Laudamus*, que os índios não cantaram mal, enquanto repicavam os sinos de toda a cidade.

É este, pois, o relato de viagem, que prometi aos Reverendíssimos Padres e a todas as pessoas mencionadas na primeira folha. Perdoem-me todos por haver escrito tão mal e miseravelmente.

Segue-se, agora, outra descrição de viagem, na qual conto como de Buenos Aires cheguei às reduções indígenas.

19. Obedecendo à linguagem da época, o Pe. Sepp chama os nativos de americanos.

Capítulo VI

NOVO DIÁRIO CONTENDO A DESCRIÇÃO DA VIAGEM DE NAVIO QUE O PADRE ANTÔNIO SEPP ENCETOU DE BUENOS AIRES, A 1º DE MAIO DE 1691, PARA ALCANÇAR AS REDUÇÕES DOS ÍNDIOS, DUZENTAS MILHAS ALÉM SOBRE OUTRO RIO, CHAMADO URUGUAI

Antes de embarcar novamente e antes de iniciar minha nova descrição de viagem, acho útil e de bom alvitre relatar algo sobre Buenos Aires, portanto juntar à minha história um relato. Encontrarei, por certo, em muitos escritos, descrições mais pormenorizadas desse objeto; não obstante parece-me ser mais agradável o relato dum bom amigo, que descreve as coisas de conhecimento próprio. Além disso, acredita-se mais na pena dum conhecido do que na dum desconhecido.

Depois de havermos sido recebidos em Buenos Aires com as maiores honras, no dia 6 de abril de 1691 — como já referi na minha primeira descrição de viagem, o Reverendo Padre Provincial achou como muito necessário que os quarenta e quatro missionários, bem como os recém-vindos leigos, que nos haviam servido sobre o navio, tivessem um mês de descanso, porque nossas forças esgotadas, após tão penosa travessia, tinham que refazer-se primeiro. Embora ninguém tivesse que pagar com a morte, a maioria estava extremamente enfraquecida. Especialmente os espanhóis, que pela primeira vez tinham viajado por mar, estavam lastimados até quase à morte, quando chegaram a Buenos Aires. Por isso, esse descanso era realmente necessário para todos e também nenhum mal podia fazer aos Padres alemães. O primeiro cuidado do Reverendo Padre Provincial e do Reverendo Padre Reitor foi de exercer as obras de misericórdia corporal na pessoa de seus pobres irmãos. Alimentou os famintos, deu de beber aos sedentos, vestiu os nus, hospedou os estranhos com todo carinho e generosidade e cuidou de tudo, tanto quanto lhe estava ao alcance e o permitisse a pobreza do Colégio. Nós, no entanto, que estávamos bem sãos, começamos logo a trabalhar na vinha do Senhor. Durante toda a Semana Santa ouvimos as confissões dos espanhóis. A povoação nesta cidadezinha é quase toda espanhola; os índios vivem mais para o interior, em seus aldeamentos.

Neste Colégio, que é o maior depois de Córdoba em Tucumã. achavam-se com o Padre Provincial e seu Padre Sócio ao todo oito Padres e um Irmão, que sem dúvida tinham que trabalhar às mãos cheias. Pois é esta Província maior que todas as Províncias alemãs, neerlandesas, francesas e italianas juntas, isto é, em extensão territorial. Embora só conte com oito Colégios, só 160 membros, sim, não chega a ter uma residência própria, mas só colégios e missões, todos a distâncias incomensuráveis uma da outra, ficando um estabelecimento do outro a cem, duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas e, até, mais de seiscentas milhas.

Buenos Aires é separada de Córdoba em Tucumã por uma enorme planície tão plana como o Lechfeld (planície na Baviera. N. do T.), que se estende por mais de duzentas milhas até Córdoba. Sobre estas duzentas milhas não se encontrará uma só árvore que seja, mas só lindos campos lisos e pastagens. Não se encontra tão pouco uma só aldeia ou casa ou cabana de pastor, mas só milhares de reses e cavalos, que não pertencem a ninguém, mas a qualquer um que os queira ter. Basta atirar-lhes o cabresto pelo pescoço e levá-los embora. Mas, passemos deste extenso campo enorme para a cidadezinha, para o forte de Buenos Aires.

Como já disse, está Buenos Aires situada sobre o 35° grau da latitude polar antártica, assim como Cádiz está localizada sobre o 35º grau da latitude polar ártica. É uma cidadezinha pequenina, constituída só de duas ruas, abertas em encruzilhada. Não chega a ter a metade do tamanho do distrito de Unter-Kaltern ou de Klausen (Baixo-Caldaro e Chiusa all'Isareo, ambos em Bolzano, no Tirol Meridional. N. do T.). O governo está nas mãos dum prefeito da coroa espanhola. Em cada cinco anos é mandado da Espanha um novo senhor, que assume o governo. Os quatro conventos de ordem religiosa que há aqui pertencem aos Franciscanos, Dominicanos, Trinitários e à Companhia de Jesus. Vivem todos em extrema pobreza e privação, porque a carestia aqui é extraordinariamente grande. As casas e igrejas não são de pedra, mas de barro e lama. Têm todas só um andar, e isto não porque faltassem pedras, mas porque o preparo da cal até agora é desconhecido. Só neste ano os Padres encontraram uma maneira de queimar cal. Já faz cinco anos que queimam tijolos e telhas. Pretendem construir nova igreja. Já começaram com a construção de uma grande e linda torre de pedra e cal. A metade da torre já foi levantada. Os arquitetos

são jesuítas e os operários dos nossos índios, que foram mandados das reduções para Buenos Aires. É assim que o Colégio e algumas poucas casas da cidadezinha já estão cobertos de telhas. Os telhados restantes ainda são todos de palha.

O castelo, onde reside o senhor governador, também é construído de barro e é defendido por um fosso e um baluarte. Para a defesa da cidade e de todo este grande país não há mais do que novecentos soldados espanhóis. Mas se surgisse algum perigo, poríamos imediatamente a caminho mais de trinta mil índios de nossas reduções, aliás todos a cavalo, e estes sabem muito bem lidar com mosquetões e manejar a espada, bem como atacar em formação de meia-lua, vindo dos flancos de batalha, formar esquadrões, lutar na ofensiva e defensiva, e isto tão bem quanto qualquer europeu. Além disso foram exclusivamente instruídos pelos Padres. Sem falar de suas flechas e arcos, laços e clavas, em que ainda são mestres desde a sua situação pagã.

O governo espiritual consta de um bispo e três cônegos. As rendas episcopais só orçam 3.000 *Talers* por ano, soma que aqui vale menos do que dois mil *Gulden*. Porque nesta terra a prata vale muito menos que o ferro. Por conseguinte, se queres uma faca, que na Alemanha custa três *Kreuzers*, pagarás todo um *Taler*, e por um chapéu de meio *Gulden* pagarás dez a doze *Talers*. Sim, umas calças de trinta *Gulden*. não a obterás por vinte ou trinta *Talers*, e muitas vezes nem por isso²⁰.

A comida, ao contrário, é baratíssima. Uma grande vaca gorda — aqui não se come a carne de novilho ou de boi — não custa mais de dois reales de Plata, isto é, 16 *Kreuzers* em moeda alemã. Por um cavalo não se paga mais de meio *Gulden*, e, entre os nossos índios muito menos ainda. Por um pequeno canivete de um *Kreuzer* pode-se obter dois lindos cavalos, por uma agulha ou uma brocha troca-se um enorme touro. Disso tudo darei informação mais ampla, quando falar dos indígenas.

Nas redondezas da cidade há matas inteiras de pessegueiros e amendoeiras. São livres e não pertencem a ninguém. Usa-se para lenha a madeira dessas árvores frutíferas. As árvores aqui ninguém obtém por mudas, mas as pevides das frutas são semeadas como o grão. Já no ano seguinte dão frutos. Castanhas e nozes, entretanto, não medram tão bem.

20. *Kreuzer* é moeda pequeníssima, correspondendo ao nosso vintém.

A existência dos pessegueiros se explica da seguinte maneira: Quando os mouros africanos devastaram a Espanha, trouxeram de sua terra grandes quantidades de pevides de pêssêgo, para com eles acabar de exterminar completamente os espanhóis. É que esta fruta tem entre eles ação pestilencial, e quem lá come um pêssêgo morre imediatamente²¹. Assim semearam eles pevides de pêssêgos, na intenção de obter na Espanha os mesmos efeitos nefastos. O jardineiro e agricultor divino, porém, inverteu o jogo, e os cristãos comeram a vida em vez da morte. Mais tarde, então, os nossos Padres trouxeram pêssêgo da Espanha para o Paraguai e com o tempo plantaram matas inteiras de pessegueiros.

Do mesmo modo há aqui também dos mais doces figos brancos e pretos. Durante os dias santos pascais, em abril, comi diligentemente aquelas frutas em nossa quinta. Um negro, preto como carvão, levou-me à mata de figueiras, trepou nas árvores, colheu as frutas e mas dava. Como ficou ele admirado em me ver comendo tão prazerosamente e quanto me apeteciam as frutas que me eram servidas por sua mão preta. Que poderia eu dar-lhe por sua gentileza? Não tinha outra coisa comigo, senão uma cruzinha espanhola, que lhe dei pelos figos. Mas, admirado fiquei quando de modo algum quis aceitá-la, dizendo que era demais, nunca Padre algum lhe havia dado coisa semelhante em troca dalguns figos. Ri de todo coração, pois sabia muito bem que os pobres dos Padres espanhóis nada têm, para fazer destes presentes, e disse ao negro: “Toma-a, meu filho; o que te dou bem o mereceste, e Deus te retribua os teus bons figos”. Quem ficaria mais contente que o meu negro! Logo me beijou a mão e disse: “Nunca em minha vida encontrei Padre tão amável como tu. Dize-me sempre quando e quantos figos queres, e sempre los trarei”. Com isto saímos da quinta. Era este negro um servo batizado do Colégio. É bem sabido como costumam ser tratados os escravos. Por isso, as minhas palavras lhe pareciam mais doces do que a mim os seus figos.

Durante nosso período de descanso e folga creio que ninguém recebesse mais visitas em todo o Colégio do que nós dois Padres alemães. Queriam saber tudo de nossa parte, sobre Sua Majestade a Rainha, sobre o excelentíssimo senhor pai, que Deus queira abençoar. Este queria saber quantos príncipes e princesas ele tinha. Aquele perguntava por Sua Majestade Imperial e sobre o curso da guerra húngara.

21. O Pe. Sepp é outra vez enganado por uma lenda qualquer.

E tínhamos que contar, como Viena foi libertada, Ofen²² conquistada, Belgrado obrigada a render-se e conquistada a Transilvânia. Depois a palestra girou em torno do rei Luis, como se houvera tão mal na administração do reino, de que, aliás, aqui nada sabiam²³. Também da cisão francesa do P. Fontaine etc., etc., tínhamos que contar, e uma infinidade de coisas mais. Todos nos ouviam com a máxima atenção. Mas com isso o Rev. Padre Provincial e o Rev. Padre Reitor Inácio de Frias, que na qualidade de Procurador levou esta minha carta para Roma, não estavam satisfeitos. Como soubessem que eu tinha alguma prática na música, tive que lhes tocar alguma coisa. Toquei sobre a tiorba grande, que trouxera de Augsburgo, bem como sobre a tiorba pequena, que trouxera de Gênova. Lancei mão, depois, do apreciado saltério do mui reverendo Padre Jacó Marell, *quem millies Cordi meo adstringo, & has liberas communicari unice pro meo & suo solatio cupio, expecto responsum suavissime Pater Jacobe: O CHAPA PATIENTIA! non sunt condignas passiones &c. Jam in hoc mundo recipio promissum centuplum pro illa CHAPA PATIENTIA, NON MAPA SED EST CHAPA MAGNA JOBI FILIA &c. Ignoscat Lector, Amoris haec vis est, quo Patrem Jacobún jam olim ob tot beneficia accepta reverteri debui & emplecti: de quo illud Patris Hugonis, dicere possum: Ille meos gemitus, mea suspiria solus* (a quem de mil maneiras me sinto cordialmente obrigado e a quem peço instantemente que transmita esta carta, para meu e seu consolo; espero respostas, suavíssimo Padre Jacó: Ó cara paciência! Não são dignas de comparação as penas etc. — isto é, deste mundo com a glória futura. — Já neste mundo recebo o prêmio centuplicado pela cara paciência. Não amarga, mas cara é a grande filha de Jó etc. O leitor queira perdoar, o amor é o culpado a que já antes devesse reverenciar e abraçar o Padre Jacó por causa dos muitos benefícios recebidos: a ele posso aplicar a conhecida expressão do Padre Hugo: Só ele conhece meus gemidos, meus suspiros). Quando, como disse, terminei de tocar as duas tiorbas, o saltério apreciado tocou o coração dos Padres, que nunca haviam ouvido coisa semelhante. A princípio fiz com que se assentassem de tal modo que só me ouvissem tocar, sem, entanto, me ver. Mas logo não mais puderam conter-se, vinham para meu lado, para seguir a música com ouvidos e olhos. Depois to-

22. Bairro da cidade de Budapest.

23. Referência aos fatos sucedidos em 1689, chegados de certo ao conhecimento do autor, antes de sua partida: a devastação do Palatinado, a destruição do castelo de Heidelberg e os impostos extorquidos de Manheim, Speyer e Worms pelas do rei Luiz XIV.

quei com o Padre Antônio em dois tipos de flautas, que comprara em Gênova. Também tive que tocar um pouco viola e trombeta, tendo eu comprado esta última em Cádiz. Toquei corretamente, como costume fazê-lo, e só um pouco, mas o pouco foi muito bem apreciado e recebido pelos Padres. Mostrei-lhes, depois, a tese do Rev. Vicente Migaz, que a pedido do Rev. Padre Jacó Guilherme oferecemos ao Padre Provincial, e a “Controfe”²⁴ do duque de Lorena (de gloriosa memória), que presenteei ao Pe. Sócio. Aos outros Padres dei diversos pequenos presentes, objetos que na Europa se usam na instrução da infância, pequenas imagens de Nossa Senhora, feitos de argila e confeccionados em Sevilha, e outras coisas mais. Tudo foi recebido com o máximo reconhecimento, como se fora ouro e prata. Uma imagem, que por causa de sua péssima qualidade chamaríamos de “droga”, pode muito bem ser, com todas as honras, oferecida aqui a um Padre Reitor ou a um Provincial; ele por isso não será menos reconhecido como alguém da Europa, a quem se oferecesse a mais encantadora miniatura. Isto só se explica pelo fato de aqui haver a máxima carência desses objetos. Os negociantes da Espanha aqui não querem ceder vendedores de estampas e por isso não trazem nada disso para os nossos. E por cima do mar os quadros de pergaminho, medalhas e rosários também não podem voar.

Meu Padre Antônio Bôhm também não se mostrou menos generoso e distribuiu diversos objetos espirituais entre os Padres. Ao Rev. Pe. Provincial ofereceu ele uma cruz de madeira, sobre a qual se viam os sete quadrantes em gravação artística. Entre os demais Padres distribuiu cruzeiros menores da mesma espécie, que ele havia confeccionado em Sevilha e Cádiz. Todos se mostraram sumamente satisfeitos por esses presentes.

Com essas dádivas simples e sem valor nós nos tornamos muito benquistos. Todos queriam saber de que Província éramos e por que a nossa Província *Germania Superior*²⁵ até aí não mandara nenhum missionário para o meio dos indígenas. Porque aqui sempre houve Padres de todas as Províncias, até da Galo-Bélgica, uns padres meio franceses²⁶. Por isso — assim diziam os Padres — parecia até

24. Deve ser um livro pedagógico. No entanto, não me foi possível esclarecer devidamente este pormenor.

25. Nome latino da Áustria.

26. O Pe. Sepp mostra que estava proibida a entrada no reino colonial espanhol dos jesuítas franceses, por causa das desinteligências entre as duas coroas.

que nossa Santa Província era ou muito orgulhosa ou não considerava devidamente as índias, ou então entre nós não havia candidatos suficientes. Ora, revidamos todos os três pontos com a devida modéstia. Dissemos: A única causa disso é que só tínhamos poucos Colégios e muito menos pessoas, dependendo diretamente da Casa de Áustria. Ao que eles retrucaram: Então não está todo o Império Romano submisso ao imperador? Confirmamo-lo. Ao que então responderam: Se for assim e se vossos Colégios estão situados no Império Romano, que é que impede que dentre vós não se enviem Padres, já que a Coroa de Espanha não só governa a Áustria, mas como Coroa Imperial todo o Reino? E quanto aos bávaros, são eles, em virtude de Sua Excelência Maria Antônia, inteiramente imperiais, quer dizer austríacos e espanhóis.

Fazendo abstração de tudo isto, digo (e já o escrevi pormenorizadamente de Sevilha): Não estamos muito bem-informados em nossa Província, quando acreditamos não serem os bávaros, zuavos, suíços e palatinenses tanto quanto os tirolese ou vienenses. Na Espanha não cuidam dessas distinções, e em geral os espanhóis nem distinguem essas nações entre si, mas para eles todos pertencem ao Império Romano e Alemanha. Dizem: Se os Padres, que enviamos para as índias, procedem da Província Germania Superior é o quanto basta. O essencial é que não sejam franceses, porque só esta nação é que é odiada na Espanha e é excluída do direito de penetrar no território das Províncias espanholas. Talvez suceda que um ou outro se ria de mim e diga: O Padre Antônio Sepp está erradamente informado sobre o assunto, e nós muito melhor sabemos a quem devemos mandar e a quem não. Pois bem estes que tenham razão, desde que isto se dê por outros motivos e não por causa da nacionalidade bávara, zuava ou suíça. Seja-me permitido fazer apenas uma pergunta, com a qual esclareço tudo que tenho dito: Pergunto, se é austríaco quem nasceu em Roma? Ou se está submisso à Coroa da Áustria quem nasceu em Gênova? Creio que não? E apesar disso temos aqui Padres Romanos e genoveses. Só porque sejam imperiais — o que, de resto, não se dá com os genoveses. Poderia alguém obtemperar-me: Se é por isso, pode o Reverendíssimo Padre Geral dar a dispensa. Tanto melhor! Se for assim, com mais razão deve ele dispensar os bávaros, zuavos e suíços.

Para reforçar este ponto, mais o seguinte: Meu caro Padre Antônio Bôhm estava muito preocupado que o considerassem como

ambergense²⁷ ou como palatinense, e por isso o excluíssem da missão indígena! Para tanto, modificou parte do seu nome, acrescentando-lhe “*Adami Bohemi*”; portanto, “filha de Adão Bôhm”, conforme o nome do pai. Segundo, acrescentou ainda Montipolitamis²⁸, modificando depois o nome para *Molipolitanus*²⁹. Um montipolitano de Innsbruck — isto equivale mais ou menos como a um veneziano natural de Munique! Numa informação sobre nomes e locais de procedência dos missionários, que de tempos em tempos é enviado ao Conselho Real de Madri, inscreveu-se então o seguinte: *Pater Antonius Adami Bohemi Montipolitanus Ratisbonae in Tyroli natus anno etc.* (Padre Antônio, filho de Adão Bôhm, ambergense — ou montipolitano de Ratisbona, no Tirol). Quem quiser rir, que ria! Eu e meu caro Padre Antônio, nós nos ríamos a valer e estávamos de bom ânimo! No assunto propriamente dito³⁰, constitui isso um erro, porque o Padre *Procurator Indiarum* fez o seguinte: Para não precisar citar em separado a pátria com o nome de cada Padre, colocou ele todos os Padres da mesma origem sob o nome da Província correspondente; e como nossos dois nomes estivessem juntos e eu escrevera “natural do Tirol”, era claro que o bom Padre Bôhm também tinha que ser do Tirol, a saber de Ratisbona, o que explica o que já disse acima.

Isto, meu prezado leitor, meus caros Padres e Irmãos, se deu por puro santo zelo e por amor que tenho para com estes pobres indígenas. E também por amor à minha Santa Província³¹, cujos membros em todos os tempos considerei como particularmente aptos para a Missão. Assim como por parte dos superiores daqui somos preferidos e escolhidos entre os demais, o que em breve se revelará particularmente na pessoa do santo missionário Padre Antônio Bôhm. Com o que não quero afirmar que os índios gostem mais de nós de que dos outros missionários. Mas agora voltemos à nossa descrição de viagem.

Depois que descansamos um mês em Buenos Aires, como disse, o Rev. Pe. Provincial enviou os recém-vindos da Espanha para Cór-

27. *Amberg*, cidade do Alto-Palatinado, a leste de Nuremberg.

28. *Montipolitamis* quer dizer, portanto: natural de Amberg.

29. *Montipolitamis*, no entanto, significa: cidade dos molhes ou pontes, isto é, Insbruck.

30. Trata-se de pequena fraude para encobrir a origem bávara de Pe. Sepp. A Baviera não fazia parte da Casa dos Habsburgos.

31. Palavras que designam a “Província alemã” da Companhia de Jesus. Sabe-se que os jesuítas, para fins de administração interna, dividiram todo o mundo em “províncias”. Todos os jesuítas de uma “província” estão subordinados ao “Padre Superior” correspondente a essa “província”.

doaba em Tucumã, para que lá pudessem prosseguir em seus estudos, porque todos eram em parte noviços, em parte ainda não haviam concluído seus estudos de filosofia e teologia. Os Padres estrangeiros, no entanto, todos já homens adultos, alguns com os cabelos já brancos, ele os enviou para os aldeamentos indígenas, que, seguindo o curso Paraná e Uruguai acima, ficam mais para o interior do país.

A navegação pelo rio se fez do seguinte modo: Anteriormente haviam sido chamados trezentos cristãos indígenas, para que viessem ao rio e nos transportassem em suas pequenas embarcações rio acima. Estas pequenas embarcações que os espanhóis chamam de canoas, eu as preciso descrever um pouco, antes de embarcarmos:

Toma-se duas árvores, possivelmente bem reformadas, de 70 a 80 pés de comprimento e 3 a 4 pés de grossura. Estas a gente amarra uma na outra com varas de vime, numa distância de um passo. Sobre esta balsa deitam os índios cana de bambu de doze pés de comprimento e dois palmos de espessura, e isto no meio dos troncos. Em seguida, constroem em cima uma choça ou casinha de palha ou bambu mais fino, do tamanho que nelas caibam dois ou três, e, até, quatro Padres. As paredes e o telhado são, da mesma maneira, de palha, e por cima cobertos de couros de boi. Dum lado acha-se uma janelinha, do outro uma portinha, que também é feita dum couro de boi. Embora essa choça seja simples e de palha, para um missionário que em Cristo morreu para o mundo, ela representa tanto quanto o palácio de Munique ou Innsbruck ou o palácio da Câmara de Augsburg. Nelas pode ler seus livros espirituais, falar em silêncio com o seu Deus, escrever, comer, dormir e fazer todos os seus exercícios espirituais, como se morasse em terra firme, em seu Colégio. Tudo isso pode ele fazer sem estorvo algum, pois mal percebe que a embarcação anda, pois a água não rumoreja em virtude da incomensurável largura do rio, mas está antes parada que correndo, e porque os índios sabem remar tão cuidadosamente, que mal se ouve o barulho dos remos. Também os índios não falam entre si uma única palavra o dia todo enquanto remam, nem gritam ou cantam para não molestarem o Padre em suas orações ou seus exercícios.

Nessas canoas ou pequenos navios embarcamos, pois, no dia 1º de maio do ano de 1691, e isto num lugar que dista quatro milhas de Buenos Aires, para evitar que os índios precisassem ir com suas canoas até Buenos Aires. É que os Padres não admitem que os índios

convertidos entrem em contato com os espanhóis, porque os índios batizados, que são gente boa e simples, se desgostam e contristam quando veem algo de mal no meio dos cristãos. E os espanhóis não primam por serem os melhores. Embarcamos, pois, em nossas canoas, a dois e a três. Cada canoa era remada por vinte e quatro homens rio acima, o qual se parecia como um grande mar, liso e calmo, como se não tivesse correnteza. Não precisávamos temer nem Netuno enfurecido, como no Oceano Atlântico, nem Éolo furibundo, nem bancos de areia, redemoinhos ou arrecifes.

Depois que assim passamos o Rio da Prata, encontramos ilhas, ora à direita, ora à esquerda, cada qual maior e mais linda que a outra. Alegravam-se olhos e corações à vista das magníficas árvores verdes, nunca vistas, dos arbustos e bosques, das moitas e sebes. Aqui, as mais lindas palmeiras, cheias de frutos amarelos, convidavam-nos para as suas sombras seguras; ali, o loureiro sempre verde oferecia abrigo contra tempestades e trovoadas. Limeiras e limoeiros, carregados de seus frutos bem cheirosos, e inúmeros outros frutos desconhecidos acenavam ao faminto e sedento, de modo que pensávamos estar navegando num outro paraíso. Esta pompa e magnificência mal se pode descrever. Todos os parques da Itália, todos os chafarizes da França, tocas as ilhas e paisagens dos Países Baixos, todos os lagos, viveiros e tanques principescos de peixes da Alemanha têm que recuar ante tamanha beleza. Só é de lastimar-se que todas as ilhas, tendo eu contado umas sessenta rio acima não sejam habitadas por viv'alma, mas ermas e completamente abandonadas. Sobre elas, que poderiam conter os jardins de recreio de imperadores e reis, se o grande Criador do Universo as houvesse criado na Europa, moram somente animais selvagens.

Muitas espécies dos mais capitosos peixes há aqui em superabundância; entanto, ainda não vi nenhum peixe, que se parecesse com as nossas variedades europeias. Eu mesmo peguei alguns peixes, sem anzol ou nassa. Basta juntar as mãos, mergulhá-las n'água e retirá-las de novo bem rapidamente. A água chega a formigar de tanto peixe. E quando os raios solares aquecem um pouco a água, os peixes saltam incessantemente para o alto e caem seguidas vezes sobre os navios que passam. Assim também nós tivemos o prazer de pegar diversos. A causa disto consiste em que desde a criação do mundo ninguém ainda pescou aqui.

Depois de oito dias, deixamos o *Rio de la Plata*, o Rio da Prata, que daqui para diante se chama Rio Paraguai, e, pela mão direita, entramos para o Rio Uruguai. Então deixamos o grande Rio Negro à mão direita e o *Rio Tercero* pela esquerda. O Uruguai tem suas cabeceiras a mais de trezentas milhas, no Brasil. À sua margem, a duzentas milhas de Buenos Aires, ficam localizadas 14 de nossas reduções indígenas, os aldeamentos e os povos. As doze restantes acham-se à margem direita do rio Paraná, mais para o interior do país. No mapa universal, extremamente lindo e útil, do R. P. Scherer, está consignada a localização exata de nossas reduções. Se o benévolo leitor quiser fixar um mapa desses, tomá-lo-ia pela mão e o levaria para as nossas reduções.

Primeiramente, procure Buenos Aires e deixe à mão direita o Cabo de Santa Maria; então, um pouco para o interior, encontrará um rio, desenhado bem pequeninho e sem nome. Este rio é o Uruguai. É tão grande como o Danúbio junto a Viena. À sua margem, resido na primeira redução, de onde estou escrevendo este relato. Depois, o benévolo leitor encontrará, mais rio acima, primeiro São Nicolau, depois São Xavier, em seguida, mais rio acima ainda, Santíssimo Sacramento e finalmente São José.

Aqui preciso anotar que o R. P. Scherer, em virtude do espaço apertado sobre o mapa, não pode prover todas as localidades com seus nomes. Assim, São Nicolau está consignada em primeiro lugar na margem do Uruguai, quando na realidade existem mais seis localidades antes daquela, de modo que São Nicolau só deveria figurar em sétimo lugar.

Japey, consagrada aos Três Santos Reis, é o primeiro aldeamento junto ao Uruguai, dentro do qual me encontro presentemente. Daqui, Santa Cruz dista sete léguas, daí havendo então vinte milhas até São Tomé. Outras localidades são São Borja, Apóstolos, *La Concepcion* e assim por diante³².

Hoje, dia 15 de maio, deixamos nossas barquinhas e fomos uma hora ou hora e meia passear num matinho próximo, para nos refazermos um pouco. Na praia encontramos grande quantidade de pedras de cores, sumamente lindas, que, se alguém as soubesse polir

32. Em maio de 1691 as reduções à margem esquerda do Paraguai (São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga) contavam três anos de existência. São Borja havia sido fundada alguns meses antes (1690). Deve ser aqui a primeira vez que aparece em letras de forma o nome de São Borja.

e brunir, nada ficariam devendo às mais legítimas pedras preciosas³³. Encontramos também uns utensílios bem curiosos, feitos de pura terra e apesar disso bem resistentes; por dentro eram bem lisos, como vidrados; os índios enchem essas vasilhas de água, e na época estival quente dependuram-nas de noite ao ar livre. Assim conservam bem fresquinhas o dia todo a sua água potável, como se estivesse estado sobre o gelo. Ainda se encontram neste rio plantas bem curiosas, pedaços de madeiras, parecendo meio madeira, meio pedra. Uma casca de limão estava toda petrificada, bem como um pedaço de carne. Não sabemos como é que surge essa petrificação, se a água tem o poder de fazer semelhantes transformações. Tudo isto é muito curioso de ver-se.

No dia 20, ao nascer do sol, todo um bando de bárbaros selvagens veio correndo em direção de nossas embarcações. Mandamos logo nosso intérprete ter com eles, para perguntar-lhes o que queriam. Responderam que vinham em boa paz e nos ofereciam alguns cavalos para compra. Quando o soubemos, fomos em terra e cumprimentamos-os muito amavelmente por intermédio do intérprete e perguntamos o que queriam por cada cavalo. Um dos selvagens queria alfinete, outro uma faca, este um pouco de fumo, aquele um pedaço de pão e um anzol. Um deles pediu apenas um pouquinho duma erva paraguaia³⁴, que não é outra coisa senão as folhas secas de determinada árvore, que são moídas em pó. Este pó os índios deitam na água e dela bebem então, e isto deve ser extraordinariamente saudável. Outra vez relatei mais a respeito. Compramos, portanto, mais de vinte lindos cavalos grandes e nem um Taler gastamos ao todo. Que compra, hein? E os bárbaros se regozijavam pelo pagamento, assobiavam de alegria, o que é seu costume, e agradeceram-nos bem amigavelmente. Havia uma grande amabilidade nesses homens selvagens e primitivos.

Sua vestimenta consistia numa pele de veado, que vai dos ombros até o chão³⁵. Uma pele de veado destas só veste o cacique-chefe que, de resto, sempre é o mágico e feiticeiro, ao passo que a plebe ordinária só veste uma pele em torno do corpo até os joelhos. As me-

33. É digno de menção que, nesta referência tão longínqua, já se falem das pedras semipreciosas ágata e ametista, contidas no pedregulho do Uruguai, e tornadas mais tarde, o símbolo do Rio Grande do Sul.

34. Uma das primeiras descrições do mate, que desempenha, ainda hoje, papel preponderante na alimentação e na economia do gaúcho.

35. Deste particular pode-se deduzir que os Yáros eram de estatura relativamente pequena, porque o veado rio-grandense não tem um comprimento muito grande.

ninas e os rapazes andam como Deus os criou, em *puris naturalibus*. Na cabeça não têm outra coisa senão seus cabelos pretos compridos, soltos e desgrenhados, que se parecem com a cauda dum corcel robusto. As orelhas são furadas. Em vez de brincos, levam certos pedaços de osso, bastante parecido com madreperla, ou algumas peninhas coloridas, presas num fio. Da mesma forma, as meninas e os rapazes levam como ornamento dos lábios, junto à metade do queixo, ossos brancos, do comprimento dum dedo e da grossura duma sovela. Se, porém, as crianças levarem peninhas brancas, em vez de osso, isto é sinal de nobreza, ou sinal de que são filhos do feiticeiro. Em lugar dalgum colar, levam uma coroinha de penas coloridas sobre a pele descoberta, amarradas por um fio. Os homens têm quase o tamanho dos europeus, são, porém, mais baixotes e têm membros e pernas maiores. Os rostos são quase todos iguais, como se fossem fundidos dum mesmo modelo; não são alongados, mas redondos; não de feições plásticas, como os nossos, mas comprimidos e chatos; não pretos como os dos negros africanos, mas pardo-escuros ou cinzento-claros e horríveis de ver-se. Na mão levam incessantemente um arco e um feixe de flechas. De todos os pagãos são eles os mais audazes e robustos, os mais pugnazes e os mais afeitos à magia. São os que se chamam de Yáros. São os que pretendiam roubar a vida ao santo homem Padre Bôhm, como já referi ligeiramente, e como vou contá-lo mais além com maiores pormenores. Para convertê-los, foi ele enviado pelos superiores antes dos outros Padres Missionários, hoje ainda mora entre eles, no maior perigo e privação, em trabalho e suor.

Além disso, havia entre esses bárbaros alguns recortados e retalhados em todo o corpo. Mas as feridas sararam novamente, de sorte que só se viam as cicatrizes. Entretanto, só os mais robustos, os maiores e os mais proeminentes entre eles é que levavam esses sinais de tatuagem³⁶. Essa, laceração e esfoladura cruel, de que esses gilvazes são o sinal, eles não a passam quando já são fortes e adultos, mas suportam-na na primeira juventude, e passam a prova sem queixas nem gemidos, mas com sorriso. Esse martírio — se o sofressem por Deus, seriam eles sem dúvida legítimos mártires de Cristo. Assim, porém, são eles meros mártires do demônio, que aliás macaqueia tudo na Igreja cristã.

36. Comprovação do costume de tatuagem, entre os moradores primitivos.

Para descrever o elemento feminino preferia o pincel de pintor à pena. Ó vós, reverendos Padres, caríssimos Irmãos e benévolos leitores! Quando virdes pintada a imagem duma Fúria infernal ou dum fantasma, duma medusa ou megera, então tereis visto uma mulher indígena dos Yaros! O cabelo é bem preto e desgrenhado, amarrado como se foram serpentes, e soltos, caindo pelas costas; cobre também a testa e desce por cima dos olhos. É horrível de vê-lo — não só para os nossos pequenos anjinhos brancos europeus, mas também para as nossas arrojadas mulheres, amazonas e heroínas. O rosto é horivelmente queimado e coberto de mil rugas. Os dentes são brancos e a parte mais bonita dessas mulheres infernais, e elas os mostram como os bodes. Seu pescoço é escamado como de verdadeiras escamas de peixe, porque levam como ornato um colar de osso, que se parece como de madrepérola, sendo da mesma espécie seus braceletes e presilhas; de resto, porém, braços, pescoço e peito são descobertos. A mágica e feiticeira, que é a esposa do cacique, levava uma legítima coroa sobre a cabeça, coroa tríplice como a papal, mas não preciosa, e, sim, tecida de palha. Também nisso podemos reconhecer a momice do macaco infernal.

Não deitam seus filhinhos no berço, mas os envolvem numa feroz pele de tigre. Também os desmamam bem cedo e, em vez do leite dão-lhes longas tiras de carne crua, da qual essas criaturas inocentes chupam o sangue. Ó vós, meus gentis e queridos anjinhos europeus! Quanto melhor é o leite, que sugais do seio de vossas mães! Estas mulheres aqui são antes tigres sanguinários, verdadeiras megeras e fúrias infernais, do que mães.

Os homens, além disso, têm o seguinte costume: Se lhes morre um parente próximo, cortam um dedo da mão esquerda, perdendo, portanto, tantos dedos quantos parentes consanguíneos tiverem. Mais terrível e cruel ainda é o seguinte: Se morre a filha mais linda — se é que alguma dessas fúrias infernais se pode chamar de linda — realizam então um jantar, em que a caveira dos mortos serve de taça, fazendo-a passar de mão em mão.

Tudo isto seja contado por ensejo da nossa compra de cavalos.

Quero ver, agora, se lhe poderei comprar um cordeirinho ou anjinho inocente. Procurarei dar-lhes agulhas e presilhas, facas e anzóis, pão, fumo e mate e oferecer-lhes pela tenra mercadoria quanto desejarem.

No dia 22 de maio fomos novamente ter com os pagãos e inféis, para comprar-lhes carne, de que haviam carneado uma porção. A quinze passos da margem vimos as suas cabanas, que não passam de simples paredes de junco traçado e armados do lado donde sopra o vento. Os utensílios domésticos e culinários consistiam de porongos ocos³⁷, com que buscavam a água do rio. Estavam esparramados pelo chão, e não havia telhado por cima. Em vez dum espeto ou duma frigideira, usavam de duas varas³⁸. Sua cama era uma pele de tigre ou boi, deitada no chão nu, seu cobertor era o grande firmamento azul. O feiticeiro e cacique-mor tinha cama pouco melhor, cama feita de fio trançado como rede de pescar³⁹, e estendida ao ar entre duas árvores, de sorte que o cacique podia dormir seguro das cobras e sapos, que aqui são muito grandes e impossíveis de contar, e dos tigres ferozes, que aqui andam aos bandos.

Todos nós, Padres Missionários e índios batizados, fomos ter com esses indígenas. E como os nossos fossem muitos, aqueles pobres coitados tiveram medo sobremodo grande, tremendo como varas verdes, porque julgavam que queríamos aprisioná-los. Mas quando, em vez de espadas, sabres e lanças, tiramos alfinetes e anzóis dos nossos bolsos, perderam o medo, vieram ao nosso encontro e nos estenderam as mãos. Aqui, um estendia a mão para um alfinete, ali, outro pedindo um anzol, lá, outro tinha as vistas voltadas para o nosso pão branco. Em troca, deram-nos a melhor e mais gorda carne de vaca — como já disse, a carne de boi não é tão boa e por isso não é comida — para os nossos trezentos remeiros, reservando para nós a mais linda e fresca carne de vitela.

Entrementes, tinha eu os olhos incessantemente voltados para as inocentes criancinhas, de que havia todo um bando, pululando como um rebanho de ovelhinhas. Doía-me o coração e movia-me à mais terra piedade ver esses anjinhos inocentes, que pelo precioso sangue cor-de-rosa de Jesus Cristo foram resgatados, e que, agora privados do céu, um dia deverão ser filhos da eterna maldição. Quando um gentil rapazinho veio ao meu encontro, perguntei-lhe pelo pai, falando-lhe per intermédio do intérprete. Mostra-mo, e assim fomos com a criança ter com a mãe. Dei-lhe um pedaço de pão e perguntei-lhe se não desejava alfinetes e presilhas. Respondeu afirmativamente, de

37. O porongo é até hoje usado como balde, pelos moradores da serra rio-grandense.

38. Ainda se prepara o churrasco desta maneira.

39. Não se ignora ser a rede invenção indígena.

boca sorridente. Perguntei-lhe, então, quantos alfinetes, anzóis e fumo queria ter por essa criança, e ao pai prometi levar o menino comigo, vesti-lo todo de novo e cuidar dele minha vida toda. O bárbaro logo se mostrou inclinado. A mãe, entanto, não quis dizer que sim, mas opôs-se à compra. Fiz-lhe dizer que ela ainda tinha uma porção de meninas e rapazes, que, portanto, lhe importava essa criança a mais? Ou, se fizesse questão de não me vender justamente esse seu filho, também estaria satisfeito com aquela menininha, sobre cuja cabecinha logo coloquei minha mão, e pagar-lhe-ia muitas presilhas e alfinetes e anzóis. A princípio, pareceu que à velha megera isso não parecia difícil. Quando, porém, quis começar com o pagamento e quando tirei os alfinetes e as presilhas e as desembulhei do papelzinho azul, opôs-se o seu amor natural, e o espírito infernal atçou mais ainda esse fogo maternal. Finalmente desfez todo o negócio e negou-me a menina, que eu já julgava ter em minhas mãos⁴⁰. Não obstante, o comprador mostrou-se mais generoso do que o vendedor; dei-lhes profusamente, para em seus corações despertar ao menos simpatia para comigo e para com a mansidão cristã, na esperança de que à misericórdia divina aprovaria em ceder-me, em outra oportunidade, talvez até de graça, essa mercadoria assim tão preciosa e cara. Depois que recebemos a carne, tornamos para as nossas barquinhas.

Hoje, dia 23, coube a mim novamente a ordem de celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Depois que isto se fez, meu Padre Antônio e eu fizemos um grande cruzeiro e erigimo-lo sobre um outeiro. Como representante de minha Santa Província, gravei nele as letras: GERMANIA⁴¹, tomando assim posse desse país pagão, na grande esperança de justamente aqui, sob o vexilo da Santa Cruz, ganhar esses bárbaros selvagens para a Igreja cristã e de justamente aqui erigir mais tarde uma redução — como, então, mais tarde, a misericórdia divina fez com que se realizasse. É que perto desse lugar o santo homem Padre Antônio Bôhm fixou lugar, — eu não era digno disso em virtude dos meus grandes pecados — construiu, entrementes, cabanas para, os índios, erigiu pequena aldeia, construiu uma capelinha de palha, sob a

40. Nossa atitude, em face desta questão, é hoje outra: consideramos o amor materno, irrompendo subitamente nesta mulher primitiva, como um traço de moral elevada.

41. Para atalhar prováveis equívocos: não se trata aqui de um ato de nacionalismo, mas de simples medida de ordem missionária. O Pe. Sepp quer dizer que, na catequização desta terra, também tomaram parte dois alemães, ou melhor, dois jesuítas germânicos. Trata-se de competição entre as diversas “províncias” europeias em particular da catequese do Novo Mundo. As “primícias” mencionadas no fim deste parágrafo são eles mesmos, os Padres Sepp e Bôhm.

invocação de São Joaquim, o santo genitor de Maria. Deste breve fato quero deduzir, brevemente, que muitas vezes a Deus apraz realizar a conversão de povos inteiros por uma obra, que, embora malfeita, foi, no entanto, iniciada de bom coração e com grande zelo de alma. Porque aquela vez, quando após a minha Santa Missa erigimos o cruzeiro — o que não podia ser feito sem que alguns se rissem de nós e nos mofassem, dizendo: “São, são isso, alemães simplórios?” — aquela vez, disse, ninguém de nós dois jamais imaginou, que o bom Deus aceitasse essa obra tão modesta com tamanha graça e revelasse já no fim do primeiro ano o seu braço potente na pessoa do seu servo. Era maio, quando levantamos a cruz, e já em janeiro o Padre Antônio iniciou sua missão neste lugar! Vós, porém, Reverendos Padres, Irmãos caríssimos, benévolos leitores, vós, porém, deveríeis incluir diariamente em vossas santas orações este novo local de conversão! Pois parece que o Deus fiel quer recompensar à nossa Província a perda de dois dos seus homens! Quanto a mim, fui somente fardo e cargo, sem utilidade. Vós, porém, não deveis imaginar que a Província tenha o mínimo prejuízo, se ela enviar um outro membro para os índios! É que, se o Deus grande, bom e misericordioso realizar, por intermédio de todos os que são enviados de nossa Província para o meio dos índios, tanto quanto já realizou por intermédio do Padre Antônio, esses infiéis bem breve teriam fim, e haveria um só redil e um só pastor. Até agora, é verdade, há aqui apenas as *Primitiae* da até agora ainda desconhecida *Província Germaniae Superioris*.

No dia 24 de maio, os nossos remeiros já haviam consumido toda a carne, comprada dois dias antes. Tomamos, por isso, dos cavalos comprados no dia 20 por alguns alfinetes, e fomos por meia horinha terra adentro. Era toda ela um grande, ininterrupto campo de engorda e cheio do mais lindo gado, que ali pastava. Aí eles pegaram seis vacas gordas e quatro terneiros, cortaram cada animal em quatro pedaços e trouxeram-nos ao rio. Pés, cabeças, pulmões, fígados, o couro e todos os intestinos, tudo isto foi deixado no campo, para pasto das aves. Tudo isto se deu numa hora. Impossível de dizer-se com que perícia e rapidez os índios pegam uma res, derrubam-na, tiram-lhe o couro e esquartejam-na. Mas muito mais rápidos ainda são no comer. São tão dados ao consumo da carne e a ela acostumados, que a comem sempre sem sal, — porque os índios não o têm — sem pão, meio crua e sangrada, e nós não podemos desacostumá-los desse mau costume,

por mais que nos esforcemos. Assim, sucede, por vezes, que mandasse a um doente carne bem assada e preparada à maneira alemã com salsa, rosmaninho e manjerona (são estes os nossos condimentos⁴², ele, porém, atira-a aos cães. Prefere encher a barriga com sua carne crua e sangrenta, que passou três vezes por cima do fogo e pela fumaça. Apetece-lhe esta muito melhor do que minha porção bem cozinhada.

Hoje, dia 25, veio ao nosso encontro, rio abaixo, o padre José Seravia, da redução Santa Cruz. Trouxe consigo vinte músicos, que tocavam música sobre diversos tipos de instrumentos, para, em nome de todas as reduções, nos receber e nos acompanhar entre júbilo e alegria na nossa entrada na Terra Prometida. Além disso, trouxe consigo uma porção de provisões, noventa lindos pães brancos, duas barriquinhas de mel, pêssegos em compota, cana-de-açúcar, da qual se faz o legítimo açúcar. Esta cana-de-açúcar bastante se parece com aquelas canas grossas, que da Itália se leva para Alemanha, e que serve para bengalas. Outrossim, trouxe ele laranjas, limões, maçãs, melões, melancias e outras frutas americanas, extraordinariamente vistosas. Tudo isso tanto melhor nos apeteceu, porque aos poucos já estavam faltando os nossos víveres, exceto carne. O Padre que nos recebeu era o primeiro missionário que chegamos a ver, e era um velho bonito, de cãs cinzentas, venerando, que já pastoreava no segundo ano, sozinho, um rebanho de 5.000 almas, distribuindo-lhe o pão do Senhor. Alegrou-se muito quando soube que haviam chegado quarenta e quatro operários para a grande vinha do Paraguai, e esperava receber também seu auxiliar, o que, então, também logo se deu.

Antes que nos entregássemos ao descanso noturno, pedi ao Padre que, nesta primeira noite do dia de nossa chegada a terras estranhas, no país dos infieis, nos permitisse cantar a ladainha em honra de Nossa Senhora, a caríssima e mui bendita Mãe. Foi o que se fez. E muita lágrima derramou-se nessa ocasião. Pois que, quem queria e poderia conter-se em face das pobres criancinhas indígenas, tão escassamente vestidas e que no país de pagãos bárbaros e ferozes entoavam um hino de glórias à Rainha dos Céus? Era, porém, a primeira vez. Cantei a oração depois do Salve e não sei descrever o consolo indizível

42. De todos os povos germânicos, os de mais apurado paladar são os austríacos, e entre estes os tirolezes, que dão muito valor à boa cozinha. Conceder o padre tanta importância à arte culinária é, portanto, bem um traço regional típico. Pode-se mesmo supor que tenha trazido, da terra natal, alguns dos diversos temperos mais apreciados, como o fez com as uvas moscatel.

que senti em meu coração pecador. Creio que todos os consolos espirituais que já tive em minha longa vida foram grandemente sobrepujados neste momento.

Fazíamos, daí por diante, todos os dias essa devoção em honra da misericordiosa Mãe, antes que nos fôssemos deitar. E os bárbaros selvagens e desumanos vinham muitas vezes completamente nus e ouviam ao canto com todo o respeito e modéstia.

No dia 26, chegamos, pelo meio-dia, num lugar, onde o rio Uruguai cessa de ser um curso d'água, onde, antes, se precipita por um rochedo abaixo, correndo por quase meia hora por cima de grandes pedras. Tínhamos, por isso, que desmontar as nossas canoas, sobre as quais estavam as cabanas, e puxar para cima árvore após árvore. Os índios fizeram isso em meio dia. Então descansaram nesta noite até a metade do dia seguinte, pois era um trabalho horrível arrastar esses troncos grossos e pesados, de sessenta e, até, setenta pés de comprimento, pela água, por meio de arrecifes estreitos para então tornar a amarrá-los e instalar por cima as canoas, para que pudéssemos prosseguir viagem. Fizeram isso, como disse, com estupenda rapidez.

Esta queda do rio, com seus recifes estreitos e ásperos, o Criador providente da natureza a fez só e unicamente e ali a colocou para maior benefício de nossos pobres indígenas. Todos os Padres Missionários estão firmemente convencidos disso. É que até aqui já vieram os espanhóis em seus navios, em sua insaciável cobiça de dinheiro. Mas quando chegaram aqui, ouviram: Non plus ultra, nem mais um passo! Tinham, por isso, que voltar para Buenos Aires, e até o dia de hoje não puseram pé em nossas reduções, não podem realizar nenhuma comunhão, nenhum negócio, nenhum tráfico com os nossos indígenas, e isto constitui um benefício indescritível. Primeiro, porque os espanhóis são dados a muitos vícios, de que estes nossos bons e simples índios até agora nada sabem, mas que eles, logo pegariam, se entrassem em contato com os espanhóis. Sobretudo, porém, os espanhóis convertem os índios, a quem a natureza galardoou com a rica liberdade, em escravos e servos e os tratam como cães e bestas, embora os índios sejam cristãos, e estragam tudo o que aos Padres custou tanto trabalho e suor.

Capítulo VII

DE COMO OS REV. PADRES ANTÔNIO SEPP E ANTÔNIO BÔHM S. J. CHEGAM À PRIMEIRA REDUÇÃO INDÍGENA DE “JAPEYU” OU DOS TRÊS SANTOS REIS, E QUAL O TRABALHO QUE OS MISSIONÁRIOS AÍ REALIZAM

Quando passamos sãos e salvos a queda d'água do Uruguai, tínhamos que continuar navegando contra a corrente. No dia 1º de julho chegamos felizmente ao território de Japeyu. Portanto, transcorrerá um mês todo com esta nova viagem fluvial.

Japeyu é a primeira redução neste rio. É dedicada aos Três Santos Reis, achando-se debaixo do 26º grau e distando 6 graus de Buenos Aires.

Alinhamos as nossas barquinhas na melhor ordem como uma armada, formando bonita meia-lua. Cobrimos as choças de palha e os telhados e as portas de couro lindamente com ramos verdes, por cima das portas fizemos arcos-de-triunfo de louro e neles dependuramos todos os frutos que sobraram de nossa provisão. Do mesmo modo ornamos com ramos verdes os troncos das bolsas e as canoas. Assim, nossas choças de palha ressequidas se pareciam com casinhas de veraneio bem instaladas e com verdes caramanchões, em cujo interior costumam divertir-se as ninfas e nereidas. Além disso, cada canoa tinha seu tambor, um píforo e uma trombeta. Estes tinham que fazer música. Isto confortava os remeiros indígenas, encantava os Padres e enchia de ecos alegres as praias, ilhas, bosques e verdes matas próximas. Nessa pompa toda nos achávamos, quando o sol entrava para o ocaso. Do outro lado do rio víamos a redução, linda de ver-se sobre o outeiro, com a torre e a igreja, a residência dos Padres e com as quadras e ruas das casas e cabanas em que moram os índios convertidos. Nós, porém, ainda não podíamos ser vistos por eles, mas só ser reconhecidos ao longe pelo som das trombetas.

No dia 2 de junho, ao sol-nascer, chegamos finalmente à vista da margem oposta e passamos, em linha reta e na referida ordem, para a redução. Mal nos viram os índios que moravam no aldeamento. levantaram logo alegre vozerio, gritando *Jopaeen! Jopaeen!*, saíram correndo de suas cabanas, um aqui, outro ali, este meio nu, aquele amarrando uma pele em torno de si, um outro montando seu cavalo

branco e o caracolava, um terceiro veio disparando em nossa direção montando num zaino, fazendo-nos uma parada e alguns cumprimentos americanos, um outro mais tomou de arco e flecha ou seus laços e boleadeiras⁴³ e todos corriam quanto podiam, outeiro abaixo e em direção ao rio. Até os pequenos anjinhos, que mal tinham pezinhos para correr, vinham correndo e saltando de alegria, e o irmão levava sua irmãzinha pela mão, e ambos caíram e vieram rolando juntos morro abaixo. Os velhos de cãs níveas imitavam os pequenos, pegavam dos seus bastões e se faziam jovens, e os cegos vinham com seus orientadores de pau. Só não vimos uma única mulher que fosse, nenhuma indígena de mais de sete anos. Talvez penseis que não fossem elas tão curiosas como os homens? Ou não apareciam de medo? Nada disso! Mas onde é que estavam, então? Que faziam no meio da alegria geral? Não queriam elas receber do mesmo modo e honrá-los com sua presença aos novos Padres Missionários, a quem em tão grande número nunca ainda haviam visto e que agora chegavam da Europa, por amor a eles, após uma viagem de vários anos? Oh, isto tudo e muito mais ainda faziam as pobres coitadas! Benévolo leitor, mal adivinharás onde realmente estavam! Estavam ali, onde, em circunstâncias idênticas, deveriam estar as mulheres europeias, estavam todas juntas reunidas no Senhor, ajoelhadas todas juntas na igreja diante do Santíssimo Sacramento, rezando todas juntas com extrema devoção pelos seus caros Padres Missionários. Quem é que não choraria de puro consolo, como deste modo as pobres coitadas adoram ao seu Deus, a quem, faz pouco ainda, não conheciam e nem veneravam, e em vez disso tinham adorado o mau inimigo, o que agora reconhecem em verdade por seu zelo de alma indefesso.

Agora, não estorvemos sua devoção e deixemos as mulheres piedosas na igreja. Queremos voltar à praia do rio. Tudo o que ali se deu não é nada ou só a sombra dum pequeno júbilo, que os índios simples entoaram em seu pequeno juízo, porque agora queremos ver o que o Padre Curador deste lugar e o Padre Superior imaginaram e no-lo ofereceram em sinal de amor e alegria.

No meio do rio vinham descendo dois naviozinhos, parecidos com duas fragatas ou galeões bem armados. Estavam de ambos os lados carregados com uma bonita fileira comprida de mosquetões,

43. Consistem as boleadeiras em instrumentos compostos de três pedras unidas por um laço. Nas regiões mais distantes do Rio Grande do Sul são ainda às vezes usadas para caçar avestruzes e gado selvagem.

levando ainda um tambor, um píforo e uma trombeta. Agora relampejam os mosquetões, zunem os tambores, ressoa o límpido metal. Ao mesmo tempo, os dois navios lutavam entre si, bem como os guerreiros sobre eles escondidos, das bocas dos mosquetões vinham os raios de fogo da pólvora e as balas de chumbo, e se uns negavam fogo, logo disparavam outros em seu lugar. E eis que alguns índios, quais nereidas, se jogam à água e lutam entre si, ora por cima, ora por baixo das ondas, agora formam um círculo, pouco depois uma linha cruzada, vêm finalmente em direção de nossos dois navios, e os saúdam com uma dança triplíce e com movimentos circulares cortesés. Tudo isto é muito engraçado de se ver.

Na praia, porém, estavam, o Padre Superior e o Curador com dois esquadrões de cavalaria e duas divisões de infantaria, e o povo guerreiro americano não mais vestia peles de tigres, de ovelha ou de boi, à maneira pastoril, mas estava de uniforme de gala, trajando graciosamente conforme a moda espanhola. Suas armas eram espadas, mosquetões, arcos, flechas, laços, clavas endurecidas ao fogo. Estes escaramuçavam um pouco entre si. Nesse meio tempo, quatro alferes levantaram os estandartes de guerra, quatro assobios deram alarme. Entrementes, desembarcamos de nossas choças de palha verdejantes, saudamo-nos, abraçamo-nos e seguimos, então, sob o repicar alegre dos sinos, por baixo de lindos arcos de triunfo de grande altura, em direção à igreja, acompanhados de alguns milhares de índios batizados, portanto, de certo modo, com um exército. Aí fomos encontrar as pobres coitadas das mulheres indígenas, todas na melhor ordem, recolhimento e piedade, rezando por nós. Nenhuma só que fosse voltou o olhar para nós, nenhuma só que fosse olhou em nossa direção, parecendo elas mais anjos do que homens. Então os músicos entoaram o *Laudate Dominum omnes gentes*, e o “Louvai ao Senhor todos os povos” foi cantado em reconhecimento devido ao Supremo Deus, por se haver, mais uma vez, compadecido destes pobres povos, enviando tantos curas de almas e trabalhadores por um caminho tão longo e perigoso, conduzindo-os sãos e salvos por sobre o alto mar e trazendo-os, então, cheios de saúde, até aqui, após outra viagem tão penosa, de um mês pelo rio.

Terminado o “*Laudate*”, veio o corregedor — é assim que chamam espanhol o mais distinto dos indígenas — e nos fez um pequeno discurso de agradecimento, dando-nos as boas-vindas em nome do

todo o povo. O mesmo fez uma índia, que era a mais loquaz entre as mulheres. Como no-lo manifestou o Padre Superior, que entende a língua dos índios, estava o discurso muito bem redigido e proferido com muita graça. O conteúdo era o seguinte: Assim como o Espírito Santo havia descido sobre os Apóstolos (era justamente véspera de Pentecostes) e os havia inflamado com as chamas do fogo divino, para que falassem com línguas de fogo e com esse fogo incendiassem o mundo inteiro, a fim de que este ardesse nesse seu amor — assim teriam chegado agora tantas línguas de fogo como Padres Missionários para inflamar estes pobres povos americanos abandonados e os fazer arder com o fogo do amor, que tinham trazido da Europa distante, para que os pobres índios fossem instruídos na fé e vivessem no amor de Deus e nele pudessem morrer. Assim falou esta pobre indígena, mulher simples e sem instrução alguma. Não era nenhuma sábia Ester ou astuta Rebeca. Mas de tudo isso se verifica, claramente, que Deus, em sua grande bondade, a todos os homens empresta conhecimento suficiente, embora sejam os mais simples, desde porém que o queiram servir.

Deste modo, a Noite Santa de hoje e o dia seguinte passaram-se entre manifestações de intenso júbilo e alegria. À noite, assistimos a quatro diferentes danças, cada qual mais linda que a outra. A primeira foi executada por oito rapazes, que jogavam mui lindamente com suas lanças. A seguinte dançaram dois esgrimistas, a terceira seis nauras. E a última seis rapazinhos a cavalo. Todos esses indígenas vestiam à espanhola. Poderiam estes atores formados pelos Padres figurar com muita honra em qualquer comédia perante reis e imperadores. Depois teve início uma escaramuça a cavalo. Como ficasse noite e como não houvesse nem cera nem óleo para a iluminação, tomaram de chifres de bois, que aqui são extremamente grandes e compridos, encheram-nos de graxa e sebo, acenderam-nos e os levantaram para cima. Por esses chifres ardentes transformou-se a noite escura em dia claro, como que iluminada por tochas, e os dançarinos e cavaleiros eram iluminados e tomados visíveis.

No dia 3 de Junho, festa de Pentecostes, todos os Padres celebraram pela primeira vez a santa Missa numa igreja indígena, e agradeceram ao Supremo Deus, a sua caríssima Virgem-Mãe, aos Anjos e às pobres Almas por todos os benefícios recebidos e por haverem passado bem todos os perigos por mar e terra, e pediram ao mesmo

tempo ao Divino Espírito Santo um verdadeiro zelo de almas, força no trabalho apostólico e o dom das línguas. Entre todas as línguas, a mais importante para nós é o Guarani. É muito difícil de ser compreendida e não tem a mínima semelhança com o espanhol, alemão ou latim. É uma língua bem original. Para que meus leitores possam conhecê-la, envio-lhes anexo, numa folhinha em oitava, um Padre-Nosso e um Ave-Maria, bem como uma breve regra em paraguaí, espanhol e latim de como se deve ler isto; foi escrita por um índio, que é excelente escrivão artístico. É esta folhinha um dos nossos piores escritos; por falta de tempo ela foi borrada, assim, às pressas. Mas há aqui alguns missais, escritos de próprio punho pelos índios e não se distingue da Impressão de Antuérpia, como já muitos Padres nele se enganaram e julgaram o escrito por um original ciceriano⁴⁴.

Hoje, então, o Padre Superior enviou daqui os novos missionários, cada um para sua localidade e sua redução, assim como — seja-me lícito usar esta comparação — assim como os discípulos do Senhor, após a descida do Espírito Santo, se foram para todo o mundo a pregar o Evangelho. A mim coube logo a primeira localidade: Japeyu, dedicada aos Santos Três Reis, os oragos da Alemanha e de Colônia. O Padre Antônio Bôhm foi enviado para São Miguel, que fica a cem milhas daqui⁴⁵. Os dois Padres boêmios foram, um para Sant'Ana, o outro para a redução de Corpus Christi, a 121 milhas daqui. Outros foram enviados para diferentes lugares. Em todas as reduções, porém, há uma só língua, o Guarani.

Agora, meus reverendíssimos Padres, caríssimos Frades, queridos irmãos e pacientes leitores, agora vamos considerar um pouco a situação destas nossas reduções, assim chamadas porque todos esses índios são por nós *reduciret* (conduzidos) à fé cristã. Em alemão chamaríamos esses povos de comunidades ou aldeias.

Ao todo há 26 dessas reduções. Cada uma é administrada por dois Padres, o que, no entanto, em virtude da grande carência de sacerdotes, nem sempre se pode fazer. Por vezes, esses dois recebem ainda auxílio dum Irmão. Conta uma redução dessas, três, quatro, cinco, seis mil e mais almas. Todos eles — entende-se que já tenham a idade — confessam ao menos quatro vezes ao ano. A Congregação mais vezes. Todas essas confissões o Padre precisa ouvir e absolver, distribuir a Comunhão, depois precisa batizar as crianças que nascem quase

44. Impressão ciceriana — nome dado à primeira e mais antiga edição deste escritor romano..

45. Considere-se que, a esse tempo, São Miguel ainda não tinha a célebre catedral.

diariamente, precisa administrar aos moribundos o santo Sacramento da Extrema Unção, assistilos na hora da morte e consolá-los, precisa rezar a *Commendationem Animae* e finalmente enterrar os mortos, o que também se verifica quase diariamente. O Padre precisa fazer três vezes os pregões dos que vão receber o santo Sacramento do Matrimônio, depois casá-los, precisa ensinar às crianças diariamente a doutrina cristã, precisa recitar diariamente o terço com os adultos, depois a ladainha de Nossa Senhora, o *Salve* e o *Actum Contritionis*, precisa despertar-lhes contrição e arrependimento à noite, e dizer tudo à frente deles como às crianças pequeninas, porque esses velhos são tão esquecidos, e de tão fraca memória, que por si mesmos mal são capazes de fazer o santo sinal da cruz. Da mesma forma precisa fazer sermão todos os domingos e dias santos, cantar a missa solene, durante o tempo da quaresma contar três vezes por semana uma história, rezar com eles a via sacra, ordenar a procissão e tudo o mais que costuma fazer um cura de almas. Isto tudo seria pouco, se isto bastasse, como só acontece com todos os curas de almas da Europa. Mas aqui é preciso fazer ainda algo mais, e isto é pouco: O Padre precisa ser o sacristão; se houver uma festa, ele mesmo tem que ornar o altar, colocar ele mesmo os castiçais, porque nem isto estes pobres coitados sabem e colocam um castiçal aqui e o outro ali, este em cima, aqueloutro em baixo, fazem tudo desajeitada, bronca e erradamente. Ele mesmo precisa armar o santo presépio pelo Natal e abrir a Santa Sepultura pela Páscoa. O Padre é quem corta a casula e a alba, os panos dos altares e as sobrepelizes, a capa do *Asperges* e as túnicas dos coroinhas. Ele mesmo precisa cuidar de tudo que diz respeito ao serviço litúrgico. Sim, até é preciso que os coroinhas mostrem, todos os dias após a Santa Missa, os objetos do sacrifício, para verificar-se se estão bem, limpinhos ou não, caso contrário iriam para o altar dum jeito que arrepiaria o Padre. Só com diligência indizível o Padre consegue chegar a ponto de encontrar a igreja e os objetos da igreja, a sacristia, os altares, imagens e estátuas, castiçais, albas e sobrepelizes tão limpos e asseados, que não encontrarás neles um só pozinho, uma só mancha ou nódoa, de tal modo como se santas mulheres dum convento os houvessem cuidadosamente limpo, lavado e polido.

Tudo isto se refere ao espiritual e seja por isso dito em largos traços com referência ao trabalho do cura. Passemos agora para a economia e administração dos bens terrenos, que não se referem a

sua pessoa, mas à dos índios. Direi tudo numa só palavra, aliás com São Paulo: O Padre precisa ser tudo a todos! Precisa ser: cozinheiro, dispenseiro, comprador e gastador, enfermeiro, médico, arquiteto, jardineiro, tecelão, ferreiro, pintor, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de funções numa república bem-organizada, numa comunidade, cidade ou num *Collegium Societas*, ou num convento da Santa Ordem.

Agora, porém, alguém logo me lançará ao rosto: Isto é impossível, para tanta coisa um Padre não basta! Perdoe-me: Ao braço divino é possível operar muito mais ainda pelo braço humano! Assim como Deus, por intermédio dos seus servos, operou por muitos anos entre estes pobres indígenas abandonados e continua operando até hoje. Pretendo esclarecer mais de perto só uma coisa ou outra, e começo logo com o principal: O Padre precisa diariamente distribuir sal entre os índios, e com a recomendação expressa: Isto é para a sopa, e isto para a carne! Porque de outro modo o meu bom índio deitará tudo na sopa, sem se preocupar que o Padre coma depois a sopa ou não. Se, porém, der de experimentar a sopa ao cozinheiro, para que aprenda para a próxima vez e meça o sal mais direito, o cozinheiro comerá a sopa, como se nada houvesse. Se o Padre lhe pergunta depois: “Não notas, meu filho, — o apelativo sempre é “filho”, assim como eles nos chamam de “pai” — não notas, meu filho, que não posso comer esta sopa por estar muito salgada?”, ele responderá: “Nada noto, meu pai, se tu não comes a sopa, então vou comê-la!” E assim termina a briga, mas o Padre passa fome. Naturalmente, esse diálogo se processa em guarani. Digo, portanto “Meu filho” *ehe Ray*, e ele responde em sua língua: *Pay* (Pai), *ndâ hechâi rúugüay* (nada noto), *nelereu potâyrâmo che oúne* (se não a comeres, então vou comê-la)⁴⁶.

Hoje, um Padre Missionário estranho veio visitar-me. Para fazer-lhe honra, cortei no jardim duas cabeças de repolho crespo. Ora, aqui nunca viram repolho, e trouxe as sementes de nossa Província. Limpei, lavei e cortei as cabeças pelo meio. Além disso, arranquei da terra dois rabãos extraordinariamente bonitos, da grossura dum punho, para os quais o reverendo irmão jardineiro franciscano de Calda-

46. Conhecedores do guarani asseguram-me que os escritos guaraníticos do Pe. Sepp, embora ortograficamente estranhos, são gramaticalmente corretos.

ro — Deus lhe pague a grande caridade — me havia dado as sementes. Acrescentei ao repolho um punhado de endro, planta que a América também nunca viu. Estes três novos tesouros dos jardins europeus eu limpei e lavei, levei-os à cozinha e entreguei-os ao cozinheiro, dizendo-lhe: Este repolho ponhas nesta panela sobre o fogo, deites água em cima e deixa-o cozinhar bastante, depois juntes tanto sal e assim por diante. Com isto, saí da cozinha e me preparei para a Santa Missa. Quando veio a hora de jantar, sentamo-nos à mesa e ficamos aguardando as hortaliças da flora hortícola europeia. Prezado leitor, quisera não precisar convidar-te para meu hóspede, nem emprestar-te meu cozinheiro de Japeyu, nem mesmo para fazer-te um simples caldo! Meu bom cozinheiro deitara os rabãos, assem como eram, na panela de carne, julgando tratar-se de cebolas europeias, fizera-os ferver e deitar na carne. O bom Padre viu-os, tão branquinhos que eram e tão macios que pareciam, e pensava tratar-se dum acepipe todo especial da Europa. Deu-lhe pois os dentes, mastigou-os, torceu o nariz e sacudiu a cabeça. Não pude mais conter o riso, porque notei logo que ele tinha meu rabão na boca e que meu cozinheiro tinha cometido mais uma rata. O Padre disse que na vida toda nunca comera coisa tão forte; acreditei no espanhol e lhe revelei o erro do cozinheiro, a quem logo perdoou, porque já conhecia as habilidades dos índios. Do repolho Wirsing nem quero falar; não tinha nem sal nem banha. Se quero ter limpas as bacias e panelas, todas feitas de barro, de acordo com minha pobreza, os serventes de cozinha precisam trazê-las ao meu quarto depois do jantar, para que eu as tome nas mãos, as olhe e examine, e isto com muito cuidado e todos os dias, porque se deixo escapar uma inspeção dessas não se reconhecerá mais bacias e panelas de tanta sujeira. Quem na Europa teria imaginado, que um missionário até disso precisa cuidar? Nunca o teria crido e ainda o não creria, se o não visse com os meus olhos e o compreendesse com minhas mãos.

Temos um jardim extraordinariamente grande, para o qual só preciso dar um passo, vindo do meu quarto. Há aí uma horta para hortaliças e saladas, outra para árvores frutíferas, uma com ervas para os doentes, bem como uma vinha particularmente linda. Vamos passar por todos esses jardins, para que vejamos como é fértil esta terra e o que cresce na América:

Na horta há saladas o ano todo; salada de endívia bem amarela, uma crespa e outra não; além disso, salada repolhuda, da Bolonha,

chicórea, pastinaga⁴⁷, espinafre, rabão miúdo e graúdo, repolho, couve nabeira e nabo bávaro, que trouxe de Munique, salsa, anis, função, melões, coriandro, pepinos e outras plantas indianas.

Na horta das ervas tenho hortelã, arruda, alecrim, etc. A pimpinela⁴⁸ foi devorada pelas formigas.

No jardim de flores tenho lírios brancos, lírios indianos, girasol, malmequer, violetas amarelas e azuis, esporeira, chagueira e lindas flores indígenas.

No vergei tenho macieiras, pereiras e nogueiras. As pereiras e nogueiras são grandes e bem crescidas, mas não querem, deitar frutos, não sei por quê. Além disso, tenho pêssegos, romãs, limas doces e azedas, limões doces e azedos, marmelos e mais frutas indígenas muito boas.

A vinha é tão grande, que bem daria uns 50 baldes, mas este ano não deu tanta uva que desse para duas sobremesas. A causa são os muitos inimigos, por exemplo, as formigas. Embora oito rapazes indígenas andem à cata das formigas, e as queimem duas vezes por dia diante dos meus olhos, devoram tudo. Além disso há vespas e passarinhos, como pombas selvagens; logo que as bagas tomam cor, tudo dá em cima. Sobretudo prejudica muito o vento norte quente, que sopra na direção do meio-dia. Tive este ano muito trabalho com a vinha, eu mesmo pudei as vides e mandei que os índios por diversas vezes capinassem o raizame. Foi tudo em vão. Por esses motivos é o vinho aqui tão caro, custando o balde 24 a 30 *Reichstaler*. Demais, é muito insalubre, por causa do gesso e da cal, que nele despejam para tomá-lo mais durável, porque, do contrário, virava logo em vinagre. Temos, portanto, muito pouco vinho de mesa, mal tanto quanto cabe numa galheta, e muitas vezes passamos seis meses seguidos sem uma gota podendo mal conseguir o mais indispensável para o Santo Sacrifício da Missa, e depois tenho que ter, muito cuidado em não receber vinagre, em vez de vinho que possa servir para o uso e consumo humano.

Aos doentes o Padre precisa ser o médico e farmacêutico. E nós Padres não temos outro médico senão o bom e providente Deus. Se adocece um missionário e se não o ajudar Deus e sua boa natureza, de sorte que por si mesmo se restabeleça aos poucos, então adeus.

47. Sabe-se que a *pastinaga umbelifera*, cuja raiz branca, parecida com a cenoura, fornece um legume, foi trazida para a América pelos jesuítas.

48. A pimpinela, também chamada sanguissorba, é uma planta do gênero das rosáceas, de gosto aromático, servindo para temperar saladas

O padre precisa tomar o pulso aos pacientes, precisa fazer a sangria, porque isto só poucos índios sabem fazer. Precisa dar-lhes o vomitório, precisa perguntar-lhes se têm sono e apetite para comer. Se algum remédio se tornar necessário, é o Padre quem prepara o pozinho, é o Padre quem faz a beberagem, é o Padre quem faz tudo. Não o fizesse o Padre, o enfermeiro — cada aldeia tem quatro enfermeiros indígenas — acabaria dando cabo do doente, dando-lhe tudo misturado e arrevesado, portanto com mais prejuízo do que proveito, porque esse povo não tem juízo, não conhece medidas.

Os índios só têm poucas doenças. Quase todos morrem de vermes, que lhes nascem na barriga, porque comem tão assustadoras quantidades de carne, crua, muito mais do que o estômago possa digerir. Sendo assim vorazes, as quantidades de carne que ficam no estômago entram em Torreção. E onde há carne putrefata, logo surgem os vermes, e onde os vermes tomam conta, o estômago nada mais retém, tudo passa por ele, sobrevivendo, então, uma disenteria sangrenta, da qual, como disse, morrem quase todos os índios, principalmente quando começa a esfriar, porque este povo é sumamente sensível ao frio. Acresce que são muito malvestidos, só pela metade, e com esses resfriados vem a morte. De resto, o frio mais duro de junho não é tão forte como na Europa em abril.

Para curar nossos pobres índios desse corrimento, é preciso primeiro dar o aviso prévio aos vermes. Para consegui-lo, dou ao paciente um vomitório de folhas de fumo, que são muito amargas e que esses hóspedes não suportam, porque tudo que é amargo mata os vermes. Tomo depois um pouco de leite de vaca, espremo nele limas azedas, tomo arruda e hortelã, tudo coisas amargas, espremo o suco, misturo tudo e dou-o de beber ao doente.

Epidemias aqui são desconhecidas. Só uma espécie de peste costuma atacar estes pobres, são os russeln, como dizemos no Tirol, as manchas, como alhures chamam a essa doença. Há quatro anos, morreram disso 2.000 pessoas desta aldeia, grandes e pequenos, jovens e velhos, mulheres e homens. Parece que o Deus misericordioso tudo ordenou bem, porque, tivessem esses coitados dos índios muitas doenças diversas e males internos escondidos, ter-lhes-ia proporcionado os remédios adequados, que aqui, porém, não se podem encontrar nem nos nossos Colégios.

Aqui nada se sabe de canela, noz-moscada, açafraão, gengibre, cravos, nada de antimônio, que tem tanta fama mundial. Aqui não se tem melado, nem jalepa⁴⁹, aqui não se tem as diversas aguardentes, nem ervas nem pós, nem emplastro vulnerário e pomada, nenhum bálsamo. Uso de pílulas que me deram na Província. Deus o pague mil e mil vezes aos senhores Monocredi Charissimo e Bartholome Charissimo, farmacêuticos em Alt-Oettingen, e ao meu caríssimo Jacó Spiess. Até o sal, tão necessário, nos falta em certas épocas, isto é, quando os navios não o trazem da Espanha. Os índios estão acostumados a comer tudo inosso, mesmo a carne. E quanto a mim, daqui a um ou dois anos perderei completamente o meu sentido do gosto, pois já o perdi em grande parte, de modo que o pão sem sal me parece como se fosse salgado, porque a fome é boa cozinheira. Os índios, porém, andam pelo sal como gavião atrás de galinha. Onde possam chegar com seus cinco dedos, pegam-no e o comem como açúcar. Muitas vezes, meu cozinheiro consome o sal que lhe dou para fazer a comida, e depois me apresenta a comida apetitosa à mesa⁵⁰.

Agora passemos dos doentes para os sãos, e vejamos as casas, igrejas, roças e campos dos índios.

Quase todas as aldeias foram levantadas sobre outeiros, para que possa escoar a água das chuvas frequentes. Estão quase todas situadas junto ao rio Uruguai, que se parece com o Danúbio, e que tem uma água muito límpida e saudável, que se pode tomar em cima de melões, pêssegos e figos à vontade, sem que faça mal.

49. Laxante usado ainda hoje.

50. Os sintomas apontados pelo Pe. Sepp são largamente conhecidos em vastas regiões do Brasil. Os ataques de “doença da terra”, a ancilostomíase, estão mesmo predispostos a contrair graves disenterias. A teoria da putrefação é muito primitiva e anti-medical. No entanto, ovos de vermes, e assim os próprios vermes, podem penetrar no canal digestivo, veiculados pela carne crua. Também é sabido que os resfriados provocam ou, ao menos, favorecem disenterias. Por instinto, o Pe. Sepp aplicou o tratamento indicado, dando vomitório aos doentes. A ipecacuanha indígena, outrora usada como remédio caseiro, fornece hoje a substância “emetina específica da disenteria amebiana. “Russeln” ou manchas é a varíola. Pode irromper de forma bastante aguda e mesmo fatal, no meio de povos que ainda não a tiveram. Os dados fornecidos pelo Pe. Sepp devem, portanto, corresponder à realidade.

Capítulo VIII

DE COMO ESTÃO ORGANIZADAS AS ALDEIAS DOS ÍNDIOS CONVERTIDOS

As aldeias, como disse, estão quase todas localizadas no alto dos barrancos dos rios muito piscosos Uruguai ou Paraná e contam com setecentas, oitocentas e novecentas, e muitas até, com mais de mil famílias ou moradias. Sobre família se entende: Pai e mãe, filha e filhos, e mais seus filhos. Assim, cada aldeia conta com seis a oito mil e mais almas, conta fraca, porque os índios são muito férteis.

Cada aldeia tem junto à igreja um logradouro amplo e muito bonito, de 400 pés de comprimento e a mesma largura. As casas formam ruas largas, como nas cidades europeias, mas são de construção diferentes: São muito baixas, não têm assoalho de madeira, mas os índios moram no chão descoberto. Os muros não são de pedra, mas de terra, que é socada. Os telhados são cobertos de palha, com exceção de alguns poucos, que, faz pouco tempo, cobrimos de telhas queimadas. As casas não têm janelas nem chaminés, estão o dia todo cheias de fumaça e por isso todo pretas. Quando visito meus doentes, o que costumo fazer diariamente, quase me asfixio de tanta fumaça. Faz pouco, meus olhos tanto me doeram uns catorze dias seguidos, ardendo e lacrimejando, que cheguei a temer perdesse a vista.

E dentro da casa — onde está a saleta? Onde o dormitório, a cozinha, adega, dispensa, e onde o pão na dispensa, e onde o vinho e a cerveja na adega, e onde as panelas e as bacias de estanho na cozinha, e onde a, cama no dormitório? Tudo isto os índios têm reunido numa só peça. Não há passagem alguma do quarto de dormir para a saleta; sua adega é um porongo oco, com que buscam a água no rio e do qual também bebem. Quem pode dependurar sua cama, qual longa rede de pescar trançada de fibras de palmeira, entre duas árvores, é rico e passa por pobre. Quem não tiver semelhante fortuna, sobre uma pele de tigre ou um couro de vaca não chão raso; em vez de travesseiro ou almofada usam um bloco duro ou uma pedra. A baixela de cozinha consiste em uma ou duas panelas. Os dentes são as facas, os cinco dedos os garfinhos, a mão é a colher e o porongo mencionado as taças e os copos. O fogão e fôrnelha é por baixo da cama, quando por cima

estendem a rede. De espeto de assar serve a primeira vara que cai na mão. Nela espetam a carne, que começam a devorar, enquanto está assando do outro lado. Assim, cozinheiro e assado terminam juntos, e, enquanto o índio espeta na vara o pedaço seguinte de carne, já começa a sentir fome. Outros índios, que nem para isso têm paciência, pegam um pedaço de carne, passam-na três vezes pela fumaça e pelas chamas e enfiam-na logo na boca. E como a carne é succulenta, o sangue lhes escorre de todos os lados pelo focinho abaixo, e isto lhes é o supramundo do gostoso.

A porta da casa tem três palmos de largura e seis palmos de altura. Não é feita de tábuas, mas de couro de boi; nunca é fechada, porque na casa não há nada que possa ser roubado. Ela vai ter à saleta, cozinha, dormitório e adega, porque saleta, cozinha, dormitório e adega são a mesma coisa, isto é, nada mais do que uma choça de palha trevosada. Aí dentro dormem pai e mãe, irmão e irmã, filhos e netos, quatro cachorros e três gatos, e maior número ainda de camundongos e ratos, e pululam os grilos e certos coleópteros, que no Tirol se chamam de baratas e miriápodes. É fácil adivinhar o cheiro insuportável que tudo isto emana, numa choupana tão apertada, baixa e pequena. Num palácio assim, portanto, é que a gente, diariamente, tem que visitar trinta e mais acamados e velhos, tem que ministrar-lhes os Santos Sacramentos, tem que assistir aos moribundos, tem que consolar pais e mães. São essas as nossas visitas. Em verdade, em verdade, Reverendos Padres e caríssimos irmãos, aqui, na pessoa desses pobres índios abandonados, encontro realmente meu Jesus sofredor. Aqui, meu coração enche-se de consolo indizível, cada vez que vou ter a um desses presépios do meu Senhor Jesus. Aqui se desfaz minha alma, quando visito esses pobres coitados e os vejo, e principalmente quando, de crucifixo à mão, assisto a um moribundo — não posso conter-me de dizer: *Moriatur anima mea morte istorum*. ó Salvador, fazei com que minha alma regresse com esta! Vi na Europa morrer muita gente, mesmo religiosos, — mas muito poucos como estes! Não é possível descrever com quanta paz, com quanta serenidade de consciência, com quanta modéstia de corpo e alma estes indígenas se despedem da vida! Mesmo numa enfermidade longa e dolorosa o índio não dará sinal de impaciência ou de má vontade, nem um só ai ou semelhante gemido, muito menos gemerá ou gritará. Não, não se queixa nem de fome nem de sede, nem de calor, nem de frio, tão pouco das dores que

está sofrendo. No leito da morte não o preocupam a amada esposa e seus queridos filhos, não o incomodam dinheiro ou bens, que precisa abandonar, porque tudo quanto possui é um porongo oco. Não tem dívidas a pagar, nem testamento a fazer, não o preocupam suas inimigidades, porque quase não nas tem. Creio que debaixo do sol não haverá geração que abençoe o temporal com tanta dignidade e serenidade como estes pobres e simples índios, esquecidos do mundo e por ele abandonados.

Agora alguém me dirá: Meu bom Padre Antônio, se assim como bem quero crê-lo, porque tu o viste com os teus próprios olhos: Se assim for — contra que pecam esses índios? Pois quero responder essa tua pergunta curiosa e não obstante nada revelar da confissão: Dos dez mandamentos de Deus e dos cinco da Igreja católica os índios só transgridem o sexto. E também neste nem todos pecam, pois por uma bula de Paulo III temos um privilégio que permite casar os índios com parentescos de terceiro e quarto grau, sem necessidade de dispensa⁵¹.

Além disso: Quando uma menina alcança os 14 ou 15 anos e um rapaz os 16, então já é tempo do Santo Matrimônio. Por isso também não demoramos, e evitamos destarte muitos males. Nenhuma indígena chega à situação de passar alguns anos no estado virginal. E com os rapazes dá-se o mesmo: Quando chegam seus anos, é impossível contê-los. Esta experiência já fizeram os primeiros missionários. Também faltam os empecilhos existentes na Europa, se há bens dotais ou não, se o marido vai sustentar sua mulher e filhos, se poderá prover-se de moradia e vestuário. Estas cogitações aqui nada impedem, porque o Pai celeste os alimenta, mesmo que não tenham aprendido nenhum ofício ou profissão.

Dou, pois, a um desses jovens casais uma das casas acima descritas de palácio. E dou-lhes também as vestes nupciais, a saber cinco côvados de pano de lã para o marido e outro tanto para a mulher. Cama, ou seja um couro de boi, também não falta, para ser estendido sobre o chão raso. E dou-lhes também o banquete nupcial, constante de uma ou mais vacas gordas, como aliás lhes vou dando carne o ano

51. A bula citada proíbe que netos e bisnetos de irmãos casem entre si. Mesmo hoje os católicos precisam de licença especial para casamento entre primos.

tudo, tanto quanto necessitem. Só uma única cláusula tem o nosso direito, referente aos bens paternais, que a índia precisa trazer ao seu marido. E em que consiste isto? Benevolente leitor, deixo que adivinhes e adivinhes, e tão ligeiro não descobrirás: O dom nupcial e o dote que a índia noiva tem que oferecer ao índio, é o já tantas vezes referido porongo oco, e nada mais. Aliás, nesse porongo prende-se a condição de que nele a mulher precisa ir buscar a água do rio ao seu marido. Em compensação, é o índio obrigado a trazer a lenha para a cozinha. Com esta cerimônia, celebra-se o casamento e é contraído o santo estado matrimonial.

Para as bodas lhes permitimos pequenos jogos e algumas pequenas danças. Quando estão casados e quando terminou a Santa Missa, o noivo vai para aqui, a noiva para acolá, e, quando tudo termina bem, fazem ao meio-dia o primeiro jantar juntos e convidam eventualmente ainda o pai e a mãe da noiva, todos comendo da vaca, que lhes dou, e do pouco de sal, de um ou dois pães, um pouquinho de mel, com que se banqueteiam e vivem regaladamente. Deve notar-se ainda o seguinte: Quando os índios querem contrair matrimônio, não é o índio que vai pedir a mão da índia, mas, ao contrário, é a mulher que precisa pedir o marido para o santo matrimônio. Vindo pois uma índia ter comigo, dizendo: Pay, eu quisera contrair matrimônio com esse ou aquele, se tu concordas. Convido depois o índio a ter comigo e lhe digo: Essa, meu filho, pretende casar-se contigo; concordas? Se disser Sim — e quase sempre dizem Sim — nada mais é necessário, está tudo certo, realizado o golpe e as bodas estão à porta.

Antes de entrarmos na igreja, consideremos a casa de Deus.

Cada aldeia tem uma linda igreja, uma torre com quatro ou cinco sinos, um ou dois órgãos, um altar-mor ricamente dourado, dois ou quatro altares laterais, um púlpito inteiramente dourado. Além disso, há várias imagens, pintadas exclusivamente pelos índios, e que não são lá tão más. Bem como oito, dez ou mais castiçais de prata, três cruzes de prata, um ostensório bem fino e um grande cibório, ambos também de prata. Os cálices aqui, como também na Espanha, costumam não ser dourados, sendo também brancos no interior, da cor natural da prata. As toalhas dos altares e as capas de Asperges para as diversas festas, bem como tudo que faz parte do Santo Sacrifício da Missa, são tão limpos e asseados e bonitos e de material tão precioso, que não só poderiam figurar com muita honra em qualquer convento ou Colégio

da Companhia na Europa, como em qualquer igreja episcopal. Esses dias mandamos confeccionar em Buenos Aires uma alba, que custou 120 *Talers*.

Todos os sábados temos missa cantada de Nossa Senhora e ladainha. Todos os domingos missa cantada e sermão. Meus músicos tocam música todos os dias durante a Santa Missa, e isto, graças a Deus, de maneira bem aceitável. Aos meus reverendos e mui amados Padres Inácio, Paulo Glettle e todos os outros Padres e mestres de música peço insistentemente me queiram apoiar neste assunto! Não peço só em meu nome, mas no de todos os pobres músicos indígenas, os quais, se se reunir aos de todas as reduções, somam uns 3.000 homens.

Os reverendos Padres e os senhores irmãos Paulo e Gabriel Sepp perguntarão: Se aí nas reduções cantas tantas missas solenes, ladainhas, vésperas e missas, quem te compõe os salmos, as ladainhas, os hinos, os ofertórios, quem as missas e os muitos motetes? E quem foi que ensinou a esses índios a cantar, a tocar o órgão, a tocar trompas, charamelas e fagotes?

Reverendos Padres! Quem ensinou a esses pobres índios abandonados a doutrina cristã, quem os ensinou a rezar o santo Padre-Nosso, a cozer pão, a fazer roupas, a cozinhar, pintar, fundir sinos, tocar órgão e harpa, corneta, charamela e trombeta, quem os ensinou a fazer verdadeiros relógios, que não só dão as horas inteiras, mas até os quartos de hora, — quem lhes ensinou tudo isto, também os instruiu na música e nos ofícios: Foram os primeiros Padres Missionários, nossos santos predecessores, especialmente alguns Padres neerlandeses, cujo trabalho e esforço aqui ainda não foram esquecidos e cuja memória nós abençoamos. Estes ensinaram aos índios a cantar, de resto com extremo esforço e trabalho, porque de suas composições pode-se depreender que não eram músicos profissionais, mas só criaram de sua fantasia. O pouco que sabiam, com extremo esforço e trabalho diante dos índios, era repetido tantas vezes quantas eram precisas, até entrar nas cabeças duras, e com tanta segurança que homens e mulheres cantam *per traditionem* até o dia de hoje, em pleno coro, aquelas melodias nos domingos durante os ofícios. Depois dos neerlandeses veio um Padre espanhol que entendia um pouco mais, adiantando mais a música com a composição de vésperas, ofertórios e ladainhas. Mas tudo ainda era feito à maneira mais antiga, como se fosse do tempo do Velho Testamento e da Arca de Noé. Nenhuma

única missa e nenhum salmo tinha um baixo cantante, que por certo constitui o fundamento indispensável; em vez do baixo cantante era tocado o fagote, para substituir um pouco o fundamento que faltava. Quando, então, no baixo cantante aparecem pausas, como isto sucede em cada voz, o fagote também silencia, e então têm os pobres índios que cantar adiante, sem baixo e fundamento, o que em todo o caso não pode soar muito bem ao ouvido. Por esse motivo, nenhuma missa e nenhum salmo tem um acompanhamento decente, e se o tivesse teriam que aprendê-lo primeiro.

Oh! como desejo agora que tivesse eu tomado melhores lições com os reverendos Padres Glettle, Seidner e outros! O Padre Cristóvão Brunner, — de certo já terá falecido — antes de minha partida, anotou-me, em Alt-Oettingen, em duas folhinhas de oitava, uma breve indicação para a composição. Não tivesse eu esse guia, seria o meu fim! Com o auxílio desse manual comecei, portanto, a compor: uma Missa a catorze compassos, duas vésperas de *Confessore et Beatíssima Virgine*, também a catorze compassos, bem como duas Ladainhas breves a dezesseis compassos. Devo confessar a verdade: O Bom Deus ajuda-me evidentemente, caso contrário não me seria possível aprender num ano uma língua tão desesperadoramente difícil como o Guarani, na qual, já um mês após minha chegada, dei instrução cristã às crianças e administrei todos os Sacramentos — com exceção da Confissão, de outro modo não seria possível, a par dos acima mencionados negócios espirituais e temporais, nem de copiar tantas mil notas, quanto menos então de compô-las, e apesar disso eu o fiz, graças a Deus. O senhor pai Melchior — Deus console sua alma! — teve que aguentar valentemente com sua Missa e Véspera, porque eu, sabendo quase de cor a sua composição, e como partes isoladas estivessem bem fresquinhas em minha memória, quando cheguei, lembrei-me ora aqui ora ali dum verso, já o *Amem* daquela Missa, já o *Sanctus*, depois o *Qui tollis*, assim como um trecho das *Brevibus*, depois das *Brevioribus* e finalmente das *Brevissimis*⁵². Além disso, fiz o máximo esforço para distribuir tudo por tantas vozes e apesar disso manter a mesma tonalidade. Respondei-me! Ó vós, caríssimos, amantíssimos e reverendíssimos Padres Inácio e Paulo, e vós outros, tende piedade deste pobre, abandonado e indigno coirmão, que outrora foi vosso colega de Noviciado e condiscípulo, e que agora mora no fim do mundo como missionário

52. *Verper brevis*, oração vespertina do breviário.

entre pagãos selvagens e que precisa trabalhar até suar sangue. Tende piedade, por amor ao Cristo, de meus milhares de pobres músicos, e mandai-me as Missas, as *Vesperas breves, breviores e brevíssimas*, bem como as Ladainhas do senhor Melchior Glettle, mestre-capela da catedral de Augsburgo. Não tenho coragem de solicitar os motetes, mas, se apesar disso vierem, seria como se um anjo do céu os trouxesse para o Paraguai. Mas vós logo me respondereis: Meu caro Padre Antônio, do fundo do coração folgamos em te enviar tudo, mas quem no-las pagará? Primeiramente eu me comprometo, e comigo mais seis Padres missionários, de rezarmos seis Santas Missas na intenção da-quele, seja religioso ou leigo, que queira arcar com as despesas. Pelo Padre, porém, que mais enviar, nós queremos rezar vinte Missas, pelos seus esforços. Depois, não pretendo que as notas sejam novas. Sejam tão velhas, rasgadas e sujas como queiram, desde que sejam legíveis, porque os músicos indígenas já escrevem bem as notas; de mais a mais estamos mandando fazer para cada redução os Missais da Impressão de Augsburgo e Antuérpia, o que aqui nenhuma dificuldade oferece.

E se alguém perguntar para onde mandar o pacote, para que chegue certamente ao Paraguai respondo-lhe: Se estiver em Gênova ou Roma, então já está no Paraguai, indiferente se demora um pouco mais ou menos. O melhor seria entregar a encomenda ao Padre Procurador em Roma. Esse a passará ao Procurador do Paraguai, que agora é enviado para Roma. E caso não estiver aí nenhum Procurador, então ao Procurador das Duas índias, que se mantém ininterruptamente em Roma. Circunstância particularmente feliz seria se um Padre de nossa Província fosse justamente enviado com a Missão para o Paraguai, que então poderia logo trazer as notas consigo. Se os levar para Gênova, então já estão no Paraguai! Porque até aqui, nas reduções dos índios, tudo vem por água e não custa vintém. Caso então fossem enviados um ou dois Padres para cá, tudo ficaria essencialmente facilitado, também quanto ao pagamento. Sim, estes poderiam prestar mais um ato de caridade e bondade para com todos os nossos Missionários daqui que tanto me amolam com a música, e trazer mais esta ou aquela composição. Com o pagamento, digo, é bem fácil. A saber, do modo seguinte: A Província daqui restitui tudo ao Padre Procurador de Munique, indistintamente se ele gasta muito ou pouco por um Padre. Tivesse eu sabido disto, quando ainda me achava em minha Província, e tivesse eu também sabido quais as coisas que

muito se precisam e insistentemente se solicitam no Paraguai, teria eu logo em Munique comprado muitas coisas para o Paraguai e as levado comigo, e com isto por certo teria prestado a esta Província e a todos os Missionários um grande obséquio. Imaginem: — Que teria custado ao Paraguai haver gasto mais uns dez ou quinze *Reichstaler* para uma coisa de tanta necessidade — medidos com os 80.000 *Talers*, que a Missão, com a qual eu vim, mais ou menos custou!

Agora poderia o Padre, que fosse enviado para o Paraguai, retrucar que em Munique já se faz o orçamento de tudo que deverá levar para Gênova. Está certo, não há dúvida, quanto às despesas de viagem, mas não quanto às suas necessidades mais indispensáveis. Mas o que ele precisar para o Paraguai, seria melhor que ele o comprasse na Alemanha, porque na Espanha é sete vezes mais caro ou nem poderá ser obtido. A mim, meu Procurador passou uma carraspana, e até o dia de hoje tenho que ouvi-lo de não haver trazido comigo nenhum autor musical, e que ele teria com satisfação compensado à Província alemã todas as despesas. Isto por certo servirá aos Reverendos Padres Procuradores e Superiores de Munique de prova pelo que digo.

Pode-se avaliar o alto conceito em que a música é tida aqui no Paraguai pelo fato de o Procurador, que veio conosco, ter comprado nos Países Baixos um órgão para Buenos Aires, o qual custou mil *Talers*, e que antes ele nunca vira e que ainda nem chegou ao Paraguai, de modo que não se sabe se o instrumento presta alguma coisa ou não. Da mesma forma comprou-me ele diversos instrumentos de música na Espanha, entre eles uma espineta, um clavicórdio, uma trompa marinha e várias charamelas. Eram horrivelmente caros, cotados com os preços alemães, apesar disso não valem nada. Tudo isto ele pagou de bom gosto.

Jam Reverendi in CHRISTO Patres, nihil amplius superest, quam egeno & pauperculo suo Patri Antonio in hoc tam desiderato negotio succurrere per CHRISTI & Magnae Matris amorem ne graventur: obstringent certe non me solum, neque tot Patres Missionários, sed tot Indorum millia máximo hoc beneficio, quod hae viginti sex reductiones animas DEO & Ecclesiae Romanas mancipatas, Orco ereptas in hunc diem vivas numerant, centum nempe & quatuor millia. O venient Petitae Litaniae per Mognae Matris amorem! Veniant Missae: & dictae Vesaperae! adjungantur dictae Mottetae: Et tandem Mottetae Domini Kerll, ubi est cantio illaplorate ululate Cristo sepulto voce sola non in-

digeo. Quia hae cantantur in Lingua Hispânico, & non Latina: veniant, inquam, omnia ista, & maritimum iter patiantur aliquidl: componantur in cistula ligea &.

O assunto da música reteve um pouco minha pena. Mas Deus sabe com quanta urgência preciso de todas essas coisas. Caso eu receber esses livros preciosos, o senhor Glettle também teria êxito na América, assim como a Europa sempre o venerou ao máximo. E eu estaria livre do esforço e trabalho indizível que me causa a composição. O que custa a mim instruir os índios em nossa música europeia só o bom Deus o sabe. De todos os pontos cardiais e de mais de cem milhas os missionários me mandam os seus músicos, para que os instrua nessa arte, que lhes é completamente nova, e que difere da velha música espanhola, que eles ainda têm, como o dia da noite. Até agora nada se sabia aqui de nossas divisões de compassos e espécies de andamentos, nada dos diversos tritons. Até hoje, os espanhóis, como vi em Sevilha e Cádiz, não têm notas dobradas, quanto menos então tríplexes. Suas notas são todas brancas, as inteiras. as meias e as notas corais, música velhíssima, antigualhas que os copiadorees da Província alemã possuem aos caixões e que aproveitam para encadernar escritos novos. Destarte, portanto, tenho que começar, com estes meus cantores barbudos, graves, e encanecidos, com o começo 22 escala tonal, *ut, ré, mi, fa, sol, la*, o que por amor de Deus faço de muito bom grado.

Neste ano já consegui fazer mestres nos respectivos instrumentos: seis trombetas de diversas reduções, três bons tiorbistas, quatro organistas. A estes ainda não cheguei a mostrar uma partitura, porque seria muito difícil para eles, mas só estudei com eles certas árias, preâmbulo e fugas. Oh! como tudo isto me é difícil! Levei este ano trinta charameleiros, dez cornetas e dez fagotes a ponto de já sabermos tocar e cantar todas as minhas composições. Além disso, já tenho mais de cinquenta tiples, que têm vozes bem boas. Na minha redução passei para o pajé o célebre *Laudate Pueri* do Padre Inácio Glettle, que sei quase de cor, e o ensinei a cantar a oito meninos indígenas. Cantam-no com tamanho *garbo*, graça e boa forma, que na Europa dificilmente o acreditariam como cantado por estes pobres indiozinhos, nus e inocentes. Todos os missionários estão muito satisfeitos e agradecem ao sumo Deus, por lhes haver enviado, após tantos anos, um homem que agora também imprime à música novo impulso. Em reconhecimento, este me manda uma barriquinha de mel, o outro açúcar e fru-

tas americanas. A modéstia e o pudor que competem a um religioso não permitem à pena que esta escreva o quanto os índios me veneram e amam. Considero-me disto sumamente indigno, e o maior pecador e o mais inútil servo em Cristo.

Deixai-me agora relatar mais alguma coisa, que não pude incluir nos oito cadernos até agora escritos.

Parece que a natureza teve plena intenção de criar a localidade de Yapeyu para moradia de homens. A leste flui o rio Uruguai, com suas águas límpidas como cristal, águas amavelmente murmurantes, que quanto à salubridade sobrepuja de longe a todas as fontes argêntas e poços europeus. Constitui esta água nossa bebida comum à mesa. A raizama das árvores, que cobrem as margens a 400 milhas de ambos os lados com sombra fresca, bem como as pedras e os grãosinhos de areia, contra os quais as águas turbilhonantes se batem, aclareiam e limpam extraordinariamente. Este rio é tão piscoso, que em certas épocas os índios podem pegar os peixes com as mãos nuas, como eu também o experimentei várias vezes. Quem não conseguir arrumar anzol, porque este é aqui muito caro, serve-se do primeiro alfinete que encontrar. De peixes europeus encontrei aqui, até agora, só uma qualidade, e esta apesar disso é ainda de espécie diferente. Os espanhóis chamam este peixe de *dourado*, que significa listra de ouro. A diferença é que a truta daqui é muito maior e não tem cor dourada, mas pintas amarelas. A carne é muito saborosa, nem um pouco aguada, mas substanciosa, parecida com carne de terneiro. Há, outrossim, uma variedade muito espinhosa, que se parece um pouco com nossos pequenos alburnetes. No entanto, nossos rios americanos não contêm carpas, lúcios, enguias e cadozes, mas em compensação outras espécies e muito mais preciosas, entre elas o *piscis reginus*, o peixe real, que, embora pequeno, é muito gostoso, também não tendo espinhos; ele sobrepuja de longe a todos os outros peixes e só é pescado durante o inverno⁵³.

Além disso, acham-se neste rio muitas ilhas lindíssimas, ensombradas com árvores e bosques. Bem em frente de minha aldeia encontra-se, no meio do rio, uma ilhota extremamente faceira e fértil, onde os melões dão particularmente bem. Para lá vou seguidas vezes à noite, com meus jovens índios e músicos, para tomar ar fresco,

53. Dourado, peixe de rapina. Alcança às vezes um metro, sendo o maior espécime do sistema fluvial platino. É um peixe de muita procura, dando, preparado com óleo e cebolas, um prato muito conhecido: o escabeche.

rezar as horas e louvar a Deus em suas criaturas. A beleza desta ilha e de seu matinho é indescritível, e nenhum gravador de Augsburgo seria capaz de passar para o papel paisagens mais lindas do que esta. Só nos faltam os palácios e edifícios briosos e soberbos, em cujo lugar devemos contentar-nos com as choças de barro e palha dos nossos pobres índios.

Pelo meio-dia, à tardinha e à meia-noite, não se vê da minha aldeia outra coisa senão um campo infinitamente extenso, bem liso e plano, sobre o qual rebanhos incontáveis de gado pastam o capim verde. Não temos estrebarias, mas deixamos o gado, inverno e verão, dia e noite, no campo, tão pouco ceifamos e não fazemos feno, mas o capim de quase um côvado serve o ano todo de pastagem. Também não precisamos de pastores ou guardas, porque aqui não há ladrões. Se o cozinheiro quer ferver um pouco de leite — costumamos dar aos doentes diariamente um prato de leite fervido — é só mandar o primeiro índio para o campo à frente de minha casa. Ali ele pega a vaca leiteira, ordenha-a e me traz o leite. Mas, e qual a vasilha? Talvez num pote de leite ou num balde de ordenhar? Oh não! Aqui não conhecemos esse vasilhamento europeu. Traz o leite num porongo oco, o que dá na mesma. E na cozinha o cozinheiro não tem colherão, mas só escudelas de conchas.

Sobre nossas campinas há bandos inteiros de tigres ferozes, que perseguem especialmente os terneiros, que não lhes podem resistir, como o fazem as vacas e os bois, e cuja carne também é mais tenra do que a do mais velho. Esta diferença os animais astutos conhecem muito bem. Quando o tigre cruel quer atacar um boi, atira-se-lhe sobre o lombo, morde-lhe a nuca com seus dentes agudos e afiados, dá com a pata na ferida e dilacera deste modo o animal vivo e berrante. Com os terneiros emprega a seguinte astúcia: Quando estes estão deitados no capim, achega-se cautelosamente, dá-lhes com a pata sobre a cabeça, morde-lhes a nuca e suga depois inteiramente o sangue do pescoço, o que lhe apetece sumamente bem. Estas bestas ferozes não só são perigosas aos animais, mas também aos homens. Quando os pobres índios, que não têm outro inimigo a não ser este, viajam com o Padre pelo campo, usam do seguinte processo: Formam um grande círculo, em cujo meio deitam o Padre, em torno do qual eles mesmos se deitam, formando depois uma roda de achas de lenha a que põem fogo. Desta maneira o tigre não pode aproximar-se, porque a nada

teme tanto como o fogo. Se, porém, suceder que os índios deixam apagar o fogo enquanto dormem, o tigre, que só esperava por isso, ousa o salto por cima da cinza quente, ataca o primeiro dormente e o dilacera miseravelmente. Foi o que se deu com um índio, que fazia parte daqueles que me acompanharam de Buenos Aires para cá. Da mesma maneira, o menino sacristão do Padre Antônio Bôhm foi recentemente atacado miseravelmente por um tigre destes e transformado em *Ecce Homo*, embora só se encontrasse afastado, à noite, a poucos passos da cabanazinha do referido Padre. Por um milagre escapou com vida, a qual, depois de Deus, deve ao seu santo Padre. O Padre Antônio tratou-o com grande desvelo e o curou novamente. Esses monstros, à noite, até trepam por cima do muro para dentro do meu jardim. Certa vez, um tigre desses chegou à cabana dum índio, onde as criancinhas estavam só e brincando entre si, porque pai e mãe haviam ido à roça. Entrou o tigre e pôs-se no meio dos pequenos anjinhos, como se tivesse esquecido sua ferocidade. Quando estes viram o tigre, assustaram-se tão pouco, como se fora seu cão doméstico, brincaram com ele e acariciaram-lhe a cabeça com as mãozinhas inocentes. O tigre lhes reconheceu a inocência, abanou a cauda, acariciou as criancinhas bem suavemente, saiu da cabana e afastou-se, antes que o índio voltasse, que com certeza teria recebido o hóspede estranho de outra maneira. É indescritível com que agilidade e rapidez os índios sabem desfazer-se do tigre mais selvagem, quando são por ele inesperadamente atacados. Isto o animal astuto sabe muito bem, motivo por que só ataca os homens traiçoeiramente, como o assassino.

Outra vez, um Irmão da nossa Companhia foi ao jardim. Levava só um cacete na mão. Atacou-o. Um tigre, lançou-se sobre ele ora pela direita, ora pela esquerda, já queria fazer o ataque traiçoeiramente, já queria dar com as patas dianteiras no Irmão. Este, porém, deu valentemente com o porrete em torno de si, aparou as patadas e deu tanto que fazer ao animal enfurecido, que deu às gambias, de boca espumante e dentes à mostra, tendo que levar umas boas pauladas, em vez da vitória.

Fatos idênticos verificam-se aqui seguidas vezes, e neles sempre se evidencia a providência divina, que priva esses animais ferozes de sua força, quando se lançam ao ataque contra os homens. O mesmo vale das víboras e serpentes peçonhentas, de que há muito por aqui. Não se ouviu ainda que, por uma única vez, fosse um Padre Missionário

rio ou um Irmão ferido por um tigre ou picado por uma cobra. Assim, o bom Deus protege os seus servos e neles torna verdade o que prometeu no Evangelho de hoje: *Serpentes tollent*, levantarão serpentes, e elas não lhes farão mal.

Também não nos falece a caça. Há veados, javalis, corças, cabras monteses em quantidade incontável. Os índios não os apreciam e só usam a pele. Tão pouco faltam pássaros caçáveis. Os campos estão cheios de perdizes, que não precisam de pólvora nem chumbo, mas pedes matar os bichos com qualquer porrete ou um chicote. A princípio isto também me pareceu inacreditável, agora, porém, não duvido mais, porque os meus garotos indígenas muitas vezes me trouxeram dúzias de perdizes para a cozinha. As pombas não se criam aqui em casa, mas esvoaçam aos bandos pelos campos. Para caçá-las, a gente só precisa de um laço de crina de cavalo ou dum alçapão e pode-se pegá-las aos montes. Ensinei estes métodos aos meus índios, que, por causa de sua grande ingenuidade, nada sabiam dessas artimanhas europeias e não conheciam outra maneira de caçar senão de atirar com arco e flecha para cada pássaro isoladamente. Dos meus laços e alçapões trazem-me eles tantas pombas quantas queira. Prestam-me estes bons serviços porque, vindo um dos missionários hospedar-se comigo, lhe sirvo uma pombinha, assada ou cozida, juntando-lhe salada da minha horta, preparada com mel, porque não temos vinagre nem óleo, bem como um pedacinho de pão, depois um gole d'água do rio acima mencionado, e ele se sente muito à vontade. Foi deste modo que tratei ao meu dileto Padre Antônio Bôhm, quando, em viagem para sua Missão, passou por aqui.

Há tantos bois, vacas, terneiros e cavalos em nossos campos, que tu em muitos lugares nada mais vês, de tanto gado gordo e bonito. As vacas maiores custam aqui, quando muito, 15 Kreuzers, mas não em dinheiro, mas em valor monetário. Entende-se que essas vendas só se fazem de uma aldeia para a outra ou para os espanhóis, porque dentro dos aldeamentos o Padre Missionário distribui, gratuitamente, duas vezes ao dia, a carne que os índios precisam. O melhor palafrém, morzelho ou zebruno tu podes comprar por uma faquinha, pela qual, lá em casa, damos um *Kreuzer*. E quando o freio tiver um bocado de ferro, custa mais do que três cavalos. Por uma ferradura europeia al-

guém poderia aqui comprar seis cavalos: mas os cavalos aqui não são ferrados por falta de ferro, parte porque a terra não é tão pedregosa e dura, mas toda de capim plano e liso.

Há pouco, minha aldeia saiu campo afora para arranjar vacas para a alimentação diária deste ano. Em dois meses reuniram 50.000 vacas e as trouxeram para meu aldeamento. Tivesse eu mandado, eles também teriam trazido 70, 80 ou até 90.000. Para esses 50.000 animais não gastei um ceutil. O maior trabalho e arte consiste em que os índios reúnam tão jeitosamente os animais, que nenhum estoure e dispare. O que conto desta minha aldeia também vale para as 26 outras reduções.

O benévolo leitor poderá calcular facilmente quantas reses se gastam aqui ao todo, quando eu só já consumo tantas, e quantas ainda ficam sobre os campos infinitos do Paraguai, para a procriação indispensável. Nossos três navios levaram 300.000 couros para a Espanha, mas não de vacas, e sim de touros mais crescidos. Aqui, um couro sai a 15 *Kreuzers*, que vem a ser o salário para o serviço de tirá-lo. Na Europa, no entanto, em qualquer parte, vende-se um couro de boi como este por seis e mais *Reichstaler*. Daí poderá o benévolo leitor mais uma vez fazer nova conta, calculando o lucro indizível que os espanhóis tiram só do couro. São as verdadeiras minas indígenas de ouro e prata de Sua Majestade Real. Porque, de resto, não se encontra ouro nem prata entre os índios, e, até, o nome do dinheiro lhes é inteiramente desconhecido. Quando os índios compram algo dos espanhóis, fazem-no em troca de mercadorias, não passando de mero negócio das selvas ou puro negócio de troca, distando muito e muito do verdadeiro comércio de compra e venda. E a palavra usada é só esta: Se tu me deres tantos bois e tantas vacas, dar-te-ei tantos e tanto côvados de tecido de linho; se me deres tua faca, dar-te-ei meu cavalo. Desta maneira, os índios tornam verdade o anexam usado pelas crianças europeias, quando dizem “dar um cavalo por um apito”, porque, na realidade, aqui um apito vale mais do que o melhor e mais lindo cavalo, por causa da superabundância de cavalos e da carência de apitos⁵⁴.

É verdade que este país indígena também tem suas minas de prata, mas estas distam 600 milhas daqui. A mina é chamada Potosi⁵⁵.

54. Este modo de dizer provém da atividade dos trapeiros, que percorrem as cidades alemãs num carrinho, tocando em um pífano, para chamar a atenção dos moradores. Recebem garrafas, papel e trapos em troca de brinquedos, quinquilharias sem valor algum.

55. Cerro de Potosi, com sua produção de 92.000 toneladas, é, atualmente ainda, a mais importante mina de prata do mundo.

Apesar de enorme distância, a prata não vale tanto como o ferro, porque este precisa ser trazido da Espanha através do altar mar, e os navios que vão buscá-lo só voltam a Buenos Aires passados cinco anos. O mesmo vale para todas as outras mercadorias, como tecido, linho, chapéus, meias, óleo vegetal, alfinetes, agulhas, facas, anzóis, além de tudo que é feito de ferro, latão ou metal como sejam panelas, bacias e castiçais de estanho. O mesmo se dá com o que é feito de seda, e com os paramentos litúrgicos. Numa viagem, há mais tempo, até veio um navio carregado exclusivamente de telhas de barro cozido, destinadas para a casa do governador de Buenos Aires. Agora, porém, nossos Padres descobriram o processo de cozer barro e queimar cal. Assim, na minha aldeia, aqui, já fiz mais de dez mil telhas, com as quais vamos aos poucos cobrindo as choupanas dos nossos pobres indígenas. Em minha aldeia foram, até agora, seis longas ruas cobertas de telhas.

O Padre Missionário precisa ser tudo a todos, falando com São Paulo. Estes índios são tão pueris, tão grandemente simplórios e de juízo tão curto, que os primeiros Padres, que converteram estes povos, duvidaram realmente se eram capazes de receber os Santos Sacramentos. Não são capazes de inventar e excogitar algo que seja de seu próprio juízo e intuição, mesmo que fosse o mais simples trabalho manual mas sempre precisa estar o Padre junto deles e orientá-los e fornecer-lhes moldes e modelos. Quando os tiverem, pode estar seguro de que o farão bem igualzinho ao original. É indescritível sua habilidade imitativa. Se nada sabem excogitar de suas cabeças, sabem, no entanto, fazer qualquer coisa que seja, por mais difícil que pareça, quando tiverem à mão o molde ou o modelo. Por exemplo: Gostaríamos de ter umas rendas bonitas e grandes para uma alba. Que faz a índia? Toma duma renda dum palmo de largura, feita na Europa, pega os fios com a agulha, abre a renda um pouquinho e verifica como ela foi trabalhada, e logo faz outra igual. A nova tanto se assemelha com a antiga, que não serás capaz de distinguir qual a renda neerlandesa ou espanhola e qual a indígena. E assim se dá com todas as coisas. Temos dois órgãos, um dos quais trazido da Europa, ao passo que o outro foi feito pelos índios, e tão semelhantes, que a princípio eu mesmo me enganei e levei o órgão indígena por conta do europeu. Eis aí um missal, de Impressão de Antuérpia, a mais linda de todas, — ali outro missal, escrito por um indígena: Não se é capaz de distinguir qual o missal impresso e qual o escrito à mão! As trombetas são bem iguais

às de confecção de Nuremberg, os relógios nada ficam devendo aos augsburguenses, de fama mundial. Há quadros que parecem pintados pela mão de Rubens. Numa palavra, os índios imitam tudo, desde que tenham um molde ou modelo. Se, porém, Ihos tirares de diante dos olhos, de modo que não mais os vejam — então tudo sai errado e arrevesado, então uma criança europeia terminará o trabalho muito antes que o índio. Têm de fato juízo curto, nada sabem imaginar-se ou fingir-se, quando o não veem. Isto dá muito trabalho ao missionário. E, agora, voltemos a falar da fertilidade de nossa terra.

Também não nos faltam galinhas, leitões, cordeiros, ovelhas, cabras. A aldeia de São Tomé⁵⁶ já há anos contava com mais de 40.000 ovelhas.

Aldeamento que não fosse capaz de criar três a quatro mil cavalos de montaria seria considerado pobre. Particularmente apreciadas são as mulas, possuindo eu também um animal bem-criado. Um cavalo vale, quando muito, um Taler, não em dinheiro, mas em fumo, mate, agulhas, facas ou anzóis. Por uma mula, porém, os espanhóis de Buenos Aires ou Santa Fé pagam 14 *Talers* e os índios entre si sete⁵⁷. Uma ovelha, cordeirinho ou cabrito vale três vezes mais do que um boi ou uma vaca, por causa da lã, com a qual os índios se vestem. Além da lã ovina, têm eles o algodão, aliás plantações inteiras da melhor qualidade. Cânhamo e linho não dão aqui, motivo por que é muito caro o tecido de linho. Um côvado chega a sair a três, quatro e mais *Talers*. A alba sacerdotal, que uso na missa solene da Páscoa, é de linho cardado e provida de renda, e tive que pagar por ela 120 *Reichstaler* em Buenos Aires. Um chapéu que lá em casa custa meio *Gulden* sai aqui por 12 e mais *Talers*. Mas, graças a Deus, não precisamos mais comprá-los. Um dos nossos irmãos ensinou aos índios a fabricar chapéus.

As roças são muito férteis. Embora muito mal amanhadas, pouco cuidadas e mal adubadas, dão literalmente frutos cem por cento. O cereal e grão ordinário é só e unicamente o milho, o chamado grão turco, que aqui dá aos montes. Dele os índios fazem farinha, não no moinho, porque eles não têm moinhos, mas socam-no num morteiro de madeira. Desta farinha fazem na água ou com carne, mas sempre sem sal, uma espécie de mingau, fazem também certas tortas,

56. São Tomé, hoje um lugarejo sem importância, à margem direita do Uruguai, em frente de São Borja, é uma estação ferroviária, onde o ramal Buenos Aires-Assunção vira em ângulo agudo para o oeste. Foram os moradores de São Tomé que fundaram São Borja.

57. Até agora, uma boa mula custa quatro ou cinco vezes o preço de um cavalo.

que deitam nas brasas e deixam fritar e as comem em vez de pão⁵⁸. Não têm fornos e consequentemente não têm outro pão a não ser este. Quando dou aos meus músicos um pedaço de pão de trigo, o que faço às vezes, pensam já estarem no céu. Por um só destes pães tu podes comprar uns dois ou três bonitos cavalos. Se os índios quisessem, cada um poderia semear 50 geiras de terra, porque aqui há terra suficiente, cada qual pode amanhar e plantar quanto queira. A América sozinha é maior do que os três continentes Europa, Ásia e África juntos⁵⁹. E é completamente desabitada e muitas vezes não se encontrará uma só chocinha em 300 milhas de extensão. Mas nós não conseguimos fazer com que os índios, em sua pura preguiça, semeiem mais de uma ou duas rocinhas de 18 passos de grão turco. E mesmo isto só o conseguimos com tundas⁶⁰.

Ainda domingo passado tornou-se absolutamente necessário passar uma sova em alguns índios que não haviam amanhado a terra e nem haviam procurado encontrar um arado. Nossos arados não são providos de relha de ferro, porque donde tirar tanto ferro, mas são feitos do primeiro tronco de árvore que se encontre e apontado como um arado. Com ele ara-se a roça uns dedos de profundidade, porque mais trabalho e suor não exige esta terra fértil, mas compensa em bondade o que falta a estes agricultores preguiçosos. Mas, o Padre Missionário, que não se ajeita com o rústico grão turco, — aliás, eu como-o com particular prazer e me dou muito bem com ele — costuma semear anualmente umas quarenta ou cinquenta maquinas de trigo para si e seus doentes. Frequentes vezes também dá a este ou àquele índio umas

58. Descrição exata da polenta.

59. O Pe. Sepp era, sem dúvida, homem de estudos e boa cultura. Mas seus conhecimentos só podiam ser, evidentemente, os de seu século. Motivo por que suas referências sociológicas, botânicas e geográficas encerram preconceitos e erros. Mas de modo algum se deve, considerando este ponto, perder a confiança em suas descrições de viagens. É bom lembrar-se, ao contrário, que em mais de cem lugares a observação sagaz e penetrante do padre jesuíta em muito se adiantou a seu tempo, reconhecendo fatos e analogias só mais tarde confirmados.

60. Muito se discutiu em torno da questão dos castigos corporais, sob forma de surras com açoites ou chicote, administrados nas reduções. Os críticos, no entanto, esquecem que nos séculos XVII e XVIII se opinava a respeito de maneira bem diversa. Surras e chicotes constituíam, naquelas épocas, a coisa mais natural deste mundo, e mesmo os príncipes das casas de Bourbon e Hohenzollern eram incessantemente surrados até os doze anos, e maltratados com todas as torturas imagináveis. Os peões dos solares dos nobres e especialmente os soldados prussianos recebiam açoites até morrer. Comparativamente aos castigos utilizados na Europa, no século XVII, o tratamento dos índios passíveis de penalidades deve ser considerado de extraordinária moderação.

duas ou três geiras para lavar. Mas, que é que faz o índio glutão? Pega da semente, que ele deveria confiar ao seio da terra tão fértil e da qual poderia esperar uma cegadura abundante, e a enfia em seu papo voraz. Se é que há um povo debaixo do sol para o qual sente a palavra de Cristo: *Nolite sollicite esse in crastinum*, não vos preocupeis pelo dia de amanhã, então é este! Se há uma geração, como disse, que observa aquela palavra, então a observam os nossos índios, aliás, literalmente, e, portanto muito mal. Não têm a mínima preocupação pelo dia de amanhã. Se a um pai de família dou uma vaca para que ele e os seus tenham que comer três dias seguidos, antes que o sol se ponha não terá sobrado migalhas. E o referido pai de família virá ter comigo no dia seguinte e dirá: *Pay, pai, nâ arecói Sôd*, não tenho carne. *Nembià hei ete*, tenho muita fome. — E respondo eu: *Cherai*, filho, *chen Narnêê n dêbe baca tubichaete yqúrà eté cuèché pángâ*, não te dei ontem ainda uma vaca grande e gorda? *Mbae eremy viô â yânga*? Que é que tu pensas? *Heta cheray áreeo nãehúgm amôngâru hângvâma rebe*! Tenho ainda outros filhos a alimentar além de ti! E é assim que eles procedem com tudo. Assim o Missionário se vê forçado a distribuir separadamente e a cada um em particular o seu pedaço de carne de cinco a oito libras, ao pai, à mãe, à filha, ao filho, e até à criança que ainda mama, e isto duas vezes por dia. Porque, se o missionário distribui ao meio-dia a ração para a tarde, então já se sumiu. Ao meio-dia o índio atira tudo junto num panelão, quer dizer, no bucho, para que à noite se poupe ao esforço de rezar o Benedicite. Sim, se dou à mãe, além da ração dela, a ração para o filho, também esta ração desaparece; e o coitado do anjinho precisa passar fome e olhar como sua legítima mãe procede feito madrastra. Só poucos índios se encontrará que sejam capazes de guardar as sementes até a época da sementeira. Por isto, também neste particular, precisa o padre olhar pelas coisas. Faz, portanto, um galpão para toda a comunidade. Quando o milho está maduro, cada pai de família e cada família precisa encaminhar parte da colheita para este galpão. Vindo a época da sementeira, ajudo-os e lhes forneço a semente. O que isto me custa, em face dos seis a sete mil índios, pelos quais tenho que cuidar, o inteligente leitor que o diga.

Não posso furtar-me a relatar, neste lugar, o que sucedeu a um missionário, há poucos dias. Deste fato pode-se inferir que este povo

não tem providência alguma, que tudo devora num dia e não cogita de que precisa viver também no dia seguinte⁶¹.

Quando chega a época do amanho e da sementeira, o que comumente se dá no mês de junho e julho, o Padre dá a cada índio duas ou três juntas de bois para o amanho da roça, que muitas vezes não vai além de quinze passos. A roça, sem dúvida, não é tão pequena por falta de terra, — porque esta não tem marcos nem cercas, mas está aí livre, para quem queira cultivá-la — mas por pura preguiça! E não dariam conta nem deste pedacinho de roça, deste punhado de terra, se o Padre não apertasse o agricultor preguiçoso com sovas e inspeções incessantes. E não amanhariam este punhado de terra nem em dois meses e mal fariam um carreiro por dia, mas dependurariam sua rede entre duas árvores e fariam folga perpétua.

Pois o Padre queria fazer sua visitação, para verificar se todos tinham arado suas roças. Chegou a um índio, que parecia ser o mais aplicado. Que tinha ele feito dos bois, que o Padre lhe emprestara? Quantas geiras de terra tinha ele amanhado e plantado? Quantos moios havia ele semeado? Eis a resposta: Nem moio, nem meio moio, nem um quarto de moio, nem uma colher havia ele semeado! Atrelou seus touros, pegou do arado, fez um ou dois carreiros para cima e para baixo, e veja: já lhe estalavam as pernas e os ombros preguiçosos. Enfia, pois, suas mãos cansadas por baixo das cavas, para e contempla sua bela junta de bois e se vê tomado de tremenda comisseração pelos animais, por causa do grande trabalho. E diz para consigo mesmo: Que tal, se eu pegasse do zebruno e o almoçasse? *Dictum — factum*, dito e feito! O coitado está com fome, desatreia o zebruno e o abate. Entrementes, a glutona da índia o ajuda valorosamente, fazendo um fogo no meio da roça. E com que lenha, meu prezado leitor? Eu te deixaria adivinhar o dia todo e não o acertarias! Pois bem, a dona de casa providente pega do *arado*, com o qual seu marido tinha que lavar a terra e dele faz fogo, e, em vez de gravetos, pega da graxa do boi, de modo que o coitado do touro é assado em sua própria graxa. E a mulher também não precisa de foles, mas remexe sempre na graxa, enquanto o marido divide o boi em quatro pedaços. Em vez de espetos, pega de quatro pedaços de pau, neles enfia a carne, um quarto em

61. Confira-se, a propósito, a observação do sábio francês Auguste de Saint-Hilaire que, 120 anos mais tarde, em sua obra “Voyage dans la province de Rio Grande de S. Pedro do Sul”, frisa, com muita insistência, ser a ausência absoluta do conceito de futuro o traço mais evidente na atitude mental de nossos índios..

cada um, fá-lo esquentar nas chamas, um pouco de um lado, e depois vira o assado.

Enquanto a carne está dependurada dum lado por cima do fogo, o índio voraz a começa a cortar do outro, a comer e a comer, de modo que o sangue e a graxa lhe escorrem de todos os lados do focinho. Constitui para ele, um acepipe, o melhor bocado e o pedaço mais saboroso quando destarte a carne cheira a fumaça e o sangue goteja de todos os lados. Entrementes, a índia faminta não perde tempo, mas segue o exemplo do seu marido, pega do outro quarto, enfia-o num espeto de pau, passa-o três vezes pelas chamas e já o leva à boca, para que não se esfrie. E que fazem os pequenos garotos e as meninas indígenas famintos? Não será um quarto grande demais para eles, para que dele possam dar conta? Qual nada! Por maior que seja, darão conta. Cortam pedaços de duas a três libras, enfiam-nos em pequenas varas e espetam essas varinhas na terra, em torno do braseiro e do fogo. E, seguindo o bom exemplo paterno, já saem comendo do outro lado, enquanto do lado de lá a carne ainda está assando. Desta maneira, o pobre boi do arado virou fumaça num único almoço.

Neste meio tempo veio o Padre. Este já cheirou o logro de longe. De um quarto de hora de distância já viu a fumaça e veio vindo em sua direção. O índio, que se sentia culpado, junto com sua mulher voraz, começou a tremer. Pelos ossos esparsos pelo chão o Padre verificou o que havia acontecido e disse ao mui aplicado agricultor que havia trabalhado mais com seus dentes vorazes do que com suas mãos preguiçosas: “Meu filho, que é que significam estes ossos? Onde está o outro boi que te emprestei? Por que não continuas lavrando?” Ao que responde o coitado do glutão: “Meu pai, tive hoje muita fome, também estive tão enfraquecido: minha mulher lhe dará testemunho”. — Boa resposta, não acham? Que pode o Padre fazer? Um boi já foi devorado e o pedacinho de roça nem lavrado pela metade. Se o Padre quer que o agricultor preguiçoso e seus filhos tenham que comer o ano todo, precisa não fazer caso e dar-lhes outro boi. Este fato se deu há pouco com um Padre, e fatos semelhantes se dão todos os anos. Aos europeus isto parecerá incrível, mas aqui entre nós é a dura verdade, que os índios deixam, por pura preguiça, estragar as espigas de milho maduras e amarelas, se os Padres não os ameaçam expressamente com 24 pancadas de sova como castigo.

Se alguém pergunta: de que maneira costumais castigar esses índios? respondo brevemente: Como um pai castiga aos filhos que ama, assim castigamos os que o merecem! Naturalmente não é o Padre que pega do açoite, mas o primeiro índio que estiver à mão — aqui não temos varas de bétula ou outras semelhantes — e coça o delinquente assim como na Europa um pai surra o filho ou o patrão o seu aprendiz. Assim são castigados grandes e pequenos e também as mulheres. Castigar desta maneira paternal tem resultado extraordinário, também entre os bárbaros mais selvagens, de sorte que nos amam em verdade, como os filhos ao pai. Não haverá no mundo todo um povo que tanto nos ame. E quando se os açoita ou coça, não gritam, não praguejam, e tu não ouvirá uma só palavra de má vontade, impaciência ou raiva. Se o castigo for muito, invocam os santíssimos *nomina Jesus Maria*. e recebem a surra com a máxima paciência, sim, até gratidão. Depois de castigados, vão logo ter com o Padre, beijam-lhe a mão sacerdotal e externam seu reconhecimento nas seguintes palavras: “Meu Pai, mil e dez mil vezes te agradeço que por teu castigo paternal me abriste o juízo e me tornaste no homem que antes não fui”. Esta doçura e paciência nestes bárbaros selvagens — ninguém as estimará demais. E quem, na Europa, que assim desta maneira suporte uma surra bem merecida? Quanta gritaria, quanta praga! Coisa semelhante nem eu nem os outros Padres ouvimos há anos uma só vez que fosse da boca de índios ou índias.

As criancinhas superam em muito o amor e o respeito, que nos demonstram os adultos. Muitas vezes se reúnem em meu pátio, sentam-se no chão nu, no maior silêncio, só porque aqui se sentem à vontade e me querem ver, caso eu saia do quarto. Isto lhes é o maior consolo, principalmente, quando lhes dirijo a palavra, perguntando isto ou aquilo da doutrina cristã, ou quando dou uma agulha ou um anzol aos que sabem bem responder; ou quando lhes dou um monte de limas, limões e pêssegos, que aqui dão aos montes, ou ainda mais quando lhes dou licença, de atirar ao alvo com suas flechas e lhes prendo um pedaço de carne no alvo, cabendo a carne àquele que acertar. Tudo isto faço seguidas vezes. Então estes anjinhos inocentes começam a saltar. a alegrar-se e a gritar: “*Pay, Pay, che oro hm hu*, Pai, pai, gosto de ti, *che oro’hat hu*, gosto de ti, *che pia guibe*, do fundo do meu coração”.

Agora alguns dos meus leitores quererão saber como é que aqui nos apresentamos e vestimos? E depois, qual é a ordem do dia dum Padre Missionário?

Nossa vestimenta é esta: O calçado é de couro, mas não é amarrado com tiras ou fivelas, mas com um botão de couro, tão pouco tem cepo ou salto, mas só uma sola lisa. As meias não são de fustão ou linho, também não são tecidas, mas só de couro de ovelha preto, como os sapatos. A roupeta ou o hábito religioso é preto, sim, e quase assim como costumamos levá-la na Alemanha, mas é fechada na frente, portanto não é cruzada, mas tem uma costura até o chão, bem assim, segundo creem piedosamente, como Cristo levava sua túnica. Além disso nossa roupeta não tem forro e também não tem bolsos, nem na frente, nem atrás, nem na bainha costurada para armar. E muitas vezes não é de simples cariado, mas só de linho preto.

A sobretúnica, que chamamos de túnica caseira, não é preta, mas parda como madeira polida, tem mangas compridas, que vão até o chão. Não a usamos quando a cavalo, mas só em casa e na igreja, como na Alemanha. Os noviços não se vestem de preto, mas todo de pardo, como Cristo Senhor, têm um cinto ou cingulo de couro. Não levamos o rosário na cintura, mas sempre dependurado ao pescoço, para que os pagãos selvagens possam reconhecer que somos cristãos e servos da diletta Mãe de Deus. Da mesma maneira, todos os índios, tanto homens como mulheres, grandes e os pequenos, levam o rosário ao pescoço, em sinal de que são cristãos e não pagãos. A camisa se parece com as nossas camisas alemães, só que muito Padres a tem feita não de linho, e sim de algodão, mas bem trabalhada. Na cabeça não levamos aurículos, como na minha Província, mas barretes sacerdotais, muito altos e elegantemente pontudos, muito parecidos com os que os sumo sacerdotes japoneses levam nas comédias. O cabelo não o usamos compridos, mas bem raspados na cabeça, não deixamos crescer a barba, motivo por que o barbeiro tem que exercer seu ofício todos os oito dias. Eu faço mesmo meu cabelo e barba e poupo, portanto, o dinheiro do barbeiro. A tonsura sacerdotal aqui é um pouco maior. Quem ma corta é um garoto indígena, porque não alcanço com a mão em toda parte; dou-lhe uma forma de papel cortada em círculo, porque, do contrário, far-me-ia uma tonsura triangular ou até quadrada. Quando saímos de casa, seja para visitar os doentes, ou fazer um batizado na choça dum índio, nos morros ou numa caverna, não levamos

não mão outro cajado senão uma cruz, que sempre está pronta diante da minha porta. Já muitas vezes se deu que com este cajado de cruz ou de passeio matássemos as maiores serpentes, sem sermos molestados. Indubitavelmente, Deus criou o bicho de tal jeito que antes se enrosca no cajado do que na perna do Padre, motivo por que até o dia de hoje nenhum Padre foi picado por cobra, de que aliás há tantas aqui, especialmente nos morros, e cujo veneno e tamanho em muito superam as cobras europeias.

Segue agora a ordem do dia, que observamos aqui com a mesma exatidão, como se estivéssemos num Colégio ou convento. À mão com ela podem os meus diletíssimos amigos e benévolos leitores verificar como é indescritivelmente grande o esforço e o trabalho dum missionário. Não lhe desse o Deus bondoso força especial, sabedoria humana, seria incapaz de suportar e dirigir tantos negócios tão variados. Sucumbiria ao peso deste fardo, porque o fardo é tão grande, pois mesmo oito ou mais Padres teriam com que fazer, fazendo o que aqui um ou dois têm que fazer sozinhos.

Capítulo IX

ORDEM DO DIA DOS MISSIONÁRIOS

De manhã, uma hora antes do romper do dia, desperta-me meu garoto indígena, de nome Francisco Xavier. O rapazote é acordado pelo sacristão, e este pelo galo que canta. Então Xavier — tem ele um companheiro de nome Inácio — acende em meu quartinho a vela de sebo, porque por falta de óleo não temos lamparinas, de modo que a lamparina diante do Santíssimo na igreja queima com graxa. Depois que me vesti e lavei, vou à igreja, saúdo a Deus, ajoelho-me e faço minha meditação de uma hora. Depois me confesso, quando estivermos a dois Padres. Depois o sino grande dá a Ave-Maria, quando o sol já raiou dá-se o sinal para a Santa Missa. Depois da Missa rezo meu *Recess*⁶² de um quarto de hora. Em seguida vou diariamente ao confessionário. Dou então a doutrina cristã às crianças, meninas e meninos, os que ainda não forem casados. Depois visito os doentes e ouço suas confissões. Quando for preciso, dou-lhes o Santo Vitácio e a Extrema Unção, dou-lhes a *commendationem animae*, assisto-os e ajudo-os para que tenham boa morte.

Permitindo-o o tempo, ajudo-os ainda com remédios caseiros, com sangria e purgativos, e estas visitas aos doentes se fazem diariamente duas vezes, porque entre tanta gente sempre há alguém que esteja para morrer, motivo por que quase que diariamente tenho alguns mortos para enterrar.

Após a visita aos doentes visito nossas oficinas. Primeiramente vou ter com os petizes indígenas na escola, que aprendem a ler e escrever. As meninas, em vez disso, aprendem a tecer, bordar e costurar. Dou-lhes as lições e tomo as que aprenderam. Vou depois ter com os músicos. Ora ouço o canto dos tipples, de que tenho oito; outras vezes a dos altos, de que tenho seis. Os tenores são incontáveis; tenho seis baixos. Depois tocam os quatro trombetas, os oito chameleiros e os quatro trompas, dando sua lição. Dou lição aos quatro harpistas, os quatro organistas e a um tiorbista. Noutro dia, tomo a lição dos dançarinos e lhes ensino algumas danças, como as costumamos apresentar em nossas comédias, e como são representadas nas igrejas da Espa-

62. Oração para terminar.

nha por ocasião das grandes festas. Aqui é particularmente necessário entusiasmar os descrentes com coisas semelhantes e despertar-lhes e gravar-lhes com o aparato litúrgico exterior uma inclinação interior para a religião cristã.

Por isso, em todos os dias de festa, depois das vésperas e antes da missa solene, vestimos de maneira sobremodo bonita alguns rapazes indígenas, tão bonito como os pobres índios nunca o viram. Então, na igreja, onde tudo está reunido, executam suas danças. Também por ensejo de procissões públicas costumamos apresentar danças, principalmente na festa do Corpo de Deus, quando alguns dançam diante do Santíssimo.

Depois que instruí os músicos e dançarinos, visito as outras oficinas, a olaria, o moinho, a padaria. Verifico o que estão fazendo os ferreiros, os carpinteiros e marceneiros, verifico o que estão trabalhando os escultores, o que pintam os pintores, o que tecem os tecelões, o que torneiam os torneadores, o que bordam os bordadores, o que carneiam os carneadores. Estes últimos, sendo a aldeia bastante grande, chegam a carnear 15 a 20 vacas por dia.

Quando sobra tempo, vou inspecionar a quinta, para ver se os jardineiros semeiam, plantam, regam e capinam. Às nove e meia horas distribuem-se os potes, com que os enfermeiros, para esse fim, levam às choupanas dos doentes leite quente, um bom pedaço de carne e pão branco. Pelas dez e meia horas o rapazote dá sinal com o sino para o exame de consciência. Para isso, fecho-me por um quarto de hora em meu quarto, examino meus pecados e omissões e vou então à mesa.

À mesa, o melhor dos tiplés me lê em latim um capítulo da Sagrada Escritura. Depois, um outro rapazinho lê em espanhol um trecho da Vida dos Santos e, pelo fim da mesa, lê do martirológico ou do calendário dos Santos o trecho que corresponde ao dia. Seis outros rapazinhos, que moram sempre em casa comigo, servem à mesa. Um traz os pratos, o outro os leva, um vai buscar água do rio, outro limpa as velas, este serve o pão, aquele traz as frutas da quinta. Todos vão de pé no chão, de cabeça descoberta, bem modestos; como noviços, prontos ao primeiro sinal. Quando terminei de comer, comem os meninos. Dou-lhes sempre um bom pedaço de pão branco, que apreciam mais de que qualquer outra coisa, muitas vezes também um pouco de mel por guloseima e bastante carne. Por vezes, em dias de grande festa, como Natal, o Menino Jesus lhes traz bolinhos e pastéis, do

que lhes sorri o coração. Logo depois da comida vêm ter comigo para a ação de graças costumeira: *Aguyebete, aguyebete, cheruba*: Deus to pague, meu pai.

Quando estivermos a dois numa redução, fazemos após à mesa uma hora de recreio e palestra.

Pela uma hora rezamos na igreja, com as crianças, a ladainha de Todos os Santos. Tenho então, até as duas horas, um pouco de tempo para trabalhar para mim: Faço de cola diversas imagens de Alt-Oettingen, depois medalhas e relicários de seda. Noutro dia componho um pouco de música, e diariamente vou aprendendo um pouco mais da língua indígena.

Às duas horas o sino grande dá o sinal de trabalhar. Daí torno a visitar as oficinas. Vou ter novamente com os doentes, consolo-os e vejo o que lhes falta. Às quatro horas, dou doutrina às crianças, rezo o terço com o povo, depois a ladainha e faço com ele, em voz alta, o *Actum contritionis*, contrição e arrependimento pelos nossos pecados. Depois tenho que, quase diariamente, sepultar os mortos. Rezo então minhas horas sacerdotais. Às sete horas faço a ceia. Segue-se depois uma hora de recreio. Depois leitura espiritual, exame interior, preparação para a meditação do dia seguinte e finalmente o descanso noturno. Este muitas vezes é interrompido por causa dos doentes, aos quais de noite tenho que administrar o Santo Viático.

É esta a ordem do dia costumeira. Segue-se, agora, o que se dá em determinados dias:

Todos os domingos e dias santos há sermão e missa solene. Nos grandes dias de festa há *primae vesperae*, aos domingos batizo as crianças às três horas da tarde. A primeira, que lavei com a água do Santo Batismo, voou logo depois do batismo para o céu, como primícia de minha missão apostólica. Tinha-a batizado de Antônio, em honra do meu santo patrono, porque foi no seu dia, aos 13 de junho de 1691, que batizei pela primeira vez. Com que consolo para minha alma enviei para o céu este anjinho inocente, deixo que o imagine o benévolo leitor. Ao segundo menino a que batizei dei o nome de João Batista, segundo meu defunto pai. Ainda é vivo. Entrementes, batizei nesse breve espaço de tempo a umas cem crianças, muitas das quais voaram logo para o céu, ao passo que outras ainda vivem.

Às segundas-feiras realizamos os casamentos e justamente hoje, que escrevo isto, casei oito índios e índias.

No primeiro dia de cada mês publicamos os santos do mês e celebramos as santas missas pelos índios falecidos. O Tempo Pascal aqui já com a Quaresma e dura até depois de Corpus Christi por causa do número dos pecadores e da carência de confessores.

Disso tudo se pode inferir os grandes esforços e trabalhos dum missionário. A folha de papel vai para o fim, recomendo-me, pois, à oração piedosa de todos os meus diletíssimos amigos e caríssimos conhecidos. Queiram todos rezar por mim, o maior dos pecadores, e para minhas ovelhinhas, para que, todos juntos, possamos entrar no redil celeste.

★ ★ ★

Tudo isto foi extraído das cartas do meu mui reverendo e diletíssimo irmão Antônio Sepp, S. J., que até agora foram do Paraguai enviadas para nós aqui na Europa. Para que chegue ao conhecimento de muitos, foram por mim publicadas, pela honra, louvor e bênção de Deus, de sua caríssima Mãe e Virgem Maria imaculada, para consolo do coração e proveito espiritual de muitas pessoas piedosas e para o reconhecimento e bênção devidos àquele, por cujo intermédio, o Deus bondosíssimo e milagrosíssimo operou todas estas coisas.

Nova continuação e fatos extraordinários, que lá se dão, eu os espero a cada momento. Logo que vierem, também deverão ser publicados.

PARTE II

Trabalhos Apostólicos

*Tradução dos alunos da
COMPANHIA DE JESUS, EM PARECI.*

Continuação dos Trabalhos Apostólicos

que passou o R. P. Antônio Sepp S. J.
missionário apostólico no Paraguai,
do ano de 1693 da era cristã até o ano de 1701.



Descrição dos costumes daquela gente bárbara, de seus talentos e habilidades práticas e mecânicas, etc.; e, ao contrário, a rudeza nas cousas especulativas e metafísicas; e muitas outras cousas maravilhosas para os de Europa.



*Com privilégio da Sagr. Majestade Cesárea,
e licença dos Superiores.*



INGOLSTADT,
a expensas de João André de La Haye, livreiro acadêmico.



Tipos de Tomaz Grass, Tipografia Acadêmica.

Ano de 1710.

Tradução da página de rosto da obra “Trabalhos Apostólicos”.

Licença do R. Pe. Provincial com o privilégio cesáreo.

Eu, Guilherme Stinglhaim S. J., Prepósito Provincial pela Alemanha Superior, com a autorização do M. R. Pe. Miguel Ângelo Tamburini, Prepósito Geral de toda a Companhia, concedo ao Sr. João André de la Haye, livreiro ingolstadiense, licença de editar o livrinho com o título: “Continuação dos trabalhos apostólicos do Pe. Antônio Sepp S. J. etc.”, e igualmente de usar por dez anos o direito do privilégio cesáreo, que proíbe a todos os tipógrafos e livreiros contrafazer, sem consentimento dos Superiores e Autores, os livros divulgados pelos Padres da Companhia de Jesus, ou de os importar no Santo Império Romano nas Províncias hereditárias da Sagr. Majestade Cesárea.

Com minha própria mão, e com o costumado selo do Ofício o confirmo.

Lucerna, 2 de agosto de 1709.

L. S.

GUILHERME STINGLHAIM.

PREFÁCIO

Ao pio e benévolo leitor.

Enquanto eu descrevo com a pena a infinita misericórdia de Deus, não se recuse o leitor de, ao ler a minha narração, celebrar e louvar com espírito e língua esta misericórdia ; pois, se não tudo, muitas cousas de certo há dignas de admiração, provas claras do Deus misericordioso, que chama o que existe do mesmo modo que o que não existe... Uma única cousa queria aqui observar ao pio e benévolo leitor é que, ocupado por tantas e tamanhas curas de almas, não me foi possível inserir tudo nesta folha, minuciosamente; nem, tão pouco exprimir tudo em latim: o aperto de tempo me coagiu a dividi-lo, e não tanto me animou, como me compeliu a exprimir algumas cousas em alemão, a fim de que servissem a utilidade de grande número de leitores. Facilmente revelarão os despautérios e deslizes de minha pena; porquanto não deve estranhar que seja mais frugal e menos feliz o vocabulário latino daquele a quem de há tanto tempo deixou de ser familiar o uso da língua latina, e nem o poderia ser. Mas o dialeto indígena, bem que bárbaro, aquele Mestre Divino, que disse: “Não penseis como ides falar ou que ides dizer; pois naquela hora se vos dará o que digais, visto não serdes vós que falais, mas é o Espírito de vosso Pai que fala em vós” (Mt. X), com tanta facilidade mo derramou na língua, que quem me ouvisse pregar, diria que me é nativo. Somente, pois, exporei em sinopse o que ano por ano me aconteceu aqui no cultivo desta vinha paraguaia, só e unicamente para propagar o louvor e glória do Deus três vezes Ótimo-Máximo, bem como para consolação e edificação e recomendação dos leitores, e não com o intuito de divulgar o meu nome. Por fim, toma à boa parte, leitor benévolo, tudo que se refere acerca do meu trabalho, nem duvides por forma alguma do que lêis: pois que tudo é bem verdade averigui eu mesmo, tendo por mestra a experiência própria.

Capítulo I

NARRA-SE BREVEMENTE A PIEDOSA MORTE DO R. Pe. ANTÔNIO BÔHM; E COMO SUA MISSÃO CHAMADA DE LOS YAROS, FOI IMPEDIDA E DISPERSA POR UM FEITICEIRO SEXAGENÁRIO

No ano de 1693, isto é, no último que passei na Redução dos Três Santos Reis, aquela preclara missão do R. Pe. Antônio Bôhm, agora de pia memória, foi de todo frustrada e dispersa. De pia memória, disse pois no momento em que escrevo faz cinco anos que a morte inimiga nos arrebatou o apostólico varão. Faleceu o R. Pe. Antônio Bôhm no ano de 1695, no dia 10 de maio, na própria sagrada vigília do Domingo da Ascensão, após as primeiras Vésperas. Cristo Senhor indubitavelmente o terá levado para o céu entre os coros angélicos. Uma disenteria pertinaz atirou no leito fatal, a 20 de março, o varão já esgotado pelos trabalhos; e prolongando-se a enfermidade por espaço de três meses, por fim o acabou de matar a 10 de maio, em tal estado que de nenhuma outra parte parecia constar seu corpo a não ser de pele e osso. Pressentindo a morte, anunciou-a e vaticinou-a com toda certeza, como qualquer um facilmente pode ver da última carta que me enviou. Para consolo dos amigos, apraz-me inseri-la aqui. Entre outras cousas, eis o que disse já semimorto: *“Rogue à Mãe de Deus por mim. As cousas da música vão para V. Revma. Dou-lhe, com licença já obtida do R. Pe. Superior, a Sagrada Escritura, a Concor- dância da Bíblia e as três partes do Pe. Tobias Lohner. Peça estas cousas, que lhe serão dadas, e lembre-se sempre de mim. Declare aos de Europa minha morte, boa, como espero, aos olhos de Deus.*

Na Redução de São Carlos, 20 de março de 1695.

ANTÔNIO BÔHM”.

Considere bem o leitor essas últimas (“declare aos de Europa minha morte, boa, como espero, aos olhos de Deus”) e diga comigo, ardendo em desejos de semelhante morte: Oxalá morra minha alma a morte deste justo. Sim, foi apoiado em sua boa consciência que o apos-

tólico varão ousou escrever tal coisa. Sua vida e seus trabalhos dignos de glória eterna comuniquei-os em espanhol ao M. R. Pe. Provincial, Lauro Nunez, e a toda a Província do Paraguai; se o tempo o permitir, trasladá-los-ei do espanhol ao alemão, para piedosa edificação de todos os de Europa. Estando, pois, eu, consoante disse, no ano de 1693 na Redução dos Três Santos Reis, foi dispersa aquela missão, de nome de los Yaros, sendo o Pe. Antônio Bôhm, de pia memória, reenviado à sua primitiva estação e Redução de São Miguel. A dispersão originou-se da seguinte forma.

Entre os demais gentios que os paraguaios apelidam de Yaros (lê tcharos, porque na língua indígena Y é o mesmo que tch), era famoso um certo mestre de arte mágica e cruel discípulo do gênio negro, tirano e régulo deles, de nome Moreyra¹, o mesmo que da minha primeira chegada a estas terras me veio ao encontro com sua gente; e que, quando o P. José Saraiva, perito na língua, o interpelara com bons modos a que, em sua avançada idade de sexagenário, pensasse seriamente na morte a ameaçá-lo de perto e providenciasse por ter no futuro uma sorte e morte melhor; que cultuasse a Deus somente, a fim de não acontecer que, ficando por mais tempo refratário à verdade evangélica, fosse arremessado por Ele ao bátrito infernal, a ser atormentado atrozmente pelos fogos eternos; naquela ocasião, digo, retrucara o feiticeiro: *“Meu padre, se Deus não fosse tão grande amigo meu, já de há muito eu estaria morto; pois até o presente não me fulminou com um raio, nem me despedaçou às garras dos tigres, nem me picou a serpente, nem me fez mal a víbora, nem a terra me engoliu; tão grande amigo meu é aquele que tu chamas Deus, é ótimo amigo.”* Estas e semelhantes cousas decantava então aquele embusteiro à boca cheia. Este homem, pois, laureado doutor na Escola de Lúcifer de infames mentiras, frustrava toda a obra do nosso padre Antônio Bôhm, como também a do Pe. Hipólito Doctili (italiano de nação, missionário célebre por ter reconduzido já muitos bárbaros gentios à fé cristã). Intérprete fraudulento da sã doutrina dos padres, não a referia a expunha aos seus com a devida fidelidade; pois como ainda ignoravam o idioma daquela gente, era de todo em todo necessário falar-lhes por intérprete, e usar como tal esse Moreyra, que espontaneamente se oferecera

1. As palavras orgulhosas deste cacique, seu aspecto imponente e sua experiência em todas as astúcias deixam entrever que proporcionou grandes dificuldades à catequese. A descrição deste homem, feita pelo Pe. Sepp, combina muito bem com as descrições de Basílio da Gama nos oferece, a respeito de outros caciques eminentes.

para desempenhar este ofício (com dedicação, não há de se negar, mas sem lealdade), pois que o malvado sabia muito bem a língua paraguaia e até a espanhola. Mas eis — que mau discípulo de tão boa escola dos padres! Pois quando os gentios lhe falaram de abraçar a fé católica e elogiavam o suave jugo de Cristo, este os faz atentos à tirania espanhola: que os presentes dos padres, como são facas, alfinetes, anzóis e outros que tais brinquedos e atrativos de crianças e meninos, os quais eles com larga mão distribuíam aos pobres, na verdade eram engodos e cadeias de escravos, com que os queriam entregar amarrados em escravidão perpétua aos governadores espanhóis. Estas e semelhantes patranhas dizia o astucioso impostor e seus cabelos grisalhos (antes se diria cabeleira de medusa), a caírem desgrenhados pelos ombros à guisa de cobras enroscadas uma na outra, deram tanto peso a tais palavras que a gente bárbara e incrédula mais facilmente se endurecia a pedras do que se amoleceria à branda dedicação dos padres.

Por esta razão tendo os Superiores abarcado o estado de cousas em madura deliberação, para que os missionários não prosseguissem a gastar energia inutilmente, tanto mais que outras searas, já maduras para a messe, como que aguardavam a mão do operário, e a messe na verdade é grande, poucos, porém, os operários, os Superiores, digo, dissolveram a dita missão, ou melhor, quais pacientes lavradores estatuíram diferi-la para a outra primavera, sobretudo porque era assaz manifesto e claro que os sacrílegos sicários conspiravam a morte dos padres, para o primeiro ensejo que se apresentasse, e sem dúvida a teriam dado também ao nosso Pe. Antônio Bôhm, se o piedoso nome não tivesse protegido o bom pastor, inspirando a um índio fiel de minha Redução dos Três Santos Reis que desviasse o golpe fatal desfechado pelo bárbaro com toda a força do corpo. O próprio Pe. Antônio presente na ocasião relatou-me todo o decorrer do fato.

Entretanto, os juízos dos homens são outros que os de Deus, e estes encerram muitos abismos; pois, quem jamais se poderia convencer e imaginar, para não dizer sonhar, que este astuciosíssimo impostor, este tirano e régulo se haveria de converter? Quem lê isto, assombre-se e bendiga comigo a infinita clemência do Deus misericordioso, e exclame tomado de pasmo: Esta mudança é da destra do Excelso, atribuível não a meus merecimentos e preces, mas às do piedoso Pe. Antônio Bôhm recém-falecido. Narrarei, aqui, em ligeiros traços, esse fato, que já desenvolvi mais amplamente em alemão.

Capítulo II

PRODIGIOSA CONVERSÃO DE MOREYRA, AQUELE MÁGICO, TIRANO E RÉGULO SEXAGENÁRIO

Já tinham os varões apostólicos sacudido o pó dos sapatos e abandonado a Babilônia ainda não acalmada, quando Moreyra, o mencionado mestre de artes infernais, ainda não convertido, vinha repetidas vezes à minha Redução dos Três Santos Reis (é a mais próxima que dá para a terra destes gentios), e me pedia ora este, ora aquele presente, tabaco, erva do Paraguai, ou sal²; numa palavra, mostrava-se-me afável. Que fiz, eu que conhecia o lobo roubador de outrora, oculto em pele de ovelha, direi em poucas linhas: fingi-me de ovelha, encobrendo sob esta pele o lobo apostólico, a fim de, com o Divo Apóstolo das gentes, arrebatar ao demônio este espólio já a ponto de lhe cair nas garras. Abordando o velho astutíssimo com melhor astúcia, cativei-o mediante tabaco, erva do Paraguai e palavras brandas, e por tal forma o afeiçoei a mim, que quase todos os domingos não hesitava em vir fazer-me uma visita, e até prometeu trazer seu filho único, que eu desejava ver. Neste ínterim, informei o R. Pe. Superior, que então era o Pe. Ludovico Gomes, acerca da presa dupla, já quase felizmente acossada para a armadilha e as malhas, e lhe roguei se dignasse escrever-me o mais depressa possível o que devia eu fazer. Deixar escapar das mãos esta presa era coisa que não parecia avisada, e poria em grande risco a causa cristã de minha missão, visto que pelas perversas artimanhas deste embusteiro velhaco, já se tinham causado muitos e graves danos à vida e teres de neófitos inocentes, nem se podiam temer menores, se por uma razão qualquer se viesse porventura a exasperar aquele ânimo bárbaro. E assim pareceu ao R. Pe. Superior de muito bom aviso que eu pusesse em ferros pai e filho, tanto que retornassem à minha residência e os remetesse a ele num bote: com efeito, já há mais tempo merecia grave punição aquele grandíssimo impostor e traidor dos padres missionários e neófitos. O domingo era um dia excelente para executar o conselho do Rev. Pe. Superior, senão quando estaca ante a porta o velhacaz, e com o velho o moço, com

2. Fumo, sal, mate — petiscos e engodos daquele tempo — são, ainda hoje, os estimulantes e alimentos que nos Pampas exercem o papel principal. Vejam-se as palavras do Cap. IV: “Com a erva conquistei duas almas”.

o pai o filho, herdeiro não só do sangue do pai. mas também da arte negra, e o discípulo mais sagaz de tamanho mestre, mau ovo de um mau corvo. Saúdo a ambos com toda oficiosidade, e dando-lhes leves palmadas nos ombros em sinal de amizade, desejo-lhes felicidades e boa saúde, de pronto ordeno a meus indiozitos que busquem água fresca, para tragem erva do Paraguai ensopada nela; mando então que se assentem no chão e, fatigados como estavam da longa jornada, repousem e restaurem as forças, etc.; entrementes chamo um ferreiro que lance as cadeias à presa, cadeias de amor, não de tirania, cadeias que já os arrancariam do cativeiro infernal, dando-lhes alforria na liberdade dos filhos de Deus.

Fácil é de adivinhar como, à vista dos grilhões, estremeceu e pôs-se pálido o feroz canibal de outras vezes; a princípio resistiu um pouco, prometendo que traria toda a sua gente, se o soltasse daquelas cadeias vergonhosíssimas, tanto para si como para toda a raça dos Yaros, que estava pronto para sofrer antes a perda da orelha esquerda, que ser lançado contra a vontade em cadeias tão injuriosas. Ao que eu disse, lançando mão deste mesmo argumento do selvagem: “deixasse e passasse de bom ânimo por esta desonra do corpo; e olhasse antes as eternas vergonhas da alma, a qual, estivesse persuadido, proximamente seria presa das cadeias de fogo nas labaredas do inferno, mas que todavia com estes grilhões de amor poderia libertar-se, se quisesse; revocasse com seriedade à mente quão surdo fora às inspirações divinas até aquela hora, até a velhice, e como seu espírito já decrépito se houvera por várias vezes obstinado emperradamente: resistindo sempre a tantos varões apostólicos e, nestes, ao Espírito Santo, impedindo a conversão de almas quase inúmeras e a redução de sua gente yárica ao grêmio da Santa Igreja Católica; como os transtornara com feitiços e força até os já reduzidos e assinalados com o nome de Cristo a apostar novamente da fé romana; e o que acabo de dizer (por estes termos mais ou menos o interpelei) seria coisa leve e desculpável, ó Moreyra, porém crimes mais hediondos te constituem réu e te condenam. Dize-me, velho de maus dias, quem, senão tu, foi o cabeça da conjuração de teus companheiros contra a vida dos padres missionários? Quem pilhou os botes que desciam o rio para Buenos Aires? Quem foi o cruel salteador que traiçoeiramente matou os nossos cristãos na viagem? Quem espoliou e privou aqueles coitados de seus bens e de sua vida, senão o infame, o ímpio, o sanguinário Moreyra, fomentador e au-

tor de todos os males? Males que verdadeiramente já há mais tempo mereciam não esses grillhões, mas o rijo ferro do espanhol, a força, as rodas, mesmo, e a fogueira. Mas por clemência do R. Pe. Superior, tudo isto foi reduzido a um módico penar por uns poucos dias nessas cadeias, na quais deve expiar tudo o que o insensato cometeu de maldade contra Deus e contra os homens. Nem sequer deveria ele ser amarrado, se, deixando de coração à sua infidelidade e magia, renunciasse a esta, e àquela lavrasse carta de repúdio.”

Estas e outras coisas disse eu, e não inutilmente; como logo mostrará abertamente a infinita misericórdia de Deus, que não quer perder a ninguém, a menos que ele temerariamente o queira, e que a cada um proporciona meios e oferece auxilio necessário e suficientes para salvar-se. Embarquei, pois, num bote rio acima tanto o pai como o filho e, confiados a doze índios bem musculosos de minha Redução, enviei-os ao R. Pe. Superior. Enviara-lhe, entretanto, por via terrestre, uma carta que o mais breve possível o certificasse da prisão de Moreyra. Recebida esta alvissareira notícia, sem tardança desceu o P. Superior o rio em direção à minha residência e, por disposição divina, topa com o ancião e, com grande consolo seu, o reconduz à minha Redução. Chegado a ela, notifica-lhe, após comigo deliberado a questão no Senhor, que não o mandara lançar em ferros com outro objetivo a não ser com o de salvar a sua alma, e, se promettesse abraçar hoje ainda a nossa fé e consagrasse com um início mais santo a vida má que até então levava, tivesse por certo que não só seria solto incontinente, mas ainda constituído chefe supremo de toda a sua gente yárica; ponderasse o negócio, até o Pe. Superior regressar da visita às outras Reduções.

Dispostas deste modo as coisas, logo que o Pe. Superior deixou a minha Redução dos Três Santos Reis, empenhei-me por granjear aos poucos a simpatia de meu prisioneiro com palavras afáveis, provendo cuidadosamente a que nada lhe faltasse na alimentação diária, pois bem sabia que não se encontraria meio mais apto para ganhar esta gente gulosíssima. Posto que em outras nações infieis consoante o Doutor das gentes, São Paulo, a fé costuma entrar pelo ouvido nos ouvintes, nestes bárbaros verificamos que ela entra de preferência pela boca. Por ser tão grande a sua voracidade e tamanho o seu papo, aproveitaram os nossos primeiros padres missionários este expediente e, à isca como peixes, aliciaram a muitos das cavernas das montanhas e dos antros das feras para o porto da salvação. Como eu, pois, desse,

em liberal abundância. de comer a meu cativo, cuidando que absolutamente nada lhe faltasse, era de ver como a pouco e pouco se amansava o leão, ferocíssimo, tornando-se, de lobo parece que era, um cordeiro, e de tigre sanguinário um gatinho doméstico. Moreyra já frequentava a igreja, assenta-a— ele, sexagenário, em meio de pequerruchos, ouvia com avidez a doutrina cristã e os rudimentos de nossa fé, persignava-se frequentes vezes com o sinal da Santa Cruz, desfiava a coroa da B. Virgem, numa palavra, dava provas de fervosíssimo neófito. Bem verdade é o que diz o poeta: *verba docent, exempla trahunt*; melhor é quem se prova piedoso não por palavras, mas por obras. E como diz Santo Agostinho: mostram-se um menino nozes e ele vem; mostra-se a uma ovelha um ramo verde e ela vem; assim poderia alguém dizer: mostra-se ao bárbaro erva do Paraguai, tabaco, etc., e ele vem, como no capítulo seguinte veremos.

Capítulo III

COMO O PE. ANTÔNIO SEPP TROUXE À FÉ CATÓLICA A IDOSA MULHER DE MOREYRA

Dado que ao velhote era inata e inveterada a perversidade, como eu não ignorava, não podia eu confiar descansadamente que ainda agora não disfarçasse, sob pele de ovelha, o lobo e, sob a capa de fingida religiosidade, o embusteiro. Restava um único meio, pelo qual, com um piedoso e engenhoso ardil, atraí nos liames do amor a sua velha esposa, liame este o mais resistente por ser o do amor, e mais eficaz que qualquer cadeia por ser o da esposa (esposa disse, a saber aquela à qual o velho, dentre as centenares que tinha, costumava ser mais familiar, e com a qual mais convivia.)

Tendo-lhe eu perguntado como a traria cá e de que estofo era ela, respondeu: *“Meu padre, manda-lhe em meu nome um rosário, tabaco, e um pouco de erva do Paraguai. Afianço-te que ela virá ter comigo. Uma vez aqui, poderás facilmente vencer minha velha quinquagenária com a tua insigne amabilidade e benevolência que me venceram a mim.”*

Ouvindo tal, eu não cabia em mim de contente, congratulando-me já com os meus botões pelo feliz sucesso. Que coisa mais fácil para mim? Que estratagema mais viável? É pois enviado um índio cristão, leva os meus presentes à velha e refere as palavras do marido. Ela exulta, lança o rosário ao pescoço (Bravo! Temos no laço a presa, e no laço mariano! Rejuble comigo a alma cristã que está a ler!), engole a erva do Paraguai em água fresca, masca o tabaco e voa para cá, jubilosa, mas ainda não sabedora do que, entretanto, se tinha dado com o consorte Moreyra, bem como com o filho; pois nada ficara sabendo do cativo e dos ferros, pensando que o Moreyra fora recebido por mim mais benevolmente que das outras vezes, fora tratado com mais largueza e retido por mais tempo que de costume. Enxergando a velha (diria antes uma megera ou medusa de aspecto horrendo, com sua cabeleira comprida e milhares de rugas) seu marido não mais vestido com pele de animais estes gentios se cingem de peles de animais e tigres, mas não assim os - cristãos), enxergando, repito, o seu marido coberto com uma capa de pano e munido do bastão de capitão, disse,

pulando de alegria: “Moreyra, meu fiel chefe, que é isto? Que rosto de vermelho é este mudado tão de repente em face nova de moço bonito? Quem te deu esta roupa? Quem te munuiu deste bastão?” Falei-lhe então: “Filha o teu Moreyra já é meu; não vês como o amo a ele e a seu filho, como os estimo? Já vivestes bastante tempo miseráveis e nus entre os tigres; rirei agora mais felizes, e fixai residência nesta minha vila, seguros de corpo e alma, não mais servindo ao demônio que vos iria perder, mas só e exclusivamente a Deus que vos quer salvos. Até agora vivestes como gentios, bárbaros canibais; pois, que estão indicando estes teus dedos mutilados (saiba o pio leitor que estes selvagens têm o costume sanguinário de amputar a falange do próprio dedo, e, enfim, o dedo inteiro, cada vez que um filho, pai ou qualquer outro membro da família paga o tributo à morte e deixa a vida. Quando esta operação cruel acaba de mutilar a mão, passa-se para os dedos dos pés, que vão sendo atorados à medida que morrem os parentes). Usando, pois, deste argumento palmar ia eu dizendo à velhota: “Vivestes até agora como bárbaros e canibais e vossas mãos decepadas falam bem às claras; agora, porém, hei de vos fazer homens, civilizados, humanos e cristãos.” E após, dirigindo-me à velha: “Dize-me, filha, se a morte te tivesse riscado ontem do número dos vivos, acaso o dia de hoje não te choraria em vão, a ti, arremessada junto com o teu Moreyra no profundo do inferno, para ser atormentada pelas chamas eternas? Não só disse isto e mais ainda a estes cônjuges, mas dei um vestido novo à velha mãe e uma fatiota ao filho, e ordenei que lhes servissem erva do Paraguai, tabaco e carne à saciedade; ao mesmo tempo lhes indiquei uma casa onde morassem juntos, e aí moram até o dia de hoje como neófitos cristãos. Eis, leitor amigo, acabamos de ganhar três almas; armemos agora novamente as redes para a caça. Que dizes, se tocarmos também outros peixinhos remidos pelo Precioso Sangue de Cristo para o barco de São Pedro e o grêmio da Igreja?

Capítulo IV

OUTRA CONVERSÃO DE UMA ÍNDIA, EXEMPLO RARO DE COMO ELA, PARA ABRAÇAR A FÉ, SE ESCONDE NUM CHARCO

O filho do nosso Moreyra enamorou-se de uma índia pagã, a quem amava mais que as outras. Fora-lhe entregue esta e, segundo ele mesmo contou, estava grávida. Enviei a ela como mensageiro apostólico o próprio amante, assim como dantes àquela velhota. O rapaz foi leal e desempenhou-se bem de seu encargo: não demorou em trazer-me para junto de mim, e mais a notícia de que o irmão da moça também estava disposto a vir, contanto que em penhor de paz lhe enviasse eu um punhado de erva. Mandeí a erva (na qual de certo não se escondera cobra nenhuma), e com a erva conquistei duas almas, a saber, o irmão da jovem e sua mulher.

Ao se ver esta repentinamente sozinha e abandonada pelo marido, por iniciativa própria andou-lhe alguns dias no encalço por estas bandas e veio dar à Redução, onde relatou como de modo admirável conseguira escapar aos gentios que a perseguiram. “Sentia-me interiormente movida a abraçar a vossa fé, disse ela, mas não via o modo de executar este meu desejo e propósito. Ameaçava perigo da parte de alguns moços gentios que estavam loucos por mim. Se me capturassem na fuga, ou me matariam a flechadas, ou levar-me-iam consigo prisioneira e, leões dados a todo o desmando de prazer, deixar-me-iam na vergonha; e se eu não atingisse em breve a tua residência, necessariamente pereceria à minguia na amplidão daqueles campos imensos. Que resolução tomei? Fujo a altas horas da noite e ponho-me a andar, confiada em Deus tão somente. Já vinha clareando o outro dia e eu me julgava fora das vistas dos pretendentes, livre de todo o perigo, quando, de súbito, vejo avançarem ao longe alguns índios a toda a brida. Vinham em linha reta sobre mim, mais velozes que qualquer vento Euro. Estavam armados de arco e flecha como para caça, mas na realidade eram os amásios que me andavam à cata. Atirei-me a correr, e eles com menor velocidade me perseguiram. Quanto mais eu corria, tanto ardiam eles. A mim me dava asas o temor, a eles o amor. Já não me restava lugar algum para me subtrair àquelas harpias, se me depa-

rava a sombra de uma floresta que me acolhesse, trêmula de pavor e cansaço, nem antros nem cavernas que ocultassem esta desolada; só um charco me abriu o seio lodoso e me recebeu, fugitiva, em seu regaço lamacento, mas para mim mais macio que qualquer acolchoado de pena, melhor que qualquer teto, porque mais seguro. Entrei e me atolei até o pescoço e, trêmula e ansiosa, relancei os olhos atentos para cá e para lá, a ver se por acaso me haviam farejado aqueles sabujos. Já duas vezes a aurora saudara o globo terrestre, osculando o firmamento com róseos lábios, e, desde que semiviva e faminta me ocultara no paul, pela terceira vez se aproximava a luz. Por isto, dado que já não via nenhum vulto de perseguidor, confiando em Deus, saí do lodaçal e reencetei o caminho de antes. Aos poucos me vim chegando da tua Redução, meta, dos meus desejos, e espero ter agora logrado o termo dos meus anelos, pois, meu padre, vejo-te aqui presente, a ti, que, estou certa, tomas a peito a tarefa da minha salvação”.

Até então esta alma de escol, sem ter sido iniciada na doutrina cristã, fora impulsionada e predestinada admiravelmente pela Divina Providência para a liberdade dos filhos de Deus. Depois de purificada pela água salutar, chamei-a Maria, e era de fato digna de tal nome, pois, por este feito tão glorioso, por este exemplo que deu aos próprios homens, não hesitou pôr em risco a vida corporal naquele charco — lamacento ergástulo — a fim de, pela fé, encontrar na Igreja uma ressurreição, melhor, a vida espiritual da alma.

Quem, à vista disso, não adora prostrado a infinita misericórdia e Providência de Deus? Pouco antes mencionei aquela missão do nosso R. Pe. Antônio Bôhm, de pia memória, missão dispersa e abandonada dentro de um ano; e eis que o Pe. Antônio Sepp, o maior dos pecadores, colhe as primícias daquele trabalho: em primeiro lugar o régulo ou tirano da tribo yárica (tchárica), acreditado cabecilha das crenças do gênio infernal, causa única da frustração da missão, empecilho da conversão de muitos infieis, o ancião Moreyra, rêmora sexagenária. Não é esta uma verdadeira mudança operada pela mão do Altíssimo? Era de ver-se o citado velho com a idosa “cara-metade” que não mais era a horrível e deforme megera, mas uma cristã pacata e amável, com seu filho e a mulher deste, e mais a supranomeada Maria e seu esposo, entrando todos no nosso templo, diariamente; era de ver-se (se visses) a senhora de Moreyra, com o rosário pendurado ao pescoço, no meio dos pequeninos, a sustentar-se com o leite da

doutrina cristã, e o sexagenário, entre meninos, munindo-se, do mesmo modo que eles, com o sacrossanto sinal da Cruz, aprendendo as orações costumeiras, respondendo às perguntas do catequista, resolvendo dificuldades e não só retendo na memória os artigos da fé, mas crendo firmemente neles. E, para abreviar, este mesmo Moreyra (a fim de que o ato se realizasse com maior pompa e ostentação religiosa, e com esperança de que muitos outros se convertessem) foi regenerado na fonte sagrada do santo batismo pelo R. Pe. Lauro Nunez, Provincial do Paraguai. Terminando esta matéria, não posso, para consolação minha, deixar de acrescentar o que se segue.

Capítulo V

O PE. ANTÔNIO BATIZA O NETO DO AFAMADO FEITICEIRO E RÉGULO MOREYRA; DÁ-LHE O NOME DE INÁCIO

Certa vez, um indiozinho meu, noite velha, me acorda. Levam-me depressa ao pé de uma mulher que perigava num parto difícil. Era a mesma que mencionei acima, esposa grávida do filho de Moreyra. Sofria muito com este seu primeiro parto, mas afinal deu à luz um garotinho, a quem batizei com o nome de Inácio, porquanto ao gloriosíssimo nome de nosso Santo Fundador eram devidas estas primícias que a nação yárica, pouco antes selvagem e infiel e agora como que cristã em seu cacique Moreyra, oferecia e enviava ao céu, para fundar a seus progenitores novas e eternas colônias.

Apenas entrado nesta vida, renasceu o inocentinho para o céu, para sorte melhor, sorte que, na longa travessia desta terra, se lhe faria quicá adversa. Adivinha o curioso leitor quem terá sido o padrinho do menino regenerado pela água e pelo Espírito Santo? O nosso sexagenário Moreyra, não sem lágrimas, recebeu o netinho ao sair das lustrais águas. Como tudo se fez às pressas e de noite, e por ser grande o perigo, não estava à mão outro padrinho. Às pressas, disse, pois aquela criaturinha, madura não para a terra e sim para o céu, já estava a ponto de expirar a alma que, fazia pouco, lhe inspirara Deus lá no céu. Mal entrei eu no quarto, o decrépito ancião tomou nos braços o infante. Nem eu mesmo, ao lhe administrar o batismo, pude ver de olhos enxutos o inocentinho, que chorava fracamente. Misturando nossas lágrimas, enviámo-lo ao céu o padrinho e eu. Tamaña consolação a exprime melhor o silêncio que a pena...

Apenas isto relato acerca daquela dificultosa missão da tribo yarica, que o Pe. Antônio Bôhm, de nunca assaz lembrada memória, havia iniciado. Mais de dez famílias se agregaram já a esta Redução consagrada aos Três Santos Reis e abraçaram a fé católica, o que me leva a esperar que devagarinho todo aquele povo seja conduzido, pela infinita misericórdia de Deus, à fé da Igreja Romana e incorporada em seu grêmio. Visto que este povo se vê destituído do seu cacique Moreyra, e sabe que ele renegou às funções da sua seita e idolatria

e abraçou a nossa fé; visto que este mesmo Moreyra, que, pouco antes, recusava por todos os meios o cristianismo, os move agora como pregoeiro evangélico a aceitá-lo; por tudo isto, refulge a esperança de que a nação inteira, como avezinhas errantes a voejarem aqui e ali, enquanto a flauta da pregação soa docemente em feliz caça, venha a pousar, em breve, na eira fecunda da restante cristandade.

Demos, todavia, um salto do ano de 1693 a 1695; reconstruamos, porém, ligeiramente o nosso diário.

Capítulo VI

O PE. ANTÔNIO SEPP É MANDADO DA REDUÇÃO DOS TRÊS SANTOS REIS PARA A REDUÇÃO CHAMADA DE NOSSA SENHORA DA FÉ E RECEBE ORDEM DO R. PE. PROVINCIAL PARA FAZER UM ÓRGÃO DE TIPO EUROPEU

É uma necessidade para o varão apostólico fazer tudo para todos, máxime entre estes índios paupérrimos. Demorei-me, como acima referi, quase três anos na Redução dos Três Santos Reis para civilizar os índios yapeyranos. Entre outros trabalhos, não foi o menor instruir em todo gênero de música os índios de várias Reduções, que os padres missionários de todas as partes enviavam. A estes ensinei a tocar órgão e citara, àqueles tiorba e citara feita de casca de tartaruga, a outros trombeta e flauta, fistula e clarineta e instrumentos de guerra, àqueloutros guitarra e o suave saltério davídico tocado agilmente com dois pauzinhos; numa palavra, não só devia instruí-los em todo gênero de música, mas também era forçoso confeccionar cada vez todos os instrumentos, dos quais principalmente o órgão era indispensável para cantar na igreja os louvores de Deus.

E assim vendo que a miséria dos órgãos usados até então entre os índios não provinha tanto da falta de recursos como de seu estado miserável, deu-me o R. Pe. Provincial, Pe. Lauro Nunez, ordem de fazer um órgão, como os da Europa, ou de mandar fazê-lo, reservando-me a superintendência da obra. Não o podendo levar a efeito na Redução dos Três Santos Reis por falta de material ordenou-me que fosse para a Redução que em espanhol chamamos *Nuestra Señora de Fee*. Ordenou, outrossim, que, na viagem, me detivesse por alguns meses na cidade de Itapuã, onde o Pe. Francisco Azebedo já tinha à mão o material para a construção do órgão.

Confiando, pois, mais na virtude da obediência que na própria arte, ponho mãos à obra. Como, porém, a quantidade de estanho e chumbo arranjada pelo dito Pe. Azebedo só bastasse para fazer os tubos menores, cuidei que os maiores, do chamado sub-baixo, se fizessem de tábuas de cedro desbastadas e, com todo o cuidado, aplainadas e polidas. Estas preencheram tão bem a sua finalidade, que se juraria

ser bronze fundido com estanho inglês e a diferença entre um e outro nem o ouvido mais bem afinado haveria de distinguir. Uma coisa, entre outras, causou admiração não só aos índios, como também a todos quantos para lá iam, aos padres missionários e ao próprio Pe. Provincial, Pe. Lauro Nunez, então presente: a saber, que me viam tocar não só com as mãos, mas também com os pés, coisa nunca vista nem ouvida por eles (pois na Espanha os órgãos não têm o assim chamado pedal, nem registros de coro ou corneta). Por isso, como disse, todos ficaram estupefatos com o cedro sonoro, coisa até então inaudita, o qual cantaria, ou melhor, faria ressoar doravante, no templo de Deus, não a sua própria imortalidade, mas a de seu Criador.

Capítulo VII

GRASSA UMA PESTE TERRÍVEL NO PARAGUAI. O PE. ANTÔNIO SE DEDICA AOS EMPESTADOS DA REDUÇÃO DE NOSSA SENHORA DA FÉ

Depois de construído, por ordem do R. Pe. Provincial, o órgão, mandou-me a obediência para a redução de *Nuestra Señora de Fee*. É esta a maior de todas as reduções, e muito populosa. Não está situada sobre o Uruguai, mas às margens do célebre Paraná, sem contestação o príncipe de todos os rios, ao qual os índios chamam pai do mar, por causa do grande volume de água que, num fluxo perene, paga o devido tributo ao Oceano.

Dirigia naquele tempo a redução o padre espanhol Fernando de Orga, um velhinho octogenário. Agora, porém, no momento em que escrevo estas linhas, já faleceu, tendo morte muito santa. Com quanta alegria me acolheu não é fácil de explicar. Como quase não podia mais falar distinta e articuladamente por causa da idade avançada e porque lhe faltavam os dentes da frente, quase todo o trabalho e calor do dia recaiu unicamente sobre os meus ombros. Devia visitar os doentes, animar os moribundos para o último combate, partir aos pequenos e adultos o pão espiritual, explicar a doutrina cristã, pregar nos dias determinados à assistência de povo e desempenhar mil outros ofícios de um pastor zeloso.

E se jamais houve um ano fértil em trabalhos, certamente foi o de 1695, que trouxe aos operários uma abundantíssima colheita de merecimentos. Grassava uma crudelíssima peste que, propagando-se de redução em redução, devastou aos poucos todo o Paraguai. Esta epidemia fatal atacou principalmente os nossos índios. Touxeram-na alguns que voltaram da Espanha. Primeiro assaltou os espanhóis daqui, depois os índios, passo a passo, e com maior violência, por encontrar nestes melhor campo de desenvolvimento que naqueles. Pois os nossos pobres índios andam descalços e não têm senão um vestido muito leve e fino, que serve mais para cobrir o corpo que para aquecê-lo, nem se acha outro médico senão a nossa atenciosa e engenhosa caridade.

Daí vem que qualquer doença em pouco tempo os leva às portas da morte.

A força do mal manifestava-se por pequenas pústulas, como as que na Europa costumam atacar as crianças, ou melhor, as que se verificam nos que têm febre alta. Estas pústulas são aqui no Paraguai uma peste terrível, que invade todo o corpo de tal maneira que não deixa quase nenhum membro intacto. Melhor se chamaria acumulação de doenças do que peste. Pois primeiro ataca a garganta e logo a seguir o estômago, queima os intestinos com ardores intensíssimos, depois seca por completo o humor e causa fastio e fraqueza de estômago. Daí o contínuo fluxo de sangue e, com o sangue, produz finalmente a corrupção e evacuação dos próprios intestinos. Nem mesmo os olhos e ouvidos são poupados: uns perdem a vista, outros o ouvido.

Seria ainda tolerável essa peste desapiedada, se satisfizesse o seu furor tão somente nos adultos, mas atinge as próprias criancinhas, expulsando-as com cruel antecipação do seio materno, onde a natureza lhes dera o direito de agasalho por nove meses. Oh! A quantos pequeninos que já deviam desaparecer na noite eterna possibilitei o gozo da luz perpétua fazendo-os renascer para o céu apenas entrados no mundo! Oh! Quantos, no momento em que caíam do seio materno em terra exalando no mesmo instante sua alminha recém-infusa, restitui à vida eterna banhados na linfa vivificante do batismo. Ah! Se tivesse visto como a própria mãe muitas vezes era a parteira infeliz de seu filho; ou como outra lutava com a prole, não se sabendo qual das duas encontraria primeiro a morte, se a mãe que dava à luz, ou se a prole. Umas evacuavam o feto de três meses, outras de quatro e mesmo ao próprio embrião junto a um pedaço de carne viva. As boas mães tiravam a si mesmas a vida que procuravam dar a prole. Eram depois atiradas na mesma cova.

Cova, disse, ou enorme fossa, na qual se lançavam diariamente os cadáveres, pois faltando os vivos que abrissem sepulcros para os mortos, a própria morte fazia o papel de coveiro.

Tive-me por feliz que pelo menos o mal não atacasse de uma só vez a todos os meus sacristãezitos, que costumavam ajudar-me à missa, mas sucessivamente e aos poucos, de maneira que, enquanto um caía doente, outro já reconvalescente se levantava e me podia ajudar no altar. Esta graça quis Deus na sua bondade reservar também aos meus cozinheiros, de sorte que estando deitado um, outro Lázaro

estava de pé para poder acender o fogo e preparar o alimento para dar de comer ao missionário, se é que ainda se pode chamar comer, quando só se engole um bocado. Pois a necessidade de assistir quase o dia inteiro aos pobrezinhos e de administrar os sacramento nem dava tempo para rezar as horas canônicas senão a altas horas da noite.

Não havia aqui nenhum Podalírio nem Macaão nem Galeno que preparasse aos enfermos as bebidas medicinais, pílulas emplastres e outros remédios tanto simples como compostos. Eu sozinho era o médico-chefe, ou melhor, o enfermeiro de todos; realmente, era tudo para todos, pois a caridade engenhosa ensinou-me então a ser não somente sacerdote que trata as chagas da alma, mas também o samaritano do Evangelho que pensa as feridas do corpo.

Logo que ouvi dizer grassar esta epidemia pestífera nas outras reduções, quis o mais depressa possível fazer uma sangria em todos os meus, desde o menino de dez anos até o ancião, para que, se a peste atacasse alguém, depois de eliminado o sangue podre e ruim, encontrasse um meio saneado e, por isto, menos apto onde o bárbaro inquilino se pudesse fixar. Tinha nisto por aforismo aquele célebre adágio dos filósofos: tendo cessado a causa, cessa também o efeito. Mas perguntará aqui o leitor curioso: Quem cortou a veia a tantos índios de ambos os sexos e quem fez o papel de cirurgião? Quem arranhou, com tal penúria de ferro, tantas lancetas para o Pe. Antônio? Escute o leitor benévolo e explua em risotas sufocadas³.

3. A “peste”, de que tanto fala o Pe. Sepp, deve ser, evidentemente, uma epidemia de varíola hemorrágica. Assim como em toda parte da América, verifica-se o mesmo no Rio Grande do Sul. Veiculada pelo branco, este dela se livra com relativa facilidade. Mas os índios, que ainda não desenvolveram antitoxinas, caem vítimas, em massa. Nem a aguardente, a arma de fogo ou a escravidão conseguiram tanto quanto a varíola, no extermínio da raça vermelha. A afecção da cavidade bucal e gutural, observada pelo Pe. Sepp, indica de sobra o estado agudo destas epidemias.

Capítulo VIII

ESTRANHO MÉTODO DE SANGRIA USADO PELOS ÍNDIOS NO TEMPO DA PESTE

Os meus músicos e ferreiros abriam as veias, ou melhor, espicavam miseravelmente a pele com canivetes e, à falta de utensílios cortantes, com pregos. Pois como poderia ser que o índio, com a mesma faca com que matara e esfolara o touro, ferisse serenamente o braço, para extrair sangue?⁴ Os próprios músicos foram os primeiros a fazer a experiência em si mesmos, sujeitando-se a esta operação e prestando um ao outro este benefício (de caridade ou de tirania?). Aos cantores seguiram os ferreiros, e logo todo o povo, ao qual dispus por forma que, no espaço de três dias, poderias presenciar uma verdadeira tragédia. Ordenara eu que todos saíssem para a rua e esperassem o talho, assentados no chão, na frente de suas choupanas. Então os meus cirurgiões (ou açougueiros, epíteto que se lhes pode dar sem detração) só tinham a tarefa de avançar pelos becos. Visto estarem as famílias esperando em boa ordem, com os braços já desnudados e estendidos para o talho, acharam tudo pronto e, mais expeditamente do que se teria pensado, procederam a alguns milhares de sangrias, ou antes bárbaras dilacerações. Era de ver as ruelas tintas do copioso sangue derramado, espetáculo horrível e cruel que arrancava lágrimas dos olhos e suspiros do coração. Certamente deveria ser uma pedra ou um tronco de madeira, deveria ter o peito mais duro que a rocha quem não se comovesse perante a extrema miséria de tantos infelizes. Todavia, nesta lúgubre operação (exemplo a ser imitado pelos queixosos e delicados europeus) não se ouviam gemidos nem suspiros nem lamentos⁵. Todos acolhiam de ânimo forte a impiedosa mão do operador; o sexo frágil, mais propenso ao choro, mais inclinado aos queixumes, nesta operação mais forte se mostrou. Mulher alguma, moça alguma empalideceu. Elas ofereciam o braço nu e instavam com que a inclemente faca as ferisse, não para cortar a vida, senão para dá-la.

4. Embora a esta época nada soubessem sobre a grande importância da desinfecção, o Pe. Sepp já está ciente do perigo do uso de pregos sujos e enferrujados para as sangrias.

5. Visitantes antigos e recentes da fronteira rio-grandense, bem como o anedotário folclórico, atestam que o gaúcho sabe suportar as maiores dores com extraordinária resignação. Nesta passagem já se revela este traço típico no caráter popular do habitante primitivo destas terras.

Destarte pela evacuação do sangue foram expurgados os organismos; e era este o primeiro postulado, em vista da demasiada quantidade de sangue que comumente os índios têm nas veias. E enorme o valor destes corpos americanos⁶: julgá-los-ias antes fornalhas ardentes do que homens de humor temperado. Com esta oportuna, flebotomia tive, afora disto, outro resultado que desejava, não em proveito de seus corpos, mas de suas almas. Pois a peste não os atacou com tão repentino ímpeto que não se deixasse tempo de os fortificar com os sacramentos da Igreja. Do contrário, muitíssimos dentre eles certamente morreriam sem confissão, e seriam privados do Viático para vencerem na luta da morte. Quem ouviria em tempo mais reduzido a milhares de confissões de ambos os sexos? Quem distribuiria a santa Comunhão, quem os ungiria com o Óleo Santo? Sem dúvida foi obra da grande misericórdia de Deus, que quis castigar os pobrezitos com o flagelo da peste, a fim de, ao mesmo tempo, lhes proporcionar ensejo de apagarem pela Penitência os seus pecados e receberem a absolvição.

6. O que o Pe. Sepp conta a respeito do calor particular do corpo indígena é tão ingênuo, que me parece supérflua qualquer retificação.

Capítulo IX

EDIFICAM-SE HOSPITAIS PARA ACOLHER OS CONTAMINADOS DE AMBOS OS SEXOS

Para que ninguém viesse a falecer sem sacramentos, não bastava a mencionada indústria da sangria; era também necessário construir hospitais e acolher neles todos os doentes de ambos os sexos, a fim de os ter continuamente sob os olhos. Pois já que os nossos paraguaios não são nada providos e cuidadosos de si mesmos, a ponto de até nos dias de saúde e robustez dever o padre missionário alimentá-los quotidianamente e fornecer-lhes o vestuário, quanto mais incautos e desleixados hão de ser quando infeccionados pela epidemia. Para que a fome não os matasse antes que a peste, força era dividi-los e agasalhar os enfermos em hospitais, para assim mais facilmente administrar-lhes os sacramentos e, em horas marcadas, refocar com um pouco de alimento o organismo debilitado.

Mas que casa, benévolo leitor, há de receber tantos enfermos? Os apertos da situação (pois que a violência da moléstia urgia) não permitiam outra construção afora da que serve para o fabrico de telhas e tijolos. Neste hospital improvisado recolhi todos os doentes, os homens separados das mulheres, e, dentre estas, por sua vez, as grávidas separadas das outras⁷. Designei dois enfermeiros que somente assistissem às parturientes; estavam bem instruídos na fórmula do batismo para o caso de, se a mãe com a violência da enfermidade desse à luz antes do tempo, o índio batizar a criança, enquanto eu não a viesse rebatizar sob condição. Sob condição, digo, por que os Bispos e os Superiores assim nos mandam fazer; em coisa de tanta importância como a administração deste sacramento, por forma alguma podemos confiar nos índios, dada a sua incrível rudez e ignorância, nomeadamente nas cousas espirituais. Seriam capazes de omitir algo de essencial no ato do batismo, ou de não antecipar a intenção, ou até de inverter ambas as coisas.

7. Não é realmente admirável que os religiosos construíssem verdadeiras maternidades? Baseados neste trecho, podemos deduzir que deve ter sido enorme o número dos nascimentos prematuros e natimortos. Aliás, é fenómeno comum verificarem-se estes mais amiudadamente, por ocasião de epidemias. De resto, esta narrativa do Pe. Sepp nos dá uma ideia bem clara da grande mortalidade infantil entre os índios.

Quando em alguém se faziam sentir sintomas da peste, eu o mandava transportar aos ditos hospitais. Todos os dias visitava algumas vezes doente por doente, dava-lhes alimento e bebida em porção módica, pois era prescrita a dieta. Se havia quem confessar, eu o fazia e, com breves palavras, lhes recomendava a santa paciência, filha do grande Jó. Pelas dez da manhã celebrava-lhes missa. O altar improvisado às pressas não deixava de ser bem decente e devoto, e certamente de grande consolação e proveito para os empestados. Havendo alguém para comungar, administrava-lhes depois da missa o Viático, unguindo-os com o Óleo Santo.

O leito destes enfermos não era um colchão fofo, feito de macias penas de pato; nem tampouco um saco recheado de palha ou folhas de árvores; mas uma rede de pescador suspensa ao tronco de duas árvores. O espanhol chama a esta espécie de rede amaca, o índio, porém, quiha. Qualquer doente, seja homem, seja mulher, menino menina, dorme em tais redes proporcionadas à estatura de cada indivíduo. Não raro se acham numa só rede até três crianças, pernas estiradas em direção contrária. Também os sadios servem-se de tais redes, e os próprios padres missionários, quando viajam, as levam consigo na malotagem. Dizem que nelas desfrutam um sono muito suave e de modo semelhante falam todos os que se habituaram a este modo de deitar. Eu ainda não experimentei essa cama bárbara, pois também o chão frio serve de colchão fofo, quando o importuno Morfeu oprime o sujeito e a pobreza lhe prepara um repouso.

Colocados, pois, os homens segundo aquela ordem numa casa. e as mulheres noutra, purifiquei-os a todos com a santa confissão, e não tive maior cuidado que subministrar aos infelizes os devidos remédios, excogitados mais pela indústria e pobreza religiosa do que pela arte de Galeno.

Capítulo X

O PADRE ANTÔNIO APLICA AOS ENFERMOS REMÉDIOS TIRADOS NÃO DOS AFORISMAS DE GALENO, MAS INVENTADOS PELA INDÚSTRIA RELIGIOSA

Infeliz Paraguai! Nem sequer o nome de Galeno ou de Hipócrates chegou até o dia de hoje às tuas paragens. Tão pouco brilha a esperança de que os médicos, que pululam na Europa, atravessem o Atlântico e o grande Oceano a fim de um dia ajudarem a estes miseráveis filhos das selvas. Só a Providência de Deus e a sua infinita misericórdia prepara os medicamentos para nossos cristãos enfermos e mesmo para nós missionários. Vivemos completamente destituídos de todo auxílio dos médicos. Força é confiar o braço ao índio boçal, não para que abra a veia, mas para que cruelmente o retalhe com o ferro. O selvagem aprendeu a bater o touro cornífero e a vaca, não porém a extrair com bons modos o sangue a um religioso adoentado.

Adivinhará o curioso leitor que medicamentos apliquei? Que poções? Que antídotos? Antes de mais nada, foi um santo remédio na epidemia a tão decantada dieta, decantada sim, mas aos nossos voracíssimos índios até então completamente desconhecida. Por esta razão a fim de mantê-la, dava-se a cada um, no almoço e ceia, meia libra de carne de vaca bem cozida com o seu molho e, em lugar de pão, um pouco de farinha de trigo índico (Tuerkenmehl)⁸, pois o trigo europeu⁹, que em outros tempos costumava medrar aqui em grande escala, exatamente neste ano de 1695 foi também contaminado de peste e quase faltou aos próprios o pão de cada dia. Pelas duas horas da tarde mandava dar-lhes de beber água com suco de limão e mel, para refrigerar-lhes os ardores internos que lhes consumiam os próprios intestinos; pois, como ficou dito, possuindo os índios muito calor fisi-

8. No texto latino, o Pe. Sepp traduz as palavras “trigo índico” pelas palavras alemãs “Tuerkenmehl”, à guisa de explicação para os leitores alemães. Trata-se, portanto, do milho, chamado na Alemanha “cereal dos turcos”, por vir através dos Bálcãs para a Europa Central. Atualmente ainda, são a Romênia, a Bulgária e a Hungria os principais exportadores daquele cereal, que na Alemanha pouco se cultiva.

9. Esta passagem é uma contribuição preciosíssima para a história do trigo na região dos Pampas. Segundo ela, houve um período de cultura tritícola, antes da chegada dos lagunistas e açorianos. E naqueles tempos remotos já exercia a ferrugem papel perigoso. Presentemente, o Rio Grande do Sul é o maior produtor de trigo do Brasil. Mas a luta contra a ferrugem continua polarizando os esforços. As duas Estações Experimentais de Trigo do Estado conseguiram criar algumas variedades especiais, imunes de ferrugem.

co a ponto de parecerem fornos recheados de brasas vivas, ressecavam e rachavam-se-lhes os lábios, a língua fendida indicava o fogo interior. Para moderá-lo um tanto, quando não apagá-lo de todo, remédio muito eficiente e quase único era água fresca misturada com suco de limão e mel. Aos que sofriam dos olhos (a moléstia também a estes afetou) apliquei pó de açúcar branco, mezinha para os olhos das mais fortes¹⁰. À minha aproximação, postaram-se os semicegos em longa fileira. O enfermeiro que soía acompanhar-me afastava um pouco as pálpebras, a fim de mais expeditamente poder eu salpicar-lhe as vistas com o mencionado pó. Era tamanha a multidão dos que sofriam dos olhos, que me tirariam não pequena parte do dia, se a mão não soubesse aplicar bastante depressa o eficaz remédio. Ora este me chamava para cá, ora aquele para lá, um implorava remédio para a alma, outro lenitivo para o corpo. Mas era necessário medicar também os ouvidos: a muitos a peste atacou não somente o órgão visual, mas até o auditivo, de modo que se alguém sarasse desta parte, já estava fora de perigo e poderia cantar vitória, e em vez de entoar fúnebre lamentação, um alegre peã, salvo como estava do último acesso da doença. Não dispúnhamos, porém, de outro remédio, além de um pouco de vinagre instilado nos ouvidos mediante uma seda impregnada. Pelos efeitos vimos ter ajudado.

Estes e semelhantes remédios, quanto possível, apliquei-os aos meus enfermos. Não obstante, a desoladora epidemia amontoou no cemitério para além de mil habitantes só deste povoado. Libitina, que promovia esta sédula obra de destruição, faria por certo maiores estragos, se não se provasse também auxiliadora destes míseros silvícolas a grande Mãe das Misericórdias, a Virgem de Oettingen. Colocara em um altar decentemente ornado a sua estátua junto com as relíquias ou partícula da imagem milagrosa, que recebi de presente dos RR. Cônegos de Oettingen quando parti da terceira provação para os indígenas. Entreguei-a à veneração e invocação públicas, não só para especial consolo dos enfermos, mas para manifesto auxílio em seu favor. Apraz-me volver agora a narração a este benefício, para que os devotos da Virgem de Oettingen lá da Europa entendam que os favores marianos promanaram, em leito não exíguo, lá da fecundíssima Baviera, como de sua fonte, pelos mares imensos, até estes confins do Paraguai.

10. Como em todos os outros setores, verifica-se o mesmo na medicina: velhos processos, há muito esquecidos, são inesperadamente postos em uso. Algumas clínicas passaram hoje a pulverizar açúcar sobre as ulcerações, obtendo, ao que parece, resultados satisfatórios.

Capítulo XI

NOSSA SENHORA DE OETTINGEN ATRAVESSA MARES IMENSOS, CHEGA AO PARAGUAI E CONCEDE SEUS FAVORES AOS POBRES ÍNDIOS

Virgem que, como companheira inseparável, me conduziu incólume ao Paraguai, por tantos perigos em mares e rios e terras, esta mesma Mãe das Misericórdias, representada como em Oettingen, ainda que por um rude cinzel, é venerada com devoção e invocada pelos indígenas. Desde o princípio mostrou-se ela benéfica e auxiliadora. Resumamos, brevemente, e de passagem, alguns dos seus benefícios, porque a brevidade do tempo não nos permite compor o seu longo catálogo.

Fora atacado pela peste, entre outros, um enfermeiro de nome Francisco. Diga-se em parêntese que em cada redução são escalados seis ou oito índios de idade mais avançada para enfermeiros. Receberam o apelido de Crusuyas por causa da cruz que trazem à maneira de bengala, quando andam pelas ruas ou acompanham o missionário. Este distintivo os diferencia dos outros índios. Nós mesmos, sempre que vamos ao templo explicar a sagrada doutrina, levamos essa espécie de cruz, como um báculo episcopal, e erigimos este sinal de salvação diante da porta de nossos quartos.

Havia, digo, um enfermeiro chamado Francisco, a quem acometeu o mal com tal violência que, à exceção da pele, nada lhe restava senão os ossos. Com toda razão podia repetir para si as palavras do paciente Hussita: “Resta-me tão somente o sepulcro”. Vendo que daí a alguns dias daria o último suspiro, mandou chamar-me: “Peçote, padre, instantemente, traze-me aquela estátua milagrosa que nos trouxeste a nós, pobrezinhos, por tantos mares e terras; esta é a única âncora de esperança e confiança de minha vida”. Não pude deixar de anuir aos pios desejos do enfermo: busquei a estátua e dei-lha a beijar. Ato contínuo desfez-se ele em lágrimas de doce consolação, desprendeu sua língua em suspiros a Maria e, juntando ambas as mãos, implorou o auxílio dela. E o sentiu bem depressa, pois as forças que perdera voltaram pouco a pouco a cumprir seu ofício, a carne, de novo sã, aderiu mais fortemente à pele e aos ossos. O felizardo, livre da peste, pôs-se em pé e começou a enaltecer a Grande Mãe de Oettingen.

Vem a vez de uma índia, mulher de um músico e progenitora fecunda de quatro filhos, mas desditosa mãe, não tanto por causa da miséria própria, como da dos filhos; a peste os atacou a todos simultaneamente. Esvaída já toda a esperança de readquirir a saúde, fortalecia eu em sua prostração, exortando-a a pôr sua esperança e confiança na Grande Mãe das Misericórdias, e a lhe prometer por voto fazer alguma coisa, rezar cinco terços ou a assistir ao mesmo número de missas. “Padre, retrucou a infeliz, o que me aconselhaste, de mui boa vontade o prometo executar, e em penhor de minha promessa, suplicante, ofereço à Virgem este colar”. Dizendo isto, tirou um colar que lhe pendia do pescoço. Estava ornado de algumas pérolas falsas, como as chamam, ou joias, o que é para o índio muito mais valioso e caro do que ouro. Neste tesouro vítreo consistia todo o fausto feminino da coitada; com ele quis ao mesmo tempo dar à Beatíssima Virgem o seu coração, para que, naturalmente, onde estivesse o tesouro lhe ficasse também o coração. Parece que agradou sumamente à Mãe Benigníssima este presentinho, e em troca restituiu a saúde tanto à mãe como aos quatro filhos, libertando-os da crudelíssima enfermidade.

Outro índio era perseguido de não sei que fúrias ou espectros infernais. Já nas últimas e prestes a precipitar-se no abismo do desespero, eu o animava a fazer uma confissão às direitas de toda a vida anterior, contando as suas faltas e pecados cometidos desde a adolescência. Eis que despertado como dum sono profundo e letárgico, exclama: “Não vês padre, este cavalo aqui, negro como o carvão? Decerto veio para me levar daqui”. Retruquei-lhe: “Meu filho, este cavalo é do espírito das trevas; se não fizeres quanto antes penitência sincera, pronto está para te levar aos cárceres eternos. Converte-te, portanto, Jerusalém, converte-te ao Senhor teu Deus; implora à Grande Mãe das Misericórdias e, por meio de uma confissão geral de toda a vida passada, apaga os pecados, lava a imundície de tua alma, abre a úlcera que talvez silenciaste sacrilegamente”. — “Padre, prorrompeu o desgraçado, ouve os meus enormes delitos e não te assustes”. A seguir expia seus pecados com grande dor. Comungado e ungido com os santos óleos falece.

Seria longo ajuntar muitos fatos destes, e por serem na Europa quase quotidianos, deixo de descrevê-los um por um. Mais extenso serei na relação em alemão. Isto unicamente seja de consolação aos devotos de nossa Senhora de Oettingen, que também no Paraguai não

servos dedicados que dobram os joelhos ante ela, tecem-lhe grinaldas de rosas, e em sua singela humildade e humilde singeleza pen-duram ante a imagem ofertas de ex-votos, imploram a Virgem em suas necessidades, invocam-na nas doenças, e até fazem procissões para pedir chuva, carregam a estátua pelos campos e roças com o fim de implorar a bênção para as sementeiras e afastar delas a influência maligna dos astros.

Conhecido é que no ano de 1698 a peste não atacara só os homens, mas até o próprio trigo —coisa até agora inaudita! — E fez maior estrago na seara do que na população. Contra esta cessou de esbravejar ao cabo de dois a três meses; mas, no trigo, continuou por seis anos sem interrupção. Neste mesmo ano de 1700, em que escrevo, destruiu o trigo quase por completo. Muito têm os bons missionários que agradecer a Deus, por, ao menos, tê-los provido do necessário para as hóstias do sacrifício da missa. Acostumamo-nos, entretanto, a matar a fome com trigo turco, esperando que, como outrora, aos sete anos de esterilidade sucedam outros tantos de fertilidade.

Que vem isto ao caso da Virgem de Oettingen? O trigo, já infestado em toda parte pela negra epidemia, sofria de outro mal: um astro maligno e pernicioso à lavoura torrava as espigas em flor, e a seiva não podia coagular-se em grãos. Toda a plantação daria em vaza-bar-ris. Organizo nestas conjunturas uma procissão solene com a estátua de Nossa Senhora de Oettingen. Até as crianças de peito conduzo em longos cordões pelos campos infestados. Dei a costumada bênção dos campos e sementeiras, ou antes, a própria grande Mãe de Oettingen mandou, de seu santuário, a bênção misericordiosíssima pela Baviera e pelos mares imensos até aqui, de modo que ao depois não só pude recolher uma considerável quantidade de trigo nos meus celeiros, mas ainda por cima socorrer liberalmente aos outros missionários.

Bastem estes breves traços sobre os meus insignificantes trabalhos na dita Redução de *Nuestra Señora de Fe* entre os atacados de peste. A fúria nesta doença, lavrara por quase todas as reduções dos índios, causando em toda a parte estragos enormes. Era isto que talvez pressagiava o formidável cometa que no mês de outubro avistei por primeiro aqui, — índice e acarretador do funesto contágio e do con-sequente morticínio.

Capítulo XII

O PE. ANTÔNIO TRATA OS EMPESTADOS DA REDUÇÃO DE SANTO INÁCIO

Depois que a peste, com fúria avassaladora, grassou por muitíssimo tempo na mencionada cidadezinha de *Nuestra Señora de Fe*, firmou também seu virulento pé na Redução de Santo Inácio, distante da minha cerca de duas léguas, deixando após si vestígios funestos de morte. Estavam então à testa desse povo dois padres missionários: o Pe. Cristóvão Sánchez e o Pe. Henrique Cordule, aquele espanhol, este natural da Boêmia. Embora zelosíssimos, e ambos robustos e de forças íntegras, não foram capazes de suportar tantos e tão pesados trabalhos. Solicitaram minha ida àquela seara.

Ordenados todos os negócios de minha Redução e colônia, e bem confortados todos os habitantes com os sacramentos, a caridade bem ordenada parecia exigir que também fosse em auxílio de meus irmãos, incapazes de suportar tantos trabalhos, a fim de não suceder que por falta de sacerdotes viessem alguns enfermos a falecer sem sacramentos. Pois uma vez entrada em alguma parte a epidemia, prostravam-se de cama uns trezentos a quatrocentos índios. Adiar-lhes a confissão era apressar-lhes a morte eterna.

Chegado, pois, que fui ao povoado de Santo Inácio, acolheram-me qual Anjo Rafael, companheiro de Tobias, ou então como um médico: antes de mais nada, porém, providenciei que se erigissem quanto antes dois a três hospitais, de modo semelhante aos que disse construíra na Redução Feyense. Divididos depois os hospitais, tomei a meu cuidado um deles, das mulheres, às quais assisti com desvelo e laboriosa habilidade, com a saúde sempre boa e as forças, pela graça de Deus, sempre íntegras e mesmo aumentadas. Não repito aqui os trabalhos, solitudes e indústrias, naturalmente comuns aos superiores, nem os medicamentos aplicados aos pobrezitos, e outros ofícios de caridade e piedade cristãs, exigidos por situações tão calamitosas. Prefiro deixá-lo à imaginação do leitor europeu; pois quem é que ignora quantas e quão graves coisas tem que atravessar o Pastor vigilante, o solícito cura de almas. Isto, sem dúvida, se deve atribuir à infinita misericórdia de Deus. E, finalmente, qual o Hércules religioso — por assim dizer — que tenha ombros e costas tão largas para arcar tamanho

peso, se aquele Divino Atlante não o sustentar com sua mão? Tanto mais quando nossos pobrezitos índios em casos tão aflitos como estes, em moléstias repentinas, perdem todo o ânimo, não são mais senhores de si, nem em condições de se conterem ou ajudarem. Só o padre missionário lhes deve servir de pai e mãe, cozinheiro e dispenseiro, sacerdote e sacristão, médico e coveiro, de sorte que devemos ser tutores deles não só nas coisas espirituais, o que fazem também todos os pastores de almas e párocos de Europa, mas também nas temporais, tal qual verdadeiros pais para com os filhos; pois se eu, por exemplo, a quem os superiores confiaram o cuidado da nova Redução de São João Batista, não vestir cada ano quinhentas crianças de ambos os sexos, andarão elas nuas; ou se não ponho nas mãos dos índios bois de arado, não lavrarão nem semearão; nem mesmo hão de colher o que semearam a não ser sob pena de vinte e quatro açoites. É, pois, como disse, deveras trabalhosa a direção destes nossos índios. Mostrei isto mais acuradamente na carta escrita aos amigos. Nela, porém, muita coisa me escapou, devido ao exíguo conhecimento das cousas que então, novel missionário, possuía. Mas agora, se me aprouvesse escrever mesmo só aquilo que me ocorre, sem refletir nada, faltaria papel e tempo para redigir um enorme volume.

Antes de abandonar este infausto ano de 1695 (infausto, disse não somente por causa da terrível peste que atacou os índios, como também devido à prematura morte do R. Pe. Antônio Bôhm), antes de abandonar este ano, pois, com o intuito de entrar no seguinte, é me grato dizer breves palavras sobre a minha própria doença. Ter-me-ia ela levado às últimas, sem dúvida, caso a infinita misericórdia de Deus não me quisesse reservar para trabalhos maiores e mais diuturnos, a mim, o maior dos pecadores.

Capítulo XIII

**ADOECE O PE. ANTÔNIO SEPP; PARA MUDAR DE AR.
É ENVIADO DO RIO PARANÁ AO RIO URUGUAI, ONDE,
RECONVALESCENDO EM BREVE, RECUPERA A ANTIGA SAÚDE**

Com felicidade, como lembrei acima, desempenhei tantos e tão grandes ofícios entre os empestados de ambos os povos, sem me atacar o pestífero mal, a mim, a pior de todas as pestes, o maior dos pecadores. Deixando ele de grassar entre os índios, pensei em poder descansar algum tanto dos trabalhos sofridos. Senti, porém, que as forças me abandonavam; sofria náuseas do estômago, de modo a me enfasiar todo e qualquer alimento, inclusive o próprio caldo. Médico que inquirisse a raiz do mal, o diagnosticasse, não havia, nem outra medicina me esteve ao alcance senão a cara paciência e a infinita misericórdia de Deus, a qual me aconselhou mudança de ares; pois, como, de um lado, o corpo, vergando sob a demasia do trabalho, quase sucumbisse a tamanho peso, e, de outro, era muitíssimo seco e quente o clima da missão, — e o sol de verão por pouco não torrava o crânio da gente — julguei que o único remédio seria passar para um clima oposto e dirigir-me do rio Paraná ao rio Uruguai. Já dantes, na minha primeira Redução dos Três Santos Reis, experimentara eu por três anos a benignidade deste clima.

Escrevi, pois, ao R. Pe. Superior, confiando todo o negócio à santa obediência. Recebi ordem de abandonar minha estação e partir o quanto antes para o Rio Uruguai. E parti de bom grado, mas não conforme o desejo do ancião octogenário, meu Pai, nem sem dor dos meus pobrezinhos. Deplorava o bom velhinho que era privado assim repentinamente de um companheiro tão bom, como dizia, e operário indefeso; choravam os índios ao serem privados do pai e, entre eles mais lamentavam a minha separação os indigentes. Eu, no entretanto, permaneci inexorável. E arrancando o aguilhão da morte, subi o rio, para a Redução de São Carlos, na qual fiquei por alguns dias. Rezei ali uma missa de Réquiem por alma do meu amadíssimo Pe. Antônio Bôhm, falecido neste mesmo povoado, e osculei o seu sepulcro, regando-o com muitíssimas, dulcíssimas e, contudo, amargas e com-

padecidas lágrimas. Logo após demandei a povoação de São Francisco Xavier, às margens do Uruguai. Como o povoado dos Três Santos Reis é o primeiro de todos às margens do mencionado rio, assim o povoado de São Francisco Xavier é o último, no sítio onde o álveo coleia a terra, formando ameníssima península. Ali, ares mais frescos refrigeraram meus pulmões e acabaram por retemperar todo o organismo, de forma que em poucos dias estive a violência do mal completamente debelada, e me voltaram integralmente as forças alquebradas.

Volvamos a pena, agora, dos doentes aos sãos, dos defuntos aos vivos, pois muitos trabalhos me aguardam.

Capítulo XIV

COMO O PE. ANTÔNIO SEPP FOI ENVIADO PARA DIVIDIR O NUMEROSO POVO DE SÃO MIGUEL E PARA FUNDAR A NOVA REDUÇÃO DE SÃO JOÃO BATISTA

No ano de 1697 sou enviado à maior de todas as Reduções, a de São Miguel¹¹, a mesma colônia onde o nosso Pe. Antônio Bôhm aprendera, três anos antes, a língua dos índios e a cultivara grandemente, arrostando sempre ingentes trabalhos. Chegado a esta povoação, pus-me a seguir as pias pegadas de meu padre Antônio, pregando ao povo, ouvindo confissões e administrando os demais sacramentos segundo o costume. Eis senão quando sou encarregado, pelo R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León, de dividir esta grande Redução, cuja igreja não era suficientemente ampla para tamanha massa de povo.

Bem árdua, na verdade, me era esta tarefa, a mim que conhecia quantas e quão grandes fadigas demandava a fundação de novas colônias deste gênero. Não menciono já as antigas colônias dos romanos em Tito Lívio; pois, naquele tempo, se agenciavam as coisas com homens dotados de razão. Agora, porém, devo tratar com índios sem a mínima organização política, prudência e perícia nos negócios. Imagina, leitor benévolo, se te dissessem: Vamos, amigo, divida uma povoação onde se contam + 6.000 almas, e conduza a metade para um campo raso, onde nada absolutamente se encontra, além da terra chã, onde não há lavoura nem habitação, mas só se depara a gleba inerte, a terra inculta de lés a lés. Qual tua disposição de ânimo à vista disto, piedoso leitor? Estes e infintos outros incômodos me aguardavam, mas não me amedrontavam, pois quem me animava e confortava era o braço forte do Deus Onipotente. Nada mais, cuidava eu, me foi dito a mim e a minha gente senão o que se disse outrora a Abraão, Pai de todos os crentes: *“sai de tua parentela e vai para a terra que te hei de mostrar.”*

Portanto, o R. Pe. Provincial, como disse, tendo antes deliberado maduramente com seus padres conselheiros, estatuiu o seguinte: que eu convocasse os índios principais, aos quais chamam de caciques

11. Aqui entra o Pe. Sepp em solo rio-grandense, de maneira que, nas páginas seguintes se abre um pedaço de história brasileira. A partir daqui, São Miguel passará a ser considerada a maior de todas as reduções, quando, em 1693 e 1697, antes de serem escritas estas linhas, aquela honra cabia a Yapeyu e Santa Maria da Fé.

(dá-se este título ao primogênito da família, mais importante e antigo que os demais; e cacique é, segundo as leis dos espanhóis, mesmo que marquês, senhor dos escravos ou vassalos, dos quais uns numeram trinta, outros cinquenta, às vezes mesmo cem e mais índios, e os têm sob domínio absoluto)¹².

Reunidos os índios principais, expus-lhes o pensamento do Re. Pe. Provincial: a saber, que se devia dividir a povoação por causa do grande número de habitantes, os quais já nem a igreja comportava: nem dois padres poderiam instruir convenientemente o povo na doutrina cristã, quanto menos um só; não podiam governá-los por mais com facilidade; além disso, começavam a faltar nos arredores os campos para o cultivo, pois tornavam-se estéreis com o contínuo amanho de tão longos anos; mesmo a maior parte deles estava tomada pelas formigas que devastavam tudo, não eram bem adequados para a sementeira, etc.. Emigrassem, portanto, de suas vivendas e barracas; se tivessem algumas pessoas caras, abandonassem-nas por amor a Deus, como por amor dele eu abandonara a pátria, meus pais, irmãos, irmãs e campos.

Estas coisas, principalmente as últimas palavras, os impressionaram muitíssimo e obtiveram o acordo deles. Acrescentei, ao depois: “Meus filhos, coragem! Esta vossa transmigração não a empreenderá outro padre missionário senão este mesmo a quem até agora tanto amastes, o vosso Pe. Antônio”. Que disseram a isto os pobres índios nudípedes? Esta breve mas eficaz alocução foi de tanto peso no ânimo dos que a ouviram, que obtive facilmente o desejado, conforme veremos no capítulo seguinte.

12. Considere-se a determinação da palavra Cacique.

Capítulo XV

VINTE E UM CACIQUES, OU ÍNDIOS PRINCIPAIS, SE AGREGAM AO PE. ANTÔNIO

Depois de ter cientificado meus índios do plano do R. Pe. Provincial, presente na ocasião, e interpretado as suas palavras, ato contínuo, vinte e um caciques com suas 750 famílias se associaram a mim, dirigindo-se com estas palavras ao R. Pe. Provincial: “*pay guaçu, aguy yebete yebi yebi oro eniche angandebi*. Grande pai, (assim costumam os índios chamar o R. Pe. Provincial) reiteradas vezes te agradecemos, que não te furtaste a visitar nosso povoado e conviver em nosso meio. O que determinaste acerca da sua divisão, vem ao encontro de nossos anseios; mas quanto ao P. Antônio, nosso futuro padre, só ele é o homem no qual colocamos todas as nossas esperanças, a quem amamos com todas as veras da alma; os nossos próprios filhinhos ainda de colo testemunham quanto amor lhe têm, quando balbuciam e gritam: *pay Antô, pay Antô*. Determina, portanto, o que quiseste, faça-se o que determinaste”. Depois de dizer que estivessem de bom ânimo e prometer-lhes seu favor e auxílio, o R. Pe. Provincial se despediu de todos e partiu.

Imediatamente, como disse, vinte e um caciques com 750 famílias aderiram a mim, cheios de consolação, mal podendo conter-se de tanto júbilo. Logo se deliberou quais os padres que se deveriam preparar para explorar a nova terra, onde se fundaria a colônia.

Capítulo XVI

PARTE-SE PARA EXPLORAR A TERRA, A FIM DE FUNDAR UMA NOVA COLÔNIA¹³

No dia 13 de setembro de 1697 parti com dois padres da vizinha Redução de São Lourenço para explorar as terras. E, para inaugurar a planejada empresa, com maior consolo dos índios e, mesmo, com solenidade, encetamos a viagem do seguinte modo.

Montávamos todos cavalos bem ajazezados; os caciques principais levavam fasces e o capitão, que os espanhóis chamam de corregedor, estava munido de um bastão ou vara, insígnia do supremo juiz. Retumbavam as trombetas, tímpanos e flautas. E, em primeiro lugar, demandando as plagas do leste em linha reta, deparamos com diversos e agradabilíssimos campos: aqui vales baixos, ali coxilhas separadas por gárrulas ondas que espumavam a sua raiva entre os seixos, repartindo-se por vários afluentes. Com plácido murmúrio deslizavam sob a sombra de árvores perenemente verdes, que não pouco recreavam o lasso viandante, esturricado pelo sol do estio.

Depois de termos andado por um dia inteiro, afinal, pelo entardecer, se nos abriu suavemente a terra, em leve declive ao pé de um outeiro cercado de ameníssimos bosques. Nestes, abundava a madeira necessária não só para combustível, como também para construir as casas dos índios, a igreja e a minha moradia. Explorar o sítio era tão necessário a nós como todos os da Europa, antes de povoarem uma terra, e aos romanos antes de tomarem posse das colônias. Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso, etc., se que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade; cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para o fabrico de telhas e tijolos, e mil outras cousas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação.

E assim, como Deus, o Autor da natureza e das cousas, dotou esta terra abundantemente de todos os requisitos, por consenso unânime de padres e índios, resolvi transladar para cá a nova colônia e lançar os fundamentos da vila.

13. Como se sabe, é esta narrativa do Pe. Sepp a única descrição que possuímos a respeito dos métodos usados pelos jesuítas ao fundar e organizar uma redução indígena. Quando hoje se percorre a nova e boa estrada de São Miguel a Santo Ângelo, depara-se, na metade do percurso mais ou menos, com um outeiro coberto de mataria. Penetrando no campo, à direita, vê-se ruínas emergindo do arvoredo. Existem aí dois pedaços de muro, como colunas. São os restos da igreja que o Pe. Sepp construiu neste local. Mais pormenores no Cap. XVIIII.

Capítulo XVII

NO LUGAR ONDE SE DEVIA FUNDAR A NOVA COLÔNIA É ERGUIDO O ESTANDARTE DA CRUZ, NO PRÓPRIO DIA DA EXALTAÇÃO DELA; A QUAL TODOS OS ÍNDIOS ADORAM DE JOELHOS. CANTA-SE O *TE DEUM LAUDAMUS*

Armadas as nossas barracas, acampamos aquela noite ao pé da mencionada colina, onde, ao depois, plantei o meu pomar. Na outra manhã, ao nascer do sol, subimos o outeiro onde erigimos o estandarte da Cruz salutar, em sinal da tomada de posse daquela terra, não sem bons augúrios, (pio leitor, não penses aqui nos áugures de Rômulo outrora, abutres e aves agourentas), pois ocorria o aniversário do dia em que a Santa Madre Igreja venera com solenidade anual a Exaltação, da Santa Cruz, 14 de setembro de 1697. Portanto, na festa da Exaltação da Santa Cruz, eu também chantei a cruz como pedra fundamental de minha povoação.

Ereto o madeiro, logo todos os índios, prostrados em terra, o adoraram; em seguida, foi cantado o hino ambrosiano: *Te Deum laudamus* etc., acompanhado por trombetas e tímpanos pelo músico que, para este fim, trouxera comigo; depois, abraçamos piedosamente o Sagrado Lenho e o beijamos, agradecendo à Divina Majestade, como é justo, os benefícios que nos concedera.

Antes de sair daqui, não posso deixar de lembrar um caso, no qual se patenteia a Divina Bondade e Providência a nosso respeito. Nesta mesma noite, protegeu a um padre contra uma enorme cobra, que se lhe ocultara sob a cama. Raiando o dia, precipitou-se o virulento hóspede do abrigo que arranjava, à procura de outro mais beneficiado pelos quentes raios do sol. Foi, porém, surpreendido e esmigalhado pelos índios, como ladrão que entrara não pela porta, mas por outra parte.

Capítulo XVIII

O PE. ANTÔNIO SEPP INSTRUI OS ÍNDIOS PARA O AMANHO DAS NOVAS TERRAS E A DERRUBADA DAS MATAS

Depois de haver eu explorado e inspecionado bem o lugar da nova colônia e seus grandes cômodos, tornei à Redução de São Miguel, anunciando a todos os índios, pequenos e velhos, que por mim fora descoberta uma terra, para a qual a Divina Bondade decretara levá-los, como para a Terra da Promissão.

Logo pus mãos à obra. Pedi a cada cacique, que, com os índios a si sujeitos, aprestasse os bois de arado, e que não faltasse o enxadão e a cunha ou machado: os bois para sulcar e amanho os campos, as cunhas e os machados para cortar e rachar lenha.

Aqui não posso deixar de lembrar a voracidade dos meus índios, para que o benévolo e curioso leitor se ria, ou antes, partilhe da minha indignação. Cuidamos, quanto era possível, que cada índio tivesse uma ou duas juntas de bois para lavar; pois, como temos vacas aos milhares, facilmente se pode dar a cada indivíduo uma, duas, três e até quatro juntas de bois a fim de lhes aliviar o amanho dos campos. Isto se costuma fazer no tempo do inverno, pela proximidade da festa de São João Batista, pois na América o dia 24 de junho, que é o dia do Santo Precursor de Cristo, corresponde na Europa ao dia 25 de dezembro, Natividade do Senhor. Quando, pois, o voracíssimo índio terminou de arar a sua lavoura ou lavourazinha (e oxalá terminasse!) cansado já o bom homem e aborrecido do trabalho, mata o seu boi de arado e fá-lo em postas com o facão, nada solícito quanto ao ano próximo e quanto ao boi que lhe será então novamente necessário para lavar.

Por isso, devo cuidar, muitíssimo, que não matem os seus bois. Se alguém abater o seu animal e for descoberto, o delinquente será atado a um tendão de boi, e o capitão (corregedor) lhe infligirá a pena de vinte e açoites. E assim querendo eu contar os meus bois, julguei que no mínimo acharia dois mil e, ó decepção,! — apenas encontro trezentas juntas e nem isto. Ó estômago! Ó glotonice inaudita! Aos europeus mais afeitos à virtude da temperança isto é incrível!, não assim ao Pe. Antônio, que conhece por experiência quotidiana, manifesta, tomar e palmar estes comilões. E que foi feito do arado, do jugo? O fogo quei-

mou e consumiu a ambos. Com este fogo, o voraz americano assou o próprio boi de arado, em companhia de sua mulher, que cooperou aplicadamente com o marido. Quem não ficará estupefato, quem se não rirá, ou antes, não se indignará com este bárbaro cristão?

Faz poucos dias, trouxeram-me um índio que tinha roubado a força o boi de seu vizinho para comê-lo, ou antes, devorá-lo. Chamo o ladrão e o repreendo: Como não te envergonhaste de causar tão grande dano a teu próximo, matando o animal dele?” Ao que responde: “cheruba yquiraramo anemombota hece. Padre, o boi era muito gordo e eu estava com vontade de comê-lo, por isso o fiz”. Bom proveito! Bom proveito!

Levei, pois, comigo os trezentos pares ou juntas de bois, para sulcar e abrir novas terras; e o que mais me fora necessário eram as mencionadas enxadas e machados, mas, para 750 servos apenas, contava eu 100 enxadas, devido à indizível falta de ferro. Tanto assim que se terá tido então por muito rico e importante quem era agraciado pela madrasta natureza com uma enxada ou um machado. Deveras, uma grande fortuna! Mas, realmente, foi tal então a minha miséria e pobreza; agora, porém, — a Deus se deem infinitos louvores — já não necessito do ferro espanhol, já sou hábil na arte e método de extrair e fundir ferro e aço como direi abaixo¹⁴. Achei pedra de ferro e aço na minha jurisdição e vizinhança da vila, e levantei fornos de fundição. Ainda que com trabalho indescritível, todavia, graças ao auxílio da mão de Deus, extraí da pedra acima mencionada ambas as espécies de metal. Mais adiante falarei dela um pouco mais por extenso.

Pusemos ombros à empresa. Com os machados derrubamos mato. A madeira não só nos era necessária para a construção das casas dos índios, como também para demarcar os campos, pois ainda que a América abunde em infindos e belíssimos campos, costuma este povo, na sua inata preguiça e supina negligência, semear quase todos os anos os seus legumes não na planície aberta, mas entre montes e matos. Ora, desde a criação do mundo, as folhas do arvoredo caem a seu tempo dos troncos, de per si, juncando e cobrindo a terra que, perenemente ensombrada, lhe fica de baixo.

Isto desenvolve e fertiliza o solo a ponto de dispensar a charua; o único trabalho necessário é pôr fogo. Depois de cortadas e secas

14. Estas linhas constituem a primeira referência à siderurgia sul-brasileira. Tendo sido escrita em 1700, e havendo São João Batista sido fundada em 1697-98. Os inícios da siderurgia sul-brasileira devem datar de 1698-99.

as árvores e macegas, que no Paraguai são muito densas, os índios lhes ateiam fogo e as reduzem a cinza, na qual depois espalham várias qualidades de sementes. Isto também parecerá incrível ao europeu, mas bem confirmam esta verdade os meus celeiros atulhados de trigo índico ou turco (Tuerkenkoren — ou milho)¹⁵.

E como semeiam? Di-lo-ei com a minha comprovada experiência de cada dia. O garoto ou garota pega de uma acha ou taquarinha ao seu alcance e com ela remexe as cinzas, fazendo um buraco de meio dedo. Neste lança três ou quatro grãos de trigo índico ou turco, ou também ervilhas e favas. A seguir, com o pé, não com a mão (para cúmulo de preguiça), cobre com cinza os grãos confiados à terra. A cinza servirá de adubo. Dentro de quatro ou cinco dias, o sereno da noite e o orvalho da manhã entumecem o grão, fazendo-o pungir, crescer e, a seu tempo, produzir muitos frutos, os quais sem dúvida não mereciam a tão grande indolência do colono paraguaio.

Como, porém, esta uberdade de solo, que acabei de descrever, não se acha por toda a parte, de nenhuma forma bastaria ela para alimentar comodamente tantas milhares de bocas se não fora assíduo trabalho dos homens e jumentos.

E isto baste quanto ao estranho modo de semear.

15. Toda uma série de problemas, atuais até o presente, aparecem aqui: o saque à terra e a queima dos campos. A maneira de plantar o milho é a mesma de hoje com a diferença que, em vez de se trabalhar com um pedaço de pau, se usa o plantador.

Capítulo XIX

PARA NÃO SE ORIGINAREM RIXAS ENTRE OS ÍNDIOS, O PE. ANTÔNIO LHES DISTRIBUI MATAS E TERRAS, ÀS QUAIS BENZE COM A COSTUMADA BÊNÇÃO LITÚRGICA DOS CAMPOS

Chegados ao sítio da futura povoação, o primeiro trabalho foi distribuir, proporcionalmente aos membros e número de animais, a cada cacique e família, quintas, terras, montes e matas, para a pastagem do gado. etc. Impunha-se esta necessidade para se evitar brigas e ódio entre os bárbaros, como outrora aconteceu entre os pastores de Abraão e Lot. Assim, pois, dirigi a palavra àquela numerosa massa de selvícolas:

“Meus caros filhos, que sítio de vista tão bela, tão agradável e amena vos escolhi para a construção da povoação, facilmente o percebeis, se é que percebeis alguma coisa. Coloquei-vos numa encosta aprazível, sobranceira e lavada de todos os ventos. Ao sopé, como num segundo paraíso, vos abriu o Boníssimo Deus quatro fontes muitíssimo salutareis, tanto para os homens, como para o gado. Delas emana sem cessar limpidíssima água e, podeis crer, não secarão mesmo na canícula de janeiro pois têm suas nascentes entre perpétuas sombras de árvores frondosas, e as mesmas pedras duríssimas gotejam num perene lacrimar, que pouco a pouco escorre em arroios e rios. E estes rios, por sua vez, vos sustentam com peixes, ao passo que os arroios lavarão os vossos corpos quando o calor vos torrar o crânio (como o índio possui por natureza muito calor, costuma banhar-se com muita frequência; e em verdade não tem remédio mais eficiente para digerir a carne demasiadamente atulhada no estômago, do que atirando-se imediatamente na água; assim o voraz paraguaio cozinha o boi de arado por antiperístase). No que toca aos montes e bosques, que devem fornecer lenha para o fogo e para aquecer velhos e pequenos, estão até o presente intactos. Abundam em frutos variados; se bem que silvestres, são saborosos ao paladar. O provido Deus não quis faltassem as abelhas que fabricam o mel para a mesa e a cera para o uso litúrgico. Vós mesmos, ontem, vistes com os próprios olhos, quando pisamos pela primeira vez estes campos, matas e vales, quantos veados e cabritos monteses enxotamos das suas moitas e tocas. Descansavam tranquilamente, e à nossa inesperada vinda tornaram a esconder-se, ve-

lozes, em outras covas mais distantes. Estes e outros muitos cômodos me moveram a escolher esta e não outra terra para estabelecer a vossa colônia. Uma única coisa já vos peço, meus filhos, e é que sem rixas entre vossos pastores e vós mesmos possuais pacificamente esta terra, que já vou repartir entre vós, segundo o número de cada família”.

Ditas estas palavras, logo todos começaram a aplaudir os meus dizeres, anuindo a tudo. Pus-me, então, a distribuir a cada família terras e montes, bosques e macegais, rios e arroios. Estabeleci um cacique para as bandas do leste outro para o oeste; estendi os limites de um para o sul, e os de outro para o norte. Logo mandei erigir uma cruz à guisa de marco, designei um outeiro, um bosque ou um rio qualquer para divisa, além da qual não era permitido avançar.

Adivinhará o benévolo leitor quanta terra eu assinei para cada família? Creio que nem o patriarca Abraão nem Lot dispunham de tanto espaço. Somente o campo ou pastagens, onde hoje se nutrem 50.000 vacas (tantas contou hoje, enquanto escrevo isto, o meu músico e procurador; e isto somente nas pastagens de minha redução, sem contar os terneiros que nasceram este ano, pois que cada vaca dá cria uma vez por ano), somente, digo, este campo perfaz obra de quatro dias de caminho, numa extensão de mais de quarenta milhas alemãs. Estes prados são rodeados e fertilizados por caudais maiores que o Eno e o Adige. Verdejam perenemente com ótima grama, como a que apenas se encontra nos ubérrimos montes da Suíça. Como no Paraguai os campos não se cobrem de neve que creste as ervas, aplicam-se-lhes cada ano fogo, para queimar a grama velha e áspera, reduzindo-a a cinza. Esta cinza faz as vezes de (*salvis auribus*) esterco, que fertiliza os nossos campos. Pouco depois reponta o novo capim que virá a ser para o gado um pasto muito macio e desejado. Para lá os meus pegureiros levam a pastar as tropas de vacas e bois, de cavalos, mulas e gado lanígero.

Numa palavra não permiti que faltassem aos novos colonos campos para o gado, nem montes e bosques para as roças. Logo que reparti a terra pelos caciques e famílias, mandei levantar uma cruz para limite de seus campos. Antes de sulcarem o solo com o arado e deitarem as sementes, lancei sobre a nova colônia a costumada bênção dos campos, para expulsar os demônios que, por causa da infidelidade destes gentios, habitavam despreocupados estes lugares durante tanto tempo e tantos séculos. Imensa era a consolação dos indígenas, que,

dos próprios fragmentos de terracota de panelas que escavavam ao sulcarem a terra e derrubarem os matos, podiam avaliar muito bem o estado deplorável dos seus maiores e a vida cheia de sofrimentos que em seu gentilismo levavam aqui. no meio destas matarias e espeluncas de feras. Eles, porém, possuíam, como cristãos, a terra de seus antepassados gentios. E onde os impostores faunos infernais por tantos anos davam oráculos enganosos, lá de cima dos troncos das árvores, carcomidas pelo tempo, à guisa de cátedra ergueram agora os padres da Companhia de Jesus o glorioso estandarte da Cruz.

Capítulo XX

OS ÍNDIOS COMEÇAM A LAVRAR E SEMEAR SUAS TERRAS E PLANTAM ALGODÃO¹⁶

Antes de efetuar a divisão do povo e, sobretudo, a transmigração das mulheres e crianças, julguei de primeira necessidade cultivar as terras, para que não viesse a faltar o alimento nem o vestuário.

Como havia eu de enviar tamanha multidão de homens para terras estranhas, quando a fome e a nudez não só os maltrataria, mas inteiramente os dizimaria?

Distribuídas, pois, as terras, cada cacique com seus súditos pôs-se a cultivá-las, lavrá-las e semeá-las. Mandeí plantar algodão, absolutamente necessário para os vestidos. À terra em que se planta, denomina o índio *Mandiyuti*. O algodão cresce em abundância no Paraguai. A semente é escura e mal excede o tamanho da ervilha.

Antes de ser lançada a semente à terra, os meus músicos, que são os mais sagazes de todos, primeiro estendem cordéis longitudinal e transversalmente. No lugar onde ambas as linhas se cruzam é lançada a semente. O algodão cresce, destarte, em belíssimos quão extensíssimos renques, ao modo das videiras. Não toma a forma esbelta e altiva de uma árvore, mas dum arbusto acachapado, um pouco mais alto que o buxo. Por isto é que me admiro de que os alemães chamem o algodão *Baumwölle*¹⁷, pois não chega a ser árvore, mas sarça de altura média.

Já no primeiro ano de plantação produz fruto. Como a videira, necessita de poda todos os anos, pois degeneraria em mato. Floresce

16. Há poucos anos se iniciou o cultivo do algodão, em maior escala, no município de Santo Ângelo, a que pertence o atual São João Velho. Aliás, com ótimos resultados, segundo me disse o Prefeito Municipal, Sr. Policarpo Gay, durante a minha recente visita àquela localidade. Em 1938 foi instalada uma usina para o beneficiamento do algodão bruto. Está provido da maquinária mais moderna, trabalhando exclusivamente com algodão nacional. Esta “Sociedade Algodoeira Sul-Riograndense Ltda.” distribui sementes selecionadas aos produtores de Santo Ângelo e municípios limítrofes.

17. O Pe. Sepp se mostra admirado de empregarem os alemães para esta árvore o nome de “Baumwölle”, que significa “lã de árvore”. A questão é resolvida facilmente. A família dos algodoeiros pertencem muitas árvores de grande porte, entre elas a paineira. muito encontrada no Brasil, mesmo em numerosos jardins de Porto Alegre e arredores. Os troncos de verrugas espinhosas da *Corisia* são árvores características das caatingas do Brasil-Nordeste. Como é difícil a colheita dos algodoeiros de grande porte, preferem-se os arbustos baixos.

em dezembro e janeiro, a flor é muito semelhante à tulipa amarela. Já ao terceiro dia murcha e cai, deixando uma espécie de caroço em espanhol "el caulle") no qual pouco a pouco se desfia o algodão em flocos níveos, envolvendo a semente como bicho-de-seda. Não difere muito da noz que ao se abrir põe a descoberta bolotas envolvidas em lã. Quando amadurecido o algodão, ao sol estorricante de fevereiro, rompe o caroço e esparrama o seu alviniente conteúdo, que se confia meigamente a mão da moça, pois é às moças que toca o trabalho de colhê-lo. Chegando o tempo da colheita, mando-as em turmas para os campos como para nossas vinhas, e elas todas alegres e folgazãs se dão a este mister, já que lhes caberá em recompensa um vestido de algodão, depois de as mães terem fiado a lã e o tecelão fabricado a fazenda. Somente para a comunidade de minha aldeia mandei plantar mais de cem mil pés deste algodão: dando a cada um o espaço de seis pés em quadrado, para que estivesse a plantação mais desafogada e exposta melhor à ação dos ventos. Com estes dados o leitor pode facilmente calcular o comprimento e largura deste campo em que mandei plantar o mencionado algodão. Mas não foi isto esforço unicamente meu; também cada um dos índios lavrou o seu próprio terreno e o semeou.

Costumamos, a seu tempo, colher cerca de três mil quintais de algodão, e, quando o ano é fértil, até seis mil. Tecido este algodão, perfaz algumas vezes vinte mil braças de fazenda, outras vezes ainda mais¹⁸.

O cânhamo ainda não foi importado no Paraguai. O linho, trouxeram-no os padres espanhóis; seu crescimento é rápido, do mesmo modo que na Flandres e Alemanha Superior. Mas as nossas índias, assim como não ficam aquém dos maridos na voracidade, igualam-nos em preguiça: não querem por preço algum ocupar-se neste trabalho. Os primeiros padres não deixaram pedra por mover-se, a fim de levarem as mulheres a fiar linho, mas em vão. Desistindo deste trabalho, ensinaram-lhes a fiação do algodão, pois às mulheres parecia insano aquele trabalho do linho: primeiro era umedecê-lo, cardá-lo, batê-lo com martelos de estopa, amassá-lo com um molho, depois secá-lo e torrâ-lo e não sei o que mais, antes de ser ele levado às oficinas do tecelão. Todos estes preparos indispensáveis pareciam a estas mu-

18. É evidente a importância deste capítulo para a história da cultura algodoeira no Brasil.

lheres muito penosos, impossíveis até. Por esta razão todos os vestidos dos índios são fabricados de algodão.

Mas basta isto em favor das mulheres que fiam na roca, como também das fiadeiras europeias. Voltemos agora das roças e campos para os lares e casas. Mas por que chamo casa a quatro postes encimados de um telhado de palha? Também o ignóbil presépio foi para o pobre Menino Jesus um palácio.

Capítulo XXI

ENTRETANTO CONSTRÓI-SE ÀS PRESSAS A MORADIA DO PADRE MISSIONÁRIO, A CAPELA E AS PALHOÇAS DOS ÍNDIOS

Entretanto, perguntará aqui o curioso leitor, em que casa, colégio ou residência morava o Pe. Antônio? Por certo, não em outra senão naquele estábulo de Belém, onde habitava o Homem-Deus recém-nascido. De palha era o teto, de palha as paredes, de palha também a porta: nenhum resguardo contra o vento e a chuva. Uma acaanhada abertura cano de janela me alegrava com os raios do sol durante minhas leituras. Este meu tugúrio servia de refeitório, dormitório e até de banheiro. Neste tinha eu quatro inquilinos galináceos, que punham e multiplicavam a criação para receber conveniente e honrosamente o padre missionário. Eu mesmo tratava as galinhas, enquanto o galo cucuritava lá fora, sobre a cumieira de palha, à quarta vigília da noite e ao romper o dia: desempenhava conscienciosamente o ofício de fidelíssimo despertador e mesmo, de relógio.

Junto a essa palhoça levantei outra para o meu companheiro, cuja vinda esperava em breve. Deteve-se aqui por causa da renovação dos votos, que, consoante o uso da Companhia, todos os que ainda não recearam o grau devem renovar e revalidar.

Entre essas cabanas edifiquei a capela, igualmente de palha entretecida de taquara. Trouxe comigo da Redução de São Miguel o chamado altar portátil, com cálice e demais paramentos: sobre ele quotidianamente ofereço a Deus o santo sacrifício da missa, ajudado por dois indiozitos vestidos de sobrepeliz. Aos domingos, o sino convoca o povo, que por falta de espaço não pode entrar todo na capela. Ficam ao ar livre, para ouvir a doutrina sagrada, sentados em verde relva, separados por classes: dum lado mulheres com as meninas, de outro os homens com a rapaziada.

Ornei as paredes da capela com algumas imagens, as quais, não pintadas pela mão engenhosa e habilidoso pincel de um Apeles, mas bosquejadas por uma rude mão de obra, traduzem mais uma certa pobreza devota do que muita arte. No meio ergui um painel no qual se vê representado o glorioso padroeiro da futura colônia, o precursor de Cristo, São João Batista, na ocasião em que batizava a Jesus, no Jordão.

Capítulo XXII

CELEBRA-SE O DIA DO NATAL DO SENHOR E MONTA-SE UM PRESÉPIO. OS ÍNDIOS SÃO ADMIRAVELMENTE AFEIÇOADOS AO MENINO JESUS

Começou-se a fundar esta colônia num tempo deveras oportuno, justamente no dia de Natal. De sorte que, não tanto em nossos corações, como no tugúrio de palha, parecia continuar a nascer o pobrezinho Jesus. Para que o sacrossanto mistério também se representasse aos olhos, edifiquei sobre o altar um presepiozinho. Ainda que nada esplêndido, os índios o contemplavam repletos de júbilo e o veneravam com pasmosa devoção. Para mais os afervorar e atrair, exhibi com muita graça uns dançarinos masculinos, que alegrassem e alentassem o Menino Jesus ao som da cítara. Feito isso, os meus pequenos executaram em sua língua indígena um canto geórgico-pastoril, enquanto os Anjos embalavam Jesus Infante no berço em que dormia. Tudo isso, como adverti, suscitara terníssima devoção na alma dos índios, em virtude da qual me trouxeram, lá das montanhas, cera e mel bastante para o fabrico das velas a serem usadas cada dia no santo sacrifício.

Capítulo XXIII

SURGEM ALGUMAS NOVAS DIFICULDADES; MAS COM AUXÍLIO DA GRAÇA DIVINA SÃO SUPERADAS

Como as primeiras conversões desses índios sempre tiveram que vencer certas dificuldades, assim também a sua propagação em colônias estava sujeita a não poucas adversidades. Em toda a parte opunha-se tenazmente o inimigo do gênero humano.

Já, como disse, havia firmado eu a residência ao pé da coxilha, muito adequada à fundação dum novo povoado. Lavrara já a maior parte do campo, lançara à terra trigo índico e outros legumes, plantara aquele imenso campo de algodão, quando recebo ordens de abandonar esta minha estação, para explorar outra, além do grande rio denominado Ijuí, e fundar mais distante do antigo povoado uma nova redução. A razão e causa principais eram a demasiada vizinhança de ambos os povos e, por conseguinte, fáceis demais para furtos de ambos os lados. Sem dúvida poderia isto ser evitado, se se fundasse a nova colônia para além do mencionado rio. Esse argumento, na aparência bem forte e convincente, acarretaria um sem número de infortúnios. Saiba o benévolo leitor que os portugueses habitantes do Brasil guerrearam outrora estes pobres índios e os levaram cativos para o Brasil. Eram além de cem mil homens. Como fossem esses índios escravos oprimidos com incessantes trabalhos na fabricação de açúcar (esta é a produção dos brasis), sucumbiu um após outro, de sorte que, nestes dias em que escrevo, mal se encontrará índio nosso no Brasil. E embora os desumanos brasis tenham perdido todos estes índios, devorando-os em parte, em parte inutilizando-os pelas privações e trabalhos, não perderam por certo a esperança de obter outros. Ainda hoje em dia, pois, devem os nossos índios temer o inimigo. Eis por que de nenhum modo convinha separar e afastar muito a nova colônia da antiga, para que, em caso de súbita invasão, os índios cristãos se pudessem unir mais depressa, prestar mútuo socorro, pegar em armas e rechaçar o mais ligeiro possível o inesperado inimigo que ameaçasse cabeças, repelindo-o para longe de seus territórios.

Nada direi de outra razão palmar: a saber, que no correr dos tempos, se deveriam fundar mais e mais colônias, junto àquele rio, e viriam a faltar as terras e campos, a não ser que se quisesse desterrar

estes pobres índios para junto do próprio Oceano e plagas do Brasil desleal. Ora isso, fora de dúvida, seria deitar a perder este novel rebanho cristão, e nada fazer por conservá-lo e aumentá-lo. Além disso, não pouco perigo havia que os índios, em outro tempo afeiçoados e submissos, regredissem e tornando-se pouco a pouco indispostos comigo e desencabeçados, me negassem a obediência e o amor filial que até então me votavam. E, para tocar na chaga viva, não se maguariam, não se impacientariam, não se enfureceriam eles de ter que abandonar, de uma hora para outra tantos campos já regados por seu suor, lavrados com o trabalho de suas mãos, campos que já estavam por verdejar e prometiam fruto centuplicado? Abandoná-los-iam para procurar uma terra incerta e estranha? A que camponês europeu não se afiguraria isto por demais árduo? Quanto mais então custará ao pobrezito índio? Não digo já ter que abandonar da noite para o dia tão saudáveis fontes, florestas e matos riquíssimos em lenha e animais bravios, prados ameníssimos ao pé da colina, e outras inúmeras coisas, que é necessário atenda o fundador de uma cidade ou vila: mas tudo abandonar para ir em demanda de um hábitat incerto, isto não era nada fácil. De mais amais, nem todos compreendem as palavras de Cristo Senhor: “Quem deixar casa, ou irmãos, ou irmãs por causa de mim, etc.”. Pergunto: a este novel povo cristão, ao qual já é tão difícil a observância do decálogo, quererá alguém inculcar os conselhos evangélicos? Trabalhe-se porque cumpram primeiro aqueles preceitos e só depois sigam a estes, se for do agrado de Deus. Era, em verdade, bastante desagradável aos indígenas o serem arrancados do antigo e tão querido pouso, o abandonarem suas casas e campos. Pensar-se-á, outrossim, em afastá-los dos amigos e caros progenitores? Também estes índios seminus sentem imensamente a separação do lar. Que sirva de demonstração o seguinte: Quando, há tempo, se deu ordem justamente a estes índios que, devido ao sítio menos apto e saudável, bem como à intempérie do clima e à penúria de água potável, saíssem do lugar onde se haviam recolhido, depois de quase refeitos do susto que lhes pespegaram os portugueses do Brasil, custou arrancá-los de lá, devendo ser levados a ferros; mais, fez-se mister atear fogo no próprio templo, porque se abraçavam com ambos os braços aos altares, colunas e postes do templo, principalmente o sexo feminino que, cabeleira solta e esparramada pelos ombros, se arrojavam, entre amaríssimas lágrimas, teimosamente ao chão, para antes morrerem de fome que

serem de lá arrancadas. Isto, porém, de modo algum sucedeu nesta minha última mudança de aldeia; todos, de ânimo alegre e jubiloso, mal podiam aguardar o dia destinado para a emigração, na qual seguiriam como ovelhas ao pastar, aonde quer que, enfim, os houvesse de levar. Mas agora, como disse, custava demasiado aos prófugos ter de abandonar tudo, para explorar terras incertas. Conduzir para regiões tão distanciadas as ovelhas errantes era, de certo, o mesmo que deixá-las tresmalhar e perecer no trajeto¹⁹.

Estas e outras razões representei em nome dos índios ao R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León. Ao que ordenou que permanecessem na sua primeira estação já começada, e prometeu que haveria de ser para sempre fautor e protetor deles e até daria ordem para que todas as demais Reduções lhes viessem em auxílio o mais cedo possível, ajudando-os em parte na nova construção, em parte fornecendo bois que carregassem a madeira cortada nos montes para o futuro templo. E as promessas foram mantidas, não sem manifesto auxílio da Divina Providência, como em breve se verá.

19. Há, neste capítulo, uma ligeira referência à batalha de Mbororé. Como se vê, ao tempo do Pe. Sepp, os pontos de vista de ordem estratégica tinham ainda papel decisivo. As palavras do jesuíta soam como profecia. É digno de admiração que o padre haja previsto, desta maneira, os acontecimentos de 1750 e dos anos subsequentes.

Capítulo XXIV

OUTRAS REDUÇÕES CONTRIBUEM À FUNDAÇÃO DA NOVA COLÔNIA

Logo que se propalara pelas demais reduções a notícia de que se devia fundar novo aldeamento²⁰ acudiram todas, unânimes em vontade e forças. Da Redução de Santa Maria vieram cinquenta índios com cem bois de arados; da Redução dos Bem-Aventurados Mártires do Japão, trinta, igualmente com cem bois. A minha antiga Redução dos Três Santos Reis doou para o meu uso cem cavalos. Outra forneceu trigo índico ou turco (milho) para semear; outra, grão-de-bico e fava e outras espécies de sementes e legumes.

Os meus índios mal cabiam em si de contentes, ao ver os índios das outras Reduções acudirem tão prontamente, com tamanha liberalidade. Daí resultou que bem animados se voltaram à construção da nova colônia.

Primeiro que tudo, enviei parte dos índios às matas para cortar madeira; outros mandei lavrar a terra e abri-la; a estes, levantar cercas, a fim de afastar das lavouras os animais; àqueles, transportar para fora dos matos a madeira já cortada, a fim de que não apodrecesse nas densas sombras das árvores.

Já se prostrava aos golpes do machado enorme multidão de árvores, já o cedro imortal se sujeitava ao desbaste da enxó, para que, no templo do Deus vivo, se reerguesse em triunfo mais glorioso; já as vigas cortadas para a cumieira eram tiradas dos matos. Era de ver-se aqui cinquenta bois, acolá outros cinquenta entrar no povoado, puxando em alongadíssimo trajeto a mole de um enorme cedro, tudo em belíssima ordem, ao som do tambor e dos bárbaros clamores da bugrada. Logo de manhã, quando a rutilante Aurora expulsava dos olhos o sono, ver-se-ia ao solo o soberbo tronco, ver-se-ia escarnecer dos mordazes dentes da serra, bem como o riso cortante da enxó.

Trazidos, pois, todas as espécies de madeira, assentei a mão para traçar a planta do povoado.

20. Nessa época, no entanto, não foi transposto o Ijuí. A redução de Santo Ângelo só chegou a ser fundada em 1706.

ICONOGRAFIA OU PLANTA DA FUTURA POVOAÇÃO

Empreendida obra de tanta monta como era fundar a nova colônia, o meu primeiro trabalho foi fugir de uma estupidez que facilmente se comete na construção demasiadamente apressada de vilas e cidades. Para que as construções não se fizessem espalhadas aqui e ali, sem ordem, e em conflito com as regras da arte arquitetônica, e se correspondessem, bem dispostas, em longa série, dividi a planície ou área da futura aldeia em duas partes iguais, de modo que uma ala, ou parte da aldeia, contasse de largura tantos pés geométricos quanto a outra. A paróquia ou templo, e a casa dos padres missionários, ocuparia o meio da praça. Esta praça seria o centro, donde partiriam as ruas paralelas, igualmente distantes de um lado e outro. Deste modo se poderia administrar os sacramentos por caminho consideravelmente mais curto, evitando-se que o doente viesse a falecer sem Viático, em razão das voltas supérfluas que retardam a marcha do ministro de Deus. Medidas tais se deviam tomar, sobretudo para casos quase quotidianos de batismo apressados. Porque os índios me chamam muitíssimas vezes, também de noite, para lavar na sagrada fonte esses pequenos. Convinha, pois, construir-se a igreja ou paróquia no centro e na praça principal da aldeia. A área ou a praça principal em que se devia alicerçar o templo mede quatrocentos pés geométricos de largura e outros quatrocentos e cinquenta de comprimento. Esta área é cercada, como em anfiteatro, pelas casas dos indígenas, separadas umas das outras em boa ordem. As que ficam às costas da igreja contam doze compartimentos ou habitações; as que de um lado e outro se cruzam em “x”, abrangem ambas seis compartimentos. Assim é que a aldeia conta folgadoamente cinquenta e mais ruas, a avançarem todas paralelas e bem dispostas em grande extensão.

Com o tempo, logo que aumentarem os habitantes, também deverão ser aumentadas as habitações.

Em cada casa mora uma ou duas famílias, ainda que o pai more junto com o filho, às vezes também com o tio.

Nesta iconografia da minha aldeia, além de outros inconvenientes, deviam evitar-se do mesmo modo os becos e congostas, bem como os ângulos desnecessários de casas, os lugares escusos, que não

somente afeiam sobremodo qualquer cidade, tornando-a embaraçosa, mas também a expõem ao perigo de ser destruída por fatais incêndios. Isto principalmente em nosso Paraguai, onde o furioso Éolo tem entrada franca e permite ao Aquilão soltar toda a rédea a ponto de, por vezes, deitar por terra e arrasar matos inteiros, principalmente quando o Bóreas, exasperado, desce à arena com o Noto e nenhum dos dois quer ceder a palma. E, além disso, este clima da América muito sujeito a tempestades. Logo ao princípio da primavera e do outono, cousa rara na Europa, as Plêiades levantam tempestades, e Júpiter irado troveja, relampagueia, fulmina. Nem lhe valem desviar o raio ou, quando menos, mitigar-lhe a raiva a frutífera Pomona e a plácida Flora. É quase inevitável que, ano por ano, sofram alguma lutuosa catástrofe ou os próprios índios, ou seus animais e casas. Nestes mesmos dias em que escrevo estas palavras, caiu um raio numa casa e a incinerou junto com outras cinco. Os habitantes afortunadamente se salvaram, pois justamente naquele tempo os havia eu mandado para suas chácaras fora da aldeia. Seus reduzidos bens, no entanto, foram destruídos: por isto, a paternal caridade e providência me obrigou a vesti-los novamente. No ano passado desencadeou-se, pela primeira vigília da noite tão horrendo furacão que se temeria o completo arrasamento de minha colônia: nem era errado vaticinar que haviam prorrompidos em turbilhões dos sinistros abismos do inferno os próprios espíritos aéreos. Pareciam conspirar para destruir o templo de Deus; mas em vão foram suas ameaças. Só o índio que estava de vigia junto à entrada morreu ferido por um raio, enquanto que seus companheiros, no meio dos quais se achava, não foram fulminados, mas de susto perderam a razão por algum tempo.

Está, pois, a nossa América sujeita a furiosíssimas tormentas, e costumam as armas de Júpiter ferir não somente os soberbos cedros, mas, também, os humildes salgueiros. Pelo que, como disse, devia eu atentar muito em separar as ruelas da minha aldeia uma da outra nas devidas distâncias; pois que, embora uma casa caísse em cinzas, não poderia o turbilhão de chamas atingir a outra.

Conhecida bastante a planta da nova povoação, e bem compreendida a divisão das casas, perguntará o curioso leitor onde o Pe. Antônio terá encontrado fontes? A água é puxada dos poços por meio de uma nora? Ou esguicha dos sifões na pia a linfa encanada subterraneamente? É recolhida em cisternas? Isto, digo, perguntará o curio-

so leitor. Já lembrei, porém, acima, que a mão providencial de Deus fez brotar, ao sopé da colina, quatro fontes. Desta como que generosa nora vão haurir água perenemente viva os pobres índios, a quem Baco e Geres negaram, até o presente, a cerveja e o vinho.

Capítulo XXVI

CONSTRÓI-SE O TEMPLO DE SÃO JOÃO BATISTA

Apliquemos agora a mão e a caneta à construção do templo: a mão para guindar os pesos enormes das árvores, a caneta para descrever seu comprimento e largura.

No que toca às colunas, cuidei que primeiro fossem enterradas numa profundidade de oito pés e bem calçadas com pedras, de sorte que depois podiam ser levadas sem susto à altura de uns cinquenta pés. Desde o presbitério até a porta da igreja, inclusive, levantei vinte e quatro colunas em série igual de ambos os lados. Ficava uma distante da outra vinte pés geométricos.

Tem três naves, como chamam os espanhóis, ou pórticos, o maior no meio, de 25 pés, os do lado 20. A igreja, juntamente com a sacristia, presbitério e vestibulo ante a porta, estende-se por 200 pés geométricos, o necessário para abarcar tão grande massa de povo. Cinco portas tem o templo²¹: duas laterais e três no frontispício; destas, a maior é a do meio, que não somente oferece espaçosa entrada ao povo, mas também ela só projeta no recinto tanta luz que, mesmo estando todas as janelas fechadas, sempre tem luz meridiana, claríssima. Esta primeira e principal porta mede 20 pés de altura e 12 de largo; as laterais não são muito menores, de sorte a bastarem para dar ingresso ao povo, mesmo em procissão.

Portanto, depois de levantadas as colunas e pronto o vigamento de maneira a não cederem ao peso, firmei a construção e a escorei fortemente com enormes pilares, para que as paredes não vacilassem. E já que as circunstâncias não permitem adiar mais (pois sem dúvida era necessário que todos os índios cristãos assistissem comodamente nos dias de festa e domingos ao santo sacrifício da missa e estivessem presentes à doutrina), pus, por ora, sobre o telhado capim bem trançado para obviar por enquanto às chuvas. A seu tempo o cobrirei de telhas. Ainda não estavam levantados os fornos nem amassados e cozidos os tijolos.

Que de trabalho tudo isto há de custar, cada um o imaginará facilmente.

21. A fotografia anexa mostra os restos destes cinco portais, aliás desprovidos de todos os ornatos arquitetônicos.

Capítulo XXVIII

O PE. ANTÔNIO É POSTO À TESTA DAS DUAS REDUÇÕES

Estava eu, entretanto, ocupado de corpo e alma na criação de minha colônia, quando, no que menos pensava, se me foram impostos novos cargos aos ombros assaz cansados e deprimidos pelos anteriores. E eis que aos trabalhos acrescem trabalhos, e aos cuidados outros cuidados. Recebo ordem do R. Pe. Provincial de tomar sobre mim o cuidado pastoral das duas Reduções, a saber, da povoação de São Miguel, da qual nasceu esta nova colônia, e da povoação de São João Batista, na qual já vinha eu mourejando algum tempo.

Certamente não foi inconsiderada nem imprudente esta determinação dos Superiores, apesar de muito aquém dos meus méritos e forças. Apraz-me transcrever aqui as palavras do R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León: “O zelo em que arde V. R.^{ia} para com estes pobres índios, e o recíproco amor e afeição deles para com V. R.^{ia} me moveu a lhe confiar a administração de ambas as Reduções. Assim poderá auxiliar melhor sua nova colônia e levá-la mais rápida e felizmente ao fim desejado. Envio-lhe como sócio o Pe. José de Texedes, que, como espero, conjugará seus cuidadosos préstimos a todos os de V. R.^{ia}. Confio que tudo há de ser para a maior glória de Deus”. Eis aqui as palavras do R. Pe. Provincial.

Eu não podia, pois, desobedecer a tão santas ordens, nem ousava subtrair meus ombros ao trabalho, se bem que ineptos e incapazes de suportar esta dupla carga. Acatando a nova ordem, entreguei ao Pe. José de Texedes o trabalho da começada construção e voltei para a minha antiga Redução de São Miguel, distante da nova colônia perto de quatro léguas. Chegado que fui, comecei a arranjar as coisas de casa, a ampliar os antigos campos, a lavar os novos, a derrubar mato, a cortar lenha, a arrotear macegas, a plantar algodão. Saía com os índios a caçadas. Preparava rodeios e organizava mil outras cousas muito úteis, tanto para a antiga colônia como para a nova.

Entretanto, mandara fabricar alguns milhares de tijolos e telhas para cobrir a casa do Padre missionário. Mandeí fazer também caixilhos de janela, cada um com seus postigos (vidro aqui não há). Do mesmo modo vários cestos para a sacristia, vasilhas para buscar água e levá-la à cozinha, cântaros ou talhas, moringas de barro para

o refeitório e outros utensílios semelhantes para a nova colônia. Cedi mesmo de bom grado a meu Pe. Sócio técnicos e operários, para que mais cômoda e rapidamente tudo se fizesse, pois eu muito bem conhecia a indigência e extrema precisão em que se contorcem os fundadores de tais colônias.

Uma coisa não posso calar aqui. Vale bem a pena mencioná-la, porque embasbacará todos os lá da Europa e apregoará alto e bem sim a Divina Misericórdia, que dia a dia mais se faz sentir para com os coitados destes índios. Que será? Quem o ouve, regozije-se comigo como se eu tivesse escavado um tesouro no meu campo: foi encontrado ferro e aço. O divino Mineiro não os tirou das entranhas da terra, mas quis pô-los a descoberto numas pedras, que aqui existem a granel. Para mim e meus índios, este tesouro é, de certo, mais precioso que toda pedra preciosa.

Capítulo XVIII

O PE. ANTÔNIO DESCOBRE MINÉRIOS DE FERRO E AÇO, E OS FUNDE PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA ALDEIA

Desejaria que o benévolo leitor parasse aqui um instante e comigo se alegrasse como aquele ativo mercador do Evangelho que descobre um tesouro oculto no campo e, cheio de alegria, vai e vende tudo o que tem e compra aquele campo, etc. Estavam estes pobres paraguaios necessitados não de minas de ouro ou prata, mas de ferro e aço, procurados em vão por tantos anos; e neste ano, enfim, por vontade de Deus, que esconde os metais no seio da terra, conseguiram uma e outra coisa. Com efeito, descobrimos uma pedra²², sem dúvida mais estimável e preciosa que qualquer tesouro (considerando a vantagem e necessidade); esta pedra, pelo calor do sol, fica tão dura que não se derrete senão com um fogo muito intenso; e quando mais apurada e endurecida, o que se obtém derramando água aos poucos em cima dela, condensa-se em aço e ferro. Tem suas escórias e fezes. Não é escavada das profundezas da terra. Nem é necessário, a modo dos europeus, abrir rochedos ou devassar as entranhas dos montes, tampouco descer aos abismos da terra por vários meandros. Jaz ela no campo exposta às chuvas e ao sol, ou se apresenta, ao primeiro golpe do martelo, de baixo da verde grama. Há também certas colinas repletas da mesma pedra. Chama-a o selvagem de *itapura*, por estar cheia de manchas ou grãos escuros: estes grãos quando expostos a um fogo muito intenso fundem-se em ferro e aço.

22. Esta pedra, que os indígenas denominavam *itapura*, tem hoje o nome popular de “cupim”, nome de uma pequena formiga. Já dissemos, na introdução, que era também denominada “pedra-formiga”. Os padres a usaram, em grandes blocos de um pé e mais de aresta, na construção de igrejas. Durante minha última visita a Santo Ângelo, encontrei numerosos destes blocos sob as ruínas da velha igreja derrubada — que fora, por sua vez, construída com os restos da catedral jesuítica.

Há três espécies deste cupim: um todo avermelhado, outro de laivos pretos e um ainda todo preto. É uma pedra porosa, de fato parecida com a tufa, mas de natureza extremamente diversa. Pode ser encontrada em São João, por baixo do capim. Perto das ruínas da igreja, achei um bloco, bem junto a um formigueiro. Tanto se parecia com este, que a princípio quase pensei tratar-se de dois formigueiros.

O modo de os purificar é o seguinte. Levanta-se um forno de tijolo cru²³, numa altura de cerca de dez pés e numa largura de seis pés. Deixa-se no meio um suspiro ou chaminé de um pé quadrado, por onde o fogo possa respirar. Por esta chaminé deitam-se seis porções de carvão e uma de pedra britada. A pedra deve queimar antes para se desfazerem os espessos vapores de terra, de que está umedecida. Logo que se acender o forno, cumpre atizar o fogo com ventilação forte e regular assim aos poucos, pela arte espagírica, os minérios se vão separando; e o ferro desce para a parte inferior; as escórias ou fezes saem pelo buraco para isto aberto e se segregam. Enfim, quando em vinte e quatro horas contínuas a massa de ferro mais ou menos se fundiu, abre-se o forno e por um orifício tira-se o embrião incandescente. É malhado então a fortes marteladas, recebendo a forma de enxadão, foice, cunha, machado ou lâmina, como se quiser. Este mesmo ferro se endurece em aço conforme a diversidade de têmpera ou temperatura, que se lhe dá pela infusão de água, quando incandescente. O aço resultante é melhor que o de Milão; a qualquer golpe de ferro ou pedra levanta uma poderosa chama. A dificuldade está principalmente em que se deve empregar não qualquer carvão, mas o que resulta da cremação lenta e subterrânea de uma madeira duríssima. A experiência me fez carvoeiro e ferreiro, já que é necessário fazer-se de tudo para todos o missionário apostólico. A natureza subtraiu a estes pobrezi-nhos cristãos a sua mão liberal e, negando-lhes os meios necessários, me obrigou a implorar o céu propício, para que nos socorram os auxílios divinos, quando faltam os humanos. E aqueles, na verdade, bem nos socorrem, principalmente quando urge qualquer necessidade;

23. Com o apoio do Prefeito de Santo Ângelo, Sr. Policarpo Gay, e com a contribuição pessoal do Sr. Serafim Ferreira, oficial da Prefeitura que tem estudado, de modo particular, a história de seu município, me foi possível descobrir o local onde se achava a primeira usina siderúrgica sul-brasileira.

A trezentos passos da ruína da igreja, perto dos fundos da casa de moradia da atual estância de São João Velho, há um roçado de milho. Aí se encontram numerosos pedaços de ferro fundido e escória. Não havendo nada semelhante, em parte alguma da região missioneira, pode-se admitir ter sido este, realmente, o lugar da usina.

Examinamos diversos dos pedaços encontrados. Os mais interessantes são as escórias, ricas de ferro, cujas formas não negam haver escorrido, uma vez, sob forma líquida, de um forno de fundição. Alguns pedaços revelam índice maior de ferro, merecendo ser enquadrados na classe do ferro mal corrido. Não encontramos ferro puro, o que é natural, pois o ferro bem corrido passa para a forja. O índice relativamente alto do ferro nos blocos mal corridos e o pequeno peso (a leveza específica, portanto) da escória revelam que as fundições bem corridas devem ter produzido um ferro de excelente qualidade.

pois então me volto súplice às pias almas dos defuntos, em especial ao Arcanjo Miguel e à minha taumaturga Virgem de Oettingen, bem como a meu tocaio Santo Antônio de Pádua, e eles nunca desdenharam assistir-me com seu pronto socorro. Se até agora os benignos céus nenhum outro benefício fizeram a estes pobrezinhos, este só bastaria para ser escrito no livro da eternidade: — o de lhe terem concedido ferro e aço.

Capítulo XXIX

POR QUE QUIS DEUS FAZER O PE. ANTÔNIO DESCOBRIR MINAS DE FERRO E AÇO, E NÃO DE OURO E PRATA?

Como os homens raramente ou nunca têm a mesma vontade e parecer em todas as coisas, assim também, nisto que digo e penso, não concordam com o meu. Perguntará algum europeu Crisoário e dirá: se Deus tivesse aberto ao Pe. Antônio veios de ouro ou prata, então, sim, seria isto um grande benefício.

Assim poderia falar um Creso europeu que adora como divindade o torrão amarelo, mas não um varão apostólico que não corre atrás do ouro, nem deposita sua esperança no dinheiro e nos tesouros, etc. Pois se Deus mostrasse no Paraguai minas de ouro ou prata, com isto mesmo fecharia talvez o céu aos pobres índios, dada a ganância dos estrangeiros que em dois tempos estenderiam, quais Harpias, as mãos e unhas para devastar estas nossas Reduções, e obrigariam este novel povo de Cristo a explorar e abrir com escravos os veios do fúlgido metal. Não cuidariam, porém, de propagar a doutrina cristã, e baldado teria sido o trabalho dos primeiros padres missionários, pois os índios prefeririam esconder-se nos matos e covis de feras, como os seus pais gentios, a servirem a estranhos. Oh! quanto não maquinaram e intentaram alguns lobos rapaces por arrancar-nos estas ovelhinhas! De quantas e quão grandes mentiras não encheram os pacientes e mansos ouvidos de seus senhores, para se abeirarem destas Reduções! Quantas vezes, sei lá eu, não sonharam com minas de ouro, devorando em sua vã esperança montões deste metal!²⁴

Mas não é ouro nem prata o que precisam nossos pobres índios nudípedes: é ferro e aço com que derrubem os matos, cortem a madeira, afiem as flechas, fabriquem ferramentas de toda espécie. Disto careciam até agora os pobres silvícolas e isto os livrará para o futuro da miséria. Pois quem não te chamaria de miserável em extremo a ti, se não possuísses nem mesmo uma agulha para remendar a

24. Embora o Pe. Sepp, entre os capítulos XXVII e XXIX, não mencione o local onde se encontrava sua usina siderúrgica, as primeiras palavras deste capítulo fazem supor haver sido São João Batista. Principalmente a observação que frisa ter viajado para São Miguel em um sábado reforça este ponto de vista.

camisa rasgada? Ou uma faca para cortar carne? Um machado para rachar lenha de cozinha? Uma chave para fechar tua casa? Uma foice para ceifar o trigo?

Excede a credulidade humana o que vi com estes meus olhos. Os meus paraguaios (antes de se extrair da terra e das mencionadas pedras a abundância de ferro; ou então aqueles que ainda não receberam instrumentos de ferro, por causa do número) segam o trigo com ossos de vaca ou costelas à guisa de foices; cortam a carne com certas taquaras partidas pelo meio; remendam a roupa com espinhos que furam a modo de agulhas para passar a linha; matam as vacas e os bois batendo no occipital com um pedaço de taquara, e com o mesmo, em forma de faca, carneiam-nos, esfolam-nos e cortam-nos em postas. Ouçam e riam com isto os açougueiros da Europa.

Teria eu mil outras cousas para escrever, mas o tempo reduzido me chama a outros sérios negócios. Só uma coisa gostaria de acrescentar como conclusão deste capítulo: rogo ao benévolo leitor, ou alguém que ouvir ler estas linhas, renda infinitas graças a Deus e não se canse de dar eternos louvores por nos ter ele querido, ocultando as minas de ouro e prata, manifestar em seu lugar ferro e duro aço, quer tenha sido por intercessão das almas do purgatório, quer pelos rogos do grande taumaturgo Santo Antônio e da milagrosa Virgem de Oettingen.

E já que fiz menção das almas do purgatório, ouçamos o que segue.

Capítulo XXX

DE QUE MODO SE APAGOU UM GRANDE INCÊNDIO, CAINDO DE REPENTE CHUVA DO CÉU SERENO

Um sábado viajei para a Redução de São Miguel. No dia seguinte domingo, celebrei a Santa Missa como de costume, e, cumpridos à medida de minhas forças todos os ofícios de bom pastor, comecei a hesitar um pouco se era mais conveniente voltar na mesma tarde para a nova colônia ou pousar ali aquela noite e regressar na manhã seguinte. Eis, porém, que me senti violentamente arrebatado no interior, parecendo-me ouvir uma voz: Torna para a nova colônia; e se acontecesse algo de mal na tua ausência?

Abramos um parêntese para referir um caso acontecido em minha ausência e bem semelhante a este de que falo agora. Estando eu, doutra feita, de viagem ao referido povoado de São Miguel (o meu ofício o exigia cada semana, já que era pároco de dois povoados ao mesmo tempo), o pastor de quatro ovelhas minhas, das quais costumava eu matar uma por semana para mim e meu Padre companheiro, deixou tresmalhar-se e perder-se todas de uma vez. Ao voltar da povoação pus-me logo a inquirir sobre o estado de minhas ovelhas. Mas o pobre pastor (antes chamar-se-ia mercenário) viu chegar-se o lobo e fugiu; pois os cães que deviam vigiar o rebanho, com seu contínuo ladrar, puseram em fuga as ovelhas aterrorizadas para a mata vizinha. Dispersas e errantes por muito tempo, duas caíram nas garras de um tigre esfaimado. Que havia de fazer com o meu pastor? Censurá-lo-ia, irritar-me-ia com ele. qual merecera? Preferi rir-me daquele cabeça de vento; e quem não haveria de rir? Pois quando lhe perguntei, respondeu: “Os meus cães dispersaram tuas ovelhas e levaram-nas para o mato vizinho.” — “Por que não contiveste os teus cães?”, repliquei; e ele, como se fosse o mais ingênuo dos mortais: “Eu bem lhes gritei que calassem, mas não me obedeceram”. *Hindo, hindo*, é um modo de falar muito elegante dos índios. Então lhe disse eu: “Meu filho, vai depressa atrás dos teus cães, chama-os pelas matas e bosques, talvez dê de encontro com as minhas ovelhinhas, que se darão a reconhecer pelos balidos”. Obedece o pastor, sai no encalço dos molossos, ouve-os

ladrar, mas não topa senão com duas ovelhas, as quais toca ante si de volta para casa. Traz também a pele de uma que fora devorada por cruel tigre, em testemunho do funesto acontecimento.

Enquanto, pois, (para retornar ao caso acima, do qual me afastei um tanto) cá comigo estava duvidoso se na minha ausência não teria sucedido algo de semelhante ou mesmo pior e mais grave, afinal seguindo a voz do espírito que me chamava, voltei ao pôr do sol para a minha nova colônia. Mal avistara os campos circunvizinhos, quando reparei numa horrível e enorme massa de fumo que toldava e nublava a própria serenidade do céu. Em seguida verifico que o campo perto da povoação estava a arder. Corro precipitado, ofegante. Ao encontro vem-me o Pe. Sócio, José de Texedes, com o corpo todo banhado em suor, rosto manchado de fuligem, na aparência mais um carvoeiro que um sacerdote. Não era para menos, pois gastara quase todo o dia em apagar o incêndio, e disto provinha o negrume do rosto. Dirigi-me a ele: “Santos do céu! Se não me engano, a nossa palha arde toda”. — “Ela mesmo sem tirar nem pôr” retruca ele, “e arde de tal modo que, desesperado de apagar o incêndio, deixo o resto a Vulcano e volto para casa. Os próprios índios, que todo o santo dia trabalharam comigo até o suor, não resistiram ao cansaço e tornaram às suas casas”. De nenhum modo aterrorizado com esta resposta, replico-lhe: “Mande-me V. R.^{ia} quanto antes alguns índios que me ajudem. Talvez com o favor do céu e auxílio dos índios, consiga abafar o incêndio”.

Dito isto, aproximo-me do incêndio, ou para falar mais verdade, as devoradoras labaredas se aproximam de mim. Um forte vento as atiçava, de modo que o campo ardia de todos os lados. São-me mandados os índios auxiliares. Com eles dirigi-me a um desfiladeiro ou garganta entre duas colinas, e ordenei que numa distância de alguns pés arrancassem o capim ou grama, para cortar caminho e alimento às chamas serpeantes. E muito afortunadamente cessou o fogo, pois, quando chegou ao desfiladeiro das duas sobreditas colinas, não encontrou mais substâncias para queimar e se deteve em seu curso. Deixando intacta grande parte do campo restante, onde sobrava palha suficiente para cobrir as casas de meu povoado, descarregou o seu furor contra as duas citadas colinas que estavam cobertas de mato. Não suspeitando nenhum outro mal, voltei à casa com meus poucos índios, cheios de alegria, e referi o sucedido a meu Pe. Sócio que, espantado, mal quis acreditar em minhas palavras.

Já estava perto da segunda vigília da noite e Morfeu nos convidava a ambos a tomar o costumado sono, nós que, aliás facilmente anuíamos e pelo cansaço, acenávamos ao convite, quando se fez ouvir a algazarra dos índios que gritavam: Incêndio! Perguntou donde procedia. “Da mesma colina., para a qual repeliste o fogo, rompeu a chama novamente, e o elemento desobediente invadiu-te o campo vizinho devastando tudo”. Então eu: “Que remédio, meus filhos? Vamos confiadamente abafar as chamas e apagar o incêndio”. Vim, vi o fogaréu ingente, e Deus o extinguiu. Com efeito, quando, chegando mais perto das chamas, constatei que era baldado todo humano auxílio, voltei-me para o divino; tirei a imagem de Cristo pendente da cruz, conjurei o avassalador elemento e, ajoelhado no meio de meus pobrezinhos índios, recitei um rosário pelas almas detidas no purgatório. Ao mesmo tempo fiz voto a Deus que, se as santas almas defendessem do fogo a palha ainda restante, diria trinta missas para refrigério delas. E acrescentei para o meu auditório selvagem: “Meus filhos, não duvido de que vosso Pe. Antônio Bôhm, que tão singularmente vos amou, já goze de Deus no céu, e seja vosso patrono. Roguemos, pois, a ele que, súplice, se prostre perante a Divina Majestade, implorando sua clemência em nosso favor, ele que sabia compadecer-se de nossas fraquezas e que não ignora quão necessária nos seja esta palha para cobrir as cabanas de nossa povoação”.

Estes nossos pios desejos e suspiros tinham irrompido das profundezas do coração, mais ardentes que as chamas a alastrar-se por toda a parte. Eis senão quando o ar se agita, sopra a Austro e o Deus benigníssimo ajunta de repente no céu sereno as nuvens e faz cair copioso aguaceiro. Com isto não só esmoreceram as chamas, como também se extinguíram de todo. Nós ficamos livres do perigo de incêndio, mas não da obrigação de cumprir o voto. Logo no dia seguinte, dei início ao seu cumprimento, rezando missa pelas almas dos defuntos, eu que experimentara o poderoso auxílio delas: incapazes de apagar o próprio fogo, quiseram, não obstante, apagar o alheio e se compadeeceram de nós, elas que são dignas de toda a compaixão.

Mas voltemos à nossa história, que o tempo de nenhum modo permite protrair. Estas cousas que escrevo, escrevo-as quase sempre de noite, à luz trêmula da vela, olhos escurecidos de sono e corpo quebrado, exausto pelos trabalhos do dia.

Capítulo XXXI

TRANSMIGRAÇÃO DAS MULHERES E CRIANÇAS DA ANTIGA COLÔNIA DE SÃO MIGUEL PARA A NOVA DE SÃO JOÃO BATISTA

Passara já quase um ano desde que meus índios haviam começado a cultivar as terras da nova colônia. Copiosa messe já fora recolhida. De modo que tínhamos à mão abundante sustento também para as crianças e as mãos. E lembrei-me do salmo: *Promptuaria eorum plena, eructantia ex hoc in illud* (os seus celeiros estão cheios, a transbordar duns para os outros).

Efetivamente não convinha arrancar estes pobrezinhos e simples israelitas de seus antigos campos e levá-los a habitar um solo estéril e campos incultos, sob o risco de perecerem à míngua. Era absolutamente necessário cultivar de antemão a terra, lavrar, semear, colher e tornar-lhe assim fácil e amena a transmigração, a fim de que, aborrecidos por assim dizer, do antigo hábitat e terra pátria, suspirassem pela nova colônia. Além disso devia-se antes levar a cabo a construção da igreja e casa do padre missionário: a primeira para os fiéis poderem, nos domingos e dias santos, assistir à santa missa e ouvir juntos o sermão; a segunda para que os padres missionários pudessem mais facilmente vigiar o seu rebanho, defender as ovelhas e socorrê-las nas precisões.

Concluída a igreja e a casa do padre missionário e dos índios, organizei a transmigração das mulheres e crianças na ordem seguinte. Já no ano anterior trouxera para a construção da nova colônia os homens e todos os meninos que tinham forças para trabalhar, deixando, entretanto, as mulheres e os meninos imbeles no antigo povoado de São Miguel. Porém, as esposas e mães, que de nenhum modo se esqueciam dos filhos, algumas vezes na semana vinham trazer alimento das suas roças da antiga Redução. Sabedor da minha parte quanto é duro para uma tenra idade ser arrancado do regaço materno, concedi aos pequenos que consolassem as mães com recíprocas visitas.

Quando, portanto, chegou o tempo da transmigração, convoquei todas as mulheres e moças no templo de São Miguel e, depois da missa, lhes talei nestes termos: “Minhas caras filhas no Senhor. Deus e os vossos Superiores mandam-vos deixar esta terra e parentela e ir para um lugar distante. Emigremos, pois, para onde Deus nos chama

e nos foi adiante o glorioso precursor de Cristo, convidando-nos a segui-lo. Não julgueis que vos quero conduzir para o deserto da Palestina, solidão da Arábia ou para o ermo áspero e estéril que habitou São João Batista. Antes esperai que migrareis para os campos elíseos e a terra da promessa, regada de leite e mel. Com efeito, já não sentistes os balhos e suores de vossos maridos? Não é que já comestes e vos regalastes com os frutos dos campos, para vós preparados, e fizestes abundante colheita? Ide, portanto, para onde vos chamam os queridos esposos e onde vos esperam caros penhores, como são vossos filhos homens.

Isto e coisas semelhantes disse eu àquele mundo feminino. Não obtive outra resposta senão lágrimas e soluços, não em sinal de receberem com azedume a proposta da transmigração, mas para significar o terníssimo afeto com que pagavam o meu cuidado e solicitude paternal. Mas logo contive, enxuguei as piedosas lágrimas e acalmei a dar, dando a cada índia duas agulhas e uma medalha, mais quatro braças de tecido de algodão (assim é o vestido das mulheres paraguaias: costuram cerca de quatro braças do dito tecido como um saco oblongo; pela parte superior enfiam a cabeça e estendem os braços por dois buracos abertos para este fim). Às meninas dei duas túnicas já prontas, uma de algodão e outra de lã. Túnicas já prontas, disse, porque se lhas tivesse dado não feitas e costuradas, por certo as estragariam antes de as confeccionarem, tão negligente e de cérebro tão obtuso é esta nossa gente. Por isso, também, quando visto os pequenos devo fazer em minha própria casa os calçados e a camisa. Esta última indumentária era coisa de todo nova para eles: não a podiam vestir. Mas depois que a vestiram e perceberam que se esquentavam um pouco, nada lhes é mais caro e ma pedem com importunos clamores: Cheruba, Cheruba, Padre, Padre, emee ayiga Orebe camisa, dê-nos uma camisa. Esta palavra camisa é espanhola, porque não estando os índios habituados em sua infidelidade a adaptar ao corpo vestimenta alguma, careciam até agora tanto do objeto, como do nome com que o denominassem: chamam-no pelo nome espanhol.

Admirar-se-á o curioso leitor e não sem razão perguntará: quem teceu para o Pe. Antônio tanta fazenda, suficiente para todas as crianças e mulheres? Os tecelões de Augsburg mal parecem bastar. Sussurrar-lhe-ei então ao ouvido aquela palavra de Cristo: Vede os lírios do campo, etc. Pois o Pai do céu, que a estes veste, veste tam-

bém aos mais pobrezinhos índios: pôs-me nas mãos mais de doze mil braças de tecido de algodão, para vestir estes meus paraguaios, sem mencionar a lã das quatro mil ovelhas que comprei.

Agraciadas assim as índias com nova roupa e outros presentinhos, conduzi-as para a nova colônia. De caminho junto a um gárrulo e ameno regato que devíamos atravessar, preparei-lhes uma merenda, para que, cansadas um tanto da jornada, pudessem repousar e prosseguir o resto do caminho mais fortes e dispostas. Poder-se-ia ver nisto o mesmo que outrora no êxodo de Israel do Egito: a mãe carregada de múltipla e doce prole, uma levando-o ao colo materno, outra encarapitando-a sobre o ombro, uma terceira conduzindo-a pela mão ou pondo-a às costas como um fardo; algumas carregadas de panelas e abóboras (ou porongos?) levavam em uma mão um gato, na outra galinhas atadas pelos pés; em longa fila fechavam o cortejo os cães domésticos, como se foram solícitos efebos. Esta é, comumente, toda a mobília do índio, estas as suas riquezas, estes todo o fausto e adorno feminil.

Chegadas assim à nova colônia, deu-lhes as boas-vindas o Pe. José de Texedes, companheiro meu e capelão; recebeu-as muito cortês e benevolmente, determinando a cada família a sua casa.

Capítulo XXXII

O PE. ANTÔNIO APERFEIÇO A DE VÁRIOS MODOS A COLÔNIA, EMBELEZA A IGREJA, CONSTRÓI FORNOS DE OLARIA, COZE TELHAS E TIJOLOS PARA O TEMPLO E A CASA DOS PADRES MISSIONÁRIOS

Quando o R. Pe. Provincial soube da ordeira e pacífica transmigração dos índios, pareceu-lhe bem aliviar-me da onerosa tarefa, qual é a administração de duas Reduções, e mandou que tomasse a meu encargo somente a nova colônia.

Parti imediatamente para pôr mãos à obra e ombros à carga. Iniciei os trabalhos com o aparelhamento da igreja. Zelei, em primeiro lugar, por um assim chamado tabernáculo de cedro. Foi feito segundo o modelo do da nossa igreja em Landspergen, o qual, como ainda me lembro, fabricou o R. Pe. Wolfgang Leiberer, de saudosa memória, no tempo de meu noviciado. Sustentavam o céu quatro gênios alados, como outros tantos Atlantes, sobre cujas cabeças se emborça a cornucópia pejada de vários e ótimos frutos. No meio, como que em trono real, entre quatro colunas coríntias, vê-se pequena estátua milagrosa da Virgem de Oettingen. Debaixo desta fica o sacrário com o Santíssimo Corpo de Cristo. Tudo isto é finamente trabalhado em cedro, com embutidos de ouro e madrepérola e entremeados, como em obra frigia, de vários relicários, pequenos espelhos e pseudo-pérolas, isto é, vidros transparentes. A obra, até o presente nunca vista em nossas Reduções, chama merecidamente a atenção não só dos naturais, mas até dos nossos padres missionários, quer mirem a arte do escultor ou o bom gosto do pintor.

Terminado o sacrário ou tabernáculo, edifiquei próximo ao templo uma capela igualmente de tábuas de cedro, em octógono, segundo o plano da capela de Oettingen. As paredes, porém, são de pedras. As oito janelas abertas na cúpula derramam copiosíssima, jucundíssima luz por todo o recinto. É construção inteiramente nova nestas paragens.

Depois da capela, arranjei o confessionário e o púlpito: aquele como tribunal sagrado, onde o sacerdote absolva os pecados do povo; este para se poderem explicar aos fiéis os preceitos divinos e o santo Evangelho. O púlpito, de forma octogonal, apresenta nas primeiras

quatro curvaturas (ou nichos?) os quatro Evangelistas, e nas outras os quatro principais doutores da Igreja. Se for lícito comparar o pequeno com o grande, afirmo que a obra não é dissemelhante à cátedra de Augsburgo na igreja de São Maurício.

Digno de ser visto em minha igreja é sem dúvida também o enorme candelabro octogonal, dependurado no lugar da lamparina, junto à grade do presbitério. Está dividido em 32 candelabros menores, em tamanho crescente. Acendem-se tão somente nas festas *primae classis*, ardendo desde as vésperas até se ter cantado o ofício. Esta iluminação confere ao templo admirável esplendor e majestade, fomentando a devoção. Posto não arda aqui a oliva, contudo as montanhas e florestas de modo algum permitem que falte a cera virgem.

Os altares vão se fabricando, aos poucos, de cedro. Entremetidos o pintor já embelezou a três deles. No altar-mor vê-se o padroeiro da povoação, São João, batizando a Cristo no Jordão; pouco mais acima o padroeiro da antiga redução, o arcanjo São Miguel, recalcando no inferno a Lúcifer; os lados inferiores ocupam Santo Inácio e São Francisco Xavier, os superiores, os dois príncipes dos Apóstolos, São Pedro e São Paulo, reproduzidos em cores. O altar lateral do lado do Evangelho é consagrado a Jesus, Maria e José; o do lado da Epístola a meu padroeiro Santo Antônio.

A igreja está pintada a diferentes cores. Pelas colunas, entrelaçam-se, não sem elegância, cachos de uva e ramalhetes de flores, como heras. Veem-se dependurados nas paredes quadros de diversos santos. Nem tão pouco se esqueceram gravuras das horríveis chamas do inferno, para conservar os índios no santo temor de Deus e afastá-los do pecado.

É este o aspecto externo da minha igreja. Subamos agora ao telhado.

Donde arranjar as telhas para cobri-lo? Onde o forno para cozer os tijolos? Seja louvado o Deus misericordioso e benigno! Vede a Divina Providência! Junto ao sopé da colina em que assentei o aldeamento, encontrei ótimo barro ou argila, resistente, pegajosa e muito apropriada para cozer tijolos. No espaço de quatro meses cozi mais de cem mil. Com eles pude cobrir a igreja e minha casa canônica, junto com o alpendre, construído em quadrado.

Para o cozimento dos tijolos e telhas fez-se mister abrir enormes covas, nas quais construí três fornos com capacidade de cerca de quatro mil telhas cada um. E, como disse, construí-os em número de

três, para que, enquanto se enchesse em telhas não cozidas um forno, no outro já houvesse fogo e no terceiro se pudessem retirar as prontas. Deste modo não se interrompia o fabrico de telhas.

Quantas mil telhas ainda precisarei, para cobrir todas as casas na vila toda, ninguém o adivinhará ao certo, nem eu estou para calcular o número exato. Entretanto, também elas, com o auxílio divino, serão cozidas e fornecerão telhado para 700 famílias.

Aqui talvez perguntará o leitor curioso de informações sobre os índios, como afinal ou com que meios fabrica o Pe. Antônio tantas telhas? Quem lhe fornece o material necessário para as formas? A esta dúvida respondo o seguinte. Assento sobre uma prancha quatro tabuinhas, colocadas horizontalmente em forma de telha. Em seguida os oleiros, que possuo em número de 60, enchem-nas de barro que, anteriormente, fora bem sovado pelos touros, alisam bem todos os cantos, socam, passam a prancha para uma cunha de madeira e, tirando devagarinho a cunha, depositam só a telha no chão. Ao contato com o ar ela secará aos poucos na sombra. Se o vento sopra demasiado quente, a telha racha e se inutiliza. Sendo pelo contrário frio demais, engelha, tornando-se igualmente imprestável. Se, por fim, seca ligeiro demais, facilmente quebra. Por isto é de mister grande prudência e indústria. Mas deixo isto à discussão dos oleiros europeus.

Não só devia fazer telhas, mas também tijoletas para cobrir o pavimento. Consegui-as com tanta facilidade que não me lembro de tê-las visto melhores na Europa. São hexagonais, mas bem variegadas. Destarte, o pavimento antes parece juncado de frutas e de flores verdadeiras do outono, que coberto com pedaços de gleba informe. Certamente o admirará o ladrilheiro europeu, mas a ninguém deve isto parecer difícil: o barro, mole como cera, facilmente assume todas as formas. Se se lhe imprime, a tulipa, reproduz a tulipa; gravando-se uma rosa, ter-se-á uma rosa; se quiseses uma laranja, o barro dar-te-á fielmente insculpida uma laranja. Esta sorte de mosaicos embeleza admiravelmente não só as residências dos padres missionários, como muito mais a igreja. Pensar-se-á, não sem razão, que a própria Flora e Clóride tenham despejado os seus floridos açafates, esparzindo a esmo pelo chão as riquezas virgens da primavera; ou que Pomona haja esparramado com mão liberal os frutos de seu rico outono.

Bastam estas breves notícias a respeito de minha igreja. Dirijamos, agora, o olhar para as alfaias sagradas e os paramentos sacerdotais.

Capítulo XXXIII

COMO O PE. ANTÔNIO AUMENTOU AS SAGRADAS ALFAIAS DO TEMPLO

Penetrando na sacristia, surpreenderás ali seis minúsculos passamaneiros a confeccionarem várias rendas, bordados e albas sacerdotais. Afora das seis albas que trouxe da antiga vila, mandei fazer três novas. São quase que inteiramente rendadas: não só a fímbria, senão toda a parte inferior, desde a cintura, vem ocupada de rendas de Flandres.

Estranhará por certo a modista de Europa que meu jovem índio, com sua mão grosseira e calosos dedos, possa ter feito renda e com tal destreza que não se distinguem das de Flandres. Poderia mesmo afirmar tão errônea quão tenazmente que aquilo não é trabalho indígena, mas sim europeu. Na verdade, fato pasmoso: já nem eu mesmo posso compreender a habilidade do bronquíssimo selvagem. Soube ele, sem mestre, guiar tão artisticamente os fios e entrançá-los à imitação de filó, que só mesmo vendo o trabalho se acredita em sua perfeição.

As sobrepelizes, que usam os acólitos tanto nas missas como nas vésperas mais solenes, são trabalhadas com igual arte. Para as diversas cores e festas confeccionei também casulas e frontais. Extasiam a vista com suas franjas mais largas e passamanes de ouro e prata. Além disto, para as procissões do Santíssimo Sacramento, arranjei um baldaquino, enfeitado à frigia com variegadas flores.

As mãos do marceneiro aprontaram há dias o andor para enterramentos de inocentes, que uma prematura morte faz voar ao céu. É entrecortado de raios em espiral e sarapintado de discos torneados, na parte superior à assim chamada galeria. Os carregadores destes cadáveres inocentes são igualmente seis pequenos inocentes. Para estes mandei fazer trajes novos, bordados de flores e franjas. Sendo maior o concurso de índios, o pequeno defunto é levado por seis gênios ou anjos alados que seguram nas mãos flores e velas. Com igual brilho resplandece a almofada sobre a qual reclina o feliz defunto, bem como a mortalha branca que o cobre. No caminho para a igreja, em lugar de lamentações fúnebres, os músicos cantam um peã vitorioso, convidando os jovens e as donzelas a louvarem a Deus. Oh! quantos destes

pequerruchos, lavados por minha mão na sagrada linfa, já enviei ao céu para fundarem lá entre os gênios sidéreos colônias muito mais ditosas que esta minha da terra!

Mas, volvamos a caneta para outras coisas.

Capítulo XXXIV

NA CELEBRAÇÃO DAS FESTAS, INTRODUZEM-SE DANÇAS QUE MUITO DIVERTEM AOS INDÍGENAS

Vige em toda a Espanha o costume de se fazerem danças nas festas mais solenes, também no interior dos templos, nomeadamente na solenidade do Corpo de Deus. Nesta procissão, os espanhóis imitam ao régia salmista, que dançava perante a arca do Senhor.

Por isto, também, constituí oito dançarinos, às vezes doze e mais. Quando o celebrante sai da sacristia, estes, de velas acesas na mão, precedem dois a dois. Dois deles vão queimando continuamente aromas: as nuvens odoríferas se difundem por toda a igreja. Outros espalham flores no trajeto que o sacerdote perfaz para aspergir o povo com água lustral. Ao se começar o introito, eles permanecem de pé no presbitério, quais efebos régios. Acompanham depois, em boa ordem, dois a dois, com as velas acesas, ao pregador, tanto quando sobe, como quando desce do púlpito. Findando o ofício solene, exibem coros e danças no vestíbulo da igreja. Durante isto, os índios principais ou caciques tomam assento ou de um ou de outro lado, como em anfiteatro. Já é a dança pírrica (dança de espadas), já a das argolas, já a corrida troiana pedestre ou equestre. Nesta última, parecem estar escarranchados em cavaleiros de couro, sobre uma sela que muito bem lhes senta. Na realidade, porém, estes cavaleiros falsos andam a pé. Tomar-se-iam por algum Júlio César ou Alexandre em seu garboso bucéfalo.

Estes graciosos dançarinos atraem a atenção de todos, principalmente quando preno a seus pés chocalhos ou guizos. Pois, durante a dança, estes chocalhos e guizos, — ridículos, não há negar, — se entrechocam, produzindo sons ou dissonâncias estrídulas. Para os ouvidos dos índios, porém, são tão agradáveis, que parece não haver coisa mais gostosa do que a dança com tais guizos e chocalhos. O mesmo se dá quando lhes ponho nas mãos pandeiros de madeira.

Os guizos dos dançarinos, fabrico-os do modo seguinte: espátifa uma panela de cobre já gasta pelo uso quotidiano, até se reduzirem os cacos ao tamanho de uma avelã. Em seguida, dou a este fragmento a forma de campainha, para depois, em duas aberturas, introduzir uma

bolinha de chumbo, que prendo com pó de prata e pez grega. E eis que sai fazendo ruído a campainha de cobre. Os índios apelidaram-na de *aguai*; os espanhóis chamam-na *cascavelar* e os alemães *rollen*.

Além disto, procurei suscitar sentimentos de piedade em nossos índios por meio de cenas teatrais acomodadas a esta gente rude. Na Redução de Santo Inácio, encenei com rara felicidade os Primórdios da vida de nosso santo Padre. Embora tivesse empregado no ensaio apenas oito dias, representaram tão habilmente os seus papéis, que a gente os julgaria atores europeus, e não índios incultos e achavascados. Todos se tomaram de pasmo, e os olhos se rasaram de sentidíssimas lágrimas. Não falavam espanhol e muito menos latim, mas a língua nativa do Paraguai, por vezes em verso, nos denominados entreatos. Nem, tampouco, careceu o drama de um prólogo e de música, principalmente na passagem em que santo Inácio dependura suas armas no monte Serrate, quando a Beatíssima Virgem lhe aparece cantando e animando ao jovem recruta para os futuros combates, etc. Tudo isto até agora lhes era coisa nova e inaudita. Aliás, nem podiam imaginar como sua língua bárbara, inculta e tão difícil de pronunciar, pudesse ser apta para levar à cena tais episódios da vida dos santos, e muito menos de exprimir harmonias musicais.

Basta, porém, disto. Passemos, agora, novamente a considerar o estado da nova colônia.

Capítulo XXXV

SITUAÇÃO FELIZ DA NOVA COLÔNIA. HABILIDADE DOS INDÍGENAS PARA QUAISQUER TRABALHOS MECÂNICOS E SEU PRODIGIOSO TALENTO MUSICAL

Consegui elevar minha colônia a um estado, a uma forma e condição realmente ótimas. Elaborei um projeto de leis civis, criei magistratura, instituí um consulado, nomeei questores, e coloquei à testa da colônia juízes com direito aos fasces. Ao mesmo tempo tratei de formar um corpo de exército contra repentinas invasões e assaltos da parte dos brasileiros. Para este fim, investi alguns índios do encargo de general e repartí entre os demais as patentes de capitães, coronéis, alferes, tribunos, vice-tribunos, embaixadores ou lugar-tenentes, questores, comissários, centuriões, bem como todos os mais ofícios requeridos para tempo de guerra.

Feito isto, dediquei todo o interesse à distribuição dos misteres mecânicos, os quais são sumamente importantes para o progresso de uma república. Pois quem é que não sabe quão indispensáveis são numa cidade os arquitetos, os ferreiros, os marceneiros, os tecelões, os fiandeiros, os curtidores, os oleiros, etc., etc. Tudo isto já se encontra aqui em nosso Paraguai, e até em minha colônia. Qual o cidadão que consentiria em que fossem desterrados do país os pintores? Quem não estima os músicos? Quem é que não faz conta dos tipógrafos? Também tais possuí-os a nossa América; possuí-os, ama-os e os sabe apreciar. Neste ano, o Pe. João Batista Neuman, da província da Boêmia, acaba de imprimir o martirologio Romano que sempre fazia grande falta em quase todas as Reduções. Bem que se não possa comparar a impressão com as da Europa, no que respeita aos tipos, nem por isto deixa de ser legível; basta dizer que todos os dias um indiozinho o lê à mesa, correntemente.

Os índios constroem órgãos, como referi acima. Providenciei a que se fabricassem cítaras, clavicórdios, saltérios, fagotes, flautas, fístulas, tiorbas e cornetas em diversas Reduções. Este mês mandei aprontar várias verrumas ou brocas de ferro, que servem para fazer flautas e fagotes. Os meus índios fabricaram, terebraram, quatro flautas para o acompanhamento do canto, duas para os altos e duas para os tenores, e um fagote, instrumento a que os espanhóis dão o nome

de baiona, terebraram-nos, digo, com tal perfeição que é impossível distinguir estes instrumentos por entre os da Europa.

Fiz com que esculpissem três pares de galhetas para uso das igrejas. Um índio as esculpiu com tal perfeição artística, que as uvas, as espigas e as muitas flores dir-se-ia viverem sobre o mineral inerte.

Quem foi que ensinou aos meus índios a tecer franjas e bordar rendas? A costurar e fazer com a agulha corporais, cortinas, casulas e todas as alfaias do culto divino? Quem lhes guiou a mão para tornear do chifre aqueles relicários romanos? Quem lhes ensinou a lavrar a pedra, a burilar, com esforços incríveis, estátuas, altares, púlpitos e a fazer mil outros trabalhos perfeitíssimos? Foi o Pe. Antônio que, com o auxílio da graça de Deus, ensinou tudo isto aos seus indígenas, e lhes há de fazer aprender muito mais ainda, se o misericordioso Deus lhe conceder vida.

Não quero mencionar os tapetes de lã que as senhoras da nova colônia há pouco tempo fizeram, em nada inferiores aos tapetes turcos. Combinaram com suma elegância todas as cores nos mais variados cambiantes, de maneira que o branco, o preto, o amarelo e o azul parecem lutar desesperadamente, querendo cada qual sobressair em elegância, fulgor e beleza. O conjunto se assemelha à pintura de um mar de ondas multicores e esfriadas: verdadeiro deleite para os olhos. Mande fazer panos listrados do mesmo feitio, para dependurá-los aos domingos e dias festivos na mesa da comunhão.

Não relato aqui os talentos dos demais padres missionários, que inventaram, em sua indefessa atividade, muitas coisas semelhantes. Ensinar a fabricar sinos de bronze, a fundir tachos de estanho, a preparar salitres, e nitratos em pó. Tenho visto, com grande admiração minha, relógios feitos pelos índios, relógios que dão horas e cujos ponteiros indicam o tempo; esferas ou cilindros astronômicos, nos quais os indígenas lograram gravar os graus e minutos com precisão a mais exata. Assim como se nos torna difícil distinguir um ovo do outro, é igualmente difícil adivinhar qual o relógio feito na Europa e qual o no Paraguai.

Ao ler estas coisas quase incríveis, perguntará, com toda a razão, algum leitor europeu curioso, quem pode civilizar a tal ponto estes bugres estúpidos e brancos? Respondo eu: na verdade, são estúpidos, brancos, bronquíssimos estes nossos silvícolas para todos os assuntos espirituais, para tudo que reclama trabalho mental e que se

não pode ver com os olhos. Para os serviços mecânicos, porém, têm olhos de lince, O que viram uma só vez, pode-se estar convencidíssimo que o imitarão. Não precisam absolutamente de mestre nenhum, nem de dirigente que lhes indique e os esclareça sobre as regras das proporções, nem mesmo de professor que lhes explique o pé geométrico. Se lhes puseres nas mãos alguma figura ou desenho, verás daí a pouco executada uma obra de arte, como na Europa não pode haver igual. Não será ofensa lançarmos mão aqui de um símile, com aplicação ao nosso caso; ouve, pois. Se na Europa fizesses a encomenda de um par de sapatos a alguém que não fosse sapateiro, acaso a tal pessoa se meteria a fazer-te o calçado? Garanto-te, meu amigo, que nesse caso todo o mundo haveria de tomar o teu pedido à conta de ofensa. Eis o que te haviam de responder: “Faça o senhor os seus sapatos! Que está pensando? Não sou aprendiz de sapateiro, nem pertenço àquela sociedade! Se quiser comprar um par de botinas é naquela rua ali que será atendido”.

Tal, porém, não sucede na minha colônia paraguaia. Lá te encontras com um índio qualquer músico de profissão, o qual nunca na vida viu calçados ou, no máximo, avistou à distância, ou em alguma imagem, cousa parecida a sapato. — Aqui todos os naturais andam descalços. — Apresentas a tal bugre um par de sapatos europeus e pedes que te faça novo par igualzinho. Digo-te que, com a maior naturalidade deste mundo, o índio músico porá mãos à obra sem titubear. Cortará o couro e aprontará um par de sapatos tão perfeitamente iguais, que já não distingues qual dos dois foi o que serviu de padrão, se o calçado europeu ou o indígena. A coisa mais admirável, porém, é que o mesmíssimo índio te satisfará todos os pedidos e todas as encomendas. É quase incrível o que vou contar agora: vive aqui em São Miguel um bugre de nome Inácio Paica. É músico distinto, sabe fabricar cornetas e tocá-las, sabe fazer clarins ou trombetas de guerra; além disto, é ferreiro consumado, cunhador de moedas, polidor de objetos de metal, funileiro e fundidor de bacias, caldeirões, tachos e marmitas. Foi Inácio Paica que fez um sem-número de campainhas para os meus dançarinos; sabe trabalhar perfeitamente com o buril, para fazer esferas astronômicas e espingardas.

Esta arma não é de somenos importância. Bem o sabe quem por cúmulo de infelicidade se vê forçado a render homenagem a Belona e Gadivo. O armamento bélico torna-se necessidade absoluta, para

repelir com destemor qualquer violência. Ainda é bem conhecido o que sucedeu no século passado: devido à falta de espingardas nenhuma resistência se pôde fazer aos brasileiros, quando levaram para a escravidão mais de cem mil índios das nossas Reduções.

Tornemos a falar do nosso Inácio Paica. Aprendeu e exerce com louvor muitos outros ofícios. Dificilmente haverá europeu que possa competir com ele. Verdade é que ninguém se mete em ofício alheio, e quem exerce um emprego sem autorização deve pagar multa. Vale, pois, o rifão: Não vá o sapateiro além da sola! Daí, quem é ferreiro não pode ser marceneiro, e vice-versa. Não se permite a ninguém meter a foice em seara alheia. Ao sapateiro pertence o calçado, mas aí dele se algum dia lançar mão no pincel de Apeles. Com o nosso Inácio Paica o caso é bem diverso. É o meu organista por excelência. Todas as manhãs toca corneta na igreja durante o ofício divino. Terminada a missa, toma sua merenda. Em seguida, derrete o ferro, funde o aço e, qual Proteu admirável, vaza com grande perícia centenas de objetos de variados moldes, configurações e matérias.

No entanto, Inácio Paica não é o único Apoio na trípole. Em cada Redução se pode topar um ou mais campeões destes, mestres em todos os ofícios mecânicos e exímios maestros de música. Na Redução de São Tomé vive um certo Gabriel Quiri, músico afamado e ao mesmo tempo ourives. Faz cálices belíssimos. Mais de uma vez me servi de um deles na celebração da santa missa. Faz ainda castiçais de prata, de tamanho considerável e engenhosa cinzeladura; funde sinos, o maior dos quais, dedicado ao arcanjo São Miguel, pesa quatro mil libras e se encontra no campanário da minha igreja; fez também um relógio astronômico, que se diria feito na Europa; além de construir órgãos novos e reformar antigos, inventa novas formas e novos tipos de órgãos, no que é sempre bem-sucedido. Tudo que venho referindo, revela o gênio de Gabriel Quiri, digno de admiração da Ameríndia toda, mas muito mais da Europa.

Estes índios paraguaios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza toda sorte de instrumentos, e isto em tempo brevíssimo. No que concerne ao mestre, quase o dispensam de todo. Basta que se lhes dê um trecho para ensaiar, que aos poucos o tocarão sem omitir as passagens e saltos mais difíceis. Na colônia de São João Batista, recentemente fundada, há um rapaz de seus doze anos, que toca

com dedo firme sonatas, alemandes, sarabandas, correntas e baletos e outras muitas peças compostas pelos mais insignes maestros europeus, tais como Henrique Schmelzer, Henrique Francisco Inácio de Bibern e Teubner. Estes nomes são conhecidos aos instrumentistas e tocadores de cítara. Prelúdios que fazem suar o organista mais hábil, devido à concentração que exigem, o meu rapazito os toca na cítara davídica ou harpa, com sorriso nos lábios. Observa-o a dedilhar suavemente as cordas sonoras!

Não é possível verificar a rapidez dos dedos, nem, tampouco, distinguir se a mão direita agora se precipita na frente, ou se voa em perseguição da esquerda.

Estas cítaras ou harpas são uma novidade inventada por mim nestas terras. Compreende duas fileiras de cordas, em que se pode exprimir não só os tons inteiros, como também os semitons da escala cromática. Desta maneira há teclas brancas e pretas, como num órgão, adaptáveis a qualquer canto, ou seja, para tocar à vontade em dó maior, ou em dó menor.

Basta o que noticiei até aqui sobre o estado feliz da nova colônia e sobre o raro talento dos índios, talento este que o Criador da natureza tão liberalmente lhes prodigalizou. Portanto, se ainda houver quem considere a estes coitados ineptos para especulações metafísicas, reconheça ao menos neles um tino prático para serviços mecânicos e, sobretudo, uma propensão rara para a música. Esta última os toma sobremaneira dóceis. Deste modo, criaturas boçais que são e incapazes de compreender as cousas do espírito, entrar-lhes-ão pelo ouvido as verdades fundamentais da fé católica.

Cumpre notar bem o que a junto ao meu relato sobre os paupérrimos índios paraguaios. Quando os nossos primeiros missionários viram a inteira falta de compreensão destes bugres para as verdades sobrenaturais, começaram a duvidar seriamente se possuíam o uso da razão em suficiência para receberem os santos sacramentos. Estes escrúpulos, fundados em sólidas razões, expuseram-nos no Concílio de Lima. O Concílio, após ter discutido todas as razões pró e contra, estabeleceu definitivamente que os índios eram idôneos e que lhes devia administrar os sacramentos como a seres que gozam de pleno uso da razão.

Mostrara eu antes o talento musical dos índios: assim que os primeiros padres perceberam a possibilidade de se poder cativar este

povo bárbaro pelas harmonias do canto, e que a maior parte deles ficava como que embevecida, convencionaram entre si que haviam de condescender à inclinação natural dos bugres, isto é, haviam de arrebanhá-los no grêmio da santa Madre Igreja, haviam de reuni-los em Reduções e os haviam de amansar pouco a pouco por meio da música. Introduziram o costume de cantar o louvor divino ou de tocar qualquer música durante as missas, tanto aos domingos e dias de festa, como todos os dias da semana; os instrumentos que se tocavam eram outros tantos Orfeus que atraíam à Igreja estas tribos selvagens e boçais. De pedras imóveis e duros rochedos que eram, tornavam-se moles e flexíveis. Durante o sacrifício do altar elevavam-se-lhes as inteligências materialistas e assim chegavam alguma vez a ouvir as doces melodias dos coros angélicos no céu.

Introduzido que foi este louvável costume, conservou-se até nossos dias. Ora são os órgãos que reboam nos ares, ora as cítaras; já é a tiorba, a lira e guitarra que afagam os ouvidos; já são os clarins, as clarinetas e os tambores que ressoam e ruflam.

Sejam, porém, suficientes as breves citações sobre os trabalhos que faço nesta messe paraguaia, desde o ano de 1693 até 1701. Escrevê-los-ei mais extensamente em alemão, para que possam ser úteis a muitos e servir-lhes de consolo espiritual.

Tudo que vos escrevo à Europa, — em estilo rude é verdade, mas cheio de sincera emoção — tudo deve exortar-vos a que vos lembreis sempre em vossas boas obras e principalmente nas santas missas de mim e de meus índios. É este o meu fim, meu único desejo. Rezai por mim e pedi ao Pastor Sempiterno não abandone este seu rebanho paraguaio, a fim de que, pela proteção contínua dos Santos Apóstolos (como a igreja canta na prefação dos apóstolos), conserve estas ovelhas, lhes aumente a fé e as multiplique em número. Possa este rebanho pequenino escapar à voracidade do lobo infernal, e ser conduzido do deserto deste mundo às pastagens felicíssimas e abundantes da vida sempiterna! Sim, possa encontrar-se comigo, seu indigno pastor, lugar-tenente do Bom Pastor, Jesus Cristo, nas pastagens eternas. Porque, segundo diz Ezequiel, 34: No mais alto dos montes de Israel estão situados os nossos pastios; é ali que havemos de nutrir-nos do pasto sadio. Nos montes eternos, nos montes santos está o nosso descanso, a nossa paz e a nossa segurança.

A Deus uno e trino, ao três vezes Ótimo-Máximo seja honra e glória por todos os séculos. Amém.

A presente edição de VIAGENS ÀS MISSÕES JESUÍTICAS e TRABALHOS APOSTÓLICOS, do Padre Antônio Sepp S. J., com introdução e notas de Wolfgang Hoffmann Harnisch e traduzidas por A. Reymundo Schneider, é o volume número 21 da Coleção “Reconquista do Brasil” (Nova Série), dirigida por Mário Guimarães Ferri, da Universidade de São Paulo. Os filmes do texto e das ilustrações foram gentilmente cedidos por José de Barros Martins, do acervo editorial da prestigiosa Livraria Martins Editora, de São Paulo. O papel é de procedência nacional, no formato 66 x 96 — 85 g/m², especialmente fabricado para esta edição e fornecido por SAMAB - Cia. Indústria e Comércio de Papel, à Av. Amazonas, 311 — Belo Horizonte. A capa foi concebida pelo artista plástico Cláudio Martins. Os fotolitos da capa foram executados por YANGUER - Estúdio Gráfico Ltda., à Rua Mem de Sá, 134 - São Paulo. Planejada e diagramada por Alceu Letal. Impressa na Gráfica Bisordi Ltda., à Rua Santa Clara, 54 - Brás — São Paulo, para a EDITORA ITATIAIA LIMITADA, à Rua da Bahia, 902 - Belo Horizonte, em regime de coedição com a EDUSP - EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, em agosto de 1980. No Catálogo Geral, leva o número 0656.

